

CARTAS A TIMÓTEO

1Timóteo

COMENTÁRIO ESPERANÇA

autor

Hans Bürki

Editora Evangélica Esperança

Copyright © 2007, Editora Evangélica Esperança

Publicado no Brasil com a devida autorização e com todos os direitos reservados pela:

Editora Evangélica Esperança
Rua Aviador Vicente Wolski, 353
82510-420 Curitiba-PR

E-mail: eee@esperanca-editora.com.br
Internet: www.esperanca-editora.com.br

Editora afiliada à ASEC e a CBL
Título do original em alemão
Der erste Brief des Paulus an Timotheus
Copyright © 1974 R. Brockhaus Verlag

Dados Internacionais da Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Bürki, Hans

Cartas aos Tessalonicenses, Timóteo, Tito e Filemom / Werner de Boor, Hans Bürki / tradução Werner Fuchs --
Curitiba, PR : Editora Evangélica Esperança, 2007.

Título original: Der Briefe des Paulus an die Thessalonicher; Der erste Brief des Paulus an Thimotheus; Der
zweite Brief des Paulus an Thimotheus, die Briefe an Titus und an Philemon.

ISBN 978-85-86249-97-6 brochura

ISBN 978-85-86249-98-3 Capa dura

1. Bíblia. N.T. Crítica e interpretação

I. Título.

06-2419 CDD-225.6

Índice para catálogo sistemático:

1. Novo Testamento : Interpretação e crítica 225.6

É proibida a reprodução total ou parcial sem permissão escrita dos editores.

Sumário

ORIENTAÇÕES PARA O USUÁRIO DA SÉRIE DE COMENTÁRIOS ÍNDICE DE ABREVIATURAS

Prefácio

Questões Introdutórias

O Proêmio – 1Tm 1.1-2

1. Remetente e destinatário – 1Tm 1.1-2a

2. Saudação – 1Tm 1.2b

O texto da carta – 1Tm 1.3-6.19

I. A vida da Igreja no evangelho – 1Tm 1.3-4.11

A. Os riscos da igreja

1. O erro dos mestres da lei – 1Tm 1.3-7

2. A verdade sobre lei e evangelho – 1Tm 1.8-11

B. O caminho para a libertação da Igreja – 1Tm 1.12-4.11

1. Graça e juízo na igreja – 1Tm 1.12-20

a) O fundamento apostólico – 1Tm 1.12-17

b) O juízo – 1Tm 1.18-20

2. A oração da igreja – 1Tm 2.1-15

a) A oração que abarca o mundo – 1Tm 2.1-7

b) O serviço de oração dos homens – 1Tm 2.8

c) O serviço de oração das mulheres – 1Tm 2.9-15

3. A igreja e seus servidores perante Deus – 1Tm 3.1-16

a) O presidente no serviço eclesial – 1Tm 3.1-7

b) Os diáconos e as diaconisas no serviço da igreja – 1Tm 3.8-13

c) A presença do Senhor no Espírito – 1Tm 3.14-16

4. A igreja no mundo – 1Tm 4.1-11

a) O Espírito revela a falsa abstinência – 1Tm 4.1-5

b) O exercício correto na beatitude – 1Tm 4.6-11

II. O verdadeiro servo do Senhor para a Igreja – 1Tm 4.12-6.19

A. Timóteo chamado a ser exemplo para Igreja – 1Tm 4.12-16

1. Viver e servir de modo exemplar – 1Tm 4.12s

2. Confirmar o dom do Espírito – 1Tm 4.14-16

B. Timóteo como servo da Igreja – 1Tm 5.1-6.2

1. A igreja como família de Deus – 1Tm 5.1s

2. O cuidado com as viúvas – 1Tm 5.3-16

3. A atitude perante os anciãos – 1Tm 5.17-25

4. Exortação aos escravos – 1Tm 6.1s

C. Verdadeira e falsa devoção – 1Tm 6.3-19

1. Contra brigas e ganância – 1Tm 6.3-5

2. Em prol da beatitude na parcimônia – 1Tm 6.6-8

3. Contra a avareza destruidora da fé – 1Tm 6.9s

4. Em prol da boa luta de Timóteo – 1Tm 6.11-16

5. Contra o abuso e em favor do uso correto dos bens terrenos – 1Tm 6.17-19

O encerramento da carta – 1Tm 6.20s

1. Última advertência contra hereges – 1Tm 6.20s

Apêndices

1. As fórmulas de saudação nas cartas paulinas

2. Lei e evangelho

3. Boas obras

4. A posição da mulher em 1Tm 2.9-15

5. A casa de Deus (1Tm 3.15)

6. Sugestões de temas para o estudo bíblico em grupos

BIBLIOGRAFIA

ORIENTAÇÕES PARA O USUÁRIO DA SÉRIE DE COMENTÁRIOS

Com referência ao texto bíblico:

O texto de 1Timóteo está impresso em negrito. Repetições do trecho que está sendo tratado também estão impressas em negrito. O itálico só foi usado para esclarecer dando ênfase.

Com referência aos textos paralelos:

A citação abundante de textos bíblicos paralelos é intencional. Para o seu registro foi reservada uma coluna à margem.

Com referência aos manuscritos:

Para as variantes mais importantes do texto, geralmente identificadas nas notas, foram usados os sinais abaixo, que carecem de explicação:

TM O texto hebraico do Antigo Testamento (o assim-chamado “Texto Massorético”). A transmissão exata do texto do Antigo Testamento era muito importante para os estudiosos judaicos. A partir do século II ela tornou-se uma ciência específica nas assim-chamadas “escolas massoréticas” (massora = transmissão). Originalmente o texto hebraico consistia só de consoantes; a partir do século VI os massoretas acrescentaram sinais vocálicos na forma de pontos e traços debaixo da palavra.

Manuscritos importantes do texto massorético:

Manuscrito: redigido em: pela escola de:

Códice do Cairo (C) 895 Moisés ben Asher

Códice da sinagoga de Aleppo depois de 900 Moisés ben Asher

(provavelmente destruído por um incêndio)

Códice de São Petersburgo 1008 Moisés ben Asher

Códice nº 3 de Erfurt século XI Ben Naftali

Códice de Reuchlin 1105 Ben Naftali

Qumran Os textos de Qumran. Os manuscritos encontrados em Qumran, em sua maioria, datam de antes de Cristo, portanto, são mais ou menos 1.000 anos mais antigos que os mencionados acima. Não existem entre eles textos completos do **AT**. Manuscritos importantes são:

- O texto de Isaías
- O comentário de Habacuque

Sam O Pentateuco samaritano. Os samaritanos preservaram os cinco livros da lei, em hebraico antigo. Seus manuscritos remontam a um texto muito antigo.

Targum A tradução oral do texto hebraico da Bíblia para o aramaico, no culto na sinagoga (dado que muitos judeus já não entendiam mais hebraico), levou no século III ao registro escrito no assim-chamado Targum (= tradução). Estas traduções são, muitas vezes, bastante livres e precisam ser usadas com cuidado.

LXX A tradução mais antiga do **AT** para o grego é chamada de “Septuaginta” (**LXX** = setenta), por causa da história tradicional da sua origem. Diz a história que ela foi traduzida por 72 estudiosos judeus por ordem do rei Ptolomeu Filadelfo, em 200 a.C., em Alexandria. A **LXX** é uma coletânea de traduções. Os trechos mais antigos, que incluem o Pentateuco, datam do século III a.C., provavelmente do Egito. Como esta tradução remonta a um texto hebraico anterior ao dos massoretas, ela é um auxílio importante para todos os trabalhos no texto do **AT**.

Outras Ocasionalmente recorre-se a outras traduções do **AT**. Estas têm menos valor para a pesquisa de texto, por serem ou traduções do grego (provavelmente da **LXX**), ou pelo menos fortemente influenciadas por ela (o que é o caso da Vulgata):

- Latina antiga por volta do ano 150

- Vulgata (tradução latina de Jerônimo) a partir do ano 390
- Copta séculos III-IV
- Etíope século IV

ÍNDICE DE ABREVIATURAS

I. Abreviaturas gerais

AT	Antigo Testamento
cf	confira
col	coluna
gr	Grego
hbr	Hebraico
km	Quilômetros
lat	Latim
LXX	Septuaginta
NT	Novo Testamento
opr	Observações preliminares
par	Texto paralelo
p. ex.	por exemplo
pág.	página(s)
qi	Questões introdutórias
TM	Texto massorético
v	versículo(s)

II. Abreviaturas de livros

Bl-De	<i>Grammatik des ntst Griechisch</i> , 9ª edição, 1954. Citado pelo número do parágrafo
CE	<i>Comentário Esperança</i>
Ki-ThW	Kittel: <i>Theologisches Wörterbuch</i>
NTD	<i>Das Neue Testament Deutsch</i>
Radm	<i>Neutestl. Grammatik</i> , 1925, 2ª edição, Rademacher
St-B	<i>Kommentar zum Neuen Testament aus Talmud und Midrasch</i> , vol. I-IV, H. L. Strack, P. Billerbeck
W-B	<i>Griechisch-deutsches Wörterbuch zu den Schriften des Neuen Testaments und der frühchristlichen Literatur</i> , Walter Bauer, editado por Kurt e Barbara Aland

III. Abreviaturas das versões bíblicas usadas

O texto adotado neste comentário é a tradução de João Ferreira de Almeida, Revista e Atualizada no Brasil, 2ª ed. (RA), SBB, São Paulo, 1997. Quando se fez uso de outras versões, elas são assim identificadas:

BLH	Bíblia na Linguagem de Hoje (1998)
BJ	Bíblia de Jerusalém (1987)
BV	Bíblia Viva (1981)
NVI	Nova Versão Internacional (1994)
RC	Almeida, Revista e Corrigida (1998)
TEB	Tradução Ecumênica da Bíblia (1995)
VFL	Versão Fácil de Ler (1999)

IV. Abreviaturas dos livros da Bíblia

ANTIGO TESTAMENTO

Gn	Gênesis
Êx	Êxodo
Lv	Levítico
Nm	Números
Dt	Deuteronômio
Js	Josué
Jz	Juízes

Rt Rute
1Sm 1Samuel
2Sm 2Samuel
1Rs 1Reis
2Rs 2Reis
1Cr 1Crônicas
2Cr 2Crônicas
Ed Esdras
Ne Neemias
Et Ester
Jó Jó
Sl Salmos
Pv Provérbios
Ec Eclesiastes
Ct Cântico dos Cânticos
Is Isaías
Jr Jeremias
Lm Lamentações de Jeremias
Ez Ezequiel
Dn Daniel
Os Oséias
Jl Joel
Am Amós
Ob Obadias
Jn Jonas
Mq Miquéias
Na Naum
Hc Habacuque
Sf Sofonias
Ag Ageu
Zc Zacarias
Ml Malaquias

NOVO TESTAMENTO

Mt Mateus
Mc Marcos
Lc Lucas
Jo João
At Atos
Rm Romanos
1Co 1Coríntios
2Co 2Coríntios
Gl Gálatas
Ef Efésios
Fp Filipenses
Cl Colossenses
1Te 1Tessalonicenses
2Te 2Tessalonicenses
1Tm 1Timóteo
2Tm 2Timóteo
Tt Tito
Fm Filemom
Hb Hebreus
Tg Tiago
1Pe 1Pedro
2Pe 2Pedro

1Jo	1João
2Jo	2João
3Jo	3João
Jd	Judas
Ap	Apocalipse

OUTRAS ABREVIATURAS

O final do livro contém indicações de literatura.

(A 25) Apêndice (sempre com número)

Traduções da Bíblia (sempre entre parênteses, quando não especificada, tradução própria ou Revista de Almeida)

(A) L. Albrecht

(E) Elberfeld

(J) Bíblia de Jerusalém

(NVI) Nova Versão Internacional

(TEB) Tradução Ecumênica Brasileira (Loyola)

(W) U. Wilckens

(QI 31) Questões introdutórias (sempre com número, referente ao respectivo item)

Past cartas pastorais

ZTK *Zeitschrift für Theologie und Kirche*

ZNW *Zeitschrift für neutestamentliche Wissenschaft und die Kunde der älteren Kirche*

[ver: Novo Dicionário Internacional de Teologia do NT (ed. Gordon Chown), Vida Nova.]

PREFÁCIO

Aos dezesseis anos de idade anotei em um bloco os primeiros pensamentos que me ocorreram ao ler as cartas pastorais. As primeiras expressões verbais que consegui comunicar, com coração palpitante, diante de jovens da minha idade se referiam a **1Tm 4.12**: “Ninguém despreze a tua mocidade; pelo contrário, torna-te padrão dos fiéis!” Há trinta anos, pois, essas cartas me acompanharam e influenciaram. Desde o início me interessei pelo relacionamento entre Paulo e Timóteo, sendo tocado pelas passagens celestiais (doxologias) que enaltecem a sublimidade de Deus e o mistério de sua revelação em Jesus. A percepção da inconcebível magnitude e distância de Deus, bem como de sua humanidade e proximidade, ainda ini-magináveis, não somente permaneceu constante em mim, mas até mesmo se aprofundou ao longo dos céleres anos.

Em minha primeira Bíblia, um exemplar de 1941 gasto pelo manuseio, foram escritas a lápis muitas anotações e referências bíblicas. A sensação da própria insuficiência foi consolada por uma observação diante de **2Tm**: “Perfeito não se refere à realização impecável e sem la-cunas, mas somente que a corrida chegou ao alvo.” Era esse alvo que eu desejava alcançar. Ao lado de **2Tm 4.2** escrevi o versículo de **Is 52.7**: “Que formosos são sobre os montes os pés do que anuncia as boas novas.” Era essa mensagem que eu desejava comunicar.

Há dez anos criei coragem, por solicitação do editor, para começar um comentário às cartas pastorais – inicialmente ainda sem aceitação formal da incumbência. Desde então interrompi por diversas vezes os esforços, chegando a abandonar inteiramente a idéia de pu-blicar os escritos. Não obstante, devido à enorme paciência e do constante encorajamento de Rolf Brockhaus, ao qual estou ligado desde 1948 por uma frutífera amizade, finalmente foi possível concluir os manuscritos. Eu não havia imaginado o que significa, além das muitas viagens que desde 1963 (quando iniciei os trabalhos no comentário) me levaram a todos os continentes do mundo, concluir um comentário pronto para o prelo. Contudo o resultado das incontáveis horas de estudo da Escritura me surpreendeu ainda mais que o volume de trabalho. As horas de solidão e meditação diante da Sagrada Escritura, justamente porque tiveram de ser conquistadas diante das demandas que se impunham de fora, fazem parte das mais preciosas de minha vida. Agradeço a Deus por isso.

Minha esperança é que o comentário expresse algo desse encontro secreto com a palavra de Deus, por isso remetendo o leitor mais intensamente à Escritura, de maneira que venha a brilhar para ele “o mistério da beatitude” (**1Tm 3.16**).

Devo agradecer aos muitos que desde a juventude tornaram a Escritura amada e preciosa para mim, àqueles que mundo afora estão unidos comigo na proclamação do evangelho e aos que de algum modo me ajudaram na elaboração do comentário.

Gostaria de citar por nome especialmente alguns deles: Werner de Boor, editor da série *Wuppertaler Studienbibel*, que veio a meu encontro com paciência, conselhos e magnânima compreensão, inclusive quando o comentário chegou a uma configuração um pouco distinta dos demais comentários da série. Também rogo ao leitor que seja indulgente. Embora eu tivesse de abreviar fortemente o manuscrito, em pouco tempo ficou claro que os 14 capítulos (1 e 2Tm, Tt

e Fm) totalizariam dois volumes. Pessoalmente sempre busquei em um comentário, sobretudo, detalhes especiais, definições exatas dos termos, bem como passagens difíceis. Esse desejo pessoal de leitor se reflete em minhas explicações terminológicas, talvez excessivamente detalhadas. O longo período de elaboração transparece na “história textual” de meu manuscrito: não tive sucesso em harmonizar completamente as diferenças.

Otto Siegfried de Bibra (em 1948 proclamamos juntos a boa nova de Jesus aos alunos e estudantes que haviam comparecido a uma conferência em Wuppertal) me prestou um serviço indispensável, ao ler criticamente e com o esmero todo o manuscrito, dando-me muitos preciosos impulsos e, não por último, também sugestões para abreviá-lo!

Participaram da transcrição do manuscrito Lore Schmid, de Stuttgart; Elsi Muller, de Zurique; Martin Leibundgut, de Langental.

Hans Bürki

QUESTÕES INTRODUTÓRIAS

1. Desde D. N. Berdot (1703) e P. Anton (1726) as cartas a Timóteo e a Tito são chamadas “*cartas pastorais*” (past). Mas Tomás de Aquino († 1274), em sua introdução a 1Tm, já mencionava *pastoralis regulae* (instruções, regras para pastores). As três cartas para pastores são dirigidas pelo pastor Paulo aos pastores Timóteo e Tito, e por meio desses dois, aos pastores das igrejas em redor de Éfeso e na ilha de Creta. O fato de que também as igrejas estão incluídas como destinatárias das cartas é evidenciado, p. ex., pelo posicionamento da oração eclesial, na qual se aborda a conduta de todos os homens e mulheres na igreja (1Tm 2.8-15) antes da enumeração dos diversos serviços na igreja e de suas demandas (1Tm 3.1-13). As considerações sobre os servos da igreja voltam a desembocar na conduta e no culto de todos a Deus (1Tm 3.14-16).

2. A *interpelação pessoal* é característica para o estilo das três cartas. Apesar de a carta a Filemom também se dirigir a uma pessoa em particular, ela não faz parte das past no que tange a conteúdo, estilo e época de redação. As demais cartas de Paulo são dirigidas a igrejas. É bem verdade que a carta aos Filipenses – fato que não deixará de ser relevante para a compreensão e a interpretação das past – também cita, depois do endereçamento “a todos os santos”, como destinatários os presidentes e diáconos (Fp 1.1).

3. Ademais as past têm *em comum* a situação histórica das igrejas, dos colaboradores interpelados e do remetente, além do vocabulário, do desdobramento da doutrina do evangelho e do combate às heresias. No âmbito desses pontos em comum, porém, há também consideráveis diferenças: 1Tm tem o dobro do comprimento de Tt, com a qual possui a maior semelhança, a ponto de Tt ter sido considerada como edição abreviada de 1Tm e adaptada às circunstâncias. No entanto 2Tm chama atenção por causa das muitas declarações de cunho bem pessoal e pelo insistente tom de apelo.

4. A *autoria paulina* das past não foi questionada desde o séc. I até 1804 (J. Schmidt) e 1807 (F. Schleiermacher). Desde que Schleiermacher contestou a autenticidade de 1Tm por razões estilísticas e idiomáticas (as “características interiores” para a autoria de uma carta), não teve mais fim a controvérsia em torno de autoria, época de redação e interpretação de todas as três cartas. Defensores e críticos da autenticidade acumularam cada vez mais argumentos para fundamentar sua decisão. Justamente aquelas cartas que advertem com tanta insistência contra discussões (1Tm 1.4; 6.20,21; 2Tm 2.14,23; Tt 3.9) tornaram-se centro de uma luta por palavras que se solidificou cada vez mais em uma infrutífera guerra de posições: quem rejeita a autenticidade da carta procura apresentar as expressões que parecem de Paulo como imitação consciente de um autor posterior, e as novas formulações não conhecidas nos demais escritos de Paulo como provas de que nem tudo pode ser de Paulo. Quem defende a autenticidade argumenta de forma exatamente oposta: a mais leve semelhança com Paulo precisa ser interpretada a favor da autoria de Paulo e toda diferença em relação às cartas anteriores de Paulo depõe contra o argumento de um falso autor que, afinal, se estivesse tentando fazer uma imitação, teria procedido de forma mais cuidadosa, a fim de dissimular suas próprias marcas.

Contudo, não é possível obter clareza com base nesses entendimentos prévios. Uma vez que os elementos paulinos, independentemente de como forem aquilatados, predominam de tal maneira nas past, nenhuma crítica às “características interiores”, por mais radical que seja, por si só é suficiente para refutar a autoria de Paulo.

5. Analisemos mais de perto *três diferentes possibilidades de “entendimentos preconcebidos”*:

a) Afirma-se que com os métodos da pesquisa histórico-crítica é possível chegar a uma compreensão das Escrituras melhor do que a dos próprios autores. Por exemplo, M. Dibelius escreve em um comentário às past (p. 95): “Evidentemente o autor não tem diante de si a seqüência dos acontecimentos (por nós reconstruída) na vida de Paulo da forma como nós teólogos de hoje...” Por isso pode-se “na melhor das hipóteses supor que o autor simplesmente se equivocou”. Portanto o “teólogo de hoje” sabe que as anotações pessoais surgiram de algumas informações dignas de

crédito, de lendas sobre Paulo e da combinação de notícias. Conseqüentemente, o final de 2Tm pode ser explicado assim: “O admirável etos da seção final, uma concretização da consciência de envio apostólico-missionário no sofrimento, induziu vários comentaristas a proteger essa carta ou pelo menos sua parte final contra a suspeita da inautenticidade. Contudo, uma vez que o predicado ‘impossível de inventar’ pode não significar nada nesse caso – quantas cenas que respiram a proximidade da morte em poemas antigos e novos são ‘inventadas’! – aquela ponderação não constitui uma prova. Contudo, quem avalia apropriadamente essa característica pessoal de 2Tm, particularmente em sua relevância para a história da igreja... não mais terá grande dificuldade em considerar não-paulina essa ‘carta’, apesar de seus dados pessoais” (p. 97).

b) Para diversos o radicalismo da crítica vale como medida de confiabilidade, e até mesmo de cientificidade. É verdade que tudo pode ser cientificamente questionado, mas a crítica possui limites. A característica pessoal de 2Tm deve ser aquilatada corretamente “em sua relevância para a história da igreja”, i. é, entendida criticamente. Mas que significa isso? Primeiramente se pressupõe a inautenticidade, depois a carta é transferida ao séc. II, e então a situação da história da igreja no séc. II deve determinar a motivação e o conteúdo do escrito: “A apreciação histórica precisa entendê-las” – no caso, as past – “(na premissa de sua inautenticidade) na situação eclesial da época pós-apostólica. O juízo sobre as cartas não pode ser separado da ampla transformação na autocompreensão da igreja que se realiza naquela época” (p. 7). Essa autocompreensão da igreja é descrita pelo termo “aburguesamento”, que desde Dibelius foi adotado pela maioria dos comentaristas de forma não exatamente crítica. No entanto, quando os próprios textos são investigados na correlação com a teologia de Paulo, antes de julgá-los com uma concepção de igreja do séc. II, eles contradizem inequivocamente ao julgamento prévio do “aburguesamento”. Além do mais é questionável se a igreja do séc. II, intensamente perseguida, já pode ser chamada de “burguesa”.

c) Quem contesta a autenticidade de uma afirmação apresenta-se como acusador, cabendo ao acusado o ônus da prova: “Aquele dúvida não constitui prova!” Na verdade deveria ser o contrário: o acusador é que precisa produzir a prova. Entretanto, que provas são essas, quando o melhor (!) é supor (!) que o autor simplesmente (!) se enganou e “que aquele que simulou cartas, certamente também (!) podia simular votos de saudação e informações pessoais” (p. 96)! Traduzindo, a frase acima diz: quem é acusado certamente também é culpado. Onde, porém, foi provado que o autor das past incorreu em culpa? É possível inventar cartas e compor “cenas que respiram a proximidade da morte”, mas será que assim é demonstrado que foi isso que aconteceu no presente caso?

Obviamente a asserção de cenas e dados pessoais “impossíveis de inventar” assinala também a reação exagerada de um defensor da autenticidade (QI 4). O crítico contesta com razão a impossibilidade fundamental de inventar tais cenas, mas ao mesmo tempo ele inventa sua própria seqüência de fatos por ele reconstruída, sem ter razão, porque com isso aumenta as dificuldades que visava eliminar com sua explicação.

6. Para poder declarar a inautenticidade das cartas, é preciso supor que foram *falsificadas*. Para não enfrentar mais “grande dificuldade”, tentou-se expor que a prática da falsificação era muito disseminada na época e não era moralmente condenável. No entanto, o que se sabe historicamente contradiz essa asserção. P. ex., entre 150-200 o presbítero de uma igreja na Ásia Menor escreveu, como ele mesmo diz, “por amor a Paulo”, os chamados “Atos de Paulo”. Foi condenado por falsificação (não por heresia) e destituído da função de presbítero, porque havia introduzido em seus Atos o nome de Paulo.

Já em 2Ts (2.2; 3.17) Paulo solicita à igreja que examine tanto a autenticidade das cartas como os espíritos dos profetas.

Até o ano de 130 não se tem notícia de falsificações; somente depois disso elas surgem em número maior. Ninguém, no entanto, situa as past depois de 130. Todas as cartas falsificadas de Paulo surgidas depois desse ano podem ser reconhecidas sem problemas: a) por sua junção superficial de palavras de Paulo retiradas de diversas cartas canônicas, b) por sua pobreza de reflexão, c) por sua brevidade, que não ocorre em nenhuma das demais cartas de Paulo. Isso estabelece parâmetros corretos para uma apreciação crítica da autenticidade das past.

H. Balz escreve que as past seriam “falsificações tendenciosas, não produtos de uma escola”, porque essas cartas “há muito se distanciaram de Paulo.” Ele encerra com a afirmação tranqüilizante de que essa atividade da falsificação teria sido considerada inócua ou natural. “Na Antigüidade, quem redigia escritos pseudo-epigráficos (i. é, de autoria desconhecida e atribuída a um nome notório), sabia o que estava fazendo... Precisava ter consciência de que seu procedimento dava ensejo a equívocos.”

Como Balz chega à acusação, tão claramente pronunciada, de que as past seriam falsificações tendenciosas, i. é, visavam introduzir conscientemente uma doutrina diferente da de Paulo em nome do próprio? Balz parte de uma concepção pré-determinada do que significa “espírito”. Por trás dos escritos das cartas de Paulo supostamente inautênticas (conforme Balz fazem parte delas também Efésios, Colossenses, etc.) está “o espírito da tradição e da norma apostólica, mas não o espírito que de acordo com 1Co 12.3 produz a confissão ao *Kýrios Iesous* (i. é, ao Senhor Jesus)” (p. 419). No começo estavam as testemunhas, sucedidas pelos criativos proclamadores e inventores, que já não justificavam pessoalmente sua fé, razão pela qual empreenderam “uma tácita modificação da tradição apostólica” (p. 43). Esse tipo de premissa não é novo. Já em 1845 F. C. Baur opinou de forma análoga sobre o espírito (do infinito) em Paulo, contrapondo-o à carne (como finita), totalmente de acordo com os parâmetros da visão hegeliana da História. Em virtude desse parâmetro restaram somente quatro cartas genuínas de Paulo, nas quais o “espírito” se

expressaria de maneira pura: Rm, Gl, 1 e 2Co. Todavia sempre que espírito e tradição, espírito e cargo, espírito e Escritura são contrapostos de forma mais ou menos excludente, está subjacente esse esquema mental filosófico, que é adotado e retransmitido sem crítica, apesar de não fazer justiça à doutrina paulina do espírito.

7. Na realidade, porém, não se entende em Paulo o *contraste carne – espírito* nem de forma filosófica (finito – infinito), nem moral (sensualidade – razão), nem mística (neste mundo – em Cristo), nem soteriológico-antropológica (o ser humano carnal é redimido para ser humano espiritual), porém em termos de história da salvação e de escatologia (história do fim dos tempos): o centro da teologia de Paulo é a proclamação do tempo da salvação, que iniciou na vida, morte e ressurreição do Messias e por isso também virá na consumação. Quando se toma essa visão de Paulo como ponto de partida, todos os 13 escritos canônicos do apóstolo alinham-se de forma bem orgânica, incluindo precisamente as 3 past, sem que houvesse necessidade de intervenções artificiais.

A revelação do mistério oculto e a atestação da salvação presente e vindoura perfazem conteúdo e incumbência do evangelho. Na realidade “mistério” é uma palavra dos cultos místicos de helenistas (os cultos secretos eram entendidos e realizados de forma mágica!), mas em Paulo designa em toda e qualquer ocasião a obra redentora antes oculta e agora revelada de Deus na história dos humanos. Sob essa ótica, 1Tm 3.16; 2Tm 1.9-11; Tt 1.2-3 estão em estreita correlação com 1Co 2.7; Rm 16. 25-27; Cl 1.26; 2.2-4; Ef 1.9-14; 3.4-12.

8. A *tensão escatológica* não foi dissolvida nas past. A igreja do Senhor vive da vinda do Redentor na humildade (Tt 2.14), de sua revelação na carne (1Tm 3.16; idêntico a Gl 4.4; cf. Ef 1.10 e Mc 1.15!; bem como Rm 1.3; 8.3; 9.5; Ef 2.14; Cl 1.22), razão pela qual aguarda seu aparecimento na glória (Tt 2.13; 2Tm 4.1,8; 1Tm 6.14s). “Aquele dia”, o “dia do Messias”, ainda está por vir (1Tm 6.14; 2Tm 1.10,12,18; 4.1,8; Tt 2.13 como 1Co 1.8; 2Co 1.14; Fp 1.6,10; 2.16). Os evangelhos atestam a mesma verdade em outras palavras: o reino de Deus é uma realidade que abarca presente e futuro, já expressa na proclamação pré-pascal de Jesus. A igreja suplica: “Venha teu reino” e confessa: o reino de Deus veio (Mt 6.10; 12.28).

9. Afirma-se que a *expectativa da primeira igreja pela vinda iminente* do Senhor teria esmaecido, que teria havido necessidade de explicar a delonga e que a igreja precisou organizar-de dar conta do suposto adiamento da parusia. Esse esquema de explicação na verdade se tornou preferido, porém não adquiriu validade maior por ter sido acolhido e disseminado acriticamente, porque novamente o esquema tem por base o movimento intelectual de Hegel: a expectativa imediata original (tese) teria levado, pela experiência da duradoura ausência e delonga (antítese) à dissolução da tensão na “história da salvação” (síntese).

Alguns, p. ex., declaram que Lucas tenta explicar o adiamento da volta de Cristo pelo projeto de uma história da salvação, enquanto outros afirmam que ele teria deslocado a consumação da redenção do âmbito temporal para o atemporal. Porém tanto seu evangelho como Atos dos Apóstolos se opõem a essas afirmativas. Cullmann tem razão em sua indagação crítica: “Se a expectativa imediata de Jesus consiste da tensão entre ‘já’ e ‘ainda não’, essa tensão... não pode ser somente um substitutivo ou uma solução para o embaraço da expectativa imediata não concretizada... Onde, porém, está a prova de que a não-realização da parusia constituía um problema central que tinha se ser ‘solucionado’?”

Lucas não tinha de explicar o suposto adiamento da parusia, mas enfrentar expectativas excessivamente zelosas e distorcidas que deturpavam a doutrina de Jesus e a missão da igreja (Lc 17.20-23; Mt 24.26s; 2Ts 2.1ss). Também para Paulo o ponto de partida não é o problema de uma parusia não-realizada, mas a causa motora de tudo é para ele o cumprimento acontecido. O tempo está cumprido! (Mc 1.15; Gl 4.4). “Proximidade” não significa tempo breve, mas tempo premente: a premência da obra divina de salvação que avança para o mundo inteiro. Por isso a vida em expectativa não depreciará a vida neste mundo e nesta época, mas na realidade lhe conferirá a força de tensão que leva a atos de amor e pressiona para que se proclame o evangelho a todas as pessoas.

Ter uma conduta santa, apegar-se às tradições e ser zeloso em boas obras – tudo isso não é decorrência da expectativa imediata enfraquecida, não é consequência da perda da experiência direta do Espírito e da necessária adaptação no mundo. Vale o contrário: como o Senhor está próximo, todos que invocam o nome dele devem viver uma vida pura (1Ts 5.14; 2Ts 3.6,10-13); como o espírito está atuando, deve ser preservada a tradição do Senhor (cf. 2Ts 2.13 com v. 15; 3.1,14; 2Tm 1.14; 3.16s), como o Senhor vem, a palavra do Senhor precisa correr (cf. 2Ts 3.1; 2Tm 2.9; cf. Lc 21.24: “os tempos dos gentios” com 1Tm 3.16: “pregado entre os gentios” e Rm 11.25: “até que haja entrado a plenitude dos gentios”).

Nas past, insistir em uma conduta agradável a Deus na igreja e no mundo, enfatizar a doutrina de acordo com o evangelho e combater falsas doutrinas não representa a prova de uma evolução posterior, ou de uma decadência das alturas do espírito, mas constitui um sinal da tensão existente desde o começo entre a redenção já atuante e a sua consumação a ser ainda realizada.

10. Nem Lucas nem Paulo mencionam o “*espírito da tradição e da norma apostólica*” como contraposto ao Espírito que confessa Jesus como Senhor, conforme Balz afirma devido à sua posição preconcebida. Lucas atesta o Espírito como força do mundo vindouro, que atuou em Jesus na plenitude dos tempos e agora se torna manifesto a

seus seguidores. Conseqüentemente experimentam, na comunhão de vida e morte com o Ressuscitado produzida pelo Espírito, efeitos do poder do mundo futuro na era atual (Lc 3.16; 10.21; 17.21; 11.13,20 = Mt 12.28; cf. 10.19s).

O mesmo Espírito que confessa Jesus como Senhor abre o entendimento dos discípulos substitui as Escrituras. As Escrituras não são substitutas do Espírito (perdido). No poder do Espírito os discípulos são e continuam sendo “testemunhas disso” que seu Senhor fez e que as Escrituras já afirmam acerca do Messias (Lc 24.28-29; At 1.2b,6-8).

11. Por essa razão nem os evangelhos nem Paulo conhecem um *contraste entre testemunhas orais e escritas da inspiração espiritual* (2Ts 2.13,15; 3.6,14; 1Co 12.13 com 15.3s bem como 2Tm 1.7s,14 com 2Tm 3.16s). É o Espírito que confere força para o testemunho, e é o Espírito que impele, pela instrução das Escrituras, às boas obras. À falsa contraposição entre “espírito da tradição” e “Espírito de Jesus” correspondem também as falsas distinções em relação aos dons do Espírito: a) espiritual (orgânico) – administrativo (organizacional), b) atualista (atuante no momento) – institucional (duradouramente regulamentado), c) carismático (com autoridade espiritual, sobrenatural) – sensato (ordenado conforme as regras humanas do bom senso, d) carisma (livre, espontâneo, concreto) – ministério (institucional, sólido, regulamentado).

Assim como a tensão entre a experiência do tempo de salvação cumprido no Messias e a consumação aguardada está presente desde o início, assim como o Espírito desde o começo faz com que o futuro se torne eficaz na atualidade, assim como desde o início testemunho e Escritura são conjugados pelo mesmo Espírito, assim existem, igualmente desde o início, serviços autorizados de condução ao lado de outros dons nas igrejas.

12. Na carta mais antiga do NT, escrita por Paulo à igreja em Tessalônica poucos meses depois de sua fundação (por volta do ano 50), o apóstolo pede aos irmãos que reconheçam aqueles *que presidem a igreja no Senhor*. De 1Ts 5.12s depreende-se: a) Os três verbos “trabalhar, presidir, admoestar” não apenas designam funções, mas também pessoas ativas (do mesmo modo, 1Co 12.14ss não enumera apenas funções, mas também seus portadores). b) Trata-se de determinado grupo de pessoas assim designado; ou seja, não é um simples arrolamento de três categorias. c) Esses servos podem ser notados, do contrário não seriam reconhecidos. d) Seu presidir está ligado ao seu trabalho (1Co 16.16 emprega o mesmo verbo de 1Tm 5.17 para “trabalhar em função de autoridade”). e) A admoestação à paz revela que direção e coordenação não acontecem sem atritos (pode-se traduzir assim o v. 13b: “Tende paz com eles, os irmãos que presidem”).

U. Brockhaus demonstrou que desde o começo podemos reconhecer nas igrejas todos os elementos para os quais se empregou mais tarde o termo “ministério”, passível de equívocos: duração, autoridade, legitimação (oral ou escrita, cartas de referência), posição destacada, remuneração. “Serviço” (*diakonia*) é o termo mais apropriado que Paulo emprega até mesmo para sua incumbência singular (Rm 11.13; 2Co 4.1; 6.3; Cl 4.17; past: 1Tm 1.12; 2Tm 4.5,11), ou também “mordomia” (1Co 9.17; Ef 3.2; Cl 1.25; cf. 1Co 4.1 com 1Tm 3.4s,13; 2Tm 4.5).

Desde o começo (cf. 1Ts) Paulo apóia e fomenta o serviço da liderança autorizada, como fica comprovado em suas cartas também para Corinto e está pressuposto na carta aos romanos. Sim, os “profetas e mestres” da primeira igreja da Palestina até mesmo representam serviços e designações de serviço ainda mais antigos que as funções diretivas sem título em Tessalônica. “Evangelista” é igualmente designação para uma função eclesiástica que pertence à época mais antiga (cf. 2Tm 4.5; Ef 4.11; At 21.8); o mesmo vale também para “apóstolo”. Além do limitado “apostolado com base nas aparições” dos Doze, U. Brockhaus consegue comprovar de modo plausível que também existia desde o começo um “apostolado de envio e congregacional” aberto: emissários de igrejas dos primeiríssimos tempos com incumbências missionárias (1Co 9.5ss; cf. v. 14; At 13.2; Gl 2.1,9; At 14.4,14) e outras (Fp 2.25; 2Co 8.23).

13. Alguns vêem em Paulo um adversário da autoridade ministerial nas igrejas, para outros o apóstolo é praticamente defensor de *ordem e ministério*. Perguntamos: será que as igrejas tinham uma constituição carismática da qual pudessem afastar-se mais cedo ou mais tarde em favor de uma constituição legal institucional? Como se deve entender a *doutrina dos carismas em Paulo*?

Todo o bloco acerca dos dons em 1Co 12-14 é uma paráclise (discurso de exortação): em Cristo e direcionada para o Senhor que retorna na consumação. Paulo adotou a palavra *charisma* (dádiva, presente) do entorno profano e formulou listas de carismas nas quais as “funções ministeriais” na realidade estão integradas, mas não destacadas de outras funções. Pois Paulo “não avalia a função em si, mas o modo como é exercida, e a contribuição que ela dá ao todo” (U. Brockhaus, p. 216; exatamente esse aspecto é mostrado também pelas past com todos os pormenores). A doutrina dos carismas está aberta para as questões da constituição da igreja, mas não entra nelas. Por isso não se pode falar de uma “constituição carismática da igreja” em Paulo.

Com sua doutrina dos carismas, há pouco esboçada em 1Co (em cartas anteriores de Paulo não ocorrem a palavra “dom da graça – *charisma*” e uma doutrina dos dons, nesse for-mato), o apóstolo intervém exortando profeticamente e corrigindo no contexto concreto da situação da igreja. Supera-se o contraste prelado – carismático (mais precisamente: detentor do *pneuma*, i. é, pleno do Espírito), porque todos receberam um carisma, e todos os diferentes dons devem ser empenhados em benefício da igreja. Paulo acrescenta aos dons reconhecidos em Corinto também aqueles que se referem a funções de serviço e direção.

Não se pode ignorar que os discursos de exortação acerca da questão dos dons (1Co 12-14; Rm 12) os situam em determinado contexto: ordem, auto-restrição comedida, inserção no todo, mútua consideração e complementação. Isso somente poderá surpreender ao que se apega a um conceito filosófico de Espírito e não reconhece que o Espírito Santo no Novo Testamento é força transformadora e ao mesmo tempo norma compromissiva. Paulo pressupõe o Espírito para todos os crentes e todas as igrejas como efeito de poder escatológico doado (1Ts 5.19; Gl 3.2,5), que não apenas inspira neles palavras, mas se evidencia também em atos significativos (1Ts 1.5; 1Co 2.4; etc.).

O Espírito é simultaneamente a norma compromissiva da nova vida. Já em 1Ts 4.8 aparece uma referência à norma, o que passa a ser plenamente desenvolvido em Gl 5.15s; Rm 8.4s; Fp 1.27. Por essa razão o apóstolo “ordena” em 1Ts 4.2, “determina” em 1Co 7.17, “exorta” (entendido como determinar) em Rm 16.17 assim como em 1Tm 2.1. Os discursos de admoestação concretizam a norma do Espírito (cf. 1Tm 4.1: o Espírito declara expressamente...), sendo proferida na forma verbal do “jussivo decretatório” (“sentenças de direito sagrado”; 1Co 14.13,28,30,35,37; 7.1; 8.1; 9.14; 11.2s; 12.1; 16.15,18).

“Logo a doutrina dos carismas constitui uma ponte genuína entre o Espírito, como força presenteada para a nova vida, e a incumbência concreta para essa nova vida.” Ela é uma “tentativa de tornar eficaz a presença da nova existência pneumática sob as condições da finitude”. A liberdade está ligada com compromisso, força presenteada com definição prática de tarefas. Por essa razão não é “historicamente possível diferenciar entre funções carismáticas e ministeriais nas igrejas paulinas”.

14. Havia necessidade dessas referências para superar *parâmetros* não-bíblicos e estranhos à teologia de Paulo, visto que obstruem de antemão o acesso à *compreensão das past*. Após analisar “Espírito e dons do Espírito” em Paulo, Ridderbos constata, em síntese: não existe “diferença profunda ou fundamental entre as cartas mais antigas de Paulo e as dirigidas a Timóteo e Tito. Particularmente cabe rejeitar a idéia de que as determinações nas cartas anteriores devam ser atribuídas diretamente a Cristo ou seu Espírito, e de que nas past o Espírito funcionaria conforme espírito de um princípio específico, a saber, como poder da santa tradição apostólica”.

Um exemplo prático explicitará isso: quando alguém lê o “cântico dos cânticos do amor” em 1Co 13 de forma meramente superficial e o compara com admoestações das past, poderia ser rapidamente arrastado para preconceitos. Aqui o ímpeto do Espírito, lá a lacônica enumeração de “virtudes”, aqui o eixo secreto da ética de Paulo, lá a conotação moral de um epígono imitador. Que acontece, porém, quando se observa mais de perto? Por um lado, a enumeração em 1Co 13.4-7 evidencia uma dependência “da terminologia e das formas da paráclise filosófico-popular”, e “esses elementos gregos chegaram a Paulo pela via de uma tradição de doutrina e pregação judaico-palestina”. Portanto, de acordo com isso Paulo acolheu elementos helenistas e judaicos tardios, mas elaborou a partir deles algo completamente novo. O todo se transformou em um discurso de admoestação em forma de louvor (“paráclise hínica”), surgido sob a impressão imediata do ainda esperado aperfeiçoamento da igreja no amor.

Agora, porém, as past apresentam uma série de discursos de admoestação, para as quais vale a mesma caracterização: estruturas terminológicas helenistas e judaicas são combinadas em algo novo na forma de um louvor (1Tm 3.14-16; 6.11-16; 2Tm 1.6-14; 2.8-13; Tt 1.1-9; 2.9-14; 3.1-8). Em termos de força expressiva, densidade e profundidade espiritual algumas dessas paráclises hínicas estão no mesmo nível do enaltecimento do amor em 1Co 13 (quanto a detalhes, veja o comentário). Também nas past o amor (igualmente entendido como força e norma, por ser fruto do Espírito) é o eixo secreto e o alvo final de toda a exortação (1Tm 1.5,14; 2.15b; 4.12; 6.11; 2Tm 1.7; Tt 3.2-4 comparados com 1Co 13.4-7!).

Alguns críticos vêem no suposto pseudo-Paulo um escritor “de genialidade ímpar”, outros asseveram que ele seria “uma pessoa simples que cobre suas palavras e idéias singelas com a autoridade do grande apóstolo”. Mais plausível, no entanto, é aceitar o que os próprios textos dizem, a saber, que Paulo é seu autor.

15. Paulo tomou do entorno grego a palavra comum “presente” (*charisma*), desenvolvendo-a em 1Co para uma doutrina que abordava de forma admoestadora e orientadora a realidade concreta da igreja, posicionando simultaneamente a fé, a vida e o serviço dos crentes no horizonte superior da expectativa e tensão escatológicas: os dons são sinais do novo tempo já iniciado em Jesus, o Senhor e Redentor; mas todos terminarão quando chegar a perfeição esperada, mas ainda futura. Então restará unicamente o amor.

Nas past, pois, Paulo configurou o termo helenista para “*devoção*” (*eusebeia*) em ponto focal de uma doutrina que por um lado mantém uma nítida relação com as cartas anteriores do apóstolo, mas que por outro lado, com a mesma novidade como no passado no caso da doutrina dos carismas, aborda agora a situação mudada das igrejas em forma de exortação, confirmando-as na esperança pelo Senhor vindouro (QI 19).

A tradução da palavra *eusebeia* é difícil. Selecionamos dentre as possíveis expressões (veneração a Deus, temor a Deus, submissão a Deus, ligação a Deus, devoção) a palavra *beatitude*, hoje incomum, mas originalmente utilizada por Lutero. Seu atual caráter estranho pode chamar atenção para a peculiaridade que está contida no termo grego utilizado por Paulo.

Em seu Pequeno Catecismo Lutero fornece uma definição que continua sendo certa e que fixa a correlação entre devoção, doutrina e vivência a partir de Deus: “Para crermos, por sua graça, em sua santa palavra e vivermos vida piedosa, neste mundo e na eternidade” [Livro de Concórdia, S. Leopoldo/P. Alegre, 1980, p. 373]. A palavra beatitude

combina a piedade com as bem-aventuranças do Sermão do Monte, apontando simultaneamente também para a salvação messiânica presenteada por meio de Jesus, que constitui a verdadeira felicidade do crente, porque subsiste e está guardada no Redentor.

a) A beatitude está integralmente *ancorada no mistério do Ungido de Deus*. Ela é a vida do Deus bendito (1Tm 1.11; 6.15), que se revelou na carne mortal como ser humano (1Tm 3.16) e que transmite essa sua vida aos crentes. Por isso essa devoção não é conquista própria do ser humano, mas “beatitude em Cristo” (2Tm 3.12). A *eusebeia* em Cristo é definida com tanta clareza que já por isso é preciso rejeitar uma simples adoção ou acosto a concepções helenistas de religiosidade.

b) A beatitude não é um sentimento piedoso, religioso, devoto, mas vida presenteada a partir de Cristo e em Cristo, assim como também o Espírito Santo não é sentimento, mas transmissão de poder (cf. 2Tm 1.7 com 3.5!), não sensação de força subjetiva, mas demonstração de poder divino em meio à impotência humana. Unicamente a partir dessa premissa é compreensível por que a beatitude (como o amor) aparece como realidade superior ou que coordena todas as coisas: o reconhecimento da verdade – sim, a doutrina do evangelho tem por medida a beatitude (Tt 1.1; 1Tm 6.3). Por isso a beatitude não é apenas poder, mas igualmente norma. Sozinha, a doutrina, tão fortemente frisada nas past, forçosamente ficaria enrijecida em forma de dogma, letra morta e matadora. A doutrina “de acordo com a beatitude” permanece viva, i. é, “sã doutrina”. Combina entre si força vital e orientação compromissiva. Paulo combina beatitude com verdade, doutrina, vida, serviço, esperança, de forma similarmente livre, i. é, em correlação assistemática, mas nem por isso menos sensata e eficaz (como nos dons espirituais).

c) Diante do ensinamento estranho fica explícito por que esse tipo de *beatitude está ligado à verdade e à doutrina*: a heresia não está de acordo com a beatitude (1Tm 6.3). É devoção falsa sem poder (2Tm 3.5). Ao contrário do amor, ela visa seus próprios interesses, a saber, o lucro (1Tm 6.5; 1Co 13.5).

d) A verdadeira devoção está *associada à justiça*, que vive da graça (Tt 2.12). É parcimoniosa porque não visa aos seus interesses (1Tm 6.6), é prática porque se comprova na vida cotidiana (1Tm 5.4). Atrás dela é que se deve correr (1Tm 6.11), assim como se deve abraçar a vida eterna (1Tm 6.12); cumpre exercitá-la (1Tm 4.7).

Ora, reveste-se de importância que em lugar algum nas longas listas das past a beatitude é esperada ou demandada como “virtude” dos que servem. Como o carisma, a beatitude é realidade fundamental para todos os membros da igreja. Timóteo e Tito são exortados à beatitude não porque estivessem acima da igreja, mas por serem irmãos como todos os demais e “uns servos quaisquer”. A beatitude pode ser tudo, menos uma “virtude sobrenatural” que os servidores da igreja detêm em contraposição aos membros da igreja. Todos receberam dons da graça e devem utilizá-los em benefício do todo na igreja. Todos receberam a beatitude em Cristo e devem exercitar e vivenciá-la na igreja e (o que é uma novidade em relação aos dons da graça, relacionados com o serviço na igreja) *no mundo* (Tt 2.12).

e) Na confrontação com o mundo permanece ou torna-se explícito que a beatitude apresenta um *direcionamento escatológico*. A vida em beatitude neste mundo está repleta da expectativa do mundo vindouro (Tt 2.12s). Essa devoção vive da promessa para a vida atual e futura. Sua parcimônia não é “modéstia piedosa”, mas está marcada pela noção de morte (1Tm 6.7), ruína, destruição (1Tm 6.9) e do surgimento do Juiz sobre vivos e mortos (2Tm 4.1).

f) Na perseguição e no sofrimento se revela cabalmente o *contraste* entre a vida na *beatitude* e o *ser humano natural e seu modo de vida*. Essa devoção não é civismo inócuo, pa-cato, mas poder e norma para a vida em Cristo, que provoca separação simplesmente por existir, razão pela qual enfrenta oposição (2Tm 3.12; 4.15). Assim como o Espírito fala por meio das testemunhas odiadas e perseguidas (Mt 10.20-22), assim o poder da beatitude é capaz de preservar nas perseguições (escatológicas; 2Tm 2.10). Reiterando: não serão servos particularmente destacados de Deus que experimentarão resistência e perseguição, mas todos (2Tm 3.12!) aqueles que pertencem a Jesus.

g) *Resumindo*: na doutrina dos carismas, o novo pensamento fundamental desenvolvido é a *multiplicidade* dos dons distribuídos; na doutrina da devoção das past, é a *simplicidade* da beatitude obtida em Cristo que interliga *todos* os crentes. A doutrina da beatitude demonstra de uma maneira nova, correspondente à mudança da situação, aquilo que se costuma designar de sacerdócio universal de todos os que crêem no Senhor Jesus.

16. *O vocabulário e o estilo* das past apresentam fortes diferenças em relação às cartas anteriores de Paulo. Conseqüentemente, desde Schleiermacher foram constantemente apresentados novos argumentos, justamente de ordem lingüística, contra a autenticidade das past, sem, no entanto, conseguirem ser de fato convincentes.

O vocabulário total das past consiste de aproximadamente 900 palavras, das quais cerca de 300 não são encontradas em nenhuma outra carta de Paulo e cerca de 150 (deixando-se de lado as repetições) nem mesmo ocorrem no restante do NT. Isso parece ser uma grande diferença em comparação com outras cartas de Paulo. Contudo a estatística não diz tudo, porque novos temas também requerem novas expressões lingüísticas. Nas past são novas as considerações sobre a condição das viúvas, as exigências para os servidores da igreja, a controvérsia especial com as heresias. Em decorrência, as palavras exclusivas das past estão assim distribuídas: ordem e disciplina na igreja (90), exigências e instruções para Timóteo e Tito (60), hereges (50), servidores da igreja (30), listas (30), situação de Paulo (20); ou distribuídas sobre as três cartas: 1Tm (60), 2Tm (90), Tt (60).

A subdivisão por ordem temática não é típica apenas das past. Das 250 palavras exclusivas da carta aos Romanos, 110 estão comprimidas em apenas 182 frases (de um total de 940), porque os trechos correspondentes (Rm 1.18-3.26; 12; 16.17-20) versam sobre um assunto novo. O mesmo vale para 1Co: duzentos termos exclusivos de um total de 310

aparecem nos textos que expõem um tema especial. É presumível que nos trechos de exortações (parácleses), que tratam de questões e situações concretas novas, ocorram mais palavras inéditas que nos trechos doutrinários. De resto, o grande número de termos exclusivos leva a equívocos, porque: a) muitas vezes o verbo é novo, mas o adjetivo derivado da mesma raiz é bem conhecido em Paulo; b) palavras muito freqüentes no linguajar cotidiano do mundo da época não podem ser consideradas realmente como termos exclusivos; até então o autor os havia empregado apenas aleatoriamente; c) termos conhecidos e adotados da Septuaginta (i. é, a tradução grega do AT, abreviada com LXX) não podem realmente ser computados como “material exclusivo” de Paulo.

Quando se levam em conta essas distinções restam apenas cerca de 40 expressões que não aparecem em nenhum outro escrito da Bíblia.

17. Tentou-se inferir das propriedades do vocabulário novo que as past fazem parte do *linguajar do séc. II*, uma vez que os termos exclusivos das past (que não ocorrem nem nas demais cartas de Paulo nem no NT em geral) são conhecidos entre os chamados pais apostólicos e apologistas do séc. II. Mas também essa justificativa não é conclusiva, porque a) das 300 palavras exclusivas das past, foi possível comprovar a ocorrência de 270 na literatura extra-bíblica anterior ao ano 50; b) dos 60 termos exclusivos que as past têm em comum com os pais apostólicos 40 ocorrem na LXX. No total se podem encontrar na LXX 80 termos exclusivos das past! c) 137 dos termos exclusivos de Paulo nas demais epístolas igualmente podem ser encontrados nos pais apostólicos.

18. Quando comparamos os *termos exclusivos* de cada carta de Paulo com o total de seu vocabulário, resultam as seguintes proporções: 2Co (21%), 1Co (24%), Ef (25%), 1Ts (30%), Gl (34%), past (34%), Fp (37%), 2Ts (50%). Por conseguinte, as past de forma alguma apresentam um número desproporcionalmente grande de palavras únicas. Mas, quando se comparam os termos exclusivos com o vocabulário dos pais da igreja do séc. II, é preciso concluir que a influência de 1Co sobre a literatura dos pais da igreja foi maior (55%) que 1Tm (50%) ou Tt (50%).

Quando comparamos as outras cartas de Paulo quanto ao acervo total de termos exclusivos, conhecido pelos pais da igreja (46%), com o total correspondente nas past (53%), a diferença é surpreendentemente pequena e, para 1Tm, inferior que para 1Co.

Seja como for, a estatística das palavras não rendeu quaisquer provas contra a autenticidade das past; pelo contrário, acaba servindo para explicitar e corroborar de modo surpreendente seu parentesco e sua contemporaneidade com as demais cartas de Paulo, bem como com a totalidade do NT.

19. De resto, a mudança de vocabulário e estilo é própria de todas as cartas de Paulo. Uma palavra, um grupo de termos predomina por certo tempo, passando aos poucos para segundo plano ou desaparecendo totalmente. Exemplos: “aquilatar” ocorre 10 vezes somente em 1Co e em nenhum outro escrito de Paulo; “juízo, condenação, direito, justiça” somente em Rom aparece 5 vezes (QI 15). As cartas de Paulo podem ser subdivididas segundo sua propriedade estilística e segundo o emprego de locuções figuradas em 4 grupos: a) 1 e 2Ts; b) 1 e 2Co, Gl, Rm; c) Fp, Ef, Cl, Fm (as chamadas cartas de prisões); d) as past. Entre c) e d) há ligações mais estreitas. As past possuem menos formulações figuradas, assemelhando-se nisso novamente a 1 e 2Ts.

20. Tentou-se realçar de tal forma as diferenças no vocabulário e estilo que se perdeu de vista as *estreitas relações com as demais epístolas de Paulo* ou que elas foram classificadas (de “genial” a “ingênua”) como imitação mais ou menos hábil de um falsificador. Em contra-posição, Schlatter reuniu uma lista de 66 locuções gregas que as past têm em comum com as demais cartas paulinas: com Rm, 26; com 1Co, 12; com Ef, 10; com 1Ts, 5; com Cl, 4; e com Gl e Fm, 1 cada.

Igualmente cabe ponderar que as past não possuem apenas 300 termos exclusivos que não aparecem nas demais cartas de Paulo, mas 600 palavras (i. é, dois terços do vocabulário total das past!) *em comum* com as cartas reconhecidas. Por exemplo, está entre as concordâncias uma lista de 20 expressões prediletas do apóstolo nas past, que ocorrem com freqüência também nos demais textos paulinos. Além disso, chama atenção que 38 expressões que as past têm em comum com as demais cartas de Paulo não ocorrem em nenhum outro lugar do NT. Exemplos: entregar a Satanás (1Co 5.5; 1Tm 1.20); renovação (Rm 12.2; Tt 3.5); viver com (Rm 6.8; 2Co 7.3; 2Tm 2.11); ser ofertado como libação (Fp 2.17; 2Tm 4.6). Finalmente é preciso enfatizar que a forma pessoal do estilo de Paulo se expressa na sintaxe, típica para ele, que as past têm em comum com as demais cartas. Exemplos: contraposições como “algemado – não algemado” (2Tm 2.9) ou “trabalhei – todavia não eu” (1Co 15.10; Gl 2.20); e ainda locuções hebraicas, quando cita das Escrituras: 1Tm 2.13s; 5.18. Nesse local cumpre citar uma diferença significativa de estilo que depõe em favor da autenticidade das past. Foram encontradas nas past 160 palavras ou locuções com conotação tipicamente latina (latinismos). Esses latinismos podem ser atribuídos facilmente ao cativo de 4 a 5 anos do apóstolo e seu convívio com guardas romanos.

21. A *hipótese dos fragmentos*. As numerosas pesquisas sobre linguagem e estilo das past levaram alguns contestadores da autenticidade a aceitar algumas partes das cartas como autênticas, p. ex., 1Tm 1.20; 2Tm 1.15-18; 2.17s; 4.9-21; Tt 3.13-15. Contudo as diversas propostas divergem tanto entre si que hoje servem apenas como

ilustração de como parâmetros e hipóteses inadequados tão-somente geram novos problemas, ao invés de elucidar correlações ainda não esclarecidas. Por quais motivos um imitador deveria pretender acolher peças genuínas de Paulo (do qual estaria separado por 30 anos ou mais), uma vez que pode “simular” com facilidade idêntica, quando não maior? E no caso de uma pessoa ser capaz de combinar os fragmentos autênticos com suas próprias elaborações de forma tão perfeita que isso só é descoberto nos dias de hoje, como uma “personalidade tão destacada” teria desejado ou podido permanecer incógnita em seu tempo? A hipótese dos fragmentos é digna de menção também porque nela é possível evidenciar o predomínio de 40 anos do método da história das formas sobre a pesquisa teológica. Ponto de partida para “a história das formas do evangelho” é a afirmação de que a primeira igreja cristã, em vista de sua expectativa pelo fim próximo, não se preocupava com a fixação escrita. A “tradição de Jesus” teria surgido somente a partir da pregação oral. Os evangelistas teriam sido meros colecionadores, que compilavam peças de prédicas sobre Jesus. Com base nessa teoria associada à idéia do desenvolvimento acreditava-se poder reconhecer e separar criteriosamente em toda a parte dos evangelhos e em todo o NT “material da tradição” mais recente e mais antigo. Por essa razão as past representam para M. Dibelius e seus seguidores o último estágio de uma “história da tradição” no NT. A partir desse tipo de premissa torna-se possível falar de inclusões, alterações redacionais, fragmentos, partes e partículas antigas e recentes, autênticas e inautênticas. Um exemplo que também é relevante para as past é trazido por **Rm 6.17**: “obedecer de coração à forma de doutrina.” R. Bultmann classifica a menção da doutrina como inclusão pós-paulina. U. Wilckens simplesmente omite em sua tradução a alegada inclusão, mas não deixa de acrescentar na nota de rodapé: “Todos os manuscritos trazem aqui a seguinte continuação da frase: ‘Mas de todo o coração estais comprometidos à obediência diante da forma doutrinária convencionada que vos foi transmitida.’ Contudo essa continuação introduz uma idéia completamente nova no nexos das afirmações. Ao mesmo tempo colide com a frase seguinte do v. 18, cuja afirmação corresponde à do v. 17a, trazendo por isso a verdadeira continuação do v. 17a. Por essa razão é provável que no v. 17b existe uma inclusão de mão pós-paulina, que no conteúdo evidentemente complementa um raciocínio inegavelmente paulino: no batismo os cristãos foram comprometidos com a tradição doutrinária convencionada da igreja cristã, cf. **1Co 15.1s**.”

Embora todos os manuscritos tragam a frase e embora possua inegável caráter paulino, ainda assim deve ser uma inclusão pós-paulina. O motivo principal dessa afirmação é obtido do esquema de história da forma e desenvolvimento adotado. Diante disso é preciso declarar: a obediência diante da doutrina compromissiva vale já para a carta aos Romanos. A fórmula que sintetiza a epístola como uma unidade é: “obediência da fé” (início **Rm 1.5**; final: **Rm 16.26**). A obediência se refere às Escrituras (**Rm 3.21**; **16.25s**). O batismo está ligado à ética, e essa à obediência perante a doutrina (**Rm 6.17s,19**).

Não apenas em **1Co 15.3**, mas também na carta aos Romanos o evangelho como doutrina compromissiva é aquilo que Paulo recebeu e transmitiu segundo as Escrituras: crer no coração, com o coração se crê, obediente de coração: **Rm 10.9s**; **6.17**.

Apesar de ter iniciado cedo, a crítica à história das formas foi pouco considerada na exegese. Não apenas é preciso que nesse caso “o evangelista seja reabilitado como autor” perante M. Dibelius, mas também caem por terra muitíssimos argumentos contra a autoria paulina das past. Assim como temos desde o começo autoridades na direção das igrejas, assim havia também desde o começo a doutrina como autoridade e tradição escrita. As cartas do NT que – sobretudo nos discursos de exortação – fazem parte da proclamação da igreja, não se referem aos atos e às palavras de Jesus porque as pressupõem. Por isso a proclamação não pode ser o único “espaço de vida” por meio do qual a tradição de Jesus surgiu e foi transmitida. As cartas do NT pressupõem a tradição escrita (!) de Jesus, que já existe antes do ano 50. É “muito provável uma redação em torno do ano 40 ou logo depois”. Isso, no entanto, significa que entre a crucificação do Senhor e a anotação de suas palavras e atos presumivelmente se estende menos de uma década.

Por meio de sua atividade de testemunho a igreja primitiva não “criou” a tradição de Jesus do nada, mas usou-a como base de sua proclamação. Os escritos sinóticos possuem seu “espaço de vida” na leitura durante os cultos (cf. **1Tm 4.13**) e são considerados como “Escritura Sagrada”, i. é, como palavra de Deus com autoridade.

H. Ridderbos afirma: “Constitui a essência do evangelho como mensagem do agir salvador de Deus sem nossa sinergia que a autoridade do evangelho se baseie, sobretudo na concretude do acontecido, motivo pelo qual o evangelho não pode ser evangelho, a fé não pode ser fé, a obediência de fé não pode ser obediência quando a tradição do evento da salvação não é confiável e a fé para o acontecimento salvífico não pode se estribar na tradição nem submeter-se a ela”.

Do mesmo modo Schlatter demonstrou que concordância com a tradição faz parte da essência do conceito paulino de fé e que nesse aspecto as past apresentam um desdobramento, porém nenhuma alteração ou mesmo falsificação.

22. *Palavra de Deus e doutrina.* Não é ao ler as past (**2Tm 3.16**), mas consistentemente em toda a Bíblia que o leitor se depara com a pergunta se frases escritas, afinal, podem ser pa-lavra de Deus. Será que assim a palavra de Deus não se tornaria uma posse fixa, disponível, do ser humano? Porventura o ser humano não poderia “crer” por força própria nas sentenças que lhe são propostas, no sentido de considerá-las verdade?

Não foi apenas em época recente que se pensou ou alegou que é preciso proteger a palavra de Deus como Escritura Sagrada diante do assenhoreamento das pessoas. A ênfase na pregação oral e no “evento da palavra” desvaloriza a “palavra externa” da Sagrada Escritura, pensando que assim seria capaz de proteger a indisponibilidade do evangelho.

Como na história da igreja graça e palavra exterior foram equiparadas desde muito cedo, Agostinho, defensivamente, teve de apostar tudo que levava à negligência para com a Sagrada Escritura na palavra interior e no agir interior de Deus. “A depreciação da palavra exterior torna-se a hipoteca de toda a Idade Média” – e também da era mais recente, como deveríamos acrescentar. Contra essa falsa contraposição deve-se objetar: em Jesus Deus se entrega inteiramente nas mãos dos seres humanos, insere-se integralmente na história deles. Sua justiça é justiça realmente concedida à pessoa, sua graça é graça realmente experimentável, sua palavra escrita por profetas e após-tolos é clara palavra de revelação que pode ser “sabida”, e a proclamação do evangelho é a-núncio real de Deus no Espírito, que renova o ser humano. Contudo, apesar de toda a entrega em amor Deus continua sendo ele próprio, ele não se perde, e também a Sagrada Escritura continua sendo, pelo Espírito, poder e norma de Deus que se impõe contra todas as críticas da razão e do sentimento. A tensão entre palavra e Espírito (2Tm 3.16s), doutrina e vivência (Tt 1.1; 2.7), eleição e obediência (2Tm 2.19) continua preservada, como em todas as cartas de Paulo, também nas past. O destaque dado nas past à doutrina não é decadência das alturas do primeiro amor, nem um enrijecimento da inspiração, inicialmente direta, de todos os discípulos, nem substitutivo para a não-acontecida volta do Senhor (veja QI 7-9), mas instrução concreta, associada à exortação para viver na beatitude.

23. *A hipótese do secretário.* Uma vez que é de múltiplas formas flagrante o parentesco com as demais cartas de Paulo, vários comentadores levantaram a tese de que Paulo na verdade deveria ser considerado o “pai e autor intelectual” (Holtz, p. 15) das past, mas que ele teria dado a um secretário grande autonomia na redação (Jeremias, p. 5). É sabido que Paulo ditou a maioria das cartas. Em Rm 16.22 até mesmo Tércio faz as saudações (“que escrevi esta epístola no Senhor”) de próprio punho e citando seu nome (cf. 1Co 16.21; Gl 6.11; 2Ts 3.17; Cl 4.18; Fm 19). Em muitos proêmios de cartas são citados também outros colaboradores, cuja possível participação na redação não deve ser descartada (1Co; 2Co; Fp; 1 e 2Ts). De acordo com H. v. Campenhausen o escritor (pós-paulino) deve ter sido uma “destacada personalidade”. Holtz considera o secretário como “imagem de um cristão de alta erudição dos tempos finais de Paulo”, que dominava integralmente a teologia e o linguajar de Paulo, mas que também estava familiarizado com a linguagem dos evangelhos, bem como das cartas católicas, ou seja, com a “totalidade do cristianismo”, que conhecia muito bem a filosofia popular e o linguajar helenista, bem como a teologia da sinagoga da diáspora, estando firmemente ancorado na vida litúrgica das igrejas. Por que, no entanto, um colaborador tão destacado não seria citado por nome? Não seria plausível reconhecer nesse “secretário” tão paulino o próprio Paulo, tal como também se apresenta nas três cartas?

24. *A atestação formal das past.* Dibelius afirma que a atestação na igreja antiga não seria “muito favorável”. Mas formalmente as past são tão acreditadas como Rm e 2Co. Tanto Policarpo († por volta de 160) como Inácio († por volta de 110) citam as past. Jeremias explica a circunstância de que a coletânea das cartas de Paulo, inclusive a epístola aos Hebreus no começo do séc. III, não menciona as past pelo fato de que se perderam o começo (faltam os primeiros capítulos da carta aos Romanos!) e o final (past) do livro. Conhecidos teólogos dos primórdios que escreveram antes ou no início do séc. III pressupunham sem qualquer restrição a autenticidade das past (p. ex., Ireneo, Tertuliano, Clemente de Alexandria, Orígenes).

O cânon de Marcião não traz as past, o que no entanto não constitui prova contra a autoria de Paulo. Sua rejeição das past se insere no contexto da rejeição de todas as influências do AT. Marcião foi excluído em 144 da igreja de Roma. O cânon Muratori, que surgiu em Roma entre 150 e 200, contém as past como acervo consolidado das cartas paulinas, enquanto cartas não genuínas de Paulo são rejeitadas. Em nenhum lugar e por ninguém se contesta a autoria de Paulo. “O principal se torna limpidamente certo: todos os textos de Paulo que possuímos remontam em última análise ao exemplar original de uma coletânea de 9 mais 4 cartas... Não possuímos o menor indício de que alguma vez tenha existido uma coletânea com menos ou mais cartas além das que nos são conhecidas.”

O rol mais detalhado das atestações exteriores é trazida por Spicq, que dedica 208 páginas às questões introdutórias e trabalha uma bibliografia de 18 páginas.

25. *As características interiores* (detalhes a este respeito devem ser conferidos no comentário, de modo que aqui será fornecido somente um resumo panorâmico).

a) Todas as 3 cartas reivindicam repetida e expressamente que foram escritas por Paulo (1Tm 1.1; 2.7; 2Tm 1.1; Tt 1.3,5).

b) A descrição dos dois colaboradores e o relacionamento de Paulo com eles correspondem ao que sabemos das demais cartas e de At.

c) A doutrina das past coincide com as demais epístolas de Paulo (veja QI 7) e está sintetizada da forma mais elaborada nos 3 blocos da carta a Tito (Tt 1.1-4; 2.10-14; 3.4-7), cada um dos quais emprega o termo “Redentor” tanto para Deus como para Jesus como o Messias. Lutero considerava a carta a Tito como síntese das demais cartas paulinas. Nele estaria contida a doutrina de Paulo.

d) As *heresias combatidas* não pertencem ao séc. II, como foi alegado com freqüência no passado sem nunca ter sido comprovado, mas à época do NT. São de origem judaica (1Tm 1.7; Tt 1.10), alicerçando-se sobre a lei (1Tm 1.7; Tt 3.9), trazendo fábulas (Tt 1.14) bem como especulações genealógicas (1Tm 1.4; Tt 3.9), e falsificando a mensagem

da ressurreição (2Tm 2.18 como em 1Co 15.29s). Os vestígios gnósticos não têm nada a ver com o gnosticismo dos séc. II e III, mas se assemelham muito mais com os das epístolas aos Coríntios e Colossenses, por serem fortemente mesclados com elementos judaicos (1Tm 6.20; Tt 1.10; Cl 2.16,21,23).

e) A *situação da igreja* corresponde ao contexto do NT. Somente um décimo das past contém instruções sobre administração e ordem do culto, sendo que se enfatizam mais as premissas e tarefas pessoais que o “ministério” (1Tm 3.1-13; 5.3-22; Tt 1.5-9). Assim como em Fp 1.1, os servidores da igreja são pressupostos, não introduzidos, sendo citados apenas em segundo lugar depois dos membros da igreja (1Tm 3 depois do 1Tm 2). Não se pode definir claramente a relação e distinção entre presidentes, diáconos e presbíteros, nem sequer há títulos fixos para as atribuições. Os conceitos “presbítero” e “presidente” são intercambiáveis (Tt 1.5-7; 1Tm 5.17). Em lugar algum se pode constatar uma ordem hierárquica ao citar expressamente o carisma profético no contexto dos serviços eclesiais (1Tm 4.14). Além de seus cultos de oração (1Tm 2.1s) as igrejas praticavam a oração das viúvas (1Tm 5.5), a oração à mesa (1Tm 4.3-5), a preleção da Escritura (1Tm 4.13; 2Tm 3.16), a instrução doutrinária com base na palavra do Senhor (1Tm 6.3; Tt 1.1-4,9; 2Tm 4.2), pronunciamentos proféticos (1Tm 4.14), além de hinos, doxologias e confissões de fé (1Tm 2.5s; 3.16; 6.15s; 2Tm 2.11-13). Nada nas past aponta para depois da época de Paulo. As circunstâncias em Éfeso e Creta condizem com a época entre 60 e 100. Timóteo e Tito recebem uma incumbência, não um cargo: sua posição é mantida em aberto, não determinada ou engessada “por direito eclesiástico”. Paulo chama Timóteo de Éfeso para Roma, enviando Tíquico em seu lugar (2Tm 4.12).

f) A *pessoa do autor*. Partes doutrinárias alternam-se com súbitas manifestações concretas e pessoais (1Tm 2.1-7; 3.14-16). O autor oferece a si mesmo e suas experiências como exemplo (1Tm 1.16), revela seus mais íntimos sentimentos de alegria (2Tm 1.4) e confiança (2Tm 1.12; 2.10,13), inclusive em vista da morte (2Tm 4.6-8). 2Tm está próxima de 2Co; ambas as cartas foram escritas a partir de grande aflição pessoal. Ele confessa seus antigos erros (1Tm 1.12-15; Tt 3.3; 1Co 15.8-10; etc.) e ao mesmo tempo sua autoridade apostólica em Cristo (1Tm 1.15s), mas em lugar algum se fala de uma glorificação do autor e de seus colaboradores. Típico é para Paulo o empenho de confirmar as instruções orais por escrito, apesar da expectativa de visitá-los em breve (1Tm 3.14; 1Co 4.17,19; Fp 2.19-24). O autor pode ser reconhecido nos traços humanos: caloroso, pessoal, sincero, franco, direto.

g) As *inegáveis diferenças lingüísticas e estilísticas* não podem ser levantadas contra a autoria de Paulo (QI 20). Pelo contrário, são explicáveis e na realidade esperadas, pelas seguintes razões suficientes: 1) As cartas de Paulo evidenciam diversos períodos estilísticos, das quais o último, o das past, não representa uma exceção (QI 19). 2) Novos temas levam ao uso de novas expressões. 3) Um contexto diferente (cativeiro de vários anos) pode ser suficientemente responsável pelo vocabulário ampliado. 4) As past na verdade não são dirigidas exclusivamente a pessoas particulares, mas não obstante se diferenciam claramente das epístolas públicas dirigidas a igrejas, o que torna compreensíveis certas mudanças de estilo. 5) A idade do autor influi sobre o estilo e vocabulário, tornando-se ambos mais simples e menos adornados, ao mesmo tempo em que ficam mais densos e concentrados.

26. *Os dados históricos nas past*. 1Tm: Timóteo deve permanecer em Éfeso. Há pouco o próprio Paulo estivera em Éfeso ou nas proximidades, estando agora na Macedônia. Não se encontra detido e tem diversos planos de viagem. 1Tm não traz nenhum outro dado histórico, ao contrário dos muitos indícios em 2Tm. Por que um pseudo-Paulo haveria de simular apenas essas breves alusões, se seu interesse era a “visibilidade histórica”?

Tt: Paulo já esteve pessoalmente em Creta. É possível que já tenham existido igrejas antes. Está bem familiarizado com os problemas das igrejas, o que pressupõe mais que uma breve visita (Tt 1.5). Paulo pretende permanecer na cidade portuária de Nicópolis (em Epiro) durante o inverno. Tito deve visitá-lo ali (Tt 3.12).

2Tm: agora Paulo está preso em Roma (2Tm 1.8) e às voltas com um processo judicial (2Tm 4.16). Onesíforo o visitou (2Tm 1.16). Antes de Roma Paulo esteve por breve tempo sem Timóteo em Mileto, Trôade e Corinto (2Tm 4.13,20).

27. Esses dados apontam para além das viagens e detenções narradas em At. Trófilo foi um companheiro de Timóteo (At 20.4) e esteve junto de Paulo em Jerusalém, no que deu motivo involuntário para seu aprisionamento (At 21.29), logo 2Tm 4.20 não pode ter sido escrito da prisão em Cesaréia. Contra um cativeiro em Éfeso, suposto por alguns comentaristas, depõe 2Tm 1.17. Nas cartas anteriores de prisão Paulo aguarda confiante sua libertação (Fm 22; Fp 1.25; 2.23s), de acordo com a situação do prisioneiro em Roma, descrita como positiva em At 26.32; 28.17-31. 2Tm, porém, pressupõe uma situação diferente: as circunstâncias da prisão são difíceis, a morte iminente é certa.

28. A autenticidade das past tem como premissa que depois da primeira prisão em Roma Paulo foi liberto e que após algumas atividades de viagem e autoria tornou a ser detido. Quem defende a autenticidade não precisa demonstrar a veracidade de uma libertação dessas, mas apenas evidenciar sua possibilidade. Se as past fossem uma falsificação e se Paulo não tivesse sido solto, as past forçosamente afirmariam isso de forma expressa. Contudo não esboçam o menor esforço para harmonizar as circunstâncias das past com das de At. Pelo contrário, pressupõem com a maior naturalidade a libertação.

As past não tratam justamente dos últimos anos de Paulo, o que um falsificador teria feito para satisfazer a curiosidade de seus leitores, mas se ocupam, como as demais cartas de Paulo, com as aflições e tarefas atuais da

igreja. Uma absolvição com libertação do cativo romano com certeza é historicamente viável. Sob Tibério houve perseguições em Roma. Por volta do ano 50 Cláudio expulsou temporariamente os judeus da cidade (At 18.2). Os cristãos, que inicialmente haviam sido considerados em Roma como seita judaica, agora passaram a ser denunciados pelos judeus. Somente a partir de 64 o nome cristão em Roma é equivalente a incendiário. O incêndio de Roma sob Nero durou de 18 a 24 de julho do ano 64 e desencadeou a primeira perseguição aos cristãos. Debaxo de Nero os cristãos só podiam ser executados se fosse possível demonstrar que cometeram um crime. Contudo na época de At a agitação judaica contra os cristãos ainda não era apoiada pelos romanos (At 26.32). A soltura de Paulo pode ser suposta para o ano de 63.

29. *Questões de datação.* A seguinte visão geral não reivindica ser historicamente exata. Cada exegeta difere nas indicações de datas. Tampouco são necessárias datações sumamente exatas. Pelo contrário, o objetivo é apresentar as possibilidades cronológicas para a redação das past e as circunstâncias históricas nelas pressupostas.

Incontestemente é a data do ano 50 para a primeira carta aos Tessalonicenses. Quando datamos a conversão de Paulo no ano de 36 e sua idade na época em pelo menos 30 anos, o apóstolo tinha diante de si um tempo de atuação de 30 anos, interrompidos por pelo menos 5 anos de cativo e, anterior a tudo isso, 3 anos na Arábia (Gl 1.17).

Na primavera de 58 ele escreve aos romanos que “há uma série de anos” (At 19.21) já tinha planos de ir a Roma, para de lá prosseguir até a Espanha, mas que de muitas formas (!) havia sido impedido de executá-los (Rm 15.22-24). Certo é para ele que Roma lhe serve somente de parada intermediária (Rm 15.28). Tem esperanças de que colaboradores o acompanharão até a Espanha (Rm 15.24). Um dos muitos motivos que o impediram, embora ocorrido apenas depois da redação de Rm, é o aprisionamento em Jerusalém, que por fim o leva a Roma após longos interrogatórios e tempos de detenção. Como prisioneiro ele deverá ser interrogado perante o imperador, por ser cidadão romano.

Paulo está em Roma de 61 a 63 d.C. No segundo ano de cativo ele escreve a carta aos Filipenses, cheio de confiança de que em breve poderá visitá-los (Fp 1.25; 2.24). Escreve a Filemom reservando desde já um alojamento na casa deste para quando passar por lá! (Fm 22).

Portanto, a suposição de uma libertação no ano 63 está em consonância com os conhecidos planos e expectativas de Paulo. No ano de 93, ou seja, 30 anos depois, Clemente de Roma escreve que Paulo de fato fora liberado e teria viajado para o extremo Oeste, o que pela maioria é interpretado como sendo a Espanha. E mais tarde Eusébio escreve: “É tradição que, depois de se ter justificado, o apóstolo tornou a viajar a serviço da pregação, mas que, quando entrou na mencionada cidade pela segunda vez, foi aperfeiçoado pelo martírio. Estando preso nessa ocasião, escreveu a segunda carta a Timóteo.”

Constitui uma arte interpretativa estranha quando críticos afirmam que tais informações teriam sido “inventadas” posteriormente com base em Rm, quando na verdade os textos do NT disponíveis atestam o plano de Paulo, elaborado há anos (Rm 15.20; 2Co 10.15s). Na época em que Clemente escreve sua carta ainda vivia um suficiente número de cristãos em Roma que podiam ter conhecimento da libertação e das subseqüentes viagens de Paulo por experiência pessoal (cf. 1Co 15.6).

A partir das anotações existentes não é possível elucidar se Paulo viajou primeiro à Espanha e depois visitou as igrejas no leste ou vice-versa. Ambas as viagens, seja para oeste, seja para leste, estavam consolidadas em seus planos, que haviam sido interrompidos e alterados mais de uma vez. Se Paulo profetizou conforme At 20.25,38 que os presbíteros em Éfeso não mais veriam sua face e se apesar disso mais tarde os visitasse outra vez, será que isso significa que se enganou? 1Tm 1.3 não afirma que Paulo esteve novamente em Éfeso. Ele não declara de onde saiu para ir à Macedônia. Certo é que espera poder chegar a Timóteo em breve (2Tm 3.14). Contudo o v. 15 prevê novos obstáculos e delongas. Na seqüência, a segunda carta deixa explícito que Timóteo não haveria de permanecer ou permaneceu por muito tempo em Éfeso.

Por causa da incerteza dos tempos (1Tm 2.2!) seus planos tiveram de ser alterados com freqüência, mas apesar disso não se deixou deter das muitas viagens. Talvez tenhamos uma idéia equivocada da atividade de viagens dos comerciantes e missionários daquela época. Não se pode descartar a suposição de que Paulo viajou até mesmo duas vezes para o leste: imediatamente após a soltura, como previsto, indo às igrejas em Colossos (hospedado por Filemom) e em Filipos, em seguida para a Espanha, e por fim novamente para o leste. Isso, porém, não passa de conjeturas. Importante é a constatação de que entre libertação e segunda detenção há suficiente tempo disponível, tanto para uma viagem à Espanha como para outra viagem à província da Ásia, inclusive para Creta.

Conseqüentemente, Paulo pode ter escrito a carta a Timóteo no verão de 66 e poucas semanas ou meses depois a carta a Tito, antes ou durante a viagem para Nicópolis, onde pretendia passar o inverno com Tito (Tt 3.12). Na primavera de 67 ele seguiu para Roma (provavelmente junto com Tito), sendo preso ali – presumivelmente de forma inesperada. Desde o incêndio de Roma ele não estivera mais lá. A atitude para com os cristãos havia mudado radicalmente. Talvez Paulo tenha sido denunciado como inimigo do Estado e criminoso (2Tm 2.9). Desconhecemos as circunstâncias exatas.

A redação da segunda carta deveria ser datada para o outono de 67. A carta reproduz a gravidade da mudança de situação. Nela pede insistentemente ao amado colaborador que venha até ele, preso em Roma, ainda antes do inverno. Provavelmente Paulo foi executado no final do ano de 67.

30. *A vida de Timóteo*. O nome Timóteo é muito difundido na literatura antiga e significa: aquele que honra a Deus. Timóteo nasceu em Listra, uma colônia romana fundada por em Augusto em 6 a.C., por volta da época em que Jesus passou a atuar publicamente na Palestina. A cidade está situada sobre uma colina na planície da Licaônia. Os habitantes falavam o licaônico, ou seja, nem latim nem grego era sua língua materna (At 14.11). Somente a elite da cidade falava grego, à qual também pertencia o pai de Timóteo (At 16.1).

Na primeira viagem missionária no ano de 45 Paulo e Barnabé falaram a judeus e gregos em Listra, quando muitos aceitaram a fé, entre os quais provavelmente naquele tempo também a mãe judia Eunice e a avó Lóide (2Tm 1.5; At 14.1). O jovem Timóteo era testemunha de como Paulo foi apedrejado (cf. o comentário a 2Tm 3.11; cf. At 14.19s). Na ocasião Timóteo tornou-se crente em Jesus, o Senhor, de modo que o apóstolo podia chamá-lo seu amado filho no Senhor (1Tm 1.2,18; 2Tm 1.2; 1Co 4.17). Timóteo conhecia as Sagradas Escrituras desde criança; as duas mulheres judaicas o haviam instruído no AT, antes de se tornarem pessoalmente crentes em Jesus, o Messias.

Cinco anos mais tarde, no segundo itinerário de evangelização (ano 50), Paulo visitou o jovem, que entretantes havia crescido na fé e gozava de destacado reconhecimento por parte dos irmãos na igreja de sua cidade natal e além dela. Foi ele que Paulo e Silas levaram consigo como ajudante em lugar de João Marcos na continuação da viagem. (At 16.3; 15.37-40). Uma vez que pelo visto todos sabiam que o pai de Timóteo era grego e o filho não fora circuncidado, Paulo o deixou circuncidar “por causa dos judeus” que viviam em grande número na região. Esse ato pode causar espécie quando se leva em conta que Paulo se negou a circuncidar o colaborador gentio cristão Tito (Gl 2.3; 5.11); mas não se deve desconsiderar que por amor ao serviço de evangelização o apóstolo estava disposto a ser um judeu para os judeus, a fim de conquistar os judeus (1Co 9.20). Nesse caso não estava em jogo uma questão de salvação nem uma questão comunitária, mas um direcionamento missionário para os numerosos judeus da região, dos quais muitos já se haviam tornado crentes no Messias Jesus durante a primeira estadia (At 14.1).

Será que deve ser situado aqui o momento em que os irmãos das igrejas adjacentes forneceram o bom atestado sobre Timóteo, proferiram profecias e conselhos, impondo-lhe as mãos, enquanto ele prestava o testemunho da fé? Ou será que esse ato fraterno aconteceu apenas mais tarde e repetidamente (cf. 1Tm 4.14; 2Tm 1.6; 6.12)?

A partir de agora, vinte anos de vida e serviço em conjunto haveriam de unir o jovem milhares de quilômetros, suportando como companheiros de jugo agruras e perigos, experimentando o fortalecimento mútuo e a amizade. Timóteo é para o apóstolo auxiliar, colaborador, companheiro de viagem, filho, confidente, amigo. Será que Paulo teria sido capaz de realizar tudo da forma como fez sem a fidelidade e proximidade desse verdadeiro homem “de igual sentimento” (Fp 2.20s)?

Muito cedo Timóteo aprendeu a não ficar preso unilateral e exclusivamente a Paulo. Já em sua primeira viagem foi separado do apóstolo, permanecendo com Silas em Beréia (At 17.14). De lá os dois rumaram a Atenas, onde reencontraram Paulo (v. 15). Paulo, Silas e Timóteo formavam uma equipe. Paulo escreve em 2Co 1.19 expressamente que o Filho de Deus havia sido proclamado entre os coríntios por ele “e Silvano e Timóteo”! Os nomes dos três aparecem como remetentes das cartas aos Tessalonicenses. Seus nomes não apenas são citados para constar. Timóteo recebeu imediatamente uma incumbência de grande responsabilidade. Paulo o enviou sozinho de volta para Tessalônica, para que fortalecesse na fé e exortasse a jovem igreja. Paulo já não o chamava apenas “nosso irmão” (irmão de Paulo e Silas), mas “colaborador de Deus no evangelho de Cristo” (1Ts 3.2). Nisso se manifesta, apesar da autoridade apostólica e da relação pai-filho, a liberdade que Paulo dá aos colaboradores: em última análise ele é colaborador de Deus e somente por isso também colaborador de Paulo.

Conseqüentemente, nada menos que 5 anos após sua conversão Timóteo já pode ser um “consolador e confirmador dos irmãos” e trazer ao apóstolo a boa notícia de que a viagem não foi em vão, mas que os crentes foram firmados no Senhor (1Ts 3.6-8). Durante os 18 meses subseqüentes (final de 51 até início de 53) Timóteo trabalhou com Paulo em Corinto (At 18.1-11).

Também na terceira expedição evangelística e nos três anos de atuação em Éfeso (54-57) Timóteo esteve junto de Paulo. Uma vez o apóstolo o enviou com Erasto para a Macedônia (At 19.22).

Uma visita de Timóteo à igreja em Corinto parece não ter sido coroada de êxito. Se Paulo já falava com fraqueza, temor e grande tremor aos coríntios tão seguros de si (1Co 2.3), quanto mais difícil devia ser a tarefa para o companheiro mais jovem, de apresentar-se ali como colaborador de Deus sem medo diante do menosprezo de outros. O que Timóteo não conseguiu pôde ser executado por Tito. Ele apaziguou o conflito dos coríntios com o apóstolo (2Co 7.6s,13-15; 8.6; 12.17s). O próprio Timóteo retornou até Paulo na Macedônia (2Co 1.1,19; At 20.4). No ano de 58 eles novamente viajaram juntos para a Grécia, de onde Paulo escreve a carta aos Romanos, acrescentando saudações de Timóteo (Rm 16.21), que é citado em primeiro lugar e destacado como “meu colaborador”.

Importante é o atestado que Paulo emite em favor de Timóteo em 1Co 16.10: “Ele trabalha na obra do Senhor, como também eu.” Nisso se expressa a igualdade no serviço concedida pela graça de Deus, o reconhecimento espiritual da incumbência divina, a confirmação da vocação diante de irmãos críticos. A mesma atitude básica do apóstolo diante de Timóteo é expressa também pelas past.

Da Grécia Paulo viajou para Jerusalém. Não se pode estabelecer com certeza se Timóteo estava com ele. Cita-se por nome apenas Trófimo de Éfeso (At 21.29), que é um companheiro de viagem e colaborador de Timóteo (cf. At 20.4!). Durante os próximos 2 a 3 anos Timóteo desaparece do campo de visão das cartas do NT. Com certeza, porém, ele volta a estar com Paulo em Roma, apoio consolador e companheiro na prisão (anos 61-63). Alguns intérpretes

supõem que Hb 13.23 se refere a essa época, de acordo com o que Timóteo esteve por um período preso com Paulo. Contudo é mais provável que tenha sido detido somente depois da morte do apóstolo e novamente solto mais tarde (aliás, uma soltura atestada no NT!).

A tradição eclesiástica informa que Timóteo foi bispo de Éfeso e que sofreu o martírio no ano de 97 sob o imperador Nerva.

31. a) *Quem era Timóteo?* As indicações nas past, referentes à pessoa de Timóteo, coincidem com as demais cartas e com o que se sabe a partir de At, sendo que – algo relevante para a autenticidade das past – não existem traços isolados que o ilustram com muita fantasia ou enaltecendo o ser humano. Assim como justamente a descrição contida dos evangelhos apresenta Jesus como verdadeiro e pleno ser humano, assim vemos o lado pessoal de Paulo, de Timóteo, de Pedro, etc. com toda a clareza, contudo não descrito de forma exaustiva e ininterrupta. A ênfase não reside naquilo que são em si mesmos, nem no que fazem para Deus, mas no que Deus é para eles e realiza por meio deles. Timóteo é filho, irmão, colaborador e amigo de Paulo, amado de forma tão integral e humana porque ele é um homem *de Deus* (1Tm 6.11; 2Tm 3.17) e um colaborador *de Deus* (1Ts 3.2).

b) Como menino teve oportunidade para gozar de boa formação, como se costuma dizer, visto que a família fazia parte da elite da cidade (QI 30; At 16.1). Contudo os pais não concordavam entre si sobre os objetivos finais. Não sabemos como o homem grego e a mulher judia se encontraram. De qualquer modo permanece inexplicável como uma judia, que evidentemente vivia na tradição de fé de sua própria mãe Lóide, podia se casar com um não-judeu. O homem deve ter lhe dado grande liberdade. Isso também se evidenciava justamente pelo fato de que a mulher, junto com o filho e a sogra, se tornaram crentes no Messias Jesus. A família permaneceu unida (At 16.1; 1Co 7.3). Como menino Timóteo não foi circuncidado, do que se pode concluir que sua mãe não mantinha contato estreito com a sinagoga judaica. As duas mulheres “tementes a Deus” devem ter sido parte daquela grande multidão oculta de pessoas que não participavam da atividade religiosa formal e apesar disso buscavam a Deus com o coração desperto. De acordo com At 18.7 Paulo se refugia junto de Tício Justo, “que era temente a Deus”, e cuja casa era vizinha da sinagoga em que a congregação cristã se reunia. “Tementes a Deus” são chamados os não-judeus que crêem no Deus de Israel, freqüentando também a sinagoga, mas (ainda) não se submetem à circuncisão. Precisamente entre esses “tementes a Deus”, dos quais também faziam parte a mãe e avó, havia muitos que se tornaram crentes em Jesus, o Messias.

Em At 16.1 a mãe é mencionada antes do pai, o que pode constituir um indício da influência determinante sobre a educação do menino (cf. 2Tm 1.5; 3.15).

c) Timóteo é predominantemente ligado à mãe. Sua saúde é pouco resistente e com freqüência está indisposto, talvez já desde a infância. Contudo isso não o detém das longas caminhadas, desconfortáveis viagens marítimas e experiências cheias de privações (p. ex., junto ao prisioneiro Paulo em Roma; 1Tm 5.23). O jovem fisicamente pouco robusto é acanhado e tímido (2Tm 1.6s; 1Co 16.10). A impressão que causa não é imponente, de sorte que se pode facilmente subestimá-lo, e até mesmo menosprezá-lo (1Co 16.11; 1Tm 4.12), no que ele não se diferencia muito do apóstolo (2Co 10.1,10!; 1Co 2.3), que igualmente era debilitado pela enfermidade (2Co 12.7-10; Gl 6.17; 4.13-15; “Bem sabeis, foi por ocasião de uma doença que vos anunciei pela primeira vez a boa nova; e, por mais que meu corpo fosse para vós uma provação, não mostrastes nem desdém nem repugnância” – TEB).

d) Os dois apresentam semelhanças físicas e psíquicas, mas o apóstolo tem a vantagem da grande autonomia e independência, para dentro da qual ele libera o jovem colaborador com uma paciência que nunca esmorece, porque a mais nobre tarefa do pai é conduzir o filho à maioridade. O pai, de cuja ausência Timóteo se ressentiu no desenvolvimento da própria fé e talvez também da própria vida, ele agora encontra em Paulo. Seu apego é grande (2Tm 1.4; Fp 2.22), mas não se transforma em dependência errada, mas em fidelidade por livre decisão. Por essa razão o apóstolo o envia desde o começo com incumbências e responsabilidades reais para viagens a Tessalônica, Corinto, Filipos, Éfeso. Por essa razão o recomenda às igrejas, para que lhe dediquem confiança. Por essa razão ele o direciona incessantemente para o próprio Senhor. Deve estar ciente e “saber” de forma cada vez mais real que ele é colaborador *de Deus*. O colaborador em vias de amadurecer deve ter no próprio Deus sua fonte de vigor e sua norma: fortalece-te pela graça de Cristo (2Tm 2.1); o Senhor te dará compreensão em todas as coisas (2Tm 2.7); não negligencies do dom da graça em ti (1Tm 4.14), mas atíça-a para novo ardor (2Tm 1.6); realiza cabalmente teu serviço como eu o completei (2Tm 4.5,7), porque promoves a obra da mesma maneira como eu (1Co 16.10).

e) Talvez a fragilidade física e psíquica não sejam consideradas vantagens para um mensageiro do evangelho. No entanto importa reconhecer o reverso da força que faz parte de toda a fraqueza: a sensibilidade de Timóteo está livre do medo por si mesmo e por isso colocado integralmente a serviço do amor. Consegue sensibilizar-se, entregar-se, esquecer-se. É capaz de sentir, sofrer, andar com os outros. Pode consolar, fortalecer, apurar os irmãos (1Ts 3.2; Fp 2.20; 2Tm 1.4). Foi esse dom que ele exercitou primordial e mais intensamente após 20 anos de serviço conjunto com Paulo. Por isso o apóstolo solitário e certo da iminente morte anseia pela presença física daquele que é forte como consolador (2Tm 4.9,21).

A mencionada influência de uma educação feminina pode, mas não precisa ser considerada restritiva ou até mesmo negativa. O próprio Paulo a vê positivamente (2Tm 1.5; 3.15), já que havia experimentado pessoalmente o efeito abençoado e protetor de uma mulher maternal (Rm 16.13). No sensível Timóteo algumas características

tradicionalmente femininas, que em geral são reprimidas nos homens, se desenvolveram mais. Também nisso ele é bastante semelhante ao apóstolo que – com Timóteo e Silvano – atuou entre os tessalonicenses “qual ama que acaricia os próprios filhos” (1Ts 2.7).

f) Para quem é capaz de se colocar tão intensamente na situação de outros torna-se difícil traçar limites, posicionar-se com determinação contra coisas incorretas, ordenar que tudo pare e introduzir mudanças. Por isso Timóteo não conseguiu sanar o conflito em Corinto. Para isso havia necessidade de Tito, mais autônomo e de atitudes mais determinadas (QI 30; 2Co 7.6s). Quem é capaz de andar um longo trajeto com outros, quem consegue sintonizar-se bem com a situação de outra pessoa, em dado momento também pode ir longe demais e passar dos limites. Por isso Timóteo precisa de exortação à castidade (não apenas na área sexual) e ao distanciamento, a única forma de conseguir julgar de maneira bem imparcial (1Tm 5.2,22,21; 2Tm 2.22). Quem está indefeso é facilmente vulnerável, pode apresentar-se subitamente com rigor para escapar da dissolução total (1Tm 5.1; 2Tm 2.24s). Quem julga e age de forma hesitante pode despercebidamente tentar forçar “soluções” precipitadas, no intuito de recuperar, refazer, inserir a outros na cooperação (1Tm 5.22a; 4.14; 2Tm 1.6; 4.9,21). A pessoa medrosa pode facilmente cair sob o domínio da lei. Talvez Timóteo tenha se deixado influenciar pelos hereges que ordenavam abster-se de determinadas comidas (e bebidas; 1Tm 4.3; 5.23). O colaborador facilmente impressionável podia cair mais facilmente do que se dava conta sob a influência dos hereges que se apresentavam como inofensivos e solícitos (1Tm 6.11,20; 2Tm 2.16,23; 3.5c; 3.13; 4.2-5).

g) Contudo, em todas essas considerações sobre pontos fortes e fracos ainda não mencionamos a característica decisiva que marca Timóteo, fazendo dele o colaborador destacado que Paulo menciona com louvor em dez cartas.

O espírito desse homem, a orientação fundamental de sua natureza é nítida e igualmente perceptível em todas as afirmações que se referem a ele: Timóteo é sinceramente abnegado. Que significa isso? Sua mentalidade é sincera, transparente, clara. Não apenas Paulo, mas todo colaborador e todas as igrejas sempre sabem qual é a sua posição diante de Timóteo. Ele não diz uma coisa e pensa outra. Sua fé é de fato não-fingida (2Tm 1.5), assim como o é seu amor (Fp 2.20). Nessa verdadeira singeleza, retidão, franqueza e sinceridade ele é semelhante ao apóstolo, tendo de fato “o mesmo pensamento” e, por isso, sendo seu autêntico filho (Fp 2.20,22).

Embora seja tímido, não busca sua auto-afirmação no serviço ao evangelho; embora receba pouco reconhecimento, não visa lucro espiritual ou material para si (Fp 2.20-22; 1Tm 6.5s): “Não tenho ninguém mais que compartilhe os meus sentimentos, que realmente se preocupe com o que vos concerne. Todos visam os seus interesses pessoais, não os de Jesus Cristo; mas ele, vós sabeis que provas deu a sua capacidade: qual filho junto do seu pai ele se pôs comigo a serviço do evangelho.” (TEB)

Visar sinceramente não os próprios interesses, essa é a essência do amor (1Co 13.5). Esse objetivo final de todas as instruções (1Tm 1.5) irrompeu em Timóteo apesar de todas as fraquezas e insignificância. Em sua vivência e em seu serviço se manifestou a mentalidade de Jesus, que como verdadeiro diácono de Deus não veio para ser servido, mas que entregou a vida até a morte no serviço à salvação do mundo (Fp 2.5,20).

Essa unidade peculiar e singular de sinceridade e entrega, de desprendimento não-impositivo e comovente fidelidade, caracteriza o espírito de Timóteo. Nisso ele é unânime com Paulo. E esse espírito, que caracteriza as past da mesma forma como todas as demais cartas de Paulo, constitui a principal evidência da autenticidade não apenas das três últimas cartas do apóstolo, mas de sua existência e da de Timóteo como servos do Senhor. É o Espírito de Jesus, Espírito de poder, de amor e de disciplina (2Tm 1.7), que ambos receberam e irradiam em sua vida.

COMENTÁRIO

O PROÊMIO – 1Tm 1.1-2

1 – Paulo, apóstolo de Cristo Jesus, pelo mandato de Deus, nosso Salvador, e de Cristo Jesus, nossa esperança,

2 – a Timóteo, verdadeiro filho na fé, graça, misericórdia e paz, da parte de Deus Pai e de Cristo Jesus, nosso Senhor.

1. Remetente e destinatário – 1Tm 1.1-2a

- 1 Paulo entende sua vida e atuação como incumbência. Seu sentimento de envio é consciência apostólica que ele recebe integral e constantemente de Jesus Cristo, seu Senhor (QI 25). Um apóstolo também pode ser enviado e incumbido por seres humanos, assim como Epafrodito é apóstolo dos filipenses, que o incumbiram de ir até Paulo. Muitos apóstolos na acepção mais genérica do termo

são “emissários de igrejas”. Paulo, porém, não é apóstolo nem por autorização humana, nem foi instalado como apóstolo por um ser humano, nem há uma resolução pessoal no começo de sua vocação. Separado pelo próprio Deus e chamado como os profetas, autorizado pelo Messias Jesus e enviado como os Doze, Paulo se denomina **apóstolo do Messias Jesus segundo a incumbência de Deus**.

Não foi um poderoso deste mundo, que decreta suas ordens, mas o Rei dos reis e o Senhor dos senhores que deu incumbência a seu apóstolo. Desde o começo até o fim de sua atuação Paulo está ciente dessa vocação e envio divinos; para ele isto representa impulso e autorização para o serviço.

Na consciência da vocação única e extraordinária, porém, ele sabe com a mesma clareza que todos os cristãos são co-vocacionados. É preciso abrir-lhes os olhos, para que reconheçam a esperança dessa vocação, vivam dignos dela e cooperem com o evangelho da paz, de modo que se tornem sucessores dos apóstolos, que vão na frente como pioneiros. Por mais intensamente que esteja imbuído da peculiaridade de sua incumbência, Paulo não deixa de convocar todos à imitação e ao discipulado. Nisso deve ser vista a essência do sentido bíblico da sucessão apostólica. De forma análoga Jesus deriva o parentesco com ele não de carne e sangue, não de laços e tradição humanos, mas do direcionamento idêntico da vontade na obediência ao Pai.

Diversas vezes Paulo lembra Timóteo de sua vocação, dirigindo-se com isso também a nós. Deixando de lado todas as causas e instâncias secundárias, precisamos conscientizar-nos repetidamente daquele que nos chamou, que é o autor e consumidor de nossa vida. Somente na consciência de sermos chamados somos libertos para um serviço certo.

Deus, nosso Libertador. Originalmente “libertador” era um título honorífico para homens meritórios e magistrados de alto escalão. Mais tarde, especialmente nos cultos de mistérios, esse título é usado para enaltecer divindades e, na seqüência, sobretudo os imperadores romanos.

As epístolas anteriores designam somente Cristo como Libertador, como também as past em algumas passagens, contudo com particular freqüência e ênfase aparece nelas o próprio Deus como Libertador, provavelmente por uma contraposição consciente ao culto a César. Honra suprema e última deve ser dada ao Rei eterno, em contraposição a poderosos transitórios; ele é o único Deus, ao contrário dos muitos reis que disputam o poder entre si; ele é o Rei de todos os reis e o Senhor de todos os poderosos.

Por um lado, *Soter*, Redentor, ocorre nas past nitidamente na relação com o entorno grego, mas por outro lado a origem desse nome para Deus deve ser localizada no Antigo Testamento. Como Redentor de seu povo Deus envia pessoas, porque ele mesmo, como causa de toda a salvação, é o eterno Deus-Redentor. Por decorrência, também o NT vê Jesus como Redentor totalmente na acepção do AT. Ele há de redimir seu povo de sua maior desgraça, seus pecados.

Deus, nosso Redentor; Cristo, nossa esperança. Libertação (salvação) e esperança estão indissolúvelmente conectadas, originam-se de Deus. É verdade que também nesse caso há relatos do contexto helenista que associam salvação e esperança, porém vale novamente que não se deve esquecer o forte pano de fundo do Antigo Testamento: “Bem-aventurado aquele que tem o Deus de Jacó por seu auxílio, cuja esperança está no Senhor, seu Deus.” Também em outras cartas de Paulo salvação e esperanças aparecem juntas.

Cristo é fundamento e alvo de toda a esperança. Trata-se de uma “esperança pela glória”, que ultrapassa em muito as concepções terrenas de uma vida pessoal e feliz ou de uma era dourada. O apóstolo que envelhece e está ameaçado por prisão e morte frisa em todas as três aberturas de cartas das past a perspectiva, repleta de certeza, do futuro de Deus. No passado Cristo instalou Paulo como apóstolo, agora na atualidade ele é o Senhor, concedendo graça, misericórdia, paz de Deus. No futuro “Cristo, nossa esperança” inaugurará o reino de Deus com glória. Portanto, já o primeiro versículo da presente carta está direcionado para a consumação escatológica em Cristo Jesus.

2a A Timóteo, meu autêntico filho na fé. O apóstolo, que se apresentou com poucas, mas enfáticas palavras, dirige-se agora ao destinatário. À mera menção do nome, usada costumeiramente, ele acrescenta uma expressão de relação pessoal e cordial. No NT a vida espiritual muitas vezes é apresentada em comparação com a geração, o nascimento e o crescimento. Quem de fato crê em Jesus o acolhe e se torna um filho de Deus. Não foi gerado por carne e sangue, não pela vontade de um ser humano, mas de Deus. Somente o nascimento pelo Espírito abre o caminho para entrar no reino de Deus. Os que aceitaram a fé são como crianças recém-nascidas, que pedem leite para seu crescimento.

É predominantemente em Paulo que se acumulam as metáforas dessa área de conceitos: os cristãos em Corinto são seus “filhos amados”, também Timóteo é chamado na primeira carta aos Coríntios de “meu filho amado e fiel”. Ele não é seu disciplinador, mas seu pai; gerou-o em Cristo Jesus por intermédio do evangelho. Para os gálatas ele é como uma mãe que torna a sofrer dores de parto até que a imagem de Cristo chegue à plena estatura neles. À igreja dos tessalonicenses Paulo, Silvano e Timóteo buscaram de forma paternal e maternal, apresentaram-se afetuosamente como uma mãe que amamenta, que abraça seus filhos, e exortaram e encorajaram a cada um como um pai faz com os filhos.

Paulo compreende-se como pai não apenas diante de congregações inteiras, mas como no caso de Timóteo, Tito, Onesíforo ele designa também colaboradores individuais de seus filhos. O relacionamento mestre/discípulo com frequência era descrito no mundo contemporâneo com as palavras pai/filho. Em Paulo, porém, esse relacionamento adquire um novo significado, porque a relação pai/filho está alicerçada sobre a fé “conjunta” em Jesus Cristo. Logo Cristo é fundador e garantidor desse relacionamento inter-humano.

Jesus impede que seus discípulos se deixem chamar de *rabbi*, pai ou mestre, porque em sua pessoa e em sua doutrina surgiu algo completamente novo para todos os relacionamentos humanos: em Jesus se manifesta o que realmente significa a relação pai/filho, filho/pai. “Essa linguagem originalmente não se dirige contra a vaidade dos eruditos judaicos, mas regulamentava a questão da autoridade doutrinária na igreja dos seguidores de Jesus: por princípio não passa de Jesus para seus discípulos; pelo contrário, os mestres cristãos precisam transmitir toda a doutrina válida permanentemente como doutrina de Jesus.” Essas observações do testemunho dos sinóticos será de imensa relevância para a compreensão das past e de sua visão da “doutrina” (“as palavras de nosso Senhor Jesus Cristo”), porque a autoridade da doutrina de Jesus faz parte de sua transmissão.

Timóteo vê em Paulo aquele que pela graça de Deus se tornou para ele mediador da fé em Jesus Cristo.

Assim como a fé é inteiramente presente de Deus, assim Deus confiou a fé para ser transmitida de pessoa a pessoa. Somente sendo dádiva autêntica a fé consegue capacitar, chamar e convocar a pessoa para uma resposta genuína.

Timóteo demonstra a autenticidade de sua “origem” de Paulo pela confiabilidade e pelo desprendimento de seu ministério. O filho tinha verdadeiramente o mesmo pensamento que seu pai espiritual. Como um filho serve ao pai ele serviu ao evangelho desde a primeira viagem missionária ao lado de Paulo.

Fé e serviço comum uniu os dois com laços de “parentesco” mais fortes que afeição humana baseada em semelhança de caráter ou atitudes comuns. Apesar disso o relacionamento dos dois apresenta a marca da amizade humana no mais belo sentido, ainda que seja a de uma pessoa mais idosa com outra mais jovem. Na realidade também Tito e Onesímo e muitos outros são autênticos filhos da fé, mas somente Timóteo é seu “amado e fiel filho no Senhor”. O elemento vital em que surge e persiste esse relacionamento humano e cordial é a fé, o olhar de esperança para o Cristo, que lhes concede a vida eterna, e o amor “no Senhor”, na qual não contam as diferenças exteriores (QI 30).

Merece reflexão que Paulo arregimente seus colaboradores dentre as fileiras daqueles que são seus próprios e autênticos filhos da fé. Como os colaboradores são conseguidos hoje?

2. Saudação – 1Tm 1.2b

- 2b Graça, misericórdia, paz.** A saudação em três partes ocorre somente nas duas cartas a Timóteo, enquanto Paulo normalmente saúda o com “graça e paz de Deus”. A saudação em três elementos era costumeira nas igrejas da Ásia Menor. O motivo especial por que Paulo acrescenta misericórdia pode ser visto no próprio apóstolo, mas também no destinatário da carta: Paulo está no fim de sua longa vida e reconhece o quanto a misericórdia de Deus esteve com ele desde o começo, ao conquistar a ele, o maior rebelde, e colocá-lo no serviço. Contudo ele também conta com o fim iminente, no qual dependerá integralmente da misericórdia de seu Senhor. Timóteo, porém, em breve ficará sozinho, sem seu amigo paternal. Adoentado como é, apegado a seu pai espiritual, exposto a tentações, resistências e lutas especiais como mestre do evangelho, Paulo lhe diz: Deus te conceda misericórdia, assim como eu a experimentei desde o começo até a hora atual em todas as aflições.

Graça em sua rica abundância, radiante como um diamante, significa tanto amabilidade, beleza, como também favor, mercê, afeto; em seguida, representa a livre condescendência que um súdito experimenta ao se aproximar de seu rei, disso resultando a dádiva, o presente, propiciado a partir de uma intenção de graça, e finalmente a gratidão pela dádiva recebida.

É nessa graça divina que Timóteo deve ser fortalecido, vivendo de sua fonte inesgotável.

Sob a luz dessa graça a **misericórdia** aparece como a paciência e o favor de Deus, que perdoa e que suporta com inaudita longanimidade, que conhece nossa fraqueza e fragilidade e que purifica o pecador de suas transgressões.

No judaísmo “misericórdia” fazia parte de uma fórmula de saudação, como podemos depreender também de Gl 6.16, onde misericórdia e paz também aparecem juntas.

Paz, igualmente uma saudação judaica, tem o sentido original de “ser completo, não-danificado”, da qual se derivam felicidade, saúde, prosperidade, bem-estar. No NT a paz se transforma naquele silêncio interior do ser humano que excede a todo o entendimento, em todas as capacidades e limitações psíquicas do íntimo da pessoa reconciliada com Deus através de Jesus Cristo. O cristianismo primitivo confessa: “Ele é a nossa paz!”

Graça, misericórdia, paz estejam contigo! Essa saudação não é uma fórmula costumeira, um mero desejo devoto. Pelo contrário, são as verdadeiras dádivas anunciadas ao destinatário a partir de Deus. Não se originam dos desejos e das intenções de Paulo: sua fonte está em Deus, o Pai, e seu Mediador está em Cristo Jesus, nosso Senhor. Nele, tanto o Pai como o Filho, Paulo e Timóteo e todos aqueles a quem Timóteo dirigirá a palavra com base na presente carta, estão interligados. Por isso ele escreve três vezes: Deus, nosso Redentor, Cristo, nossa esperança, Jesus, nosso Senhor.

Paulo adotou os proêmios usuais de sua época e os modificou para anunciar bênção a seus destinatários, transformando-os em oração no mais verdadeiro sentido da palavra.

O TEXTO DA CARTA – 1Tm 1.3-6.19

I. A vida da Igreja no evangelho – 1Tm 1.3-4.11

A. Os riscos da igreja

1. O erro dos mestres da lei – 1Tm 1.3-7

- 3 – Quando eu estava de viagem, rumo da Macedônia, te roguei permanesses ainda em Éfeso para admoestares a certas pessoas, a fim de que não ensinem outra doutrina,**
- 4 – nem se ocupem com fábulas e genealogias sem fim, que, antes, promovem discussões [controvérsias] do que o serviço [a mordomia] de Deus, na fé.**
- 5 – Ora, o intuito da presente admoestação [mandamento] visa ao amor que procede de coração puro, e de consciência boa, e de fé sem hipocrisia.**
- 6 – Desviando-se algumas pessoas destas coisas, perderam-se em loquacidade frívola,**
- 7 – pretendendo passar por mestres da lei, não compreendendo, todavia, nem o que dizem, nem os assuntos sobre os quais fazem ousadas asseverações.**

- 3 Sem o costumeiro intróito Paulo aborda diretamente o tema: a igreja de Deus está ameaçada por falsas doutrinas. A frase que começou a ditar não foi concluída por ele, como também é típico em suas demais epístolas. É preciso completar a frase aproximadamente como segue: assim como naquela época solicitei oralmente de ti, torno a fazê-lo também agora por escrito. Paulo pede insistentemente a seu melhor colaborador que não se furte à difícil tarefa em Éfeso, mas que persevere firme ali e realize sua incumbência.

Paulo está a caminho da Macedônia e solicita a Timóteo que permaneça em Éfeso – uma situação similar à de Tito. A afirmação não pressupõe que o próprio Paulo esteja em Éfeso (QI 28). Na realidade At 19 descreve como, após longa permanência em Éfeso, Paulo parte para a Macedônia. Naquela ocasião Timóteo estava com ele na viagem.; agora, porém, (v. 3) ele deve expressamente permanecer em Éfeso.

A igreja corre perigo, influenciada por heresias. A solicitação de perseverar fielmente em Éfeso leva a presumir que a atitude do colaborador tenha sido reticente, ou que tenha demonstrado um

intenso desejo de viajar com Paulo. Contudo Timóteo não apenas deve perseverar, mas concretizar aquilo para o que foi chamado. Deve opor-se de forma enérgica àqueles que disseminam outras doutrinas

- 4 Essas pessoas ensinam um evangelho diferente. Isto não precisa significar necessariamente que ensinam contra o evangelho! Anunciam algo diferente do evangelho, e o anunciam de modo diferente. As **fábulas** e as **genealogias** não são o evangelho. A forma como essas doutrinas ensinam a lei é diferente do que o evangelho requer. Nenhuma das duas é forma de proclamação condizente com o evangelho. Essas doutrinas levam a errar o alvo, conduzem para longe. Não edificam, não promovem, mas destroem. Isso pode, durante muito tempo, passar despercebido tanto aos iniciantes como aos ouvintes e adeptos. O efeito destrutivo é secreto e sorrateiro, expandindo-se lentamente como uma infecção cancerosa. Por isso é preciso enfrentá-las abertamente e com a autoridade do Senhor.

Os hereges ainda estão no seio das igrejas, e os rudimentos das doutrinas estranhas ainda não evoluíram para o que mais tarde será abrangido pelo nome “gnosticismo” e reconhecido e combatido como uma das mais graves ameaças para o cristianismo.

Todas as heresias têm fundamentalmente em comum o fato de que provocam e multiplicam vãs discussões e discórdias em torno de palavras, assim tornando a fé insegura porque desviam do objetivo principal. Os hereges são administradores infiéis, porque não promovem a **administração de Deus na fé**. Por um lado a expressão significa o plano de salvação de Deus, seu agir divino na história humana; por outro lado tem-se em mente o serviço de administradores confiado a seus servos, representando com essa amplitude um pensamento central de Paulo.

Essa vontade salvadora de Deus não se concretiza em especulações inócuas, mas somente pela fé pessoal. **O alvo final, porém, do mandamento** (entendido como agir redentor divino, proclamação humana e procedimento decidido contra heresias) **é o amor**. Timóteo não deve perder de vista esse alvo para sua própria vida, para não se deixar arrastar para discórdias, e deve incutir esse alvo do amor a “certas pessoas” e a seus adeptos, bem como à igreja toda. Todo ensinar, saber e crer que não se orienta pelo amor como um alvo claro leva a descaminhos. Com isso situamo-nos bem no “centro” da mensagem de Paulo. O amor não é um sentimento difuso ou uma sensação positiva passageira, mas é uma mentalidade que leva à ação, uma orientação da natureza que leva à obediência, é a realidade da vida a partir de Deus que transforma o ser humano.

- 5 Ele se configura no ser humano **de coração puro, boa consciência e fé sincera**. “Cria em mim, ó Deus, um coração puro” é a súplica insistente do fiel no AT. Jesus promete àqueles que têm coração puro que eles contemplarão a Deus.

No AT o sentido original da pureza de coração se refere ao direcionamento individual da natureza e da vontade do ser humano para Deus. O ser humano purificado pelo pecado é aquele que está voltado para Deus sem ressalvas. O próprio Deus deve sondar e direcionar na profundidade as correntezas do coração desconhecidas ao ser humano, porque “o coração” abarca também os desejos e temores inconscientes dos humanos. Por meio da obediência para com a verdade o íntimo é purificado, tornando-se capaz de amar ardentemente de coração puro. No amor genuíno o calor do sentimento autêntico está associado à pureza de motivos, i. é, das “causas que movem”. Amor hipócrita não é casto nem puro, porque é intencional: “pelo amor” visa-se obter algo. Trata-se de amor como pretexto. Assim, pois, o amor fingido também é capaz de gerar somente “calor” falso. Por essa razão não é viável uma comunhão edificante do amor sem que os mal-entendidos, as ressalvas, as faltas de escrúpulos e os pecados sejam constantemente aclarados, confessados e perdoados mutuamente. O fato de Paulo arrolar a boa consciência como parte da tríplice fonte do verdadeiro amor não acrescenta nenhuma nova doutrina.

A consciência só conseguirá julgar corretamente quando estiver iluminada pela fé. Poderá ser pura somente quando for purificada pela fé da consciência do pecado. A consciência é purificada por meio da fé, e a fé só pode ser conservada mediante uma boa consciência. As obras más, com as quais uma pessoa nega a Deus, são consequência de uma consciência manchada, e essa resulta de uma mentalidade contaminada. Nesse estado a fé já não é **sem hipocrisia**. Enquanto a pessoa alega com o testemunho dos lábios que conhece a Deus, nega-o pela conduta prática.

Os adjetivos puro, bom e não-fingido na realidade podem ser intercambiados, porque se referem à mesma coisa: à mentalidade límpida e pura do ser humano como um todo em pensamentos, palavras e ações. Ao criar um coração novo Deus visa recriar, por meio de seu Espírito, essa mentalidade pura

e direcioná-la para a plenitude e o alvo final de toda a vida: amor a partir da verdade de Deus, amor à verdade por intermédio do novo ser humano (QI 31g), como fundamento a fé, como alvo o amor.

- 6 Ao descrever o amor a partir de sua fonte tríplice, Paulo ao mesmo tempo define com precisão a natureza dos hereges e desmascara o princípio de seus descaminhos. Por terem se desviado desse alvo, no começo presumivelmente sem perceber e de modo gradativo, perderam a base e realidade da fé no amor e caíram em palavrório vazio, desviando-se finalmente de modo consciente da benéfica doutrina.
- 7 Por não atingir o alvo que Deus lhes colocou pela fé, os desviados direcionaram sua vontade para um alvo novo e próprio: **visam ser importantes como mestres da lei**, que se apóiam em seus estudos e com sua erudição reconquistam a autoridade perdida (QI 25d). Discursam muito, sem de fato captar o que está em jogo. Não sabem que conseqüências têm suas doutrinas e especulações, i. é, **“não entendem o que falam e afirmam”**.

2. A verdade sobre lei e evangelho – 1Tm 1.8-11

- 8 – Sabemos, porém, que a lei é boa, se alguém dela se utiliza de modo legítimo,
- 9 – tendo em vista que não se promulga lei para quem é justo, mas para transgressores e rebeldes, irreverentes e pecadores, ímpios e profanos, parricidas e matricidas, homicidas,
- 10 – impuros, sodomitas, raptos de homens, mentirosos, perjuros e para tudo quanto se opõe à sã doutrina,
- 11 – segundo o evangelho da glória do Deus bendito, do qual fui encarregado.

- 8 O que os mestres da lei não entendem sabe-o aquele que foi iluminado pelo evangelho. Sabemos, porém, que a lei é boa quando é usada de acordo com a lei.

“Sabemos” é uma expressão típica de Paulo. Em Rm 7.14,16 ele escreve: “Sabemos que a lei é espiritual e boa.” Para seus mandamentos humanos os professores da lei se referiam à lei do AT, derivando dela novas proibições e mandamentos, os quais, porém, não podem ter mais validade para cristãos.

No entanto a lei deve ser empregada de acordo com a lei, i. é, de conformidade com seu sentido; só é considerado um mestre aprovado aquele que apresenta corretamente a palavra da verdade; que distingue bem para quê e como ela visa ser utilizada.

- 9s Paulo destaca o significado primordial da lei, também reconhecido em geral no mundo helenista: existe para combater o avanço do pecado.

A lei não é destinada para justos, mas para pessoas sem lei. O alvo final do mandamento é o amor, de modo que o amor é a soma, o cumprimento e o fim da lei. Quem ama cumpriu a lei. Quem ama é pessoa justa, e quem obedece ao Espírito de Deus e se deixa conduzir por ele não está sob a lei. Onde amadurecem os frutos do Espírito, a lei não pode condenar obras da carne. A lei não existe para uma pessoa justa. De modo geral o justo deve ser visto como oposto de transgressores do direito e agitadores. Rejeitam qualquer lei, independentemente se ela provém de pessoas ou de Deus.

O justo como justificado, da forma como Paulo o apresenta na carta aos Romanos, também é mencionado no nexos textual. Para tanto Paulo forneceu uma clara síntese no v. 5: o amor de coração puro e boa consciência só pode resultar da fé não-fingida que tem Cristo, e não da lei, por fundamento. Essa visão dupla também está contida na carta aos Romanos. Nela se fala primeiramente de leis estatais, depois dos Dez Mandamentos. Os transgressores do direito e agitadores violam as leis do estado, enquanto ímpios e pecadores são pessoas em rebelião contra a própria autoridade divina. “O pendor da carne é revolta contra Deus, ela não se submete à lei de Deus, nem sequer o pode [TEB].” O justo é aquele que Deus colocou no relacionamento correto consigo, enquanto o injusto se rebela contra o direito de Deus. Ímpios e profanos: a rebeldia interior leva ao agir e comportamento perverso e que arrasa todos os limites. Os três pares de palavras citadas até aqui podem ser vistos como dirigidos contra Deus, conforme estão classificadas na primeira parte dos Dez Mandamentos (de acordo com a chamada contagem “reformada” dos Dez Mandamentos, como era usual no judaísmo na época de Jesus). Os parricidas e matricidas estão relacionados ao quinto mandamento, os homicidas, ao sexto, os impuros e sodomitas, ao sétimo; os pederastas, ao oitavo mandamento. Mercadores de escravos eram sentenciados à morte tanto pela lei de Moisés quanto pela legislação grega. Mentirosos e perjuros têm relação com o nono mandamento. Em seu

“catálogo de vícios” baseado nos Dez Mandamentos Paulo enumera os limites extremos das transgressões humanas, a fim de deixar explícita neles a necessária ação da lei. Contudo não se processam aqui simplesmente considerações teóricas sobre listagens práticas e aparentemente necessárias. Esses vícios de fato predominavam em Éfeso, da mesma maneira como também a cidade internacional portuária de Corinto estava repleta deles.

E tudo o mais que se opõe à sã doutrina: Essa expressão inclui todos os demais pecados, independentemente de serem explícitos ou ocultos, de ação rápida ou lenta em sua destruição, grandes ou pequenos no julgamento da sociedade.

- 11** Ao mesmo tempo Paulo comunica o parâmetro de validade geral pelo qual o pecado pode ser reconhecido e aquilatado: como corresponde ao evangelho da glória do Deus bendito. Tudo que vai contra isso, que não está em consonância com isso, é pecado. Como fator psicológico ou sociológico o pecado nem sequer pode ser reconhecido. Unicamente a vontade revelada de Deus, a sã doutrina, é seu parâmetro.

Doutrina (*didaskalia*, de onde se originou a palavra didática) pode representar a atividade de ensinar, a totalidade da doutrina em sentido objetivo, o conteúdo do ensino e a regra de vida para a fé. Sã (*hygiainousa*, de onde provém o termo higiene) no linguajar grego significa: sensato, preciso, correto. Assume em Paulo o duplo sentido de moralmente saudável e espiritualmente salutar. A palavra ocorre somente nas past: sãs palavras, saudável na fé; bem como no AT e restante do NT.

A doutrina é como um modo de vida que traz saúde e mantém saúde. Quem aceita pessoalmente a sã doutrina é curado e protegido da heresia “injuriante” e dos pecados dela resultantes, que destroem o ser humano sorrateira e lentamente, como uma infecção cancerosa. A doutrina pura, à qual uma pessoa se torna obediente de coração, faz brotar uma vida pura. Em confronto com a religiosidade, gentílica Paulo não se cansa de salientar que “religião” e moralidade estão indissolúvelmente interligadas. O mistério da fé só pode ser preservado em uma consciência pura (em sentido figurado também em uma conduta pura), a consciência limpa é conservada e renovada somente por uma fé não-fingida.

Paulo expressou essa certeza também em outras ocasiões, mas nas past ela recebe uma ênfase bem especial: aqui o apóstolo não elabora a doutrina fundamental, ele a pressupõe como dada e conhecida, mas a sintetiza de maneira nova e com uma fórmula marcante, colocando todo o peso em suas repercussões práticas. Desde os primeiros instantes da redenção o caminho leva à persistente configuração da fé na fidelidade cotidiana nas coisas pequenas. Não se deveria considerar isso um “aburguesamento” do evangelho, mas uma decorrência necessária da obediência, que precisa ser evidenciada na trajetória de cada cristão e na história da igreja de Jesus.

Contudo cabe considerar também o seguinte: onde surge e cresce a fé, ali ela provoca resistência, ali os poderes do maligno se movem mais vigorosamente. Os vícios catalogados não estão apenas diante da porta da igreja - eles ocorrem em todos os lugares. Surge a impressão de que as past foram escritas diante do pano de fundo de uma incursão de anomia, decadência e confusão na sociedade e na igreja.

O único antídoto contra essas enfermidades e constrangimentos da estrutura social é a erva medicinal da sã doutrina: o evangelho da glória do Deus bendito, naquele tempo e hoje. Também em 2Co 4.4 Paulo escreve sobre o “evangelho da glória”. O evangelho tem por conteúdo a glória de Deus, como ela brilha e se manifesta em Jesus Cristo. O evangelho não provém de humanos, mas da esfera divina da glória dele, de seu fulgor sobrenatural de luz.

A lei revela a ira de Deus como sua justiça vingativa; o *evangelho* revela a glória de Deus como sua justiça reconciliadora, visto que ele concede ao pecador participação em Cristo e, conseqüentemente, na própria beatitude de Deus.

O Deus bendito é o Deus que repousa e age na riqueza de sua própria perfeição com alegria sobrenatural.

Enquanto no linguajar do mundo contemporâneo os governantes e ditadores vitoriosos são chamados “bem-aventurados”, Paulo dá a entender que só Deus é quem vence toda a hostilidade e por isso é bendito, sem o qual nenhuma criatura consegue ser verdadeiramente bendita. Aos que se deixam convencer de sua precariedade Jesus promete participação beatificadora no reino de Deus.

Paulo confessa que o evangelho como poder de Deus que liberta da lei, como base originária e alvo da alegria eterna, “foi confiado a mim”. A forma passiva da declaração denota que foi Deus quem lhe confiou o evangelho e o encarregou dele. O tempo verbal (aoristo) aponta para um episódio

único no passado, quando Paulo, chamado por Deus, obedeceu à vocação divina. Desse modo Paulo leva seu raciocínio a uma primeira conclusão, apontando ao mesmo tempo para o bloco seguinte.

B. O caminho para a libertação da Igreja – 1Tm 1.12-4.11

1. Graça e juízo na igreja – 1Tm 1.12-20

a) O fundamento apostólico – 1Tm 1.12-17

12 – Sou grato para com aquele que me fortaleceu, Cristo Jesus, nosso Senhor, que me considerou fiel, designando-me para o ministério,

13 – a mim, que, noutra tempo, era blasfemo, e perseguidor, e insolente. Mas obtive misericórdia, pois o fiz na ignorância, na incredulidade.

14 – Transbordou, porém, a graça de nosso Senhor com a fé e o amor que há em Cristo Jesus.

15 – Fiel é a palavra e digna de toda aceitação: que Cristo Jesus veio ao mundo para salvar os pecadores, dos quais eu sou o principal.

16 – Mas, por esta mesma razão, me foi concedida misericórdia, para que, em mim, o principal, evidenciasse Jesus Cristo a sua completa longanimidade, e servisse eu de modelo a quantos hão de crer nele para a vida eterna.

17 – Assim, ao Rei eterno, imortal, invisível, Deus único, honra e glória pelos séculos dos séculos. Amém!

12 Paulo esteve pessoalmente sob a lei, mas a misericórdia de Deus alcançou e agraciou o pecador. Nunca será capaz de dirigir o olhar para a magnitude do evangelho sem ser lembrado de como Jesus Cristo tornou a boa notícia do presente da redenção verdadeira em sua própria vida. **Graças seja ao Senhor!** O apóstolo não emprega o costumeiro termo para agradecer, mas o verbo conhecido ao grego helenista, que só ocorre raramente no NT e assinala uma constituição permanente do ser humano interior.

O que Paulo expressa aqui não é um júbilo momentâneo e um ato de gratidão, mas uma atitude que se tornou disposição fundamental de seu ser perante **Jesus Cristo**, ao qual define como **nosso Senhor**, confessando assim que Jesus deseja tornar-se motivo de louvor não apenas para ele, mas para *todos* que crêem nele. A vontade de Deus para nossa vida é que seja enaltecida a sua gloriosa graça, que nos foi concedida através de seu Filho amado.

Aquele que me fortaleceu. Energia (*dýnamis*) divina encontra-se no co-meço de sua vocação, e a mesma força da graça atua nele, o vaso frágil, até o fim de sua trajetória. Somente a atuação de Deus faz de alguém um apóstolo, e não a escolha e o esforço próprios. Sem essa força de Deus constantemente inspiradora e radicalmente redentora sua própria atuação e seu esforço real estão condenados à vida infrutífera. Também Timóteo só é capaz de servir e sofrer nesse Espírito recebido de poder. Por essa razão o apóstolo lhe escreve: “Retira novamente poder da plenitude da graça que te foi franqueada em Jesus Cristo.”

Sem capacitação e revigoramento constante por parte de Deus o serviço ao evangelho jamais poderá levar pessoas à salvação. Foi isso que os mestres da lei esqueceram e negaram. Contudo Paulo experimentou do que essa palavra divina ativa é capaz, quando o Messias o engajou no serviço. Foi deliberação soberana de seu Senhor, que desejava instalar justamente essa pessoa para uma incumbência que Deus lhe havia preparado.

Não deixa de ser relevante que Paulo empregue para sua tarefa a singela palavra serviço, que aqui ainda não designa um cargo específico (QI 12). Ainda está bem consciente de que o serviço não deve honrar o apóstolo (dignidade ministerial), mas que o apóstolo deve dignificar o serviço. **Ele me considerou fiel.** Deus deu-lhe a força para fazer jus a essa confiança. O Senhor previu a fidelidade de seu servo e, colocando-o no serviço, possibilitou-lhe a confirmação da fidelidade.

13 Que tipo de pessoa Deus acreditou que seria fiel? **Que outrora fui blasfemo, perseguidor e violento.** Ele, que mais tarde teve de sofrer perseguições e foi maltratado, havia pessoalmente torturado os cristãos. Mais de uma vez Paulo apontou, em sua proclamação, para seu passado sombrio. Não se pode descartar que nas prisões, injúrias, maus tratos e temores que ele sofreu como servo de Cristo, o apóstolo teve de se recordar de que no passado cometera as mesmas humilhações contra outros. Que poder de transformação deve ter atuado nesse homem violento orgulhoso, injusto

e cruel, que mais tarde pôde confessar: “Sinto prazer nas fraquezas, nas injúrias, nas necessidades, nas perseguições, nas angústias, (que sofri) por amor de Cristo. Porque, quando sou fraco, então, é que sou forte!”

Somente a insondável misericórdia de Deus pode realizar uma transformação dessas no ser humano pecador (QI 25s).

Mas foi-me concedida misericórdia, porque agi na ignorância, quando não tinha fé. A justificativa diz “que para seu pecar estava posto um limite, que deixou espaço livre para a misericórdia” (Schlatter). Porque somente a persistência intencional e obstinada em uma condição de ignorância leva a atrevimento e impenitência, que provocam o juízo. Jesus intercede pelos que o crucificam: Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem. O que fazem é pecado, até mesmo quando acontece por ignorância. Somente quando souberem o que fizeram sua atitude mostrará se aceitarão o perdão e então confessarão como pessoas agora iluminadas: pecamos. Foi assim que Paulo agiu. Jamais se desculpa por seu agir condenável, apenas indica o motivo pelo qual foi possível que seu pecado não lhe custasse a vida, mas a compaixão de Deus o atingisse. Quando Jesus o confrontou, superando assim sua ignorância, Paulo se afastou do pecado de sua incredulidade e confessou Jesus como Senhor, passando a servi-lo.

- 14 Porém a graça de nosso Senhor tornou-se transbordantemente rica.** Como no passado, no contexto da história da salvação, Paulo aponta, agora na vida pessoal, da grandeza do pecado em direção da graça sumamente grande. “Pela graça de Deus sou o que sou.” A consciência da graça perpassou e transformou sua consciência do eu. Trata-se da **graça de nosso Senhor** que jorra de forma inesgotável. O apóstolo nunca perde de vista que essa graça está disponível para todos os que se abrem para a influência dela.

Foi a graça que presenteou o incrédulo com fé e o perseguidor cruel com amor. Fé e amor não são fatores independentes, não são ideais ou virtudes que o ser humano pode produzir por si mesmo. Como a própria graça, assim **fé e amor** somente se encontram **em Cristo Jesus** e somente podem ser experimentados pelo ser humano a partir da comunhão de vida com Cristo.

- 15 Digna de confiança é a palavra [TEB].** Essa fórmula não traz uma citação da Escritura, mas aponta para uma afirmação cunhada pelo cristianismo primitivo, provavelmente para formulações litúrgicas usadas no culto cristão. Contudo “a palavra” também pode representar a síntese do evangelho, o sumário da mensagem da salvação. Sua palavra é e permanece confiável e por isso **digna de toda a aceitação**. Aceitar tem o sentido de reconhecer, considerar boa, acolher.

O Messias Jesus veio ao mundo para redimir pecadores. A asserção lembra Lc 19.10: “O filho do homem veio para (buscar e) salvar o que estava perdido.” Com essa confissão o apóstolo sintetiza o cerne do evangelho, que é o seu verdadeiro conteúdo.

O fato de Cristo redimir pecadores é boa nova, não reprimenda, acusação, ameaça ao mundo. A circunstância de que pecadores precisam ser salvos pela intervenção de Deus em Cristo é mensagem esclarecedora, porque denuncia a condição perdida do mundo. O ser humano só pode retornar a Deus por meio de Deus. Os milênios não mudam nada nessa condição. Não é o cristianismo ou as culturas por ele influenciadas, não é a igreja ou sua influência social, não são os cristãos ou sua determinação missionária – só Cristo salva pecadores. A confissão apostólica, sobre a qual a igreja está sendo construída, alicerça-se sobre o único fundamento: Cristo. Tudo depende de que esse fundamento não seja encoberto, deslocado, abandonado.

Eu sou o maior deles. Eu sou o pecador principal, que pela enormidade de seu pecado desperdiçou totalmente o direito de ser chamado apóstolo, que dentre todos os santos ocupa o lugar mais baixo e humilde. A confissão pessoal após a confissão geral aparece em completa concordância com a peculiaridade psíquica de Paulo, como a conhecemos das demais cartas.

- 16** Por ser ele o primeiro na fila dos pecadores (v. 15), **Cristo também lhe demonstra em primeiro lugar toda a sua paciência.** A consciência do pecado do apóstolo está completamente presente e, apesar disso, totalmente perpassada pela consciência da graça. Compaixão imerecida – não há como exagerar sua repetição e enaltecimento – redimiu o principal dos pecadores, e a vontade misericordiosa de Deus o escolheu como servo e o colocou para sempre como exemplo da longanimidade redentora (QI 25s). **Demonstra longanimidade** quem suporta resistência e contrariedade sem se deixar levar à ira ou à retaliação. Jesus Cristo havia suportado a resistência daquele a quem declarou às portas de Damasco: “Saulo, Saulo, por que me persegues?” Dessa maneira Jesus deu provas da plenitude máxima da longanimidade realmente possível: **a completa**

longanimidade; essa longanimidade é suficiente para todos os demais. Por essa razão um servo do Senhor não pode nem deve ser outra coisa que não longânimo, inclusive diante das pessoas que erram na igreja.

Como exemplo para os que futuramente confiarem nele para a vida eterna. O exemplo não aponta para si mesmo, mas para aquele que configura a imagem. As pessoas não devem pousar o olhar em Paulo mas, obtendo confiança por meio dele, alicerçar sua fé sobre Cristo. Aqui fica inequivocamente claro que crer é confiança pessoal e construir sobre Cristo. Isso precisa continuar sendo princípio norteador para a interpretação das past.

- 17 Da permanente gratidão em sua vida Paulo chega, pela renovada atualização e confissão da misericórdia divina, à adoração. Assim a graça transforma pecadores blasfemos em adoradores enaltecedores.

Não o imperador romano, mas Deus é o verdadeiro Rei. Rei não apenas do mundo transitório, mas de todas as eras, e ele é Criador, Mantenedor e Redentor de todos os tempos e de toda a vida.

Contudo, ao rei da eternidade, não-transitório, invisível, Deus único, seja eternamente honra e glória. Amém. Não-transitório: imortal, não-deteriorável. O legado celestial dado por Deus é incorruptível, assim como a condição dos ressuscitados e a atuação da graça de Deus nos eleitos. Verdaderamente imortais não são os imperadores romanos que reivindicam imortalidade (*aeternitas imperii*), mas unicamente Deus.

Invisível: Deus é invisível porque é Espírito, está oculto não apenas ao olho físico, mas também à percepção do espírito humano. A tensão viva da fé entre a proximidade e a distância, a revelação e a ocultação de Deus não somente foi preservada nas past, mas provavelmente até mesmo aprofundada: nosso crer e agir estão integralmente inseridos no cotidiano da igreja e da sociedade, e não obstante Deus, em sua majestade e santidade, está afastado de todo controle humano. Nenhuma pessoa jamais o viu, e ninguém pode vê-lo. Diante de Deus, a única atitude que parece apropriada para o ser humano não é a aproximação grotesca, mas a adoração.

Deparamo-nos aqui com a mesma força de tensão da verdadeira fé como nas demais cartas paulinas ou como em Jo 1.18: “Ninguém jamais viu a Deus, mas o filho unigênito, que está no seio do Pai, foi quem no-lo *revelou*.”

Ao contrário dos muitos deuses e seres humanos que reivindicam propriedades e honra divinas, importa adorar o único Deus, que criou céus e terra. Também os autores do NT não creram nem pensaram nada diferente do que ser Deus o único Senhor, como proclama o AT. Reconheceram-no e confessaram-no com base na revelação em Jesus Cristo como o Deus triúno. **Ao único Deus seja eternamente honra e glória. Amém.** Deus não se arroga honra e exaltação - ele é merecedor delas. O ser humano que se abre em adoração à dignidade de Deus encontra sua dignidade própria e suprema como criatura ao responder à majestade e glória do Criador.

“Vejam, ele adora” – esse é o sinal pelo qual Paulo pode ser reconhecido em todas as suas cartas. O louvor da misericórdia, que se tornou visível em sua vida culposa, desemboca na adoração do **Deus imortal, invisível e único.**

Essa adoração é ao mesmo tempo fundamento e alvo da igreja de Deus, bem como ponto de partida para o diálogo com Timóteo: um adorador fala a um colaborador acerca das incumbências iminentes e prementes. A adoração não é interioridade ociosa, mas mostra a mudança abrangente de mentalidade que inspirativamente precede toda a atuação humana, de forma pessoal e universal, propiciando-lhe o alvo: tudo que é criado visa ser redimido da escravidão da exaltação própria para a verdadeira glorificação da criatura em Deus.

b) O juízo – 1Tm 1.18-20

18 – Este é o dever de que te encarrego, ó filho Timóteo, segundo as profecias de que antecipadamente foste objeto: combate, firmado nelas, o bom combate,

19 – mantendo fé e boa consciência, porquanto alguns, tendo rejeitado a boa consciência, vieram a naufragar na fé.

20 – E dentre esses se contam Himeneu e Alexandre, os quais entreguei a Satanás, para serem castigados, a fim de não mais blasfemarem.

- 18 Paulo retoma seu tema original (o alvo final do mandamento é o amor), depois de ter desdobrado o mandamento (v. 5) em seu efeito como lei (v. 6-11) e como evangelho (v. 12-17) com base nos

hereges em Éfeso e no exemplo de sua própria vida. **Esse mandamento, eu o confio a ti, meu filho Timóteo.** Mais uma vez Paulo repete a interpelação bem pessoal e cordial “meu filho”, frisando assim quanto esse confiar está integrado à confiança que acredita na capacidade do outro ser fiel (QI 30).

No entanto, faz parte irremissível da fundamentação pessoal da incumbência também a fundamentação objetiva.

Por causa das profecias que antecederam a atuação de Timóteo o apóstolo confia o mandamento a seu filho na fé. Por força dessas profecias Timóteo deve cumprir seu serviço. Por profecias não devemos entender apenas afirmações acerca do futuro. Profecias são orientações proféticas que devem exortar, animar, instruir e consolar a igreja. O dom da profecia está ligado em primeiro lugar ao que se refere à relevância para a edificação da igreja.

Nas “**profecias a teu respeito**” deve-se imaginar um episódio que se repetiu diversas vezes. Por isso Timóteo deve se reportar às orientações e promessas divinas em renovados serviços e incumbências e, atuando a partir da transmissão de poder divino, combater o bom combate. Paulo transferiu à vida de fé a linguagem metafórica do mundo castrense, amplamente difundida na literatura profana e religiosa. Contudo não se deve ignorar que também o AT usa essa linguagem figurada: “Não é árduo o serviço militar do ser humano na terra?”

Nos três primeiros séculos, quando a vida cristã muitas vezes ainda se encontrava literalmente sob risco de vida e diante da realidade da morte, e as testemunhas de Jesus frequentemente davam seu testemunho de sangue como mártires, a designação “soldado de Jesus Cristo” era tão amplamente difundida que era usada no mesmo sentido de “cristão”. A expressão “bom combate” permite inferir um uso que já era corrente.

A vida cristã é uma luta que precisa ser lutada até o fim. O indivíduo conduz a luta interiormente, no próprio peito, e exteriormente, em prol do evangelho e da justiça, no âmbito da igreja e perante o mundo.

- 19** Contudo não pode ser vencida por meios carnis,, apenas poderes divinos e armas espirituais levam à vitória. Da armadura do lutador Paulo cita aqui, de conformidade com a intenção de sua carta e das necessidades predominantes, apenas dois instrumentos de luta, sem os quais não se pode esperar nenhuma vitória: Timóteo deve preservar a fé e a boa consciência . Quem não sabe conservar o que lhe foi confiado tampouco é capaz de conquistar algo novo. Quem não preserva a boa consciência é como um capitão que solta o leme do navio, passando a vagar sem rumo pelas ondas até que o navio se despedace em recifes.

Himeneu e Alexandre não são os únicos que soçobraram, mas são citados por nome, para que Timóteo saiba exatamente que tipo de pessoas Paulo tem em mente; talvez tenham sido colaboradores conhecidos. Provavelmente devem ser diferenciados em relação aos citados no v. 6.

Os quais entreguei a Satanás (QI 20). Certamente uma locução costumeira, para caracterizar um processo disciplinar na igreja, que era comum tanto na sinagoga como na igreja de Jesus. Por terem rejeitado a boa consciência, são submetidos à disciplina, à maldição e às sanções da lei (v. 9-10). As experiências da igreja confirmaram a necessidade das ordens estritas, obtidas do próprio Senhor.

O juízo da purificação precisa começar pela casa de Deus. Se a igreja não se julgar a si mesma, será julgada pelo mundo. No entanto, toda a disciplina – que pode incluir enfermidade, debilitação física e espiritual, no caso extremo morte precoce – tem em vista um efeito de cura. A pessoa disciplinada deve ser salva da perdição definitiva e ser reconduzida para a vida saudável. Os que foram corrigidos devem ser levados pela disciplina **a não mais blasfemar**. Blasfemos e adoradores não podem viver e atuar simultaneamente na igreja, uma coisa exclui a outra. Mas também para blasfemos há esperança, como Paulo atesta com sua própria vida.

Ao ponderarmos a gravidade dessa medida que o próprio Paulo tomou, notaremos que as past foram escritas a partir de um espírito que não permite notar o menor vestígio de um suposto superficialismo e conformação da igreja ao espírito do mundo em volta. A santa seriedade de Deus paira sobre o mandamento, cujo alvo final é o amor a partir de um coração puro, de uma boa consciência, e de uma fé não-fingida. A seriedade desse juízo assinala que fé e consciência não são simplesmente virtudes burguesas, mas dons divinos que ninguém deturpa ou rejeita impunemente, porque o alvo final é o amor. Quem, no entanto, não ama, permanece no juízo da morte.

2. A oração da igreja – 1Tm 2.1-15

a) A oração que abarca o mundo – 1Tm 2.1-7

- 1 – Antes de tudo, pois, exorto que se use a prática de súplicas, orações, intercessões, ações de graças, em favor de todos os homens,
- 2 – em favor dos reis e de todos os que se acham investidos de autoridade, para que vivamos vida tranqüila e mansa, com toda piedade e respeito.
- 3 – Isto é bom e aceitável diante de Deus, nosso Salvador,
- 4 – o qual deseja que todos os homens sejam salvos e cheguem ao pleno conhecimento da verdade.
- 5 – Porquanto há um só Deus e um só Mediador entre Deus e os homens, Cristo Jesus, homem,
- 6 – o qual a si mesmo se deu em resgate por todos: testemunho que se deve prestar em tempos oportunos.
- 7 – Para isto fui designado pregador e apóstolo (afirmo a verdade, não minto), mestre dos gentios na fé e na verdade.

- 1 No foco das past não estão temas de direito eclesiástico, mas de culto a Deus. O saneamento dos graves danos que causam destruição na igreja somente pode ser conseguido através de juízo e graça, mediante humilhação, arrependimento e rendição gerados por Deus. Isso acontece no culto da igreja e pela decorrente atitude no mundo. Ora, a primeira e fundamental atitude perante Deus e mundo é a oração. Nela a igreja rompe e supera tudo o que é compreensão e influência meramente circunstanciais sobre o mundo. Uma vez que a vida de oração se reveste da maior relevância, deve caber-lhe também o lugar correspondente e a maior atenção. Não quando os cristãos se acaloram em batalhas verbais, mas quando se unem em oração é que chegam ao alvo final do mandamento, o amor a partir de um coração puro. Por ter Cristo vindo ao mundo para redimir pecadores, por isso a igreja que vive da redenção possui a prerrogativa e o sagrado dever de se empenhar pela salvação de todas as pessoas.

Preces, orações, intercessões, ações de graça. As quatro expressões da oração sobrepõem-se parcialmente em seus campos semânticos. Uma comparação com Fp 4.6: “Pela oração, em súplicas, e com ações de graças apresentem seus pedidos a Deus” [NVI] mostra nitidamente que desde a redação daquela epístola não ocorreu nenhuma evolução em termos de firme regulamentação de formas de oração. As expressões não diferenciadas rigorosamente, mas adensadas, para a oração enfatizam sua premência e plenitude, seu peso e sua irradiação multifacetada. Além disso, todas as quatro expressões estão no plural, frisando assim mais uma vez a multiplicidade e abundância. Combate bem a bela luta somente a igreja que acima de todas as mais importantes e necessárias tarefas forma uma multidão de pessoas que ora e abarca o mundo, posicionando-se e intercedendo perante Deus.

Pedir, de carecer, ter necessidade. O sentimento da carência muitas vezes é motivo para orar. “A aflição ensina a orar” não é uma descoberta equivocada, desde que a aflição não seja a única que ensine a orar. Determinado motivo, um fardo que pesa, impele à oração de súplica. É assim que Paulo suplica pelos judeus, por Timóteo, pelos cristãos em Tessalônica. Ele pede para que possa reencontrá-los e ajudá-los.

Orações. Designa o movimento da alma em direção de Deus. Como resposta ao pedido dos discípulos, de que Jesus os ensine a orar, ele lhes dá a estrutura básica de todas as orações. A viúva que dia e noite se põe perante Deus com súplicas e orações pede como indivíduo. Todas as expressões podem ser usadas tanto para a comunhão dos que oram como para o indivíduo. Também o indivíduo nunca está sozinho quando ora, sempre vale o “Pai nosso”; sempre que ele invoca o Deus Criador está ao mesmo tempo bem próximo de todas as outras criaturas.

Intercessões. Originalmente uma solicitação (petição) a um príncipe. Assim como o Espírito Santo se empenha pelos redimidos, assim como Jesus Cristo como sumo-sacerdote intervém pela igreja perante Deus, assim a igreja intercede no poder do Espírito e em nome de Jesus em favor do mundo inteiro.

Tudo o que Deus criou é santificado pela palavra de Deus e pela *oração*. Na intercessão (e ação de graças!) pelo mundo a igreja realiza sua tarefa suprema e insubstituível: a santificação do mundo. “Façam de tudo uma oração” é uma convocação aos cristãos que realmente liberta e redime o mundo, na medida em que suas orações são seguidas pelas respectivas ações a partir do Espírito de Cristo. A oração nunca deve nem pode ser um substituto para a ação; ela prepara e acompanha as ações que persistem perante Deus, porque de fato servem ao mundo. Oração é ação invisível, porém eficaz. A

ação pode ser uma oração que se tornou visível. Mas ações não compensam orações. A tensão precisa continuar e, nela, a unidade da vida a partir de Deus no mundo.

Ações de graças (*eucharistias*): demonstração de gratidão, confirmação de gratidão. No louvor agradecido a Deus a oração chega à plenitude e ao cumprimento. Somente quem agradece permanece alerta para Deus, porque não cai de volta para si e suas necessidades. Agradecendo ele confirma Deus e suas dádivas. A riqueza do ser humano é proporcional à sua oração de gratidão e ao seu transbordar em ações de graças. “Tudo o que Deus criou é bom, e nada deve ser rejeitado se se toma com ação de graças” [TEB].”

Somente quem agradece tomou corretamente, a saber, recebendo, sendo presenteado. Quem não agradece se apodera. Quem não agradece quando toma abusa das coisas. A queda mais íntima do ser humano de Deus começa quando não agradece mais, mas exige. O ser humano ingrato torna-se sombrio no coração; já não vive na límpida luz do sol da divina graça. A restauração da igreja acontece em suas orações, principalmente ao agradecer e adorar. Somente a igreja que rende graças cumpre sua verdadeira incumbência na terra, que consiste em lembrar com gratidão a magnitude e bondade de Deus.

Não é por acaso que a mesma expressão grega (*eucharistia*) se tornou designação da ceia do Senhor, da comunhão de mesa com o Senhor exaltado e presente. Acontece uma ceia de alegria, a participação no Deus bendito, a antecipação do banquete escatológico de amor. O rígido e oco tom “solene” com que hoje se realiza em muitas igrejas a santa ceia permite aquilatar o tamanho do dano causado na igreja, que antes e no curso de todas as coisas não mais apresenta seus afazeres e todo o mundo a Deus pela oração *com ações de graças*.

As Escrituras afirmam acerca dos primeiros cristãos: partiam o pão da comunhão cheios de júbilo (gritos de alegria) e singeleza. O presente trecho ainda está imbuído desse júbilo da adoração: a todos, grandes e humildes, deve chegar a salvação, para todos há que suplicar e agradecer, para todos foi que Cristo morreu, Deus deseja que todos sejam salvos, que a todos os povos seja trazida a *mensagem de alegria*.

Por todos os seres humanos. A oração é tão abrangente quanto é ilimitado o amor que suporta tudo, crê tudo, espera tudo, tolera tudo. Desde que Cristo rompeu o horizonte do rabino judaico Paulo, o pensamento e a busca do apóstolo das nações nunca estiveram dirigidos a menos do que a tudo e todos. Todos devem ser iluminados pelo mistério revelado de Deus, que a tudo criou. Paulo sempre orou pessoalmente por todos. Para além da igreja, ele também suplica a Deus em favor dos judeus, para que sejam salvos, porque ele sabe que “não há diferença entre judeu e grego: *todos* têm o mesmo Senhor, rico para com *todos* os que o invocam. Com efeito, *todo* aquele que invocar o nome do Senhor será salvo”.

Na presente carta, porém, ele precisa salientar com maior clareza, ao que parece contra uma tendência de estreitamento na igreja, que seu serviço de oração de fato deve valer para todos os humanos.

- 2 Por reis e por todos os que exercem autoridade.** A oração pelos governantes e dignitários baseia-se na convicção consistente da Bíblia de que toda autoridade (potência) é derivada de Deus e pode persistir somente em conexão com o poder e a vontade de Deus. Independentemente de quem exerce o poder, ele só poderá fazê-lo porque esse poder lhe foi *concedido*, o que evidentemente significa responsabilidade por parte do detentor do poder e conseqüentemente isso não exclui o abuso do poder. Pelo fato de que todo indivíduo poderoso está particularmente em perigo por causa do poder torna-se necessária a oração daqueles que confiam no poder de Deus, motivo pelo qual o evangelho também deve ser anunciado aos governadores e reis. O imperador Cláudio havia mandado expulsar os judeus de Roma por volta no ano 50, na época em que Paulo escreveu aos tessalonicenses. Aos olhos das autoridades romanas os cristãos fazia parte de uma seita judaica. Um cronista escreve: “Por instigação de Cresto eles causam constantes agitações.” É preciso entender a prece por uma vida de paz e sossego diante do pano de fundo de tais declarações e das crescentes ondas de perseguição. Os cristãos eram estigmatizados como “ateus e abominadores da espécie humana”. Por quê? Rejeitavam a idolatria do estado, negavam-se a adorar os deuses oficiais e demonstrar aos imperadores as honras divinas. O imperador Domiciano (81-96) ordenou que fosse chamado *dominus et deus* [senhor e deus]. Cipriano interpretou a perseguição sob o imperador Décio (249-251) de acordo com os profetas do AT, isto é, partia de Deus, que a permitia: “Para testar sua família, enviou uma nova perseguição.” Não foi apesar das perseguições, mas por meio delas que até o ano 300 o pequeno

grupo de cristãos havia aumentado para cerca de 7 milhões de pessoas, e isso em meio a uma população total no Império Romano que somava aproximadamente 50 milhões. Então começou a fatídica guinada, de modo que o cristianismo, elevado a igreja estatal e religião oficial, começou a perseguir os gentios. Essa foi a decadência!

Até mesmo quem pretende situar as past em época posterior jamais deve desconsiderar que naquele tempo os cristãos eram uma minoria proscrita e perseguida.

A oração em favor de reis e poderosos não era uma política de conformação, espertamente tramada, mas um agir da fé, um testemunho do verdadeiro Soberano, uma crítica e relativização dos poderes existentes através da intercessão por eles.

Logo esse chamado à oração situa-se em linha direta com as exposições sobre as autoridades na carta aos Romanos, obtendo uma ênfase adicional pela circunstância de que a intercessão pelos reis (até mesmo por aqueles que perseguem os cristãos! Mt 5.44) por um lado lhes confere a honra, mas ao mesmo tempo também vê neles inequivocamente pessoas fracas e falíveis, que de fato carecem da intercessão perante o único Deus verdadeiro. Já no AT encontramos a intercessão pelas autoridades, até mesmo em favor daquelas que levaram os judeus ao cativeiro, porque em última análise foi o próprio Deus que conduziu o seu povo para longe, embora tenha feito uso de instrumentos humanos, a saber, “os poderosos”: “Busquem a prosperidade da cidade, para a qual eu (!) os deportei, e orem ao Senhor em favor dela, porque a prosperidade de vocês depende da prosperidade dela” [NVI].

Para que vivamos uma vida tranqüila e mansa. É curioso que intérpretes modernos pensem que, com base nessa e em outras passagens, precisam acusar a past de “aburguesamento”, que seria um retrocesso diante das cartas incontestes de Paulo. A isso cabe retorquir: uma simples comparação com a palavra do profeta Jeremias já deveria levar à cautela, antes de se rotular a oração por paz de “desejo burguês”. O que os judeus deportados suportavam e o que os cristãos sofreram sob Nero dificilmente pode ser comparado com aquilo que hoje é estigmatizado como “aburguesamento” a partir de uma con-traposição errada de elite e massas, e de uma diferenciação romântica entre gênio e revolucionário, e burguês. Além disso cabe notar que no AT e NT, e conseqüentemente também Paulo, sempre associaram efeitos e bênçãos bem concretos com obediência e intercessão. Nesse caso a promessa que vale para os filhos que honram os pais também seria bastante “burguesa”: “Para que te vá bem, e sejas de longa vida sobre a terra”, o que no entanto ninguém afirmará! Além disso, cabe notar que a vida tranqüila e mansa desejada e pedida não deve ser de forma alguma vivida em auto-suficiência e conforto burgueses, mas **com toda a beatitude e santidade**, com o objetivo de levar o evangelho do Deus-Redentor a todas as pessoas. Guerras e catástrofes sociais não permitem a necessária edificação da igreja nem seu serviço missionário em todo o mundo.

Quem pensa que a prece do profeta pela paz da cidade é burguesa e banal deveria aplicar essa mentalidade também à oração do Senhor, quando esta inclui na estrutura essencial de qualquer oração a prece pelo pão de cada dia (contra a carestia e devastação da terra) e pela proteção diante da tentação.

Por essa razão, aquilo que constitui a vida sossegada e calma para os cristãos deve ser visto somente no contexto das palavras do bom combate e da oração como o serviço militar permanente dos cristãos.

Beatitude é a orientação fundamental da vida que vive do mistério de Deus e aponta para ele (QI 15). Santidade corresponde à seriedade que se configura a partir de uma vida perante Deus.

Encontramos a contrapartida hebraica ao linguajar helenista no cântico de louvor de Zacarias: “Que, livres das mãos de inimigos, o adorássemos sem temor (ou seja, com paz e tranqüilidade), em santidade e justiça *perante ele*, todos os nossos dias.

Esse admirável texto paralelo chama à cautela quando alguém tenta precipitada e exclusivamente constatar influências e modificações helenistas. Em ambas as declarações tem-se em vista uma devoção que dificilmente pode ser confundida ou até mesmo equiparada com “aburguesamento”.

Com toda a beatitude tem o sentido de devoção total, plena, que não apenas é adaptada ao mundo e visível para fora, mas que perpassa ativamente todo o ser humano e toda a vida. 2Tm 3.12 mostra que essa devoção deve ser considerada e vivenciada de maneira totalmente não-burguesa: quem quiser viver desse modo, na beatitude em Cristo, não escapará da perseguição (por parte dos burgueses e dos antiburgueses)!

3 **Isso é bom e agradável perante Deus, nosso Libertador.** Contra todas as objeções e dúvidas, o direito e a certeza da oração, bem como de uma vida condizente com ela, estão fundamentados em Deus, o Libertador. Ele franqueou a todas as pessoas a “justificação da vida”.

4 A oração da igreja, de abrangência universal, é boa e agradável ao juízo de Deus porque **ele deseja que todas as pessoas sejam salvas e cheguem ao reconhecimento da verdade.** A igreja não suplica por mero bem-estar exterior, nem para si nem para os governantes; pelo contrário, toda a súplica e gratidão estão voltadas ao desejo de libertação de Deus, recebendo dele sua justificativa.

Independentemente de como se compreende que “todas as pessoas devem ser salvas”, é certo que essa redenção não é um processo automático. Porque as pessoas precisam aproximar-se da verdade como indivíduos; somente quem caminha para dentro do clarão que se manifestou será iluminado. Quem, porém, permanece fora, continua nas trevas. **Reconhecimento da verdade**, como expressão para conversão e redenção do ser humano, aparece somente nas past e contém uma clara semelhança com uma locução usual em João. Contudo “conhecer” é bastante utilizado por Paulo, que relaciona o evangelho sempre com a verdade, a qual cumpre “reconhecer”.

5 **Porquanto há um só Deus e um só Mediador entre Deus e os homens, (a saber) o Messias Jesus, homem.**

Provavelmente temos diante de nós a citação de uma oração prefigurada usada na ceia do Senhor (QI 25e). A universalidade da salvação, de acordo com uma fundamentação típica para Paulo, baseia-se na singularidade de Deus e por isso na singularidade da salvação e de seu Mediador. Talvez se vise enfatizar aqui, em contraposição aos muitos deuses locais, que o Deus único faz anunciar para uma só humanidade uma só salvação por meio de um só Mediador.

Porque Deus e ser humano foram unidos em Jesus Cristo, este se tornou o Mediador entre Deus e ser humano. Como verdadeiro ser humano, como ser humano real, como segundo Adão ele se tornou representante da humanidade adâmica perante Deus. No entanto, a seqüência de palavras “Cristo Jesus” deixa claro que ele veio da parte de Deus para expiar os pecados de todo o mundo. Ele é o Messias, que como ser humano se chamava Jesus.

6 Decisivo para o testemunho da redenção é, pois, que não se enaltece a encarnação (o tornar-se humano) em si, mas que Jesus é aquele **que a si mesmo se entregou como resgate por todos.** Esse termo do **resgate**, que estabelece uma conexão direta com a declaração do Senhor nos evangelhos, é central para a doutrina bíblica da redenção. O resgate é o prêmio que se paga para comprar a libertação de um escravo. Por amor Cristo entrega sua vida à morte como resgate. Sua imolação sangrenta é o preço pelo qual nós pecadores fomos comprados para ficarmos livres dos pecados, da morte e do diabo. É justamente isso que torna a palavra da cruz uma tolice para o entendimento humano: que para a redenção da humanidade foi inevitavelmente necessária a auto-entrega voluntária e obediente do Redentor. Nada além do sacrifício vivo de reconciliação, prestado por Cristo com sua própria vida e sangue, pode deixar mais claro o fato de que na boa nova da redenção da humanidade endividada não se trata simplesmente de uma concepção e construção mental, mas de um amor e uma paixão autênticos no sentido extremo e decisivo do agir histórico.

Como ser humano ele é o *Mediador*, porque se faz solidário, um com todos os humanos. Perante Deus ele intervém em favor da humanidade nele representada, dando a vida como *prêmio de resgate*.

Tanto na vida da igreja quanto no cotidiano, a redenção, válida sem restrições para todas as pessoas, que Jesus Cristo realizou por sua entrega na cruz, deveria ser frisada, exaltada e conscientizada muito mais nitidamente pelos cristãos, sem medo de uma falsa doutrina da reconciliação universal. Na igreja – como o contexto torna explícito – isso se mostraria em uma nova amplitude e profundidade da vida de oração e em uma nova proclamação subsequente e digna de crédito. No cotidiano isso pode significar que uma pessoa pode interceder e agradecer no ônibus ou no local de trabalho por seres humanos que Deus criou e pelos quais Cristo ofertou a vida para sua redenção. De fato, igreja e sociedade podem e devem ser restauradas através de um Mediador: Cristo! **O testemunho na plenitude dos tempos.** Esse adendo de difícil explicação por causa de sua forma condensada significa ou: a morte sacrificial de Cristo é a prova (o testemunho) da vontade salvadora universal de Deus, que ele estabeleceu como Rei das eras no tempo determinado por ele, ou o testemunho da morte redentora do Senhor deve ser anunciado na hora determinada por Deus através de seus mensageiros. Na ceia do Senhor anunciava-se a morte do Senhor.

7 Por ter Cristo morrido por todos a oração deve e pode valer para todos os seres humanos. Contudo não apenas a oração, mas a obediência dela surgida deve levar a que se passe a boa nova adiante ao mundo inteiro. Da entrega a Deus decorre a ida em direção a todas as pessoas. **Foi para isso que eu fui designado arauto e apóstolo – afirmo a verdade, não minto – mestre dos gentios na fé e na verdade.** Ao falar da redenção que foi realizada em Cristo, Paulo sempre combina com isso sua vocação pessoal como pregador. Toda afirmação acerca da salvação chega a uma abstração sem credibilidade quando ela não transforma a pessoa que fala dela em mensageiro da salvação, em arauto. Os apóstolos são a continuação do testemunho divino: “como se Deus exortasse por nosso intermédio. Em nome de Cristo, pois, rogamos que vos reconcilieis com Deus.” Não foi ele mesmo que se transformou nisso, ele foi instituído para anunciar o testemunho como arauto, apóstolo e mestre, e além disso não apenas para Israel, mas para todos os povos (QI 25). **Na fé e na verdade** pode referir-se tanto à maneira como Paulo é mestre das nações (no sentido subjetivo), como também ao conteúdo da mensagem que é digna de toda fé, porque provém da verdade de Deus.

b) O serviço de oração dos homens – 1Tm 2.8

8 – Quero, portanto, que os varões orem em todo lugar, levantando mãos santas, sem ira e sem animosidade.

Na interpretação do bloco de 1Tm 2.8-15 o peso todo da parte anterior precisa permanecer constantemente diante de nós, porque do contrário o sentido e a correlação de cada instrução específica serão perdidos e deturpados. A grande visão universal da redenção e da oração que abarca o mundo, fundamentada na primeira, em favor de todas as pessoas, não contrasta com as instruções individuais e concretas subseqüentes para a atitude de homens e mulheres na oração da igreja. Pelo contrário, é típico para os hereges dissolver a tensão entre Deus e ser humano, eternidade e tempo, Espírito e carne, absolutizando um lado e reprimindo o outro.

Em 1Co 11.17-34 Paulo ordena como a igreja reunida para a santa ceia deve se comportar. Na presente passagem não estão em questão hábitos alimentares deteriorados, mas as agressões dos homens, que se evidenciam em ira e discórdia, e as aspirações das mulheres, que se mostram no comportamento e nas vestimentas. Desse modo homens e mulheres contradizem o testemunho na ceia do Senhor e da intercessão pelo mundo.

Deve-se orar em todos os lugares em que o evangelho for anunciado e os cristãos se reúnem como igreja, publicamente e nas casas. O olhar continua voltado para a universalidade da salvação, para as súplicas e ações de graças por todas as pessoas. É plausível uma dependência de Mt 1.11: “Em todo lugar lhe é queimado incenso e trazidas ofertas puras, porque o meu nome é grande entre as nações.”

Levantar mãos santas. Desde a Antigüidade erguer braços e mãos estendidos é a posição assumida por um suplicante que comparece perante seu superior ou diante de Deus. Os cristãos oravam nessa posição, ainda que não exclusivamente. Pelas mãos levantadas o ser humano expressa corporalmente que direciona e levanta sua vida inteira para Deus. Coração e mãos são erguidos até Deus: “Levantemos o coração, juntamente com as mãos, para Deus nos céus.” A ênfase não incide sobre o gesto, mas sobre a atitude integral da pessoa perante Deus; o interior não deve conflitar com o exterior, nem o corpo com o espírito, mas formar uma unidade. Isso vale tanto para os homens quanto para as mulheres, porque todos eles podem orar nas reuniões da igreja como em Corinto e “em todos os lugares”. Mãos santas são, em primeiro lugar, mãos cuidadosamente lavadas com água, mas na seqüência em sentido figurado: a pureza moral, o agir santo a partir de uma consciência limpa. A palavra do profeta Isaías ressalta o significado central da mão humana para todo *agir*, também para a oração: “E quando estendeis as mãos, escondo de vós os olhos; sim, quando multiplicais as vossas orações, não as ouço, porque as vossas mãos estão cheias de sangue. Lavai-vos, purificai-vos, tirai a maldade de vossos atos (!) de diante dos meus olhos; cessai de fazer o mal.”

Quem não busca reconciliação com o próximo, quem tem ira contra o irmão, quem briga e discute com ele, não pode comparecer em oração perante Deus.

A exortação contra discussões verbais é bastante típica para as past. Enfoca um dano concreto e central na igreja. A insistência legalista nas formas e a apresentação de doutrinas diferentes favorecem a disputa verbal. Por isso é preciso que aconteçam primeiro a auto-avaliação e a reconciliação antes que se possa orar na igreja.

c) O serviço de oração das mulheres – 1Tm 2.9-15

(Veja Apêndice 4: A posição da mulher)

- 9 – Da mesma sorte, (desejo) que as mulheres, em traje decente, se ataviem com modéstia e bom senso, não com cabeleira frisada e com ouro, ou pérolas, ou vestuário dispendioso,
- 10 – porém com boas obras (como é próprio às mulheres que professam ser piedosas).
- 11 – A mulher aprenda em silêncio, com toda a submissão.
- 12 – E não permito que a mulher ensine, nem exerça autoridade de homem; esteja, porém, em silêncio.
- 13 – Porque, primeiro, foi formado Adão, depois, Eva.
- 14 – E Adão não foi iludido, mas a mulher, sendo enganada, caiu em transgressão.
- 15 – Todavia, será preservada através de sua missão de mãe, se ela permanecer em fé, e amor, e santificação, com bom senso.

Os homens devem agir puramente com as mãos, as mulheres devem ser puras no vestir. Os homens não devem se irar no coração nem se digladiar com palavras; as mulheres não devem ser incastas no coração nem lutar por sua posição com palavras. Assim como no caso dos homens a conduta de corpo e alma, e a coerência entre coração e mão, mentalidade e ação, são imprescindíveis para o elevado mandato da intercessão que abarca o mundo e das ações de graças vicárias, assim também o “hábito” interior (roupagem como constituição do ser humano interior) da mulher que ora deve coincidir com a roupa e o comportamento visível. Homens e mulheres são chamados à oração na igreja. – **Ataviar-se:** a necessidade de se embelezar não é questionada nem reprimida e muito menos proibida, mas ligada à origem: verdadeiro ornamento, verdadeira beleza somente pode existir quando há concordância entre interior e exterior. – **Trajes belos:** o adjetivo “belo” é usado na tradução para manter a ligação com embelezar-se. **Belo:** *kosmios* corresponde ao verbo *kosmeo*. O sentido original: organizado como o cosmos, a criação ordenada em contraste com o caos em desordem. Em sentido figurado: em boa ordem, decente, honesto, modesto. Lutero traduz: “enfeitar-se em vestido gracioso com pudor e disciplina”. – **Casto** na realidade significa recato, timidez, respeito. – **Bom senso:** na realidade expressa: sensatez, resguardo. Ambas as expressões são adotadas do mundo helenista, expressando a atitude pessoal do indivíduo. No contexto da presente passagem, porém, essas virtudes gregas se revestem de um sentido totalmente novo: não são mais restritas à atitude diante de si mesmo, mas ao convívio com a igreja perante Deus.

Assim como os servos enfeitam a doutrina do Redentor pela fidelidade no trabalho, assim as mulheres podem, pela maneira com que se adornam e comportam, **anunciar a beatitude por meio de boas obras.** – **Anunciar:** dizer em voz alta e clara e passar adiante uma mensagem; como em 1Tm 6.21. As boas obras falam uma linguagem clara, e somente elas dão sentido à confissão dos lábios (Apêndice 3).

Não com cabeleira frisada e com ouro, ou pérolas, ou vestuário dispendioso. As mulheres não devem ferir as mais pobres por meio de uma riqueza ostensiva nem provocá-las à inveja. Da mesma forma Paulo criticou a atitude dos coríntios que por sua conduta envergonhavam os pobres nas refeições comunitárias.

- 10 Sua riqueza (ou a dos maridos) é mais bem aproveitada em boas obras que em dispendiosas jóias e roupas. O verdadeiro ornato **condizente com a mulher** consiste em boas obras, o que corresponde às mãos puras dos homens e de suas ações. “Eu me cobria de justiça, e esta me servia de veste.” “Vistam-se de justiça os teus sacerdotes, e os teus fiéis de júbilo.”

Igualmente se pode traduzir que por meio de boas obras as mulheres se declaram tementes a Deus, mas o alvo da afirmação são as boas obras resultantes do temor a Deus. Ao contrário das mulheres (ricas?) que andam ociosas e falantes, elas devem efetuar o bem.

As boas obras são decorrência do verdadeiro temor a Deus, não da tentativa de adquirir méritos ou salvação junto a Deus. “A ‘confissão a Deus’ é mais que a tentativa de ostentar ou prometer temor a Deus. O tipo de ornamento constitui uma forma especial de proclamação.”

- 11 **Uma mulher aprenda com calma e submissão.** – À vestimenta modesta e à atitude interior compreensiva deve corresponder o comportamento na igreja. Todos devem viver uma vida calma e tranqüila, os homens não devem se digladiar com palavras, as mulheres não devem interromper inconvenientemente os homens nos diálogos doutrinários da igreja, mas subordinar-se. “Os membros

do corpo se entregam a uma submissão em concórdia”. A igreja de Corinto submete-se ao evangelho de Cristo ao ofertar dádivas aos necessitados.

Na igreja não são discórdia e briga, mas paz e subordinação que devem determinar o clima no qual se celebra a ceia do Senhor, adora a Deus, profetiza e ora. Em última análise a serenidade interior do ser humano é fruto de ouvir a palavra de Deus, de se subordinar à sua vontade de graça.

- 12 Não permito a uma mulher ensinar publicamente.** O tom de autoridade é o mesmo de 1Co 14.34, com a diferença de que lá ele parece ser ainda mais duro que aqui, porque formulado de modo impessoal. Ensinar precisa ser entendido em dois sentidos nas cartas do NT, inclusive nas past. 1) Instrução, diálogo doutrinário, proclamação. 2) Instrução compromissiva, exercício da disciplina eclesial com autoridade contra heresia e conduta desordeira. A frase subordinada subsequente assinala que aqui se deve subentender o segundo sentido de ensinar.

Não deve exercer autoridade (com palavras) **sobre um homem; mas manter-se calma.** A mulher não deve abusar de sua nova liberdade de participar do diálogo doutrinário, para emitir como mulher, conforme os hereges, baseando-se em Deus, declarações de mando sobre o homem na reunião da igreja. Como todas as demais, essa orientação dirige-se contra uma deturpação. O que começou como oração e falar profético facilmente podia acabar em ensinamento autoritário. Uma profetiza poderia sentir-se superior aos mestres, estribando-se na posição destacada dos profetas.. Pelo que se evidencia, essa luta por posições e reconhecimento não era travada apenas em Corinto. Contra essa tendência Paulo ordena: uma mulher não deve ensinar publicamente e se portar como comandante com o intuito de assim se posicionar acima do homem. Também seria equivocado tentar concluir o in-verso a partir da proibição de exercer o ensino com autoridade de mando, a saber: pelo contrário, o homem deve dominar sobre a mulher pelo ensino. Tampouco se pode deduzir dessa palavra que a mulher não deva ensinar de forma alguma. Não apenas nas primeiras cartas, mas também nas past ensinar é evidentemente direito e dever da mulher. Quando ela ora, profetiza, instrui ou participa do diálogo doutrinário, seu espírito calmo e tranqüilo e seu **comportamento sereno** sempre demonstrarão que ela não quer nem precisa se afirmar como mulher, mas que é uma “mulher santa” como Sara, que como senhora chamava o marido de senhor.

- 13 Porque Adão foi criado primeiro, depois Eva.** Essa afirmação e a posterior causam a impressão de que o autor não está formulando algo de novo, inaudito ou escandaloso, mas apenas se refere natural ou alusivamente a algo conhecido, que os leitores e ouvintes entendem sem maiores explicações. Do relato da criação Paulo traça duas deduções: 1) A mulher vem do homem, por isso ela é igual a ele, colocada ao lado dele. 2) A mulher vem do homem, por isso pode, como igual a ele, ser-lhe subordinada. Porque somente onde prevalece autêntica “igualdade de valor” é possível falar de “diferenças”, i. é, de autêntica subordinação: o homem está sendo visto como *primus inter pares*, primeiro entre iguais. Em termos figurados: o homem é o cabeça da mulher. A mulher é a glória do homem. A mulher esteja subordinada ao amor do homem; o homem ame a mulher como igual a si mesmo, que é “co-herdeira da graça da vida”. Nessa justaposição “as orações não são impedidas” (1Pe 3.7). O mais elevado exemplo e modelo de subordinação como livre ação de alguém do mesmo valor é dado pelo próprio Cristo.

- 14 E Adão não foi seduzido, mas a mulher, sendo enganada, caiu em transgressão.** Esse versículo não deve ser ligado ao v. 13, mas ao v. 12. Os versículos 11 e 12 aparecem em paralelo por meio do termo do comportamento calmo que consta em ambos. O v. 11 aponta para a chamada “ordem da criação” para a mulher, assim como faz o v. 13. O v. 12 aponta para a desconsideração dessa ordem, da mesma forma como o v. 14. Por isso lemos: uma mulher aprenda com calma e submissão, porque Adão foi criado primeiro, depois Eva. Não permito a uma mulher ensinar publicamente, nem que domine sobre o homem, mas deve manter-se calma, porque não foi Adão que foi seduzido, mas a mulher foi seduzida e caiu em transgressão.

Falsos mestres *seduzem* (literalmente como no v. 14a) com doces pala-vras e belos discursos os corações dos incautos.

Assim como Eva foi seduzida por Satanás, assim a igreja toda (homens e mulheres) pode ser seduzida por falsos apóstolos. Os falsos mestres prometem às mulheres uma liberdade superior, por meio da qual são libertas do matrimônio, da intimidade sexual com o marido e da função de parir filhos.

A dignidade da existência humana é totalmente igual para homem e mulher: à imagem de Deus os criou a ambos, como homem e mulher os criou. Por isso a responsabilidade e culpa é igualmente a mesma, apenas a forma de serem seduzidos e caírem é diferente.

15 Todavia, será salva pelas dores do parto, se ela (todas as mulheres crentes) permanecer em fé, amor e santificação com sensatez.

O trecho sobre as mulheres que oram aponta para esse versículo final. Visto em ligação com a proibição do casamento pelos hereges, é plausível considerar os v. 9-15 como uma réplica a reivindicações e descaminhos bem específicos na igreja.

Uma profetiza (e suas seguidoras) ou um herege e seu grupo poderiam ter declarado por “instrução divina”: por meio de Cristo a nova ordem do mundo já se concretizou. Ele libertou a mulher de sua comunhão de jugo com o homem, porque o Espírito de Deus lhe fala diretamente e lhe ordena o que tem de fazer e ensinar. A profetiza é consagrada a Deus e por isso redimida de sua sexualidade, de parir filhos e dos fardos domésticos. Agora possui uma incumbência superior que supera tudo o que havia antes. Uma vez que, divinamente iluminada, não pode mais errar no conhecimento da verdade e nenhum poder pode seduzi-la, ela se porta como santa e ordena a homens e mulheres em nome do Senhor, como devem viver.

A mulher casada, porém, não encontra a salvação soltando-se dos laços matrimoniais e maternais, acreditando alcançar uma liberdade superior. No meio de suas labutas e dores cotidianas, terrenas e naturais ela é capaz de concretizar em todos os sentidos a **santificação**, de ativar **a fé e o amor**, e de fazer brilhar em tudo a verdadeira força ética da mulher. Permanecendo nisso, e não se deixando seduzir para outro caminho, ela será salva, mesmo através das dores da maternidade.

Não é diferente o teor da exortação e promessa a Timóteo: se permanecer e perseverar naquilo para o que foi chamado, salvará tanto a si mesmo como aqueles que lhe dão ouvidos.

Todo o trecho culmina em uma referência sintética à “ordem da redenção”, em correspondência a 1Co 11.11s. Ali consta “no Senhor”, e aqui “em fé e amor e santificação”. Fé e amor, porém, conforme o uso nas past, existem e atuam sempre apenas “em Cristo Jesus”.

Sensatez é a constituição básica do ser humano, por meio da qual são determinadas a fé, o amor e a santificação.

Confiável é a palavra. Chegou ao final o primeiro grande bloco da carta. A santificação da igreja começa no meio de sua vida; na oração perante Deus; no meio de suas células e lares: na atitude e no relacionamento entre homem e mulher. Não os servidores da igreja, não os cargos ou as posições perfazem o centro ou a coisa primordial, mas a fé e o amor em Cristo, bem como o amor resultante entre todos os membros, que permite realizar boas obras. É a fé de todos que os leva a orar por todos, porque sabem da presença de seu Redentor em seu meio, enaltecendo a Deus por intermédio dele.

3. A igreja e seus servidores perante Deus – 1Tm 3.1-16

a) O presidente no serviço eclesial – 1Tm 3.1-7

- 1 – Fiel é a palavra: se alguém aspira ao episcopado [serviço de presidente], excelente obra almeja.**
- 2 – É necessário, portanto, que o bispo seja irrepreensível, esposo de uma só mulher, temperante, sóbrio, modesto, hospitaleiro, apto para ensinar;**
- 3 – não dado ao vinho, não violento, porém cordato, inimigo de contendas, não avarento;**
- 4 – e que governe bem a própria casa, criando os filhos sob disciplina, com todo o respeito**
- 5 – (pois, se alguém não sabe governar a própria casa, como cuidará da igreja de Deus?);**
- 6 – não seja neófito, para não suceder que se ensoberbeça e incorra na condenação do diabo.**
- 7 – Pelo contrário, é necessário que ele tenha bom testemunho dos de fora, a fim de não cair no opróbrio e no laço do diabo.**

Somente agora, depois de expor a todos os membros da igreja suas prerrogativas e obrigações universais e domiciliares, o apóstolo também passa a falar dos servidores da igreja. Essa seqüência não deixa de ser significativa (QI 1,2). Não se supervaloriza dirigentes ou até mesmo um deles. Pelo contrário, o serviço de presidente precisa até mesmo ser expressamente confirmado e encorajado pelo apóstolo. Quem se empenha por isso almeja uma bela e valiosa incumbência que não deve ser

desprezada. Esses servidores presidem a igreja “no Senhor”, corrigindo-a, motivo pelo qual devem ser particularmente amados e valorizados por causa de sua obra.

Entre os dons da graça o apóstolo havia contado o da direção como um dos menores. Até mesmo o menor membro na igreja deve ser capaz de tomar decisões de juiz. Pelo contrário, cabe almejar os dons da profecia e do ensinamento, mais relevantes para a igreja. Enquanto diante dos coríntios Paulo precisou combater a supervalorização do falar em línguas, agora ele precisa enfrentar um menosprezo pelo serviço de presidente.

Os cap. 2 e 3 encontram-se em uma ligação interior: a) o centro do culto, a presença do Senhor no Espírito, na palavra, na ceia do Senhor (1Tm 1.15; 2.6; 3.16); b) reunida em torno e direcionada para esse centro estava a igreja, homens e mulheres, em uma oração que abarca o mundo (1Tm 2.1,8-15); c) justapostos a esse serviço há presidentes e diáconos (1Tm 3.1-13).

- 1 Contra a atuação dos hereges, que se precipitarão sobre o rebanho após a despedida de Paulo, o apóstolo não tomou providências de cunho jurídico-eclesiástico ou de natureza organizacional, e tampouco ampliou a competência dos presidentes, mas exortou os presbíteros reunidos em Éfeso que se mostrem dignos de sua vocação pelo Espírito Santo, que cuidem de si mesmos e do rebanho que lhes foi confiado. Não escreve nada diferente a Timóteo: deve cuidar de si mesmo e da doutrina, de modo que salvará a si e aos que lhe derem ouvidos. De modo análogo cabe agora exortar os presidentes e diáconos em vista de sua vida e seu serviço pessoal.

Serviço de presidente. Há um consenso entre a maioria dos comentaristas de que este texto não pode estar tratando do chamado cargo do episcopado monárquico. Nem sequer o singular para serviço de presidente (v. 1) e presidente (v. 2) permite concluir que apenas uma única pessoa fosse dirigente de uma igreja local. Em 1Tm 5.17 fala-se de vários presbíteros que *presidem bem*. Fazem o que se espera tanto dos *epískopoi* (presidentes) como dos diáconos.

Por isso é melhor traduzirmos com “presidente”, e suas incumbências, com “serviço”, porque não – ainda não – se trata, de forma alguma, no caso deles, de um cargo com honra e dignidade nem de um belo título, mas de uma “bela obra” (QI 25e).

A igreja em localidades maiores podia ser formada de várias comunidades domiciliares com seus presidentes (v. 4!) e um presidente podia executar diversas tarefas. Alguns trabalham “em palavra e doutrina”, outros cuidam para que tudo transcorra em ordem na igreja. O termo presidente, supervisor (*epískopos*) designa originalmente “todo aquele a quem o cuidado por deter-minada questão é confiado como incumbência duradoura ou temporária no seio de uma comunidade”.

É lícito buscar um serviço de presidente e almejá-lo. A Bíblia não condena a aspiração humana, Deus a concedeu ao ser humano. Não se deve ambicionar riqueza (1Tm 6.10, o mesmo verbo), mas bens melhores e serviços belos.

Aspirar: almejar. Não se deve reprimir o prazer do coração humano, mas purificá-lo e dirigi-lo para alvos dignos, “assim tens teu prazer no Senhor, e ele te dá o que teu coração deseja”.

Ao despertar a aspiração do coração para praticar a vontade de Deus, o Espírito Santo conduz o crente aos serviços e incumbências que correspondem à vocação divina e que por isso podem se tornar o prazer e amor da própria pessoa.

- 2 O presidente, pois, deve ser irrepreensível. Essas palavras não instituem o presidente nem seu ministério, mas o pressupõem, e isso sem qualquer ênfase, como em Fp 1.1. Em primeiro lugar se falou do “sacerdócio de todos os fiéis” (cap. 2) e agora de seus servos, em plena concordância com 1Co 3.5. Podemos chamar a lista subsequente de “catálogo de virtudes”, em contraposição ao chamado “catálogo de vícios”. Chama atenção que não se fazem exigências especiais, exceto, talvez, de “apto para ensinar”. Pelo contrário, enumeram-se atitudes práticas e cotidianas que precisam ser consideradas “elementares” para todos os cristãos. Por que, no entanto, escrever acerca delas mesmo assim? Essa lista ou outras similares nas past só podem ser descartadas depreciativamente como “moral burguesa” ou “ética cristã mediana” se ignorarmos como tudo está fundamentado e como as coisas elementares são e continuam sendo necessárias para a fé.

Quando as coisas elementares não são constantemente renovadas e re-direcionadas em direção ao que é fundamental (a base) e final (o alvo, a consumação, em grego, o *eschaton*), rapidamente surgem enredamentos e descaminhos igualmente elementares, arrastando consigo o indivíduo e a sociedade. É preciso ver as orientações das past diante do pano de fundo de uma in-domável correnteza de “anomia” na sociedade e igreja.

Irrepreensível não significa simplesmente gozar de boa fama, mas ter um testemunho justificadamente bom. A crítica e as acusações não devem encontrar pontos vulneráveis para seu ataque. Aparentemente a palavra designa o comportamento abrangente, fundamental para tudo o que segue. Jesus frisa a importância do bom testemunho, como também ocorre em geral no NT. Nessa questão é decisivo que o bom testemunho seja reconhecido e fornecido pelos que não fazem parte da igreja. “Vossa conduta seja decorosa aos olhos dos estranhos.” Essa exortação da carta mais antiga de Paulo coincide integralmente com a exigência de ser irrepreensível, o que não pode ser questionado nem mesmo por observadores críticos e hostis. Um modo de vida desses só é viável a partir do “mistério da fé, preservado em uma consciência pura”. Essa é a origem e a renovação de toda a autêntica irrepreensibilidade. Representa o oposto tanto do comportamento anti-social como da exagerada adaptação pacata a todos e a tudo.

Marido de uma só mulher. O presidente deve ser exemplarmente casado. Não se espera o celibato dos servidores da igreja, mas que tenham plena capacidade matrimonial e sejam modelos no casamento. A melhor “escola matrimonial” acontece por “exemplos matrimoniais”. Presidentes e diáconos devem ser casados uma única vez; isso aponta em 3 direções:

1) Acerca da profetiza Ana lemos que era virgem até se casar. Quando o marido morreu após 7 anos de casamento, ela passou a viver sozinha até idade avançada (84 anos), servindo a Deus. De acordo com a palavra profética permaneceu fiel ao “noivo de sua mocidade”.

2) Conforme as palavras do Senhor a monogamia é o alvo original, estabelecido por Deus, do relacionamento entre homem e mulher. Se os próprios gentios chamam atenção para isso e os cristãos aspiram ao amor e à fidelidade no matrimônio, quanto mais isso deveria valer, então, para aqueles que se “apresentam em todas as coisas” (logo também no casamento) como “exemplo de boas obras”.

3) A interpretação aqui fornecida possui relevância justamente com vistas à prática do divórcio, que naquela época se alastrava com força, e do correlato recasamento de pessoas divorciadas, seja entre gregos, seja entre judeus.

A expressão única pode ser mantida em forma tão genérica pelo fato de que deve caracterizar de forma abrangente a atitude básica fundamental da castidade em todas as situações. O casto não reprimiu sua sexualidade, mas a tornou íntegra, porque castidade é alegrar-se com a sexualidade respeitando os limites do respeito.

Sóbrio (*nephalios*) vale tanto para mulheres como para homens idosos. O verbo correspondente já é utilizado por Paulo em sua carta mais antiga: “Não durmamos como os demais, mas vigiemos e sejamos *sóbrios*.” Ser sóbrio faz parte da oração e da vigilância e diz respeito a uma contenção de orientação escatológica diante de todo tipo de fanatismo, embriaguez, dissoluções no pensar, sentir e agir.

Quem reconhece a verdade em Deus torna-se sóbrio diante do delírio do pecado, para viver uma vida reta.

Sensato (*sophron*): assim como o adjetivo “sóbrio”, também ocorre somente nas past, mas o termo é usado como verbo na carta aos Romanos: cada qual deve pensar com moderação, ser *sensato*, segundo a medida da fé que Deus repartiu a cada um. Quem é temperante possui uma medida correta de auto-avaliação, um sentido para o que é real. É compreensivo. Depois de ser curado, o homem antes possesso está tranqüilamente assentado, está vestido e *em perfeito juízo*. O temperante é espiritualmente saudável. “O fim de todas as coisas está próximo, sede, portanto, criteriosos e sóbrios a bem das vossas orações!” Ambas as palavras – sóbrio e temperante – possuem um viés escatológico, e o fato de aparecerem juntas serve para enfatizar isto. Quem está embriagado e alimenta sonhos devotos a respeito de si mesmo e do mundo não consegue orar de fato, porque orar é justamente o contrário de fugir da chamada “realidade” para um mundo onírico. Vale o contrário: quem ora acorda para a verdadeira situação, e quem está alerta ora de olhos abertos. É disso que resultam as boas obras.

Digno (*kosmios*): sensato e digno (como em 1Tm 2.9 para as mulheres!) pode ter aqui o sentido de cortês, solícito, o que no entanto não deve ser entendido como cortesia artificial, que visa as aparências, porque isso representaria uma contradição com sóbrio e sensato. Realmente cortês é aquele que ao avaliar a si mesmo e a todas as coisas de forma sensata e de acordo com a perspectiva de Deus, acordou para as necessidades daqueles aos quais serve.

Hospitaleiro: em outras ocasiões Paulo também exorta as igrejas para que cuidem das necessidades dos santos e pratiquem a hospitalidade. Nos escritos do NT lemos a respeito de cristãos que são viajantes e também comerciantes; outros são perseguidos e precisam fugir para outras cidades. Os apóstolos e seus colaboradores viajavam de localidade em localidade, dependendo para isso da acolhida solícita nas casas dos crentes. Para as reuniões da igreja e para os que estavam em trânsito as casas das famílias dos fiéis representavam o alojamento propício. Tudo isso torna necessária a exortação de que não se esqueçam da hospitalidade. Mais tarde é preciso proteger a hospitalidade contra os abusos de andarilhos itinerantes e “irmãos estranhos”.

Hoje quem viaja por países em que os cristãos são perseguidos ou representam uma minoria sabe o que significa e custa a hospitalidade. Mas também onde os cristãos são maioria na sociedade, mas as formas eclesiais não são (mais) marcantes e formadoras de comunhão, a cordial liberalidade das famílias que crêem em Cristo em relação a visitantes, conhecidos e desconhecidos, constitui o nervo vital para uma igreja que irradia para dentro do mundo. A abertura hospitaleira não é uma palavra em favor, mas contra o aburguesamento, porque o burguês se isola e se fecha em seu castelo, ainda que seja apenas uma pequena moradia alugada no mesmo edifício com outros 10 ou 100 inquilinos. O burguês não gosta de se colocar a caminho, nem gosta de ser incomodado por inconstantes. A vida de gueto de muitas comunidades eclesiais tem por correlação a vida na reclusão caseira e na privacidade de seus membros. Os servidores da igreja, porém, devem ser exemplos no matrimônio e na família pelo fato de serem *abertos e livres para o hóspede*.

Apto para ensinar (*didaktikos*): em todo o NT o termo ocorre somente aqui e em 1Tm 3.2. O seu sentido é descrito exhaustivamente em Tt 1.9: o presidente deve “apegar-se à palavra confiável e conforme a doutrina, para que seja capaz de, pelo reto ensino, exortar bem como convencer os que o contradizem”. Deve estar aberto para questões doutrinárias, capaz de formar sua própria opinião e instruir a outros. Precisa discernir entre o que é importante e o que leva a descaminhos, entre doutrina verdadeira e falsa, saudável e doentia e ser capaz de ensinar e transmitir corretamente o que é apropriado em cada caso.

Do presidente espera-se capacidade de ensinar, do diácono não. Não se pode concluir disso que ensinar seja atribuição exclusiva do presidente, nem é possível obter aqui uma base para o posterior “magistério” católico-romano. Porque conforme 2Tm 2.2 Timóteo deve transmitir o evangelho a “pessoas fiéis”, não especificamente apenas presidentes, que serão capazes de novamente ensinar a outras. O ensino ministrado por mestres específicos somente tem sentido sob a premissa de que todos são capazes de se instruir e exortar mutuamente. No entanto, só se pode esperar isso deles quando e porque eles próprios são “ensinados por Deus”. Ademais, 1Tm 5.17 deixa explícito que a presidência não era exercida por uma pessoa sozinha, e que nem todos que presidiam ou eram presbíteros também ensinavam.

Os presidentes tinham de ser exemplos no ensinar, não para aliviar outros desta tarefa, mas capacitando-os para isso. Na escola o professor de matemática deve instruir os alunos para que saibam solucionar pessoalmente tarefas de matemática. Não deve resolver a tarefa por eles, e nem todos os alunos devem tornar-se matemáticos ou professores de matemática.

3 Não dado ao vinho, não espancador, porém amável, não briguento, não avarento.

Em Corinto as ágapes e as santas ceias da igreja haviam degenerado em comilanças. Em seu meio havia pessoas que se intitulavam irmãos, mas cujo Deus na verdade era seu próprio estômago. O estômago era o poder máximo que os determinava. Comer e beber, bem como digressões sexuais, significavam tudo para eles. Quem ainda era escravo de tais vícios mesmo como cristão dificilmente podia conduzir aqueles que haviam se convertido do mundo gentílico para novos hábitos de vida. O simples fato de que era preciso dar essas instruções a presidentes e diáconos permite reconhecer que à época da redação da carta a igreja não passava pela vida inerte, em um “aburguesamento” distante e impassível: “impuros, idólatras, adúlteros, garotos de programa, sodomitas, ladrões, avarentos, bêbados, maldizentes, assaltantes” era o contexto de onde vinha uma parcela da igreja, não apenas em Corinto, e com tais concidadãos seus membros conviviam no cotidiano. Como aprenderiam que uma vida assim era indefensável na igreja, por ser anti-social e inconciliável com o reino de Deus? Verdadeira transformação não podia ser trazida por ordens e condenações genéricas, mas somente por modelos de vida nova vivenciados. Por essa razão o presidente não deve ser beberrão nem galo de briga com discurso autoritário, mas instrutor amável de uma vida verdadeira. Para a nossa época

uma lista equivalente talvez seria: nem fumante inveterado, nem obeso, nem viciado em leitura de jornais ou televisão, nem polemista.

Porém amável: benigno, solícito, transigente; o contrário de rigorismo inflexível, que tão-somente provoca contendas. De acordo com o linguajar atual poderíamos traduzir o sentido com: objetivo, isento de agressão diante dos agressivos. Em Tt 3.2s “transigente” foi combinado com “manso”, como também em 2Co 10.1, onde Paulo escreve que ele exorta a igreja em conformidade com a amabilidade (transigência) e mansidão que o determinam. Também na época atual de embrutecimento das relações entre as pessoas, dos protestos e das provocações (desafios) de âmbito mundial, quando se visa desencadear e conseqüentemente desmascarar (super) reações autoconscientes em palavras e ações, é imprescindível para a igreja de Cristo e seus servos que todos estejam firmemente enraizados na forte mansidão de Jesus. Martin Luther King não permitia nenhum participante nas marchas de protesto que em provas anteriores havia se deixado arrastar para reações violentas.

Também nessa palavra não se deve ignorar a conotação escatológica. Como o Senhor está próximo, os cristãos devem expressar sua *amabilidade* a todas as pessoas, também diante dos que os difamam e perseguem.

Não briguento: trata-se aqui de briga por palavras, ter palavra de co-mando, ser irredutível no debate., diferente de “não espancador”, que briga chegando às vias de fato, muitas vezes embriagado.

Não avarento: Quando Jesus disse que não se pode servir a Deus e ao dinheiro, os fariseus zombaram dele porque eram gananciosos. Jesus espera do bom administrador que lide fielmente com o dinheiro injusto. De acordo com Tt 1.7 o presidente, que é um administrador (ecônomo) de Deus, não de-ve ambicionar a torpe ganância.

Lutero traduz: “não ávido de querelas, mas brando, não briguento, não ávido por dinheiro.”

4 Que presida bem sua própria casa, criando os filhos com toda a dignidade em obediência.

5 Mas se alguém não sabe presidir a própria casa, como poderá cuidar da igreja de Deus?

Assim como o relacionamento conjugal reflete a relação entre Cristo e a igreja, assim a associação familiar em uma grande casa é réplica e a célula originária da família de Deus, do qual toda a paternidade no céu e na terra recebe o nome. Pela fé em Cristo os gentios tornaram-se “membros da família de Deus”.

Como um pai governa os filhos e a todos na própria casa, assim o presidente deve conduzir a igreja de Deus, executando seu ministério com entusiasmo, i. é, bem. Ao contrário do mundo grego, os cristãos não mandavam educar os filhos por meio de escravos pedagogos, mas assumiam pessoalmente essa tarefa. Na obediência autêntica (que é o contrário de coação, porque obediência autêntica é voluntária) e na decorrente autonomia disciplinada dos filhos adolescentes seria possível reconhecer a dignidade do pai amável. Isso também pode ser dito de outro modo: somente quem possui autoridade real pode favorecer dignamente a obediência. Quem está amarrado e inseguro, lançará mão de meios violentos, conduzindo assim os filhos à rebeldia, não à subordinação espontânea. “**Com toda a dignidade**” salienta a autoridade interior, que se situa acima da contraposição de educação autoritária – antiautoritária.

Cuidar da igreja de Deus. O presidente da igreja domiciliar não deve governar sobre ela de forma arbitrária ou ditatorial, mas pensar em seu bem-estar físico, comunitário e espiritual. A igreja não pertence a ele, mas a Deus. “Nisso sê diligente”, enfatiza Paulo mais tarde.

Família e igreja poderão crescer de forma saudável quando se encontram na mais estreita interação. Igrejas perdem seu caráter familiar quando famílias cristãs já não formam as verdadeiras células da igreja. Quando as famílias, mesmo as famílias nucleares de nosso tempo, não forem mais centros espirituais e locais de treinamento do amor experimentado de Deus, as igrejas se tornarão desertas, apesar de todo o ativismo. Por isso cuidar das igrejas significa providenciar em primeiro e principal lugar famílias saudáveis na fé. O cuidado pastoral matrimonial certamente ainda é a área mais negligenciada do aconselhamento. Quando o foco cair sobre a igreja como família de Deus, seu caráter de exemplo no matrimônio e na família se reveste de fundamental importância. Novamente não se deve entender isso como uma fachada de devoção hipócrita. Exemplo não é encenar o que não existe. Nem mesmo a pergunta temerosa sobre o que os outros dirão deve determinar ou tolher a vida familiar dos servidores da igreja.

6 Não um recém-convertido, para que não se ensoberbeça e incorra na condenação do diabo.

Visto que tantas coisas dependem da pré-figuração e do procedimento do presidente de uma igreja, seu fracasso pode ser fatal não apenas para ele, mas para muitos. Por isso ele não deve ser um recém-convertido. Afinal, um novato ainda não teve oportunidade de comprovar a fé no cotidiano.

No *presente* texto não se trata da questão da idade (ao contrário de 1Tm 5.1,9,17,19). O próprio Timóteo era “jovem” na idade, jovem demais para seus críticos. Contudo Paulo lhe atesta que ele está comprovado na fé e no amor que se desprende de si mesmo, que vê as necessidades dos outros e os assiste. A validade da autoridade de Timóteo estava somente na aprovação e no exemplo, não na idade ou na apresentação imponente, muito menos em um título oficial concedido.

Quem alcança influência como recém-convertido facilmente se embriaga com o poder que parece possuir; deixando de ser sóbrio, perdendo o discernimento para diferenças e distinções.

Ensoberbecer-se: estar inflado, anuviar; a fumaça ascendente obscurece a visão. O presidente está ameaçado pelo mesmo perigo que os hereges, e as mulheres: inebriar-se com as liberdades e possibilidades de influência conquistadas e, em seguida, tropeçar. O inflado paira como um balão sobre as baixadas do “cotidiano burguês”. Em seus vãos ele secretamente despreza os pobres e simples, os humildes e comuns. Vê, fala e atua por sobre as cabeças da igreja.

A tentação da soberba não pode ser banida definitivamente nem mesmo por anos de aprovação, mas para os recém-convertidos ela será quase inevitável e um constante risco para aquele que é experimentado há mais tempo. Por isso Paulo confessa, a seu próprio respeito, que lhe foi dado um “anjo de Satanás” para discipliná-lo, para que ele não se envaideça.

E não incorra na condenação do diabo: em Corinto havia uma igreja inteira inflada. Vangloriava-se de sua “liberdade”, na qual permitia que um membro da igreja se casasse com a mulher de seu pai (falecido), i. é, com a madrasta. Esse tipo de “matrimônio” não era permitido nem mesmo entre os gentios, mas os cristãos, em sua presunção, não viam “nada de mau” nisso.

Paulo ordena entregar a referida pessoa ao julgamento temporal de Satanás, para que seja salvo no dia do Senhor. A expressão refere-se tanto à disciplina interior na consciência (auto-acusações, autocensura, contrição, vexação) quanto à disciplina exterior eclesial. Paulo não espera apoio moral, mas lamento pela culpa partilhada por toda a igreja em sua situação de soberba, que possibilita esses pecados, tolerando-os em seu meio.

7 Mas ele também precisa ter um bom testemunho dos de fora, a fim de não cair na difamação e no laço do diabo.

Já em sua carta mais antiga o apóstolo exorta a congregação para que tenha uma “conduta decente (honrada)” aos olhos dos de fora. Não ser tropeço nem causar escândalo! Essa exortação vale para a conduta diante de todos: judeus, gregos, cristãos. Isso não tem nada a ver com uma falsa adaptação aos padrões e costumes do mundo, porque a igreja deve ser irrepreensível e pura em meio a esta geração pervertida e corrupta. Suas boas obras devem poder ser vistas à luz do dia e se diferenciar das inúteis obras das trevas. Porque “enquanto os cristãos se preocupam sacerdotalmente pelo mundo, o mundo lança o afiado olhar da hostilidade sobre a igreja, a fim de encontrar pontos vulneráveis. Por isso não será recomendável colocar na liderança da igreja homens que eram notórios na cidade por seus pecados ou fraquezas passadas, ainda que se tenham emendado sinceramente”.

Os de fora na realidade estão fora da igreja, mas nem por isso fora do alcance do juízo e da graça de Deus. Os que estão fora da igreja possuem uma percepção implacável e um juízo insubornável para os pecados daqueles que se dizem cristãos. Com essa atitude na verdade condenam a si mesmos, porque confessam que sabem muito bem o que é certo e como deveriam viver. Contudo, isso não desculpa a igreja. Ela mesma deve manter um juízo vigilante acerca das próprias transgressões e por isso ir com humildade e mansidão ao encontro dos “de fora”.

Quando se pondera como os meios de comunicação de massa vasculham a vida passada e atual de líderes políticos, econômicos e religiosos com a criatividade de um detetive, desnudando-a em público (em geral por motivos ignóbeis de luta pelo poder), torna-se ainda mais atual a exigência *do bom testemunho de fora*. Pois quando a difamação circula em lugar do bom testemunho, ela pode influir de modo tão terrível sobre o envolvido que lhe rouba a fé no perdão de Deus, lançando-o no desespero. Como uma mosca na teia da aranha, ele ficará então emaranhado nos laços do diabo, do acusador originário.

A lista das 16 “virtudes” começa de forma aparentemente inofensiva com a irrepreensibilidade como premissa fundamental para o serviço de presidente. O catálogo termina com a condição quase idêntica do bom testemunho dado pelos de fora da igreja, anunciando surpreendentemente a

verdadeira razão e a grave conotação de toda a listagem: laço e juízo do diabo, esses são a ameaça e o risco reais daquele que visa servir a outros sendo seu presidente. Enquanto assim se abre a visão para o pano de fundo da sedução demoníaca, o catálogo de virtudes perde sua limitação helenista e o sabor pequeno-burguês resultante da apreciação meramente superficial.

b) Os diáconos e as diaconisas no serviço da igreja – 1Tm 3.8-13

8 – Semelhantemente, quanto a diáconos, é necessário que sejam respeitáveis, de uma só palavra, não inclinados a muito vinho, não cobiçosos de sórdida ganância,

9 – conservando o mistério da fé com a consciência limpa.

10 – Também sejam estes primeiramente experimentados; e, se se mostrarem irrepreensíveis, exerçam o diaconato.

11 – Da mesma sorte, quanto a mulheres, é necessário que sejam elas respeitáveis, não maldizentes, temperantes e fiéis em tudo.

12 – O diácono seja marido de uma só mulher e governe bem seus filhos e a própria casa.

13 – Pois os que desempenharem bem o diaconato alcançam para si mesmos justa preeminência e muita intrepidez na fé em Cristo Jesus.

- 8 Qual é a relação entre diáconos e presidentes? Alguns comentaristas atribuem aos diáconos uma posição subordinada. Preliminarmente está claro que na verdade ambos os serviços são pressupostos, mas que a relação entre eles não é regulamentada. Não se fala de uma subordinação hierárquica dos diáconos a um “bispo”, nem se pode falar disso quando se leva em conta as declarações do NT sobre a diaconia. Em Rm 12.6ss Paulo cita, imediatamente depois da profecia, a diaconia (prestação de serviço) e, entre os dons da graça, menciona-a até mesmo antes do dom de ensinar.

Enquanto o mundo grego e judaico tinha do “ministério” a concepção de dominação, Jesus mostrou por meio de sua vida e morte que não veio para que fosse servido, mas para *servir*. O cristianismo primitivo reconheceu a realidade nova e incomparável que tivera início em Jesus. Ao falar de diaconia, introduziu um termo numa acepção desconhecida tanto entre os judeus como entre os gregos. A diaconia não designa simplesmente a assistência a pobres e doentes, como se acredita poder deduzir de At 6.1. Os sete diáconos não são “servidores da igreja”, mas dirigentes da igreja dos judeus cristãos helenistas em Jerusalém. Os “diáconos” eram evangelistas, realizavam batismos. A atividade informada sobre Estêvão não combina com a idéia que projetamos de um diácono como “servidor da igreja”. Conforme precisamos depreender das tensões, uma parcela excessivamente grande da liderança da igreja estava nas mãos de judeus cristãos palestinos. Visto que cada vez mais judeus de Roma e da Ásia Menor (residentes em Jerusalém) se tornavam cristãos, havia necessidade de ter também judeus cristãos helenistas como co-responsáveis na direção.

A influência de Estêvão era tão grande na opinião pública, e sua defesa do evangelho no poder do Espírito Santo era tão convincente, que os oponentes precisaram eliminá-lo. Será que Estêvão havia negligenciado seu serviço às mesas de cuidado das viúvas, para se tornar um evangelista – ou será que havia sido chamado, como dirigente co-responsável da igreja, a fim de zelar para que o alimento corporal e espiritual fosse distribuído?

Uma coisa é certa: o “diácono” Estêvão se tornou a primeira testemunha de sangue (mártir) mencionada no NT.

As premissas para a incumbência do diácono não são “inferiores” do que para o presidente; pelo contrário, pode-se reconhecer uma ênfase maior nas “aptidões” espirituais.

Digno: o termo ocorre ainda em Fp 4.8, onde a palavra igualmente aparece no âmbito de uma lista de virtudes. Em 1Tm 2.2 a honradez é combinada com a devoção; “honrado”, “digno” designa predominantemente o comportamento dirigido a Deus, enquanto “irrepreensível” (1Tm 3.2) se refere mais ao julgamento do mundo.

Não de língua dobre pode ter tanto o sentido de “não caluniador” (v. 11) como de “insubornável”, “puro”. Não se deve nem pode dizer a todos tudo o que se pensa, mas também não se deve dizer nada que seja diferente do que se pensa.

Não entregues desmedidamente ao vinho: a abstinência total não é exigida nem do diácono nem do presidente. A tentativa radical de rejeitar ou reprimir qualquer prazer não é suficiente para levar à libertação do prazer excessivo viciado. Uma proibição do álcool até mesmo viria ao encontro das tendências ascéticas de auto-redenção dos hereges, com os quais o próprio Timóteo se defrontava.

Não visando o lucro injusto: Tanto o presidente como também o diácono precisam administrar dinheiro e bens. Embora Timóteo seja um bom diácono – *serviu* com Paulo ao evangelho e não buscou o interesse próprio – também ele precisa da repetida exortação de fugir da ganância. Pode alegar que está servindo a outros, tentando enriquecer às custas deles, seja em bens materiais, seja em aumento de poder.

9 Que guardam o mistério da fé em uma consciência pura.

O mistério (*mysterion*) da fé ou da devoção (1Tm 3.16) pode ser equiparado com o mistério de Cristo ou mistério do evangelho. Ao contrário dos cultos de mistérios do mundo helenista, o mistério de Cristo *não* deve permanecer oculto da maioria e reservado a apenas poucos iniciados – deve ser anunciado a todos. Verdade é que a razão humana não consegue sondar o mistério de Deus, mas o próprio Espírito de Deus precisa revelá-lo ao espírito humano. Conseqüentemente o mistério de Cristo só pode ser proclamado e captado no poder do Espírito Santo e preservado unicamente em uma consciência pura. A consciência pura não é simplesmente uma “consciência limpa” no sentido superficial burguês. Somente por meio do feito reconciliador do Crucificado a consciência pode ser purificada das obras mortas. Nos cultos e ceias da igreja os homens devem elevar mãos *santas* para a oração (1Tm 2.8) e os diá-conos servir a Deus de consciência *pura*.

10 Também eles devem primeiramente ser examinados e somente depois admitidos ao serviço, se forem irrepreensíveis.

Paulo examina (o mesmo verbo do v. 10) a igreja em Corinto para ver se seu amor é genuíno. Ele exorta os cristãos que vêm à ceia do Senhor a que primeiro examinem a si mesmos, e por fim lhes diz: “Examinai-vos a vós mesmos se permaneceis na fé”. O exame dos diáconos deve ser interpretado menos como exame ou tempo probatório antes da contratação definitiva, e mais no sentido corrente em Paulo, de uma aprovação geral. É para isso que aponta a locução: “também eles”, ou seja, como os presidentes, devem gozar de um bom testemunho dentro e fora da igreja. Não temos nenhuma in-formação mais exata sobre como o exame pode ter acontecido. Decisivo é que a aprovação em si é considerara indispensável para todos (congregação, presidentes, diáconos). A fé *precisa* ser provada e purificada. O sentido da tentação não consiste em que o ser humano seja seduzido para o pecado, mas em que na tentação seja provado e aprovado pela perseverança. Todos se defrontam com o próprio Deus, que conhece e examina os corações de todos, e que por isso se dá a entender a quem ele chamou e para que.

11 Do mesmo modo as mulheres sejam dignas, não difamadoras, sóbrias e fiéis em tudo.

Será que neste versículo se trata da esposa dos diáconos ou de diaconisas? Várias razões depõem em favor de constatararmos aqui uma palavra às diaconisas: 1) O v. 11 é uma frase isolada. O v. 12 se liga ao v. 10. 2) Nada é dito sobre as mulheres dos presidentes; mas uma referência a elas seria no mínimo tão importante como às esposas dos diáconos. 3) A menção da própria casa e dos filhos não acontece em 1Tm 3.11 (aqui a menção das próprias esposas faria sentido), somente no v. 12. 4) A palavra “do mesmo modo” no v. 11 assinala, como no v. 8, um corte. 5) As afirmações sobre as mulheres são par-cialmente repetições literais (dignas) e parcialmente repetições de conteúdo (não de língua dobre = não difamadoras); guardar o mistério da fé = fidelidade em todas as coisas. Essa igualdade possui mais sentido se não apontar para as esposas, mas ao mesmo serviço exercido por uma mulher: a diaconisa. O termo feminino para diácono (diaconisa) é desconhecido no NT, motivo pelo qual foi necessário, para excluir equívocos, parafrasear aqui o diácono feminino com “a mulher”.

Do mesmo modo as mulheres devem ser dignas (em Tt 2.3 espera-se de *todas* as mulheres idosas: dignas no comportamento, não difamadoras). A tradução “as mulheres” abre a possibilidade de entendê-las como diaconisas e também em especial como esposas de diáconos e presidentes que atuavam como diaconisas.

Não difamadoras (*diabolous*) é uma expressão mais forte do que “de língua dobre” (*dilogos*) no v. 8; refere-se igualmente ao abuso da palavra.

Sóbrias: esperado como no v. 2 em relação ao presidente.

Fiéis em tudo: em todos os aspectos, determinadas pela fé, que significa fidelidade e produz fidelidade. De quem administra os mistérios de Deus se demanda fidelidade, o que vale também para a diaconisa. Se a diaconisa participava da elevada posição do diácono, as instruções de 1Tm 2.9-15 se tornam compreensíveis em uma relação mais ampla: a diaconisa responsável e influente não podia se ensobercer (como o diácono também não, v. 6), ela não deveria se deixar arrastar ao ponto de

dominar sobre o homem, p. ex., sobre o presidente, e sobre colaboradores em geral na direção da igreja. Pelo contrário, assim como ao presidente, cabe-lhe ser sóbria, reconhecendo sua medida e executando seu serviço com toda a fidelidade.

O exame das afirmações feito até aqui traz um resultado certo: tanto nas past quanto nas demais cartas de Paulo os ministérios estão pouco fixados e são muito flexíveis em termos de influência e abrangência. Alterações e regulamentações posteriores não devem ser introduzidas nas past, nem mesmo quando se tenta extrair a posterior fundamentação das past.

12 Cada diácono seja marido *de uma só* mulher e governe bem os filhos e a própria casa.

As exigências são iguais às dos presidentes, apenas formuladas de forma mais sucinta. Importante é que também no caso dos diáconos se espera o dom de presidir e se pressupõe sua aprovação na própria família. Aqui chama atenção, mais nitidamente (já que o v. 11 falava expressamente das mulheres) que em 1Tm 3.2, que em ambas as vezes as mulheres *não* são mencionadas com os filhos. São os homens que devem governar bem os *filhos* e a própria *casa*. Por que as mulheres não são mencionadas? O v. 11 acaba de enfatizar a cooperação da mulher. 1Tm 2.11 falou de subordinação, especialmente em vista do culto e da conduta na igreja. O relacionamento entre homem e mulher é descrito pela fórmula “marido de uma só mulher”, e isso significa a fidelidade matrimonial, a unidade perante Deus. Logo deve-se interpretar assim: os diáconos sejam com as esposas unidos em amor perante Deus; mas diante dos filhos e de toda a casa, inclusive escravos e parentes, sejam bons presidentes.

13 Porque os que tiverem servido bem como diáconos adquirirão para si uma boa posição e muita ousadia na fé que há no Messias Jesus.

Será que a boa posição (categoria, nível) deve ser vista como uma indicação de que, em caso de bom comportamento, o diácono (inferior) pode ser promovido ao nível superior de presidente? A isso se contrapõe o fato de que o serviço do diácono em si mesmo é valioso e bom, assim como o do presidente (1Tm 3.1). Ambos os ministérios encontram-se no mesmo nível. Será que “boa posição” visa assinalar a influência do diácono sobre a igreja e sua valorização em relação a ele? Se Timóteo viver e servir como diácono de Cristo na fé, seu *progresso* poderá ser reconhecido por todos, e ele se salvará junto com os ouvintes. Também Paulo não visa apenas salvar a outros, mas participar pessoalmente da salvação por meio do evangelho. Sob essa perspectiva a boa posição pode incluir as repercussões na igreja e resposta dela.

Muita ousadia na fé que há no Messias Jesus aponta para a origem e o alvo da boa posição: em Jesus Cristo.

Adquirir para si tem uma conotação mais religiosa que moral, particularmente em conexão com “intrepidez” na fé. O serviço bem realizado revela que as obras são fruto da **fé em Jesus Cristo**, por isso a **ousadia**. Nem justiça pelas obras nem negligência na obra! “Uma boa posição” assinala a responsabilidade do ecônomo; “muita ousadia na fé” aponta para a livre aceitação por Deus. Novamente aparece e se preserva a tensão característica: onipotência de Deus e responsabilidade humana.

Na fé que há no Messias Jesus – uma formulação incomum. Trata-se não apenas da fé “em” Jesus, mas da confiança que se alicerça no Messias e que se fia nele (Schlatter), e ainda mais: pelo fato de o Messias residir em nossos corações (Ef 3.17), também sua confiança habita em nós. **Na fé** deve ser entendido como causal. A razão da posição e da ousadia está na fé: Paulo em 1Tm 1.4; 2.7; Timóteo em 1Tm 1.19; 4.6; a mulher em 1Tm 2.15; os diáconos em 1Tm 3.13. Cf. a esse respeito as boas obras: das mulheres em 1Tm 2.10; do presidente em 1Tm 3.1; do serviço bem executado dos diáconos em 1Tm 3.13; dos ricos em 1Tm 6.18;

Nos cultos de mistérios **uma boa posição** significa “degrau” como posição conquistada na jornada para o “céu”. Aqui, porém, se pretende afirmar o contrário. O adágio que pode ter surgido também em grupos cristãos é acolhido aqui e citado contra a heresia da auto-redenção. Por isso as mulheres não devem buscar a salvação em supostas regiões superiores (1Tm 2.15), os diáconos não em estágios superiores (1Tm 3.13), os ricos (1Tm 6.18s) não na esperança por riqueza; todos eles são salvos **pela fé**, obtendo nela a vida verdadeira, por isso podem permanecer e servir em fidelidade ao que está à mão.

O v. 13 também pode ser considerado encerramento do bloco de 1Tm 3.1-13: nesse caso presidentes, diáconos e diaconisas estão incluídos na exortação para servir bem e na promessa da boa posição com muita ousadia na fé. Do mesmo modo 1Tm 2.15, encerrando a instrução sobre a oração

da igreja, pode abarcar e exortar homens e mulheres: “Se permanecerem (homens e mulheres) na fé, no amor e na santificação com sensatez.”

c) A presença do Senhor no Espírito – 1Tm 3.14-16

14 – Escrevo-te estas coisas, esperando ir ver-te em breve;

15 – para que, se eu tardar, fiques ciente de como se deve proceder na casa de Deus, que é a igreja do Deus vivo, coluna e baluarte da verdade.

16 – Evidentemente, grande é o mistério da piedade: Aquele que foi manifestado na carne foi justificado em espírito, contemplado por anjos, pregado entre os gentios, crido no mundo, recebido na glória.

14 Embora Paulo espere que em breve possa vir pessoalmente e estar com Timóteo (retomando o ponto inicial de 1Tm 1.3), precisa levar em conta um atraso ou um impedimento. Durante seu cativeiro ele havia esperado poder visitar a igreja em Filipos em pouco tempo; apesar disso enviou Timóteo à frente dele. Da primeira vez envia antes um colaborador, da segunda vez envia uma carta a seu colaborador. Já conversou com Timóteo sobre as “questões da igreja” e espera poder continuar falando com ele. Apesar disso deseja fixar por escrito o que foi dito e o que precisa ser dito, porque conhece o valor e a necessidade da repetição. “Não me aborrece escrever-vos as mesmas coisas, mas a vós fortalece” (QI 25s).

15 **Proceder:** portar-se, executar sua incumbência, levar sua conduta, também se comportar uns diante dos outros. 2Co 1.12: “O testemunho de nossa consciência de que, com santidade e sinceridade de Deus, não com sabedoria humana, mas, na graça divina, temos vivido no mundo”, i. é, que nos comportamos.

A conduta cristã, a verdadeira devoção, não se fundamenta na opinião humana, não no costume burguês ou antiburguês, não na “natureza”, mas no mistério de Deus.

No AT **casa de Deus** designa o templo no qual reside o nome de Deus. A pessoa que ora deseja poder habitar constantemente na casa de Deus e ter nela comunhão com Deus. Vale notar que em lugar algum “casa de Deus” é equiparada a “casa de Israel”, como acontece posteriormente no NT: “Sua casa somos nós.”

Percebe-se que o efeito do templo visível, feito por mãos, era tão grande que a idéia de uma “casa espiritual” teve dificuldades para firmar-se. Contudo existem rudimentos para o habitar de Deus entre os humanos que transcende um santuário visível. O profeta vê chegar uma época em que a lei não será mais escrita exteriormente sobre tábuas, guardada no tabernáculo itinerante ou no templo imóvel em Jerusalém, mas deitada no interior da casa de Israel, i. é, escrita em seu coração, e assim Deus será o seu Deus, e eles serão o seu povo (A 5).

Aquilo que se pode notar rudimentarmente no AT, a saber, que a igreja convocada e chamada para fora por Deus (é esse o significado do termo *ekklesia*), que o povo de Deus também é **casa de Deus**, na qual ele habita, ocupa agora um espaço bem central no NT. Contudo, não é verdade que agora mais uma vez o templo, isto é, a igreja se encontre no centro; seu centro é o Senhor.

Como as past vêm a casa de Deus? (A 5) Nas casas dos cristãos deve ser evidenciada aquela piedade que corresponde ao caráter da casa de Deus, na qual Deus se manifesta em Cristo, o mistério da beatitude. Somente nesse Cristo é real e possível a vida em beatitude. Toda família que tiver Cristo no centro é uma casa de Deus. “O que se esperava dos presidentes e diáconos como pais de família possui sua fundamentação e cumprimento em Deus, o Pai, do qual toda paternidade no céu e na terra possuem o nome.” A família é a pequena casa (ainda que naquele tempo fosse em geral um tanto diferente de nosso núcleo familiar: com muitas crianças, avós ou parentes que vivem com a família, servos e servas, escravos, administradores e supervisores), a igreja é a casa grande, em que o dono da casa utiliza as diferentes vasilhas para seu serviço.

Timóteo deve considerar e exortar os diversos membros de igreja como *familia Dei*.

A igreja do Deus vivo: uma intensificação em relação a “igreja de Deus” (v. 5). O Deus vivo não se deixa fixar por desejos e concepções humanas, ou exercícios religiosos. Ele se entrega inteiramente à igreja e não obstante continua sendo totalmente seu Senhor.

Desde o princípio e por natureza a igreja sempre está tanto no *movimento* de ser chamada e reunida por Deus como em *permanecer* e perseverar no grande ponto de reunião e repouso de Deus: em Cristo Jesus.

Por essa razão não nos deve surpreender que o texto inclua uma terceira qualificação:

Coluna e fundamento da verdade. Diante do fato de que cada pessoa renascida pode ser uma coluna (ou uma pilastra) no templo de seu Deus, indivíduos também podem se tornar colunas particularmente fortes. Deus deseja construir um templo vivo de pedras e colunas vivas.

Fundamento da verdade. Será que de fato temos diante de nós uma concepção apenas estática de igreja? Porventura a igreja recebe uma relevância até agora não conhecida, como fundamento e portadora da verdade? Contra essas suposições cumpre explicitar:

1) Ambas as palavras, “coluna” e “fundamento”, aparecem sem artigo, ou seja, não se trata da igreja como uma grandeza própria, mas de qualquer reunião de cristãos apoiados na palavra de Cristo.

2) Paulo escreve, sem considerar isto como uma contradição, que como construtor ele *lançou* o fundamento que já *está posto*: Jesus Cristo. Ele lança a base ao anunciar a Cristo, a pedra fundamental. Chega à *verdade* aquele que reconhece o único Mediador entre Deus e os humanos, Jesus Cristo. Ouviu a palavra da *verdade* e crê nela. A igreja é “fundamento da verdade” na medida em que se baseia em Cristo.

3) Uma comparação com 2Tm 2.19s confirma que no entendimento das past Deus é aquele que lança a base firme, e que a última decisão sobre quem pertence à igreja e quem não permanece com Deus.

O firme fundamento lançado por Deus permanece, ele possui um lacre duplo: a) Deus conhece aqueles aos quais chamou, b) a Deus, que chama e santifica, o ser humano responde deixando-se santificar, ou seja, distanciando-se da não-santidade (veja o comentário a 2Tm 2.19s). Persiste a mesma tensão existente no discurso de Jeremias sobre o templo: quem confessa que pertence ao templo do Senhor está sujeito ao Senhor do templo, ao Deus santo e vivo, que possibilita sua vida em santificação e por isso também a espera.

4) As três imagens sobrepostas “casa”, “igreja”, “fundamento” (de Deus, do Deus vivo, da verdade) representam um movimento de transição de um para outro, desse modo assinalando o móvel e o permanente, o dinâmico e o constante.

5) Assim como Paulo encerra suas afirmações sobre a conduta de homens e mulheres no culto dos coríntios com uma referência à “igreja de Deus”, assim ocorre também aqui. O fato de que aqui são acumuladas mais palavras não constitui prova de que a igreja seja tomada mais a sério. Paulo havia utilizado todas as expressões, e mais do que essas, também nas cartas aos Coríntios, ainda que dispersas no contexto.

6) Decisivo, porém, é o fato de que o capítulo não acaba com o olhar sobre a igreja, mas com um hino para Cristo. É em direção desse hino que tudo aponta; a primeira e última coisa não é a igreja, mas Cristo, não o corpo, mas o cabeça. Contudo ambos formam uma unidade da forma como os v. 15 e 16 os conectam. Não se pode detectar uma evolução e solidificação diante de exposições mais antigas de Paulo, mas acontece o oposto. Uma comparação com o hino cristológico da carta aos Filipenses o sugere. Em Fp 2.5-11 Paulo *fundamenta* a conduta da igreja (na humildade cada um considere o outro superior) por meio do hino à humildade de Jesus. Cristo não é simplesmente exemplo para imitação moral. Sua mentalidade e sua ação fundamentam a mentalidade e ação dos filipenses. Do mesmo modo 1Tm 3.16 é alvo final e ao mesmo tempo fundamentação da beatitude, da mentalidade santa e da ação na igreja.

Fp 2.5 não se refere à “mentalidade”, que se orienta pelo ideal de uma virtude, mas a um “direcionar-se para”, um “orientar-se” conforme uma realidade dada e cumprida, que foi resolvida e inaugurada em Cristo Jesus. É precisamente dessa maneira que o hino cristológico de 1Tm 3.16 está inserido no conjunto da carta e de suas instruções.

16 E, como todos confessam unanimemente, grande é o mistério da beatitude: é ele que foi manifesto na carne, que obteve razão no Espírito, que foi contemplado pelos anjos, proclamado entre os povos, que encontrou fé no mundo, que foi recebido na glória.

Temos diante de nós um hino a Cristo que apresenta traços análogos a outros hinos cristológicos no NT. A primeira igreja entoou hinos, i. é, cânticos de louvor e salmos (QI 25e). A igreja oferta a Deus um sacrifício de louvor, confessando com os lábios “o nome”.

O contexto em Hb 13.7-15, onde se fala do sacrifício de louvor, torna plausível a conclusão de que esses hinos de gratidão são cantados principalmente na ceia do Senhor.

Como todos confessam unanimemente. O hino é promessa e exortação. Dirige-se contra heresias, que negam a encarnação de Cristo e mesclam o evangelho com outras doutrinas de salvação. No entanto o hino motiva a igreja ao louvor de Deus, pelo qual poderá convalescer, ao invés de se emaranhar em guerras verbais.

O mistério da beatitude não é “algo”, uma coisa, nem mesmo uma doutrina ou confissão ou conduta, **é ele** (QI 15). O texto não afirma, como se poderia esperar, “o mistério, que foi revelado”, mas “o mistério, quem foi revelado”(QI 7).

Faz parte da maneira reservada com que “ele”, o fundamento e centro da igreja, é introduzido também o singelo “e”, que abre o v. 16. O mistério é grande, declara Paulo em relação ao vínculo matrimonial de marido e mulher, e simultaneamente ele o aplica ao relacionamento entre Cristo e a igreja. Em última análise o mistério consiste em uma *relação*: o amor existente entre Deus e ser humano. Baseia-se unicamente na iniciativa de Deus, gerando assim a resposta amorosa da pessoa: amamos porque ele nos amou primeiro. O Mediador Jesus Cristo, que a si mesmo pagou como resgate por amor, manifesta e concretiza o mistério do amor entre Deus e ser humano.

O hino subdivide-se em três estrofes. Cada estrofe possui dois verbos na voz passiva. A forma verbal grega (aoristo passivo) expressa o surgimento de um fato, a continuação de um episódio iniciado no passado e não uma idéia geral. A forma passiva dos verbos atesta o agir avassalador de Deus e explicita o mistério da beatitude: ele foi revelado na igreja e apesar disso não pode ser compreendido e apreendido pelos homens. Cada par de afirmações se contrapõe, e ao mesmo tempo as três estrofes formam declarações paralelas.

Todos os seis substantivos sem artigo contêm significado elementar e abrangente, que assinalam os “modos de ser” celestial e terreno. O hino começa no terreno (manifesto na carne; o “manifesto” aponta ao mesmo tempo para a origem oculta, não indicada no hino), leva ao celestial (confirmado no Espírito), permanece na segunda estrofe na esfera celestial (visto pelos anjos) e retorna ao terreno (proclamado aos povos). A terceira estrofe, por sua vez, permanece no terreno (crido no mundo) e termina no celestial (acolhido na glória). A esfera terrena: manifesto na carne, proclamado aos povos, crido no mundo. A esfera celestial: confirmado no Espírito, contemplado pelos anjos, acolhido na glória.

Desse modo a própria estrutura gramatical explicita o mistério: **Ele**, que abrange céus e terra, a quem céus e terra confessam como o único Mediador e Centro.

Todos os hinos cristológicos no NT possuem perspectiva cósmica. Um louvor universal abarca diferenças vastas como os céus. Também os verbos que se referem ao âmbito celestial levam do mais estreito e oculto à amplitude e altitude máximas. “Justificado no Espírito” constitui praticamente um evento intradivino, trinitário, depois a contemplação dos anjos e por fim as conseqüências até para toda a plenitude da glória.

Origem e alvo, carne e glória emolduram o imponente mistério. Ele foi manifesto a partir da glória celestial, e para lá foi novamente exaltado. Mas ele não deixou atrás de si um rastro que desaparece. O verdadeiro Cristo se tornou um ser humano real, revelado na carne, ele se manifesta em sua realidade terrena (a seus discípulos e apóstolos, que o viram de fato e o proclamam) e encontra fé real entre pessoas de carne e osso, em todo o mundo. Essa é sua igreja, a convocada para fora.

Manifestado na carne. Carne como existência terrena finita em contraposição à existência de Deus: “Os egípcios são homens e não deuses; os seus cavalos, carne e não espírito.” “O verbo se tornou carne”, viveu uma vida corporal de carne e sangue. Nesse ser humano surgiram fisicamente a graça, a bondade e amabilidade de Deus; ele tornou-se visível e experimentável para todas as pessoas. “O alvo de todos os caminhos de Deus é a corporeidade.” Deus habita em Cristo “corporalmente”. Acerca da morte do Redentor falam 1Tm 1.15; 2.3-6. Aqui em 1Tm 3.16 é enaltecida primordialmente a encarnação (o tornar-se pessoa) por Deus em Cristo.

Que obteve razão no Espírito. Não é a justificação do pecador na terra que é exaltada no louvor, mas a confirmação do Filho na glória. É nesse sentido que Paulo cita em Rm 3.4 o Sl 51.6: “Para seres justificado nas tuas palavras e venhas a vencer quando fores julgado.” Para um contexto análogo remete Rm 1.3s: “Segundo a carne, veio da descendência de Davi, e foi designado Filho de Deus com poder, segundo o espírito de santidade pela ressurreição dos mortos”. Compare-se com isso 2Tm 2.8: “Jesus Cristo, ressuscitado de entre os mortos (comprovação da filiação no poder do Espírito), descendente de Davi (segundo a carne).”

A oposição não está na carne e no espírito no interior do ser humano, mas na pobreza e caducidade da carne humana em oposição à plenitude e potestade do Espírito divino. O Filho de Deus revelado com total humanidade é confirmado pelo Espírito de Deus como Filho de Deus e Filho do homem: “Tu és o meu Filho amado, em ti me comprazo.” Por isso alguns exegetas também pensam no batismo de Jesus, no qual importa “cumprir toda a justiça”. Desse modo Jesus se curva vicariamente sob o pecado do povo e do mundo. Depois do batismo ele recebe a confirmação por intermédio do *Espírito*, e os *anjos* o servem. Contudo a estrutura do hino, que contrapõe três vezes a esfera humana e a divina, depõe contra essa explicação. No primeiro verso a manifestação na *carne* e a confirmação pelo Espírito no *batismo* fariam ambas do acontecimento terreno. Wilckens traduz, para explicitar, a contraposição: “Revelado foi ele em uma pobre vida humana / seu direito ele o obteve na esfera de poder do Espírito de Deus.”

A morte de Jesus é a confirmação de sua verdadeira humanidade, a ressurreição no poder do divino Espírito é a confirmação de sua verdadeira condição divina. Não foram sonhos de desejos humanos que transformaram o ser humano Jesus em Deus. Foi exclusivamente a ressurreição que o confirmou, contra todas as expectativas e compreensão humanas, como aquele que ele realmente é. O Ressuscitado, porém, não é demonstrado e reconhecido com métodos humanos; anjos o *contemplaram* – aos povos ele foi *anunciado*.

Contemplado pelos anjos. Uma vez que anjo também pode ser traduzido por “mensageiro”, alguns comentaristas pretendem encontrar aqui testemunhas e mensageiros da ressurreição. Contudo novamente a estrutura do hino é decisiva, confirmada por uma relação similar no hino cristológico da carta aos Hebreus.

Tanto as past como as cartas aos Hebreus e Colossenses rejeitam heresias nas quais poderes angelicais assumem uma posição de predominância. Mas Cristo está exaltado acima de todos, inclusive e especialmente acima dos poderes invisíveis.

Nem a vida do Cristo nem a da igreja transcorre apenas no âmbito de poderes terrenos – essa é a afirmação central da confissão “contemplado pelos anjos”.

Proclamado aos povos. Pelo fato de a salvação valer para todas as pessoas a boa notícia também deve alcançar a todos. Faz parte do mistério do Cristo que ele deve ser comunicado a todos os povos, não apenas ao único povo de Israel. Paulo escreve, em total consonância com a presente afirmação, que o evangelho foi anunciado a todos os povos, ou seja, que se tornou uma realidade histórica. Contudo o tempo verbal peculiar na verdade expressa um evento no passado, mas frisa sua continuação no presente. “O evangelho foi proclamado na criação toda debaixo do céu.”

Assim como em todos os países o louvor não-verbal da criação proclama a honra de Deus, assim como o sol segue alegre por sua trajetória, assim o evangelho percorre o mundo inteiro, sem ser detido por algemas, fraquezas e pecados humanos. Paulo gostaria de participar da marcha triunfal do e-vangelho iniciada pelo próprio Jesus e liderada por ele. Deus é o autor de toda salvação, ele manifesta a salvação em Cristo a todos, ele faz com que o perfume de seu conhecimento se propague por todo o mundo. Não foi Paulo quem criou o evangelho. Afinal não foi ele que morreu a morte do Redentor em favor de outros. Ninguém foi batizado no nome dele: desde o começo Cristo é conteúdo e alvo, razão que move e impulsiona o evangelho para todos os povos. Por isso hino exalta seu mistério: “Foi proclamado aos povos.” Isso precisava ser destacado nitidamente. A forma verbal passiva foi preservada também na presente asserção não somente por causa da rigorosa estrutura da estrofe, mas por causa do significado do conteúdo: em tudo é Deus quem age.

Enfatizar essa orientação básica do hino que marca toda a carta não é desnecessário em uma época em que a manipulação do ser humano pelo ser humano toma proporções terríveis. Também cristãos chamam e são chamados para ações, mobilizações, missões, evangelizações. Propaganda, programas, concepções, planos estratégicos impelem à dedicação, ao engajamento, à ação.

Toda a premência – da qual também os profetas estão imbuídos, a mesma que as past deixam transparecer – visa a ser medida no evangelho. Ninguém pode ser mais insistente que o próprio Deus. Mas sua premência não é do tipo atizador. Justamente por não manipular o ser humano, mas chamá-lo à liberdade e graça, a pessoa assim chamada é capaz de atuar – por graça – com mais vigor, resistência e incansabilidade do que unicamente por resoluções humanas. Por quais motivações somos levados a praticar “ações”? O que acontece depois do “engajamento”: será que as forças empenhadas estão gastas ou será que se renovam e fortificam? O que resta das “evangelizações”?

Será que pessoas são enraizadas e alicerçadas em Cristo, crescendo e dando fruto durante uma vida inteira, ou será que os “resultados” desaparecem em breve?

O parâmetro do evangelho pode ser claramente aplicado e verificado no contexto do hino cristológico: será que a exaltação do mistério de Cristo, **proclamado aos povos**, leva à proclamação e missão? E porventura toda a evangelização desemboca na fé que enaltece a graça de Deus?

Encontrou fé no mundo. A forma verbal “crido” aparece somente aqui no NT, adaptada ao mesmo formato dos cinco verbos restantes. *Kosmos* (mundo) deve ser visto aqui como ampliação e intensificação de *ethne* (mundo dos povos). Relevante é nesse caso a formulação “crido no mundo”, e não “crido pelo mundo”. Está em jogo a verdadeira universalidade da salvação em Cristo, a “adoração do Pai no Filho” em todo o mundo. Os efésios declaram que a deusa Diana é venerada “por todo o mundo”. Em contraposição o hino atesta que e porque Cristo de fato é crido em todo o mundo.

O mundo não conhece a Deus, não conhece a devoção (beatitude) fundamentada em Deus, não conhece o louvor dirigido ao Redentor. Como, afinal, é possível entoar “crido no mundo”?

O milagre da fé não é menos imenso que o milagre da proclamação, porque ambos vivem do milagre do evangelho.

Como Cristo pode ter entrado *no mundo* para salvar pecadores? Nessa pergunta ocultam-se várias indagações, todas correlatas: como Deus pode ter se tornado humano, morrido e ressuscitado? Como Deus, afinal, é capaz de trazer à existência uma criação? Como Deus pode começar e consumir uma nova criação no meio da antiga? O NT fornece resposta a isso: em, por meio de, e com Cristo.

A notícia de que no mundo existem pessoas nas quais ele encontra fê possui o mesmo “tamanho” de outras “partes” do hino; é parte inerente da “totalidade” do evangelho; sem o “crido no mundo” o grande mistério não está completo. Por meio dessa frase a igreja crente celebra o milagre da fé, que brilha em seu meio como no primeiro dia da criação.

Proclamado – crido. O hino para o qual aponta a parte precedente da carta faz reluzir sem sombra de dúvida o evangelho todo e verdadeiro: nem doutrinas humanas particulares nem realizações humanas particulares trazem a salvação. O evangelho só pode ser proclamado e crido. Menos ou mais do que isso deixa de ser evangelho, mas passa a ser “doutrina estranha”.

Finalmente cabe refletir, a partir dessa parte do hino, sobre o significado cósmico: crido no cosmos. A própria criação deve ser liberta da escravização na transitoriedade para a liberdade e glória concedida aos filhos de Deus. Deus deseja renovar a criação inteira através de pessoas renovadas. Os sofrimentos do mundo transitório são ao mesmo tempo dores de parto do novo mundo, que é crido e esperado no mundo “por meio do evangelho”.

Foi recebido na glória. Glória é o “modo de ser” de Deus, o jeito e a “radiação” de Deus. Glória (*doxa*) é esplendor sobrenatural de luz, fogo sagrado do amor de Deus. Jesus ora como ser humano pela glorificação de seu ser em Deus. “E agora, Pai, glorifica-me junto de ti, com a glória que eu tinha junto de ti, antes que o mundo existisse.” Jesus apareceu aos discípulos no monte da transfiguração no esplendor de luz (*doxa*). Ele é o Senhor da glória, crucificado por aqueles que com sua sabedoria não o reconheceram.

“Recebido” constitui uma locução fixa para o retorno do Filho ao Pai. Essa chamada “Ascensão” não é um pairar nas nuvens em direção a um céu localizado, mas um ser guardado em outra forma de ser divina, uma entrada no invisível. O mundo celestial é o lugar de Deus, um local não situado em nosso conceito humano restrito de espaço e tempo.

Também a frase conclusiva do hino foi introduzida previamente por Paulo, como aliás cada parte das past foi expressamente desenvolvida e marcada pelo hino.

“O evangelho da glória do Deus bendito”, cuja *proclamação* lhe foi confiada. Ele, que veio da glória para o mundo, foi recebido na glória; somente sobe aquele que desceu.

Nesse hino a Cristo a igreja celebra o grande mistério da beatitude, o evangelho da glória do Deus bendito. Por meio desse hino o apóstolo confere à sua carta o centro determinante para doutrina, exortação, advertência e combate aos hereges.

Aquele que veio ao mundo e nele morreu e ressuscitou é ao mesmo tempo o Glorificado, que é manifesto no mundo, proclamado e crido. O hino foi recebido no Espírito, e no Espírito a igreja louva seu Criador, Redentor e Consumador. No louvor ela se dá conta do mistério que reconcilia e une Deus e o ser humano em Cristo. Sim, ele foi manifesto na carne – justificado no Espírito – contemplado pelos anjos – proclamado aos povos – crido no mundo – acolhido na glória!

4. A igreja no mundo – 1Tm 4.1-11

a) O Espírito revela a falsa abstinência – 1Tm 4.1-5

- 1 – Ora, o Espírito afirma expressamente que, nos últimos tempos, alguns apostatarão da fé, por obedecerem a espíritos enganadores e a ensinos de demônios,
- 2 – pela hipocrisia dos que falam mentiras e que têm cauterizada a própria consciência,
- 3 – que proibem o casamento e exigem abstinência de alimentos que Deus criou para serem recebidos, com ações de graças, pelos fiéis e por quantos conhecem plenamente a verdade;
- 4 – pois tudo que Deus criou é bom, e, recebido com ações de graças, nada é recusável,
- 5 – porque, pela palavra de Deus e pela oração, é santificado.

Em todos os lugares e situações em que “a igreja do Deus vivo” enaltece e explicita com fé o mistério da verdadeira devoção, a beatitude em Cristo, entra em cena também o jogo enganoso da devoção falsa, separada de Deus. A manifestação do Cristo pressiona para que seja revelada a imagem contrária, o anticristo.

O mesmo Espírito que revela o mistério da beatitude desvenda também o poder opositor dos espíritos aliciadores. Às declarações proféticas sobre Timóteo, segundo as quais ele pode e deve ser um verdadeiro mestre de palavras saudáveis, correspondem as declarações proféticas sobre os falsos mestres, cujas palavras se alastram como um tumor canceroso. Onde o mistério da fé e da beatitude brilha, ele desmascara o cenário sombrio da incredulidade e do ateísmo. Também esse pano de fundo é chamado de mistério, porque não é acessível ao conhecimento e à compreensão humanos.

A igreja que serve e ora, e que se abre para a verdade redentora, está abrigada no Verdadeiro, contudo, ao mesmo tempo, e justamente por isso, está exposta ao poder da mentira e da sedução, e isso não diz respeito apenas às mulheres, mas a todos os membros da igreja, dos quais diversos já apostataram da fé e muitos ainda hão de apostatar.

1 O Espírito afirma expressamente que, nos últimos tempos, alguns apostatarão da fé, por atentarem para espíritos enganadores e doutrinas de demônios.

O Espírito Santo revela pelos lábios de profetas com palavras claras e inequívocas, e não em palavras enigmáticas ou visões cujo sentido ainda precisa ser explicado, aquilo que precisa ser dito à igreja (QI 13). Diante dessa afirmação pode-se pensar em uma profecia concreta, proferida no passado, acerca do caráter do fim dos tempos, que na verdade possuía validade geral, mas que, em consonância com as circunstâncias de uma igreja ou de um indivíduo, tornava a falar de forma direta “para a situação”, iluminando-a.

O Espírito da profecia revela tanto o mistério de Deus como o poder mentiroso do mal. Profecia é parte inseparável do discernimento de espíritos. Instruído justamente por esse Espírito, o primeiro cristianismo sabia que a vinda do reino de Deus está indissoluvelmente ligada a tribulação, sofrimento, tentação e luta, provocados pela oposição e pelo aliciamento do espírito da sedução. Os evangelhos atestam unanimemente que desde o começo era preciso levar em conta que com o surgimento do verdadeiro Messias também se apresentariam muitos falsos messias e que em nome do verdadeiro profeta (Jesus) apareceriam muitos falsos profetas. Da mesma forma Paulo profetizava desde muito cedo que depois dele surgiriam falsos mestres, ou que até já tinham aparecido. O apóstolo ensinou a igreja a examinar os espíritos dos profetas, porque também os falsos mestres reivindicam ser inspirados pelo Espírito. Por essa razão não se deve acreditar sem um criterioso discernimento em mestres que se apresentam com erudição, poder da palavra ou carisma. Porque quem ingenuamente dá ouvidos a **espíritos sedutores e doutrinas de demônios**, quem dirige a eles sua atenção e se rende às suas ardilosas insuflações há de **apostatar da fé**. O que Paulo escreve aqui não é novidade ou surpresa nem no contexto de suas demais cartas nem na presente carta. Paulo sempre entende a heresia em conexão com a sedução e obcecação satânicas. Os hereges mencionados em 1Tm 1.3,6 e a apostasia já acontecida por causa da ação deles, bem como a tentação especial das mulheres na igreja de Éfeso (1Tm 2.14), representam somente o começo daquilo que ainda se manifestará de forma mais explícita no tempo vindouro (1Tm 4.1).

Não é por acaso que acontece a ligação com 1Tm 3.16: a confissão causada pelo Espírito, em favor daquele que foi revelado na carne, causa por meio desse mesmo Espírito a advertência contra os hereges.

Nos últimos prazos pode significar tanto um prazo posterior quanto último. Não há diferença de peso entre 1Tm 4.1 e 2Tm 3.1. O tempo é tardio e tensionado em direção das últimas coisas. “O prazo é escasso.”

Oposição e apostasia crescentes são sinais da proximidade do fim. Ainda que o Espírito da profecia desvende um âmbito no qual presente, passado e futuro são um só, não deixa de persistir nas past, como nos demais textos do NT, a tensão entre o período atual como tempo do fim e o encerramento do fim dos tempos.

Apostatar da fé: aqui o verbo designa a apostasia intencional e consciente, ou seja, mais intensa que em 1Tm 1.6,19; cf. Lc 8.13s: pessoas que “apostatarão no momento da tentação”; Hb 3.12: “afastar-se do Deus vivo através de um mau coração de incredulidade”. A palavra também pode ter o sentido de “ceder”: a viúva não se afasta do templo. Timóteo não deve ceder, mas perseverar, ficar.

Espíritos sedutores: Errar não é – como diz o ditado – humano, mas em última análise – como enfatiza a Bíblia – demoníaco, porque por trás do erro está o poder da sedução. Em nenhum contexto o erro é mais trágico do que no contexto religioso. A pessoa acredita servir a Deus, mas na verdade é refém dos demônios.

Doutrinas de demônios: a igreja está exposta a uma influência sistemática sob supervisão organizada. “Satanás cria uma nova religião! Essa é a tentação do fim dos tempos.” Ao *único Espírito Santo* se contrapõem muitos espíritos não-santos, à única doutrina saudável, as muitas doutrinas prejudiciais.

- 2 **Oriundas de mentirosos hipócritas, cuja consciência está cauterizada.** Em termos gramaticais “hipocrisia” na verdade poderia se referir a “demônios”, mas é mais plausível pensar nos que, influenciados por eles, falam mentiras e atualmente agem na igreja. Hipocrisia: dissimulação, pretender ou querer ser o que não se é. Os que falam mentiras (*pseudologoi*) são falsos apóstolos (*pseudo-apostoloi*). A composição freqüente de palavras com o prefixo “pseudo” (falso), usual também em nosso idioma, assinala a mentira falsificadora, a semelhança enganosa, e em última análise a alegada autenticidade que pertence à pseudo-religião com sua pseudo-religiosidade. Trata-se de uma forma de devoção sem a força da verdade e realidade trazidas por Deus. Quando se abandona e renega a fé alicerçada sobre a verdade de Deus, a superstição da mentira passa a dominar. No entanto, mentira não é apenas falar falso, o poder da mentira perpassa todas as esferas da vida, a própria vida se torna mentirosa. A mentira da vida falsifica tudo, ainda antes e sem que uma palavra inverídica seja pronunciada. Os pseudopropetas, cujo ser equivale a lobos vorazes, aparecem em vestes de cordeiro como inofensivos e inocentes portadores de felicidade. A igreja deve precaver-se contra eles. Aos servos autênticos não devem ser desconhecidas as investidas ardilosas de Satanás, chamado o “pai da mentira”. Além do argumento de que uma mentalidade que se considera esclarecida descarta tudo o que é “demoníaco” como arcaico ou irreal, também se poderia levantar contra Paulo a acusação de que ele demoniza seus adversários. Não podemos analisar aqui a dimensão do demoníaco de forma aprofundada. Deve bastar agora a menção de que essa categoria faz parte do conteúdo indemissível da revelação bíblica. Aliás, quanto à acusação da demonização cabe dizer: não se trata, nesse caso, de injustificadamente declarar hereges pessoas que pensam de forma diferente, o que favoreceria ou até mesmo justificaria a tendência humana de julgar precipitadamente. Evidentemente, quando não se cogita ou não se leva a sério a referência expressa ao falar profético, i. é, ao discurso causado pelo Espírito, não é possível haver compreensão para a luta espiritual. Esse bom combate da fé *não* luta contra carne e sangue (pessoas visíveis), mas contra poderes intelectuais da maldade no mundo invisível.

Os sedutores seduzidos, que encontraram prazer e lucro na sedução das pessoas, estão **cauterizados na consciência**. Talvez exerça influência aqui a idéia de que essas pessoas são marcadas pelo demônio. Sua consciência está paralisada, a ponto de já não serem capazes de sentir vergonha ou arre-pendimento por seu agir. “Perderam qualquer senso de vergonha.”

Os hereges não devem ser atacados, nem pela difamação e muito menos pela violência, mas é preciso advertir contra eles. Seu ensino e agir precisam ser desmascarados como perniciosos.

- 3 **Proíbem casar e comer determinados alimentos.** Afinal, será que o chamado à abstinência pode ser sedutor? Geralmente imaginamos sedução em primeiro lugar como aliciamento para a devassidão e não a ascese. Não obstante, há uma ligação estreita entre a proibição de satisfazer necessidades humanas básicas e a licenciosidade desenfreada. O abuso desmedido da graça de Deus leva ao

desprazer, ao vazio, ao asco. Quem se “saturou” de uma comida por longo tempo não terá mais gosto em comê-la.

Proíbem casar. O casamento é impedido não por uma abstinência voluntária, mas por um preceito compromissivo que vale para todos. A proibição do matrimônio era estranha ao judaísmo. Contudo sabe-se que os essênios praticavam espontaneamente a abstinência ao matrimônio, da mesma forma que grupos religiosos em Éfeso influenciados por cultos orientais e práticas mágicas. As origens da proibição do matrimônio introduzida nas igrejas pelos hereges podem ser diversas: 1) Reação contra a devassidão gentílica, que os próprios cristãos haviam praticado anteriormente. 2) Interpretação e aplicação errada da doutrina da ressurreição: “Na ressurreição não se casam e não se dão em casamento, mas são semelhantes aos anjos.” Quando os hereges asseveraram que a “ressurreição já aconteceu”, destroem a fé de várias pessoas. Agora (como ressuscitados) os membros da igreja podiam ou eram obrigados a se considerar anjos. Pelo que parece, a tentação de ter uma vida “angelical” já era grande em Corinto. Paulo precisa frisar que abstinência sexual no matrimônio somente é correta por tempo limitado e unicamente mediante acordo dos parceiros. 3) O próprio Paulo pode ter dado motivo a equívocos, como, aliás, também outras palavras dele sofreram abuso e distorção. Por um lado escreveu que é bom se casar, mas por outro também que é melhor permanecer solteiro e mais ditoso não voltar a casar-se. Contudo ele jamais derivou disso uma proibição do matrimônio, mas convocou à liberdade em cada “vocaçãõ”. No entanto, suas palavras facilmente podiam ser interpretadas no sentido de que o que é melhor é inimigo do que é bom. 4) Para os que se tornaram “anjos” já não importava o que acontecia em ou com seu corpo. Afinal, o Espírito não era afetado por essas coisas. Dessa maneira se justificava a relação com uma prostituta sacra em Corinto, porque ao liberto “tudo é lícito”. Contra essas supostas pessoas espirituais Paulo argumenta que a nova liberdade em Cristo é determinada e limitada por três parâmetros: lícito é apenas o que: 1) leva à maturação do ser humano como um todo (que é “salutar”; cf. a esse respeito as “sãs palavras” nas past); 2) mantém a liberdade da pessoa liberta (não quero me deixar dominar por nada (1Co 6.12) e 3) o que fomenta a convivência humana na salvação e na liberdade (o que edifica; 1Co 10.23!).

Para vários coríntios conviver “em virgindade” como irmão e irmã e se abster do matrimônio parecia ser compatível com o intercuro sexual com prostitutas sacras e relacionamentos adúlteros. É evidente que também em Corinto foram levantadas questões matrimoniais e alimentícias ligadas à devoção.

Proíbem... comer determinados alimentos. A forma da proibição é atenuada; são consideradas impuras não (todas) as comidas em si, mas (sem artigo) certos alimentos. Tt 1.10-15 sugere a ligação com mandamentos judaicos de alimentação e purificação; também a proibição de tomar vinho poderia estar inclusa. Nesse caso o próprio Timóteo correria perigo de ser seduzido para uma ascese errada pelos hereges (QI 31s). Os quatro motivos que podem ter levado a uma proibição do matrimônio também podem valer para as prescrições acerca dos alimentos. Novamente uma palavra de Paulo pode ter sido distorcida e absolutizada: “Nunca mais comerei carne.”

Alimentos, que Deus criou para usufruto e ação de graças para aqueles que crêem e conheceram a verdade. O que Deus criou para todos os humanos não pode ser nem se tornar condenável para aqueles que aceitaram a fé e conheceram a verdade (1Tm 2.4!). Pelo contrário, somente eles poderão responder de maneira adequada às dádivas da criação de Deus. O ser humano não é resgatado da condição de criatura, mas foi redimido para abraçá-la; não é distanciado da criação, mas conduzido a ela como reconciliado com o Criador.

Fruir com ação de graças. Assim como o agricultor participa dos frutos, assim o cristão pode ter parte das dádivas do Criador ao agradecer a Deus por elas. Porque “enquanto o alvo de nossa vida estiver encoberto para nós, a culpa for irreconciliada e a condição de vida interior confusa, não pode surgir um sentido de gratidão a partir da dádiva exterior” (Schlatter). Em 1Tm 6.17 reencontramos a afirmação sobre o Deus que proporciona ao ser humano “tudo ricamente para aprazimento”. Contudo, quando as pessoas não respondem com *gratidão* às dádivas de que usufruem, não se *lembrando* do Doador (essa é a ligação lingüística e espiritual entre agradecer e pensar), elas pervertem a fruição agradecida em vontade de usufruir por direito próprio, buscam o “usufruto transitório do pecado” e se tornam viciados.

4 Porque tudo o que Deus criou é bom. Essa é a tônica da devoção no AT, que vale também sem diminuições para o NT. Importante é que a criação não apenas era boa “antes da queda”, mas que

ainda agora é boa e bela (*kalós*), assim como são bons os alimentos ou frutos da terra que crescem e agora podem ser consumidos com alegre gratidão. Do mesmo modo ainda vale para o ser humano caído que ele foi criado à imagem de Deus. Quem renega sua origem, quem contesta o direito de autoria de Deus sobre sua vida e a manutenção dela por meio do pão de cada dia, recusa a Deus a gratidão, dando a si mesmo e à sua laboriosidade a honra subtraída de Deus. Não agradecer ao Criador transforma a criatura em ferramenta do pecado.

E nada é condenável. Já quem consegue agradecer ao Criador, porque seu coração foi redimido da ingrata e irrefletida autoglorificação, foi liberto dos tabus de cunho antigo e novo, religioso e secular. Com gratidão ele pode receber, participar e aproveitar: alimento, sexualidade, criação, comunhão com as pessoas, sim, a vida. Essa tônica bem paulina do ser humano liberto para ser criatura, porque liberto para o Criador, recebe na carta aos Coríntios e aqui nas pastas a sonoridade plena na controvérsia sobre restrições e proibições corporais: “Tudo é vosso... seja mundo, ou vida, ou morte, coisas atuais ou futuras, tudo é vosso, vós, porém, sois de Cristo. Cristo, porém, é de Deus.” Não se pode silenciar sobre essa boa nova da humanidade liberta de todos os tabus em Cristo, nem mesmo quando está permanentemente ameaçada por abuso e distorção no oposto. Jesus “declara que todos os alimentos são puros”, derivando a contaminação do coração que deu as costas a Deus, pois desse coração brotam todos os maus pensamentos e atos.

5 Quando é recebido com ação de graças, porque é santificado pela palavra de Deus e pela oração. Alguns intérpretes pensam na palavra da criação (Schlatter), outros na leitura pública da Escritura, e ainda outros no teor da oração à mesa na forma tradicional. É plausível pensar no agradecimento por ocasião da refeição, porque aqui se escreve contra a abstinência de alimentos, mas esse costume judaico (difundido pela influência da sinagoga da diáspora sobre as igrejas cristãs gentias) é derivado da palavra criadora de Deus e de sua incumbência dada ao ser humano.

Ação de graças (*eucharistia*), particularmente enfatizada pela repetição nos v. 3 e 4, pode ter o sentido de: ter mentalidade agradecida (Paulo agradece pela cooperação dos filipenses em Fp 1.3), dizer orações de gratidão ou simplesmente orar (cf. 1Co 14.16s; 2Co 9.12) e finalmente celebrar a santa ceia: “... tendo proferido a oração de gratidão sobre o pão, ele o partiu...”. Pão e vinho são as dádivas originárias da criação. Pela entrega de sua carne e sangue Cristo libertou essas dádivas de todo abuso por parte do ser humano autocrático, santificando-as novamente. Conseqüentemente, a ceia do Senhor é “ação de graças” propriamente dita, do novo ser humano, é participar da vida e das dádivas de Deus. Dessa maneira toda refeição se torna prenúncio da nova ceia. Por isso Paulo escreve: “Quem come ou não come, agradece a Deus, quem cumpre o dia ou não o cumpre, agradece a Deus; quer, pois, comais quer bebais ou façais outra coisa qualquer, fazei tudo para a glória de Deus.”

Por isso a oração de ação de graças não é simplesmente um costume piedoso que poderia ser abandonado com facilidade, mas nele o cristão responde à prece pelo pão de cada dia. E a gratidão pela bondade experimentada precisa levá-lo a se empenhar ativamente por aqueles que passam fome porque a in-justiça dos humanos os priva do pão. (QI 25e).

Pela palavra de Deus significa, portanto: a palavra-ação do Criador, a palavra proferida na ceia do Senhor, que promete a presença do Redentor, a palavra da oração à mesa e a palavra que conclama ao louvor de todas as coisas criadas. O contexto de 1Tm 1.12; 2.1; 3.16; 4.3-5 não é apenas o da gratidão e do louvor (*eucharistias*), mas assinala a superação, pela aceitação do amor de Deus, de toda a atitude autocrática do ser humano que o desencaminha e que nega a Deus. Quem agradece confessa que o natural não é sagrado por si mesmo. Mas quando agradece, tudo é santificado: ele mesmo, as dádivas e sua fruição, porque está ligado a Deus, seu autor e doador.

O ingrato é o desnaturado e perverso. Também nisso Jesus é verda-deiro ser humano, por ser aquele que agradece. A ética cristã é uma ética da gratidão. Dia de trabalho e dia de descanso, dormir e vigiar, comer e beber, corpo e sexualidade podem ser recebidos, desfrutados e celebrados na gratidão a Deus. O fato de que, conforme o dogma católico-romano, homem e mulher ministram um ao outro o sacramento do matrimônio, expressa que celebram sua unificação com ações de graças a Deus, i. é, ela acontece para a glória dele.

A devoção que tem por origem e alvo a eucaristia (o louvor àquele que se tornou ser humano; 1Tm 3.16) cresce e se expande no usufruto agradecido de todas as coisas criadas. Fica clara a ligação interior com 1Tm 3.16, retoma-se o auge e centro do hino de Cristo, sendo sublimados no louvor de

toda a criação em direção do Criador: a eucaristia de todas as coisas criadas no Criador, o resgate do cosmo em Cristo para Deus.

b) O exercício correto na beatitude – 1Tm 4.6-11

6 – Expondo estas coisas aos irmãos, serás bom ministro de Cristo Jesus, alimentado com as palavras da fé e da boa doutrina que tens seguido.

7 – Mas rejeita as fábulas profanas e de velhas caducas. Exercita-te, pessoalmente, na piedade.

8 – Pois o exercício físico para pouco é proveitoso, mas a piedade para tudo é proveitosa, porque tem a promessa da vida que agora é e da que há de ser.

9 – Fiel é esta palavra e digna de inteira aceitação.

10 – Ora, é para esse fim que labutamos e nos esforçamos sobremodo, porquanto temos posto a nossa esperança no Deus vivo, Salvador de todos os homens, especialmente dos fiéis.

11 – Ordena e ensina estas coisas.

- 6 Se o próprio Timóteo se nutrir do alimento verdadeiro da palavra, seguindo a boa doutrina, ele estará em condições de apresentar o sim de Deus de forma confiável à igreja, e essa será a maneira mais eficaz para superar a in-fluência dos hereges. Certos exegetas afirmaram que nessa carta não se fala mais da incumbência apologética para com os hereges. Enquanto na carta aos Colossenses ainda se buscaria uma aproximação, o objetivo das past seria unicamente declará-los hereges. Os v. 3b-5, porém, são apresentação positiva, fundamentação apologética das heresias combatidas no v. 3a. A instrução a Timóteo em 2Tm 2.24-26 torna definitivamente explícito que a atitude básica frente às heresias continua a mesma. Sim, quando se leva em conta a controvérsia mais intensa da 2ª carta, o leitor não-preconceituoso fica surpreso com a solicitação de ser amável para com todos e exortar os renitentes com brandura. Deus sempre pode conceder mudança de opinião, sensatez e libertação aos renitentes. Somente quando se pensa ter diante si “adversários” incorrigíveis dissemina-se o tom polêmico de maledicência, que não deseja mudar o outro, mas eliminá-lo. Com razão permanece válida a observação de que durante os séculos de brigas eclesiais teria sido bom levar em conta que Timóteo deve se concentrar no fortalecimento da igreja e não perder forças nem tempo no conflito com o “adversário”. Traga ao coração dos irmãos o sim de Deus em Cristo, e eles superarão, em sua resposta afirmativa de gratidão, o não dos hereges e, principalmente, todas as negativas malignas.

Expor: trazer à memória, conotar, aproximar do coração. Em Rm 16.4 Paulo emprega o termo em outro contexto (sem nenhuma outra ocorrência no NT!), que no entanto explicita que aqui realmente se trata de “achegar ao coração”, uma sugestão afetuosa em contraposição à mera ordem. Ele deve se achegar à igreja não com falsa reivindicação de autoridade como os hereges, não como bispo oficialmente autorizado, mas como **bom diácono de Cristo Jesus**, trazendo-lhe ao coração aquilo de que e para que ele próprio vive. Já em sua primeira carta preservada até hoje Paulo havia descrito exatamente essa incumbência para Timóteo: enviamos Timóteo, “nosso irmão e colaborador de Deus no evangelho de Cristo, para que ele vos fortaleça e encoraje para a fé, a fim de que ninguém se deixe abalar nas presentes tribulações”. Timóteo é um servo do Cristo e por isso servo da igreja, um “fiel conservo”. Ele é um diácono, que deve preservar o mistério da fé em uma consciência pura, contrastando com o herege, cuja consciência está cauterizada. Os hereges não visam ser cooperadores da alegria da igreja, mas senhores sobre a fé dela.

Alimentando-se, gerúndio, um processo constante. Significa também: *ser educado* em um ginásio. Crisóstomo comenta assim a passagem: ruminar, retornar às mesmas coisas, meditar incessantemente sobre elas, porque não se trata de alimento comum. Um servo de Cristo vive, como seu Senhor, não das mentiras do tentador, mas nutre-se da revelação de Deus. Seu alimento é fazer a vontade de Deus.

Palavras da fé são as palavras do evangelho que geram fé. Ligam o ouvinte com Jesus Cristo, porque “a palavra está em teus lábios e em teu co-ração, a saber, a palavra da fé...” Essas palavras da fé, que podem vivificar, preencher e alimentar o espírito do ser humano, se contrapõem aos mitos, que deixam vazio aquele que neles se agarra. Mas palavras da fé também podem ter a acepção de palavras confiáveis, palavras fiéis, em contraposição às palavras falsas e mentirosas dos hereges, no sentido da expressão característica para as past “fiel é a palavra”.

Seguir a boa doutrina que tens seguido: obedecer com base em uma compreensão intelectual-espiritual, ou seja, não apenas uma observância exterior, mas verificar, reconhecer e executar com exatidão, como em 2Tm 3.10: Tu tens seguido, de perto, o meu ensino, etc. Como em Lc 1.3: o autor pesquisou os fatos com exatidão, ponto por ponto, familiarizou-se com eles, rasteou-os. Por isso traduzimos “seguir a doutrina”, o que deixa claro que a doutrina é um caminho que se anda em obediência, pelo qual se segue ao Senhor.

Doutrina: novamente é preciso ver em primeiro lugar o contraste entre a boa doutrina e as doutrinas maléficas dos sedutores. Doutrina designa a totalidade daquilo que Jesus revelou aos humanos sobre Deus. À inteligência racional precisa ser acrescentada a compreensão espiritualmente iluminada, à compreensão, a entrega cordial e, nisso, a “obediência dos corações”.

A boa doutrina é mais que a soma de enunciados doutrinários, embora ela também se constitua de máximas e possa ser formulada em enunciados. A doutrina é uma realidade integral, a *configuração plena do evangelho*. A verdade de que também nas past “doutrina” deve ser entendida nesse sentido abrangente é demonstrada, por um lado, pelo nexos entre *alimento* e *discipulado* no presente versículo e, por outro, pela repetida e detalhada ex-posição na segunda carta, onde doutrina aparece na mesma ligação estreita com a vivência. Quem somente visa se alimentar com as palavras da fé, sem se dispor para a ação obediente, em breve afundará e soçobrará em devota auto-suficiência. Quem só pretende obedecer, ensinar e lutar de forma “decidida”, sem nutrir e saciar o coração com a palavra de Deus, em breve secará, tornando-se um lutador insensível e empobrecendo no meio do serviço cristão, e por fim definhará espiritualmente. Alimento e discipulado formam uma unidade para o diácono de Cristo. Grande parte da relevância da meditação nas palavras de Deus foi perdida, seja na igreja, seja entre seus servos. Quando a leitura diária ou ocasional da Bíblia ainda é praticada individualmente ou em grupos e famílias, em geral ela se resume em captar rápida e apenas racionalmente o sentido do texto, mas a palavra já não consegue penetrar de forma esclarecedora e frutificativa nas esferas inconscientes do leitor, porque inexistente ou se perdeu grande parte da disposição para a visão. Então, o que move as decisões e ações geralmente resulta da vontade própria (talvez religiosa), e não é a obediência oriunda do coração, que conduz da doutrina obedecida ao discipulado. O mesmo vale para o lidar técnico-teológico com a Bíblia. Nenhuma análise da Escritura Sagrada, por maior que seja seu rigor metodológico, pode substituir o alimentar-se do espírito pessoal a partir da plenitude dela nem a obediência prática às suas orientações. Somente quem realmente vive do pão das palavras da fé e também segue a sã doutrina experimenta o evangelho como poder de Deus para a salvação, a vida da fé para a fé, e por isso será capaz de reconhecer e rejeitar os mitos funestos.

7 **Rejeita as fábulas ímpias e absurdas, mas exercita-te na beatitude.**

Ímpio: a rigor algo acessível para todos (um santuário). Os narradores de mitos violam arbitrariamente o mistério de Deus, por lhes faltar a reverência diante da santidade de Deus.

Absurdo: literalmente conversa fiada de mulheres velhas – ocorre somente aqui no NT, mas é um termo conhecido na disputa entre filósofos gentios. Não se deve tentar depreender do emprego dessa palavra uma conotação hostil às mulheres. Antes deve-se pensar em uma alusão à magia negra praticada por mulheres. Práticas de magia e superstição eram amplamente difundidas em Éfeso, a capital das artes ocultistas.

Rejeita: repulsa forte, assim como em 2Tm 2.23: controvérsias; Tt 3.10: pessoas heréticas. As fábulas devem ser rejeitadas de forma decidida, os que difundem as fábulas devem ser convencidos com mansidão. Isso constitui uma distinção e instrução clara.

No entanto, exercita-te na beatitude. A frase restabelece o nexos direto com o mistério da devoção (1Tm 3.16), do qual os hereges se desviaram em direção dos mitos infames, que tentam perscrutar arbitrariamente o mistério divino e utilizá-lo para os seus fins (QI 15).

Exercita-te: na disputa esportiva, mas também vale em sentido figurado para o exercício das forças espirituais e psíquicas, termo empregado com frequência no helenismo; Paulo só o usa na presente passagem. No entanto, isso não serve de argumento contra a autoria dele, porque no v. 10 Paulo utiliza a palavra da luta (de competição) da mesma maneira como em 1Co 9.24-27, justamente em sentido idêntico ao daqui: está em jogo a correta abstinência por causa de um objetivo. Quem se exercita visa estar em forma e fazer progressos. Cabe desenvolver as forças físicas ou o dom espiritual.

Por medo e rejeição de uma mística mal-compreendida perdeu-se em grande proporção o sentido bíblico da meditação, expondo com isso a igreja à subnutrição espiritual. De maneira idêntica nunca foi possível explicitar de forma satisfatória o sentido do exercício na fé nem incentivar para ele quando se temia falsa segurança, falsa posse e disposição sobre a fé. Mas aquele que se exercita jamais chega ao fim, nunca encerra sua “preparação”. Exercitar-se significa: repetir! (QI 15d).

8 Porque o exercício físico tem utilidade apenas restrita, mas a beatitude é útil para tudo, possuindo a promessa para a vida atual e futura.

Exercício físico: o exercício do corpo é entendido aqui em sentido literal. A ascese física dos hereges não podia ser inteiramente condenada. Por causa da prática da oração, a abstinência sexual por ser tão sensata como abs-ter-se de “todas as coisas”, quando se trata de uma luta que demanda todas as forças. E Paulo está ciente do significado e da necessidade da disciplina e do exercício físicos. Afinal, declara a seu próprio respeito: “Disciplino meu corpo e o domestico.” Numa tradução adequada isso significa: mantenho meu corpo exercitado (em condições) por meio de um treinamento direcionado que leva em conta as fraquezas específicas, a fim de que eu o domine e não resultem desvantagens e impedimentos às minhas incumbências como arauto do evangelho por causa de um corpo indisciplinado ou mole.

Utilidade apenas restrita: O pequeno proveito do exercício físico não deve ser entendido em termos depreciativos ou interpretado como se no fundo treinar o corpo tivesse pouca utilidade ou até mesmo fosse completamente inútil. O pouco faz parte do transitório e é comparado a “todas as coisas” que abarcam coisas transitórias e não-transitórias.

A beatitude é útil para tudo. A referência à devoção que determina todas as áreas da vida não é originária de um utilitarismo superficial (interesse centrado na utilidade) ou pragmatismo (derivar normas e formas de conduta válidas de sua mera finalidade), porque o exercício e proveito da devoção somente são válidos porque possuem promessa. O ser humano não pode merecer nem forçar a obtenção da promessa de Deus. Somente pela fé ele pode receber tanto o Espírito Santo como a devoção, o que não contradiz a circunstância de que pelo exercício persistente no cumprimento da vontade de Deus de fato se obtém a promessa.

Para a vida atual e futura. Nas past está irrestritamente viva a consciência de uma devoção que conhece a grande diferença entre o hoje e futuro eterno e ao mesmo tempo a relação cheia de tensões entre “agora” e “outrora” (QI 9). Não constatamos coisa diferente nos evangelhos, onde os discípulos recebem *na era atual* cem vezes mais, e para a *vida vindoura* lhes está prometida a perfeição em Deus. Uma vez que a busca e o esforço se dirigem ao reino de Deus e à sua justiça, as coisas terrenas podem ser acrescentadas ao ser humano sem que ele perverta a dádiva em posse arbitrária nem seja possuído por ela. Quem busca diretamente prazer, ou poder, ou posse, ou alegria, sai de mãos vazias e torna-se refém do vício. O mais importante, que tornará a vida algo que vale a pena ser vivido, não pode ser produzido nem intencionado. É concedido aos que confiam na promessa de Deus e se exercitam nessa confiança que supera todo o temor e toda a avidez.

O ser humano vive do pão e de toda palavra que sai da boca de Deus. Somente quando ao pão terreno se acrescenta a palavra de Deus, o ser humano inteiro recebe seu alimento completo. Por isso Timóteo deve se nutrir das palavras da fé, seguir a doutrina com obediência, exercitar-se para o crescimento na beatitude, e então também lhe será concedido tudo aquilo pelo que os gentios se empenham em vão.

9 Confiável é a palavra, e digna de inteira a aceitação. Alguns exegetas tentam relacionar essa ênfase com o v. 8, que consideram um ditado ampla-mente aceito ou uma citação. Nesse caso o v. 9 seria um Amém conclusivo. Nós o entendemos como ligado à frase subsequente, como ocorre também em 2Tm 2.11. Então podemos entender os v. 9-11 como uma unidade que encerra a primeira seção principal da carta.

10s Ora, é para esse fim que labutamos e lutamos, porque temos posto nossa esperança no Deus vivo, Salvador de todos os seres humanos, especialmente dos fiéis. Ordena e ensina isso.

Sem esforço exigente e o subsequente cansaço o atleta não alcança a vitória, nem o diácono, o alvo da devoção.

Labutar: cansar-se, esgotar-se, desgastar-se, esfalfar-se, usado para esforço físico e intelectual-espiritual. Mostra nitidamente que o “serviço aos santos” demanda trabalho e esforço. É atuar dedicadamente por meio da palavra, labutar no Senhor, empenhar-se por pessoas.

É para esse fim que labutamos. Paulo aponta para seu próprio exemplo, como em 1Tm 1.15s, incluindo ao mesmo tempo Timóteo e certamente todos os que são colaboradores confiáveis na fé e na doutrina. Empenham-se em conjunto, engajando todas as energias em favor da realização da beatitude na vida pessoal e na igreja. Essa é a síntese da primeira parte principal, que culminou em 1Tm 3.16, a origem e o alvo da vida na beatitude para este mundo e o vindouro.

Lutar, correr pelo prêmio nos jogos abertos. O termo agonia, conhecido em nosso idioma, deriva-se desse termo, referindo-se a um empenho imenso de todas as forças.

Labutar e lutar. No presente texto os verbos correspondem lingüística e objetivamente a Cl 1.29. A idéia de uma graça que substitui qualquer engajamento humano, ou até mesmo o torna impossível, não é bíblica e leva a mal-entendidos problemáticos. Paulo trabalha e luta a “grande luta” “segundo a sua eficácia que opera vigorosamente em mim”. Para ele a graça não exclui a luta e a responsabilidade, porque somente a experiência plena da graça leva ao empenho total de todas as forças humanas. Ele expressa essa compreensão da maneira mais nítida possível em 1Co 15.10: “Pela graça de Deus, sou o que sou; e a sua graça, que me foi concedida, não se tornou vã; antes, *trabalhei* muito mais do que todos eles; todavia, não eu, mas a graça de Deus comigo.” A graça determina e viabiliza aquilo que Paulo é e faz. Para ele até mesmo constitui nova graça o fato de que ele precisou mais e fez maior uso da graça que os outros para obter um trabalho multiplicado. Isso expressa em outras palavras a mesma coisa que o texto de 1Tm 4.3-5, segundo o qual tudo é dádiva de Deus para a pessoa agradecida, que não exalta a si mesma, mas ao doador. Da mesma maneira Timóteo deve se alimentar e fortalecer com a graça para o discipulado e a luta ligada com ele.

Porque temos posto nossa esperança no Deus vivo. “A igreja do Deus vivo” e seus servos depositaram sua esperança inteiramente no Deus *vivo*. Por causa dessa esperança eles trabalham e lutam, porque o Deus vivo termina o que ele começa. Por isso a devoção possui a promessa não apenas da vida atual, mas também da vindoura, ou seja, é devoção na esperança. Aquele cuja esperança em Cristo não se limita à vida atual é capaz de trabalhar e lutar, porque seu esforço não é vão. A esperança viva o liberta da resignação secreta que lança sua sombra sobre a maioria das atividades das pessoas, por mais que se portem laboriosamente e façam grandes esforços vãos; porque sua agitação é barulho em torno do nada. Amontoam e não sabem quem recolherá. Contudo, aquele que lança sua esperança sobre Deus é livre para agir. A esperança abarca passado, presente e futuro. O ser humano é abarcado pelo Deus de toda a esperança.

Salvador de todos os seres humanos, especialmente dos fiéis. Salva-dor: O Criador é o Mantenedor de todas as coisas criadas, “Tu, Senhor, redimes os homens e os animais” Aqui a salvação é vista no sentido de preservar e auxiliar. Mas a salvação não pode ser restrita à mera preservação da vida, porque toda a criação, sujeita à transitoriedade, aguarda e espera a libertação da corrupção. A igreja tem o privilégio de agradecer por todas as pessoas (1Tm 2.1), porque Cristo se entregou por todas como Redentor (1Tm 2.6). Na oração pela salvação de todos os humanos ela se torna unânime com a vontade de Deus (1Tm 2.4). É em favor dessa ilimitada e insondável vontade salvadora de Deus e desse agir de salvação que ela se entrega com esforço e luta. O fato de que o Deus vivo é um **Salvador, especialmente dos fiéis**, não significa em absoluto que é Redentor somente destes. Pelo contrário, é “na igreja do Deus vivo” que sua vontade redentora universal se torna especial e pioneiramente explícita para tudo o que foi criado. Toda a criação anseia pelo que aconteceu e acontece nos filhos de Deus. O que a igreja recebe como dádiva de primícias, o Espírito de Deus, será derramado no fim, i. é, nos últimos dias, sobre toda a carne.

A rejeição justificada de uma doutrina de reconciliação universal, pela qual se dissolve a tensão, indissolúvel para nós humanos, entre a vontade redentora universal de Deus e a responsabilidade humana, não deve impedir os crentes de esperar coisas humanamente impossíveis daquele Deus para quem todas as coisas são possíveis, de conservar uma esperança viva que não vêem cumprida em nada e em lugar algum, e até mesmo de ter esperança contra toda a esperança. e por isso lutar em favor de **todas as pessoas**.

Para os discípulos é terrível a idéia de que as pessoas que não crêem se perderão. Por isso é fácil tentar dissolver dialeticamente esse fato terrível, porque incompreensível: todas as pessoas estão perdidas (juízo), todas as pessoas são salvas (graça), por isso Deus, por misericórdia, conduz todas as pessoas através do juízo e da graça para uma condição de salvação eterna. Por mais que esse raciocínio possa assemelhar-se a Rm 11.32, apesar disso ele está muito distante da conclusão final do apóstolo, que não admite um sistema fechado do conhecimento humano, mas prossegue: “Quão

insondáveis são os seus juízos (sentenças judiciais), e quão *inescrutáveis*, os seus caminhos!” Somente nesse deter-se diante do mistério último de Deus e da profundidade de sua riqueza, somente depois de confessado o desconhecimento pode-se, então, confessar: “Porque dele, e por meio dele, e para ele são todas as coisas. A ele, pois, a glória eternamente.” Aquele que o adora não pensa ou sugere que na realidade desvendou esse mistério. Precisamente essa é a tentação dos mitos religiosos.

11 Ordena e ensina isso. A simples comparação do v. 10 com Rm 11.33-36 permite notar que tanto aqui como lá encerra-se um bloco principal, no qual o olhar se estende até o Deus de toda a esperança para todas as coisas criadas. O v. 9 tanto confirmou essa visão panorâmica como resumiu tudo o que foi exposto. O v. 11 aponta mais uma vez para o começo da primeira seção em 1Tm 1.3. Assim como ao partir Paulo incumbira Timóteo de *ordenar* tudo em Éfeso, assim ele torna a escrever agora: ordena e ensina isso. É necessário ordenar à igreja com autoridade que o pecado e a heresia devem ser rejeitados. Deve ser trazida ao coração dela a instrução no sim de Deus (1Tm 4.6). Ela deve ser ensinada com paciência mediante empenho de todas as forças pela graça, para que possa se exercitar na beatitude. O centro de tudo continua sendo o mistério da beatitude: ele, que foi revelado na carne e que se revela constantemente na vida da igreja como o Exaltado e Presente.

II. O verdadeiro servo do Senhor para a Igreja – 1Tm 4.12-6.19

A. Timóteo chamado a ser exemplo para Igreja – 1Tm 4.12-16

1. Viver e servir de modo exemplar – 1Tm 4.12s

12 – Ninguém despreze a tua mocidade; pelo contrário, torna-te padrão dos fiéis, na palavra, no procedimento, no amor, na fé, na pureza.

13 – Até à minha chegada, aplica-te à leitura, à exortação, ao ensino.

12 Dar exemplos é a melhor educação. O exemplo vivido não pode ser substituído por nenhuma influência maior ou mais eficaz que forme o ser humano. A autoridade, ou seja, a autoria e potenciação da vida em sentido abrangente, sem dúvida pressupõem um número mínimo de anos, mas não estão fixas a determinado limite de idade. Não temos como fornecer dados exatos a respeito da idade de Paulo ou de Timóteo. Paulo com certeza tem mais de 60 anos. Na carta a Filemom ele se define como homem idoso. Timóteo, no entanto, provavelmente está entre os 30 e os 40 anos. Quando se conhece o predomínio, para não dizer o domínio absoluto dos “anciãos” no judaísmo e na Antigüidade, não será surpresa que um homem entre 30 e 40 possa ser desprezado por causa de sua “mocidade”. Paulo precisa defender seu “jovem” colaborador diante da igreja em Corinto. Deve poder conviver com eles sem temor, “ninguém o despreze” (QI 31c). Nem naquela ocasião nem nas past Paulo menciona o cargo ou a posição como motivo para o respeito que lhe cabe, mas em ambas as vezes vale o que a pessoa faz: “Promove a obra do Senhor como eu.” Paulo equipara seus colaboradores a si próprio. Ambos labutam e lutam para a edificação da igreja e a difusão do evangelho.

Padrão: réplica, figura, molde, modelo; no linguajar atual seria melhor traduzir por: exemplo emblemático. Todas as cartas de Paulo, da primeira à última, todos os evangelhos, os sinóticos e João, todo o NT é marcado pela experiência do exemplo. Jesus, o protótipo de Deus, tornou-se para eles exemplo de ser humano por excelência. É preciso indagar como esse tema central pôde ser quase inteiramente esquecido. Com certeza já se apresentou desde cedo o equívoco moralista, que se limitava tão-somente a uma adaptação exterior ao exemplo. O discipulado transformou-se em imitação. O “encontro com o exemplo”, em mera cópia de formas de conduta.

Na realidade a expressão “encontro com o exemplo” fornece um parâmetro que nos permite distinguir entre caráter paradigmático verdadeiro e mentiroso – no dar e no aceitar. Somente quando pessoas se encontram face a face elas também encontrarão e preservarão na confrontação e na parceria o espaço que protege contra a imitação ou dependência servil. Somente quando o exemplo aponta para além de si, para o protótipo, ele pode se tornar um padrão libertador.

João Batista era o precursor e por isso paradigma que apontava na direção de Jesus. Ele mesmo estava inteiramente voltado para o protótipo, razão pela qual era capaz de direcionar os olhos dos outros para o lugar para o qual ele mesmo estava olhando.

Não é diferente o entendimento e a atitude de Paulo quando solicita à igreja dos coríntios: imitem meu exemplo, como também eu imito o exemplo de Cristo. Sua exemplaridade consiste em ter exemplarmente diante dos olhos, bem como no coração, o exemplo de Cristo. Como alguém agarrado por Cristo ele agarra a Cristo, seu exemplo, e corre atrás dele. Ele mesmo não é único, não se entende como exemplo (moral) que excede e oprime a todos os demais. Outros têm a mesma orientação que ele. A igreja deve seguir esses exemplos.

Os cristãos em Tessalônica tornaram-se padrão para as demais igrejas. Imitando o apóstolo e seus colaboradores, seguiram o exemplo do Senhor. Particularmente instrutiva é a referência na segunda carta aos Tessalonicenses. Aparentemente havia naquela igreja uma tendência à “conduta desregrada”: alguns não queriam mais trabalhar, mas vadiavam como inúteis. Paulo pode ordená-los e exortá-los, porque ele mesmo não se comportou desordeiramente quando esteve com eles. Ganhou pessoalmente seu sustento, embora tivesse tido o direito de “viver do evangelho”. Certas fraquezas somente podem ser superadas pela influência de figuras contrárias exemplares. Toda ordem e exortação no Senhor adquirem credibilidade e autoridade (ou seja, seu poder de provocar e multiplicar coisas novas) através da iniciativa vicária em palavra e ação. Nas past, o argumento central da concepção e fundamentação paulina da autoridade apostólica e diaconal, e conseqüentemente também da norma estabelecida exemplar e poderosamente pelo próprio Jesus, permanece nítido de modo completamente novo: não do-minar, mas servir. Mais do que tudo, seria agora o momento de introduzir uma autoridade de direito canônico para Timóteo. Mas nada disso acontece. No v. 14 na verdade se fala da concessão do dom da graça pela profecia, mas a ênfase incide no v. 12: sê um exemplo! A autoridade está ligada ao caráter, não à idade ou ao cargo. Caráter, porém, não é uma forma enrijecida sem movimento, mas um permanente equilíbrio flutuante entre configuração e movimento.

Torna-te um padrão! Aquilo em que ele deve ser e tornar-se exemplo não foi simplesmente adotado de um esquema helenista de virtudes, mas dimensionado integralmente para as necessidades de Timóteo e a situação da igreja. Timóteo deve fazer surgir uma nova imagem naquilo que lhes falta e no que são confundidos por falsos parâmetros: a unidade vivida de palavra e conduta, amor e fé com transparência (diafaneidade). “Pela autoridade fundamentada no interior, a saber, pela exemplaridade de levar a sério a proclamação, na pureza da conduta, na sinceridade do amor, na firmeza da fé e na castidade do coração, ele deve buscar suprir o que lhe falta em idade.”

Na palavra: significa aqui proclamação missionária do evangelho. Constitui a primeira e mais profunda das áreas de incumbências de Timóteo. Foi isso que ele viu e aprendeu de Paulo. Deus depositou neles “a palavra da reconciliação”. Sendo ele exemplar na proclamação do evangelho, os crentes são encorajados e instruídos por meio dele a se apropriar pessoalmente da palavra da vida e transmiti-la com vigor.

Na conduta: comportamento, modo de vida, condução da vida, atitudes, um termo que faz parte do vocabulário de Paulo. Aqui se tem em mente a presença e o comportamento visível perante pessoas, algo que pode assumir o sentido de *obra*. A conduta sublinhará ou riscará a palavra (da proclamação e do testemunho). Quem confessa a Deus somente com os lábios, negando-o com as obras, contribui para que “o nome” seja blasfemado entre os gentios. Quem, no entanto, deseja confessar a Deus apenas com suas obras, totalmente sem palavras, tem uma pretensão excessiva. Vida humana sem palavras não persiste. Sufocaria em seu próprio emudecimento. Um cristão sem palavras é tão impossível como um cristão sem fé e sem ação.

Em amor: palavras sem amor convencem tão pouco como obras sem amor. Somente o amor confere às palavras da fé o devido calor, à apresentação o ar fascinante e libertador. Amamos porque ele nos amou primeiro. Nosso amor se acende no exemplo do amor de Deus.

Por representar um efeito e fruto do Espírito Santo, esse amor também pode ser buscado e exercitado (QI 14).

Na fé: Por não ser considerado simplesmente capacidade e ideal humano, o amor carece da fé: “E conhecemos e cremos no amor que Deus tem por nós.” Para as past é característico que fé e amor estejam interligados, porque a fé se torna ativa apenas por meio do amor, e o amor possui na fé sua origem e estabilidade.

Em castidade: pureza, pensamento puro, integridade, castidade, disciplina. Casto é “tudo que confere à personalidade um modo de ser íntegro e puro” (Schlatter). Significativo para o exemplo referente a Timóteo e sua incumbência é a castidade, posicionada no fim e assim enfatizada, fazendo

parte do amor. Em 1Tm 5.2, onde se trata do relacionamento do Timóteo solteiro com mulheres mais jovens, o significado da pureza sexual está nitidamente em primeiro plano. Não se trata de uma virtude negativa que impede ou proíbe o relacionamento com o gênero oposto. Quem não nega o dom da sexualidade nem abusa dela e, pelo contrário, afirma com reverência e gratidão a Deus a sexualidade e seus limites, esse é casto. Contudo, a pureza não abrange apenas a sexualidade do ser humano, mas toda a sua pessoa e mentalidade. O diácono de Cristo recebe seu serviço na *pureza* da motivação e do alvo de sua luta. Não alega visar o melhor para os outros enquanto busca seu próprio interesse. Busca a Cristo por causa dele mesmo e não por causa do lucro em termos de honra, influência ou auto-afirmação. Assim como o diácono é em Cristo, assim a igreja deve tornar-se de acordo com o exemplo dele: sincera, íntegra perante Cristo; como uma virgem. Timóteo faz parte dos poucos que não buscam a si mesmos, mas a Cristo e, nisso, o bem das igrejas.

Torna-te padrão para os fiéis na palavra, na conduta, no amor, na fé, na castidade!

Ninguém pode vir a ser um exemplo sem ter diante de si exemplos. Sem paradigmas de grupos familiares e igrejas as igrejas tampouco podem se tornar exemplo e estímulo para outras “corporações”. O exemplo do amor de Deus, o mistério da beatitude, que nos foi inicialmente apresentado em lemas igualmente sucintos, possibilita à igreja do Deus vivo e a seus servos tornar-se exemplos para todas as pessoas – da mesma maneira como a salvação de Paulo se tornou exemplo para aquilo que Deus visa fazer com todos os demais. Somente quando situada nesse contexto, a compreensão bíblica de exemplo obtém seu horizonte universal.

13 Até que eu venha, persevera na leitura das Escrituras, na exortação, na instrução. Ao acorde das cinco notas da vida exemplar, que não deve ser perturbado por nenhuma dissonância, segue-se o trítone da atuação exemplar como diácono de Cristo: na leitura pública, na exortação, no ensino.

Até que eu venha: são palavras que noticiam mais uma vez a Timóteo que ele não foi abandonado.

Persevera: atentar cuidadosamente, ocupar-se de. Em vez de prestar atenção nas heresias ou cair em vícios, Timóteo deve entregar-se inteiramente a seu mandato. Quando se dedicar ao “bom combate” e for arrebatado por ele, permanecerá protegido contra as influências negativas.

Na leitura: trata-se da leitura em voz alta das Escrituras disponíveis perante a congregação reunida. Os textos de 2Co 3.14; Lc 4.16; At 13.15 se referem à leitura do AT praticada na sinagoga, um direito de cada homem que soubesse ler. Conforme 1Tm 5.18 (citações do AT e do NT), 1Ts 5.27; Cl 4.16; Ap 1.3 a leitura pode ser tanto do AT como dos escritos do NT já existentes. Aqui a ênfase certamente incide sobre a leitura de escritos apostólicos, o que no entanto não exclui a conhecida prática de proclamar textos do AT. “Conjuro-vos, pelo Senhor, que esta epístola seja lida a todos os irmãos. E, uma vez lida esta epístola perante vós, providenciai por que seja também lida na igreja dos laodicenses; e a dos de Laodicéia, lede-a igualmente perante vós.” As past não permitem notar uma diferença em relação a essa leitura de suas missivas motivadas por autoridade apostólica (QI 21, 25e).

Na exortação: No culto da sinagoga a palavra livremente lida era interpretada. “Depois da leitura da lei e dos profetas, os chefes da sinagoga (judaica) mandaram dizer-lhes: Irmãos, se tendes alguma palavra de exortação para o povo, dizei-a!” Após essa solicitação Paulo se levanta e evangeliza. Isso não é a mesma coisa que ensinar. Também em Rm 12.7s ele diferencia nitidamente entre exortar e ensinar como dois dons distintos da graça. O próprio Deus é o Deus de toda a consolação, Cristo o *Parákletos*, que envia outro *Parákletos*, o Espírito Santo. Deparamo-nos aqui com uma palavra-chave da revelação do NT que liga da maneira mais estreita possível as past com todas as demais cartas de Paulo e com os escritos de João. O Messias é o consolo de Israel, que será revelado no fim dos tempos e pelo qual esperam os mansos da terra. Os ricos, que tentam usar sua riqueza para se tranquilizar em seu vazio humano, “já têm sua consolação”. Nesse contexto também deve ser entendida a “consolação das Escrituras”, porque elas apontam para o Deus da esperança. Da Escritura e de sua leitura provêm o verdadeiro consolo e a verdadeira admoestação.

Exortar significa tratar, com base nas Escrituras, e com autoridade profética, por meio do Espírito Santo, de cada indivíduo e de cada igreja em sua carência, aflição e perigo atuais, dirigindo-se de forma amável e séria à consciência e ao coração dos ouvintes. A “paráclise” sempre possui o duplo sentido de exortar e encorajar, de anunciar e desafiar, de consolar e fortalecer. Exortar visa a situação atual, motivo pelo qual é aplicação pessoal, ou, se quisermos, subjetiva, i. é, direcionada ao sujeito, da Escritura Sagrada.

Na doutrina: atividade de ensino, instrução, educação. Ensinar é algo diferente e é mais que retirar um versículo da Bíblia, relacionando com ele considerações edificantes. Estão em jogo a totalidade da fé cristã e a história da salvação: “a forma da doutrina”. Quem *ensina*, expõe os desígnios de Deus e evidencia as dádivas e os deveres deles decorrentes; interpela o entendimento e convida para o cumprimento em obediência. Quem *exorta*, nutre e fortalece o coração dos ouvintes com a palavra de Deus. Coloca-os junto com seu fracasso diante daquele que perdoa e restaura. Interpela sua consciência, para que acordem da indiferença.

Timóteo deve nutrir-se pessoalmente com a palavra da fé e seguir a doutrina, então terá condições de exortar e ensinar a igreja a partir da Escritura. A vivência na Escritura e a leitura a partir de seus textos constitui o fundamento para as duas atividades principais do servo da palavra: exortar e ensinar, dirigir-se ao indivíduo, falar-lhe a partir de Deus e colocá-lo no contexto geral dos desígnios de Deus com a igreja e o mundo, o subjetivo e o objetivo, as pequenas coisas do cotidiano e a grande dimensão universal e supramundana das idéias e intenções de Deus. Ambas precisam ser mantidas em equilíbrio e tensão recíproca. Quando se enfatiza demais a doutrina e falta a exortação, surge um conhecimento cerebral, dissociado da vida e atividade cotidianas. Quando a exortação se torna preponderante, o ser humano se perde na subjetividade, na autocontemplação e em última análise na santificação própria, na mesquinhez, e a devoção adquire aparência mofada e estreita. Falta a relação com a magnitude e a totalidade dos desígnios de Deus. Por essa razão ambas as coisas são necessárias, da maneira como o Espírito explicita para cada respectiva situação.

2. Confirmar o dom do Espírito – 1Tm 4.14-16

14 – Não te faças negligente para com o dom que há em ti, o qual te foi concedido mediante profecia, com a imposição das mãos do presbitério.

15 – Medita estas coisas e nelas sê diligente, para que o teu progresso a todos seja manifesto.

16 – Tem cuidado de ti mesmo e da doutrina. Continua nestes deveres; porque, fazendo assim, salvarás tanto a ti mesmo como aos teus ouvintes.

Ao ler, exortar e ensinar, Timóteo exerce o dom da graça recebido e faz uso dela, ao invés de negligenciá-lo. Novamente deve-se considerar a conjunção de graça e responsabilidade, dom da graça e incumbência da graça. Intimidado pela condescendência ou pelo desprezo dos anciãos, premido pelos hereges, desanimado por dúvidas e temores pessoais, Timóteo corre perigo de negligenciar o carisma (dom da graça) recebido (QI 31d), recebendo em vão a graça de Deus (Compare-se o texto paralelo em 1Co 15.10; 2Co 6.1: receber graça e ministério = trabalhar com ele; receber em vão = negligenciar).

Dom da graça (carisma): será que se trata de um equipamento espiritual recebido por ocasião da “ordenação”? Porventura está-se falando de “graça ministerial”? A interpretação de toda a frase precisa render uma resposta a essa questão. Para Paulo o carisma está no começo e no centro de todo serviço e de toda a vida da igreja. O carisma não é algo acrescentado ao ministério, nem mesmo algo que somente possui certa importância à margem da verdadeira ordem eclesiástica. Dons da graça foram dados a todos para todos, ainda que nem todos recebam os mesmos dons. Em 1Co 12-14 Paulo não fala contra os dons da graça, mas somente contra seu abuso. Timóteo não corre o risco dos carismáticos de Corinto. Pelo contrário, a ele o apóstolo precisa dizer: **não negligencies o dom da graça em ti**. O próprio Deus o concedeu a você, não uma instância humana. Por isso utilize esse dom, exercite-se nele, use-o diligentemente!

Mediante profecia: por meio de uma palavra profética; profecias que apontam para Timóteo; falam de sua vocação. Desse chamado de Deus lhe advém força para a luta. No começo do serviço não está o cargo, mas o carisma. No começo do carisma não está a ordenação, mas a vocação pelo próprio Deus. Tanto o AT como o NT deixam inequivocamente claro que os servos estabelecidos para um serviço específico recebem a dádiva do Espírito antes de receber os dons do Espírito para o serviço.

Pela imposição de mãos: A imposição das mãos confirma o que aconteceu, a saber, a vocação prévia por Deus, profeticamente divulgada. A prática da imposição das mãos situa-se no âmbito dos sinais visíveis que acompanham a fé.

Que autoriza para o serviço de presbítero: como interpretar esse genitivo? Como genitivo subjetivo seria preciso traduzir: o conselho de anciãos impõe as mãos. Isso talvez constituísse,

embora não obrigatoriamente, uma contradição com 2Tm 1.6, onde Paulo escreve que impôs as mãos a Timóteo. Portanto, trata-se de duas oportunidades distintas, ou então Paulo lhe impôs as mãos em conjunto com os anciãos (QI 30). Contudo, supondo-se um *genitivus finalis*, que assinala a finalidade, algo não apenas plausível, mas provavelmente correto no contexto, a tradução será: pela imposição de mãos que torna alguém presbítero. Assim como Tito deve instalar presbíteros de cidade em cidade, assim o próprio Paulo havia instalado Timóteo como presbítero. A instalação do presbítero não era uma ação arbitrária do apóstolo, mas ele reconheceu no Espírito que Deus já havia posto sua mão sobre o jovem: o apóstolo então agiu de modo correspondente. Embora Timóteo fosse jovem na idade, Deus o havia chamado como “ancião” e o manifestou mediante profecia. Concedeu-lhe o Espírito Santo, inculcava-lhe o carisma para o serviço, confirmou sua vocação pela imposição de mãos por Paulo perante muitas testemunhas.

Que carisma específico Timóteo havia, pois, recebido? Será que era pastor, mestre ou evangelista? (“Faça a obra de um evangelista!” 2Tm 4.5). Seria igualmente difícil definir um dom espiritual específico para Paulo. O dom geral da “palavra”, i. é, a vocação para o “serviço à palavra”, podia abranger proclamação, exortação, ensino e evangelização, mas apresentava ênfases diferentes nos diversos servos. Dependendo também das circunstâncias com que se deparavam, um ou outro serviço podia passar mais para o primeiro plano. Essencial para todos os dons espirituais é que cada um carece de complementação. Por mais abrangentes que sejam, ocorrem de forma apenas limitada em cada pessoa, carecendo da permanente complementação por parte de outra.

15 Pondera essas coisas diligentemente, vive nelas, para que o teu progresso a todos seja manifesto.

Exercer o dom da graça recebido, no serviço, como exemplo para presbíteros e igreja: esse deve ser seu empenho.

Ponderar: pode significar refletir (meditar) ou exercer, se empenhar, exercitar (praticar). Se persistir a imagem da luta esportiva, estará em primeiro plano o treinamento. Mas faz igualmente sentido refletir sobre a dádiva recebida, exercê-la de forma mais dedicada, conscientizando-se mais uma vez dela.

Vive nelas: seu espírito deve estar imerso no Espírito de Deus. Aqui se tem em mente o arraigamento da vida no Doador divino e em suas dádivas. Mais uma vez se explicita que as instruções pessoais a Timóteo não culminam em uma “graça ministerial” conferida por direito eclesiástico, mas pelo contrário ele deve se entregar com todo o seu ser ao serviço, viver a incumbência, **para que seu progresso se torne visível para todos**. Fp 1.12,25: o fomento do evangelho está integrado ao fomento da alegria da fé. Quando Timóteo cresce em firmeza interior, isso servirá para o fortalecimento da igreja.

16 Cuida de ti mesmo e da doutrina e sê perseverante nisso. Timóteo deve ficar de olho em si mesmo. Como arauto do evangelho Paulo mantém o controle sobre si. Há muitos tão preocupados com a sã doutrina que negligenciam a sã vivência, sua própria vida perante Deus.

Outros, porém, pensam que, desde que estejam ativos e cumulados de tarefas, podem esquecer-se de si mesmos, ou que suas circunstâncias pessoais não-resolvidas mudarão por si mesmas. Mas nenhum ativismo, por mais intenso que seja, pode substituir o cuidado com a própria vida. Aqui não se fala de um egoísmo devoto, do cultivo egocêntrico da alma visando o bem-estar pessoal. Mas está inequivocamente claro que o ministério de atalaia sobre o próprio coração é e continua prioritário em relação à doutrina. Tornou-se moda travar batalhas contra a devoção pessoal e a “fé interior”, mas será bom examinar essas vozes à luz da Escritura. Jesus não negligenciou o convívio pessoal com Deus no silêncio e no isolamento. Antes, no meio e depois de todo o serviço em favor de outros ele se retraía, freqüentemente também separado dos discípulos, e ficava a sós com Deus.

Quem se coloca atentamente diante de Deus, que vê o que está oculto, é capaz de vigiar também corretamente sobre a doutrina.

Sê perseverante = permanece nisso!

Se Timóteo permanecer na fé e no amor (como as mulheres em 1Tm 2.15!), ele **salvará tanto a si mesmo como também aqueles que seguem o que diz**. Salvar a si mesmo – será que isso anula a graça de Deus? No entanto, nem aqui nem em 1Tm 2.15 o apóstolo pensa em sinergismo (uma cooperação de igual valor e iguais características entre Deus e ser humano), porque escreve aos filipenses que devem concretizar sua salvação com temor e tremor, pois Deus efetua o querer e o fazer. Justamente por isso não têm desculpa, como se lhes faltassem as forças para a salvação. Afinal,

Deus fez tudo e preparou tudo, de sorte que agora já podem realizar tudo a partir do agir de Deus. Do mesmo modo lemos que os fiéis serão salvos *se* permanecerem alicerçados na fé e se apegarem a ela (permanecerem firmes, o mesmo verbo do presente versículo), não se deixando desviar da esperança. A salvação não depende de uma condição das pessoas: perseverar nela não gera a salvação, mas ao afastar-se dela a graça pode ter sido em vão. O próprio Paulo cuida de si, para que não compareça sem aprovação, mas tenha participação no evangelho e em sua redenção.

Todas as instruções práticas nas past têm por fundamento e alvo a salvação que Deus deseja fazer chegar a todas as pessoas. Paulo experimentou pessoalmente a redenção, como exemplo para muitos (1Tm 1.15s). Cabe à igreja interceder pela salvação dos seres humanos (1Tm 2.1,4). Deve exaltar o amor redentor de Deus em Cristo como centro de seu culto e sua vida (1Tm 3.16), e os servos de Cristo devem tornar eficaz essa salvação para si mesmos e para a igreja (1Tm 4.16).

B. Timóteo como servo da Igreja – 1Tm 5.1-6.2

1. A igreja como família de Deus – 1Tm 5.1s

**1 – Não repreendas ao homem idoso; antes, exorta-o como a pai; aos moços, como a irmãos;
2 – às mulheres idosas, como a mães; às moças, como a irmãs, com toda a pureza.**

A exortação precisa ser detalhada, atingir a cada pessoa individualmente, no coração, no âmago do ser. Isso somente é viável quando todos são “*honrados*”. Essa é a palavra e a atitude determinante para a relação de todos os membros entre si. A palavra assinala a unidade de todo o trecho: 1Tm 5.3,17; 6.1. É particularmente elucidativo o texto de 1Tm 6.1, porque aqui “conceder honra” evidentemente não significa proporcionar sustento material. Por isso “honrar” viúvas e anciãos não deve ser interpretado de forma excessivamente unilateral nesse sentido. Toda exortação que busca atingir o coração errará o alvo se não partir de um grande respeito, de uma profunda consideração perante o caráter único da condição do outro como criatura. Antes violentará, esmagará o outro, constringendo-o ou escravizando-o em vez de libertá-lo. Todo ser humano é digno do amor, e é somente a partir dessa dignidade e por causa desse amor que ele pode ser corretamente exortado. “Honra teu pai e tua mãe”, o mandamento com promessa, precisa ser visto em seu significado mais amplo: no círculo familiar, na família de Deus é possível exercitar e experimentar a consideração mútua.

Não se trata aqui de uma casuística (uma instrução detalhada concebida com precisão), mas da palavra de incentivo a cada pessoa, emanada do amor e da reverência perante Deus, incidindo em sua respectiva constituição e situação peculiar de vida.

Não é importante apenas **o que** é dito, mas **como** é dito: qual é a atitude interior em relação àquele a quem precisa ser dito algo. Quantas palavras não são bem recebidas por serem ditas de cima para baixo, de muito longe, ou passando do lado e por cima das pessoas, sem atingir o coração! Como é apropriada a formulação “falar ao coração de alguém”. Quando realmente se fala ao coração, pode-se também “falar à consciência”. Quem fala ao co-ração é franco e livre, mas isso está em perigo e traz perigos na vulnerável proximidade humana. Por essa razão é preciso interpelar cada idade e cada geração com exortações específicas.

1 Não trates com rudeza uma pessoa mais idosa, mas exorta-a como a um pai. Pessoa mais idosa (*presbyteros*) sem qualquer dúvida designa aqui uma definição da idade, não um título de honra associado à idade, e muito menos um cargo definido.

Tratar com rudeza significa também ralar, criticar. Timóteo não deve lançar reprimendas a uma pessoa idosa, mas tampouco deixá-la de lado quando carece da exortação. O exemplo da família aparece como determinante para a igreja em primeiro plano. Quando é possível que um pastor jovem exorte um homem idoso como a um pai, o evangelho projeta uma nova luz sobre a relação pai – filho. Com reverência e amor é possível, e pode tornar-se necessário, que o filho exorte o pai, e não apenas na igreja.

Por que, no entanto, o frágil Timóteo, predominantemente hesitante, precisa ser exortado a não tratar com rudeza um homem idoso? A pessoa fraca costuma ser tentada a apresentar-se como forte mediante uma reação exacerbada, motivo pelo qual age com rudeza. O servo de Cristo, que quase se envergonha de sua mocidade, pode subitamente tentar exercer poder em vez de ser exemplo. A pessoa tímida torna-se inesperadamente uma lutadora. O hesitante impõe precipitadamente as mãos

(QI 31s). É nesse ponto que a singela regra intervém com força de transformação: exorta-o como se fosse teu pai.

Porém exorta-o (*parakaleo*): encorajar, exortar, consolar. A exortação e a solicitação para a exortação formam a relação mais estreita entre as cartas pastorais, como *epístolas de admoestação*, e as demais cartas de Paulo. Já na epístola paulina mais antiga de que dispomos repercute essa tônica, permanecendo nitidamente audível até a última: “Sabeis de que maneira, como pai a seus filhos, a cada um de vós, exortamos, consolamos e admoestamos...” Já nessa primeira epístola Paulo escreve que enviou Timóteo para que ele fortaleça e *exorte* a igreja. Esse exortar não é um ordenar e mandar, mas um pedir em virtude do amor, um rogar em lugar de Cristo. É o próprio Deus em sua misericórdia que exorta a igreja através do chamado de seus servos. Sim, o Exortador e Consolador por excelência é o Paracleto, o Espírito Santo, por intermédio do qual o Deus de toda a consolação consola e exorta. O dom de exortar é um carisma do Espírito Santo, frequentemente associado ao dom da profecia, ao olhar que vê o íntimo do coração, que reconhece a aflição e o anseio ocultos, tratando deles na perspectiva de Deus.

Timóteo não deve se apresentar por força de seu “cargo”, mas em virtude da irmandade estabelecida pelo *único* Mestre, Cristo. O anseio do ser humano por “liberdade, igualdade, fraternidade” já foi traído muito cedo pela igreja. Isso tampouco é remediado pelo fato de que a Reforma na verdade voltou a reconhecer e ensinar o sacerdócio de *todos* os que crêem com clareza a partir da Bíblia, já que não o fez vigorar em todos os aspectos. Contudo, constantemente irrompem novas tentativas e rudimentos promissores para entender a igreja como exortação e consolo fraterno mútuo (*consolatio fratrum*). O fato de um irmão exortar os (homens) **mais jovens como irmãos** não é “tendência de incipiente catolicismo”, mas, pelo contrário, é chamado às origens em Jesus: “Estou entre vós como quem serve, eu vos chamei de amigos, vós sois meus amigos, vai e dize a meus irmãos ...” “um só é vosso Mestre, e todos vós sois irmãos”.

- 2 **Às mulheres idosas, como a mães.** A listagem simples – pais, irmãos, mães, irmãs – não é supérflua ou pedante. Somente por meio dela se torna plenamente nítido o princípio de que o exortador não deve partir de si, mas adaptar-se. Favorecer e proteger outras pessoas no que lhes é próprio e essencial é a essência da autoridade. A mulher mais velha deve ser tratada como uma mãe, para que seja confirmada e fortalecida em sua condição maternal. Jesus estabelece novos relacionamentos, uma nova realidade.

Às moças, como a irmãs, com toda a castidade. Timóteo não deve se dedicar somente aos homens, sua palavra pessoal de exortação, seu falar ao coração vale também para as mulheres, tanto as idosas quanto as jovens. Por meio da paternidade e maternidade restabelecidas em Jesus, por meio do novo parentesco existente nele, não somente se quebra o predomínio das reivindicações familiares derivadas de geração e nascimento, mas também o predomínio das diferenças de sexo, a luta entre os gêneros, a sedução mútua e a dominação.

Por isso Timóteo pode e deve tratar as mulheres de sua idade e mais jovens como irmãs. O significado disso é expresso na língua alemã pelo termo “irmã enfermeira”, uma imagem profissional que no começo era totalmente marcada pelo modelo de Jesus. Quando o Estado ou ordens sociais não-cristãs determinam a imagem profissional e o serviço da enfermeira, predomina em maior ou menor grau a dimensão impessoal, e com isso não-feminina, ou a dimensão erótico-sexual. A profissão de enfermeira possui má fama nesses países, porque os homens enfermos consideram uma cuidadora não primordialmente como irmã, mas como objeto sexual, e porque elas próprias tampouco são capazes de se entender prioritariamente como irmãs, apesar da touca branca e do avental. Isso vale também cada vez mais para os países ditos cristãos, nos quais a compreensão cristã das relações familiares diminuiu. Ainda não se pode estimar a intensidade com que “progride” a dissolução da concepção cristã da família (e sua interpretação por Sigmund Freud, que ajuda a provocar a decadência). Forma-se uma sociedade não apenas sem pais (A. Mitscherlich), mas também sem mães, sem irmãos e irmãs. Para pessoas que já não experimentam a paternidade de Deus pela fé na filiação de Jesus praticamente não podem mais existir relações emocionalmente fortes e ao mesmo tempo castas entre pais e filhos, nem entre irmãos. Não é por acaso que o mito gentílico de Édipo, que mata o pai porque cobiça a mãe, se tornou a idéia originária para S. Freud, a partir da qual ele não somente explica todos os relacionamentos humanos, mas também a religião propriamente dita.

Por intermédio de Jesus foram quebrados fundamentalmente e de uma vez por todas o encanto não-quebrado da família e o constrangimento de gênero, a rede de medo e prazer, ou seja, o “medo gentílico”. Mas a igreja trocou de forma excessivamente apressada o evangelho da liberdade pela medrosa refutação dos medos gentílicos.

“Castidade” tornou-se rejeição da sexualidade (“Proíbem o casamento” – 1Tm 4.3). Mas castidade é o grande sinal e a palavra para a verdadeira libertação, precisamente porque através dela não há mais necessidade de ver e experimentar tudo, do primeiro ao último instante, do ponto de vista sexual, i. é, erótico. Por isso a dimensão sexual cumpre sua finalidade através da castidade de modo correto e cabal. Castidade não tem nada a ver com timidez ou afetação, ela intitula com precisão o tema principal do trecho: honrai um ao outro, aplicado aqui à esfera sexual e corporal.

Com toda a castidade. Castidade não é opressão, desprezo ou negação da sexualidade. Castidade pode ser integral e abrangente (“com *toda* a castidade”) quando se torna uma força de irradiação do coração: se teus olhos forem bons, todo o teu corpo será luminoso, logo verás também o corpo alheio como luz. No coração se desenvolve a verdadeira castidade. É Deus quem cria um coração puro. Seu ato criador é um constante novo criar.

Timóteo deve encontrar as jovens mulheres com castidade tal que elas sejam confirmadas e fortalecidas em seu caráter de irmãs, que as mulheres se alegrem com seu dom de ser mulher e com ele sirvam, sem temor, ao todo, à igreja.

Essa palavra a Timóteo também contém uma advertência. O serviço espiritual do aconselhamento pode rapidamente guinar para o carnal. Wesley escreve aos pregadores: “Não (lidem) demais com jovens garotas.” Fala de experiência própria de sua juventude. Quando o homem jovem acredita ter uma vocação especial para ser conselheiro entre mulheres jovens, ele precisa admitir um questionamento quanto à motivação. “Com toda a castidade” pode significar também “com toda a pureza”. Será que os motivos são puros? Toda a exortação (o termo bíblico para aconselhamento pastoral) deve ser um aconselhamento que emancipa. Frequentemente, porém, ela leva à dependência em relação ao conselheiro. Mas a exortação deve direcionar exclusivamente para o Senhor e libertar em direção a ele.

2. O cuidado com as viúvas – 1Tm 5.3-16

3 – Honra as viúvas verdadeiramente viúvas.

4 – Mas, se alguma viúva tem filhos ou netos, que estes aprendam primeiro a exercer piedade para com a própria casa e a recompensar a seus progenitores; pois isto é aceitável diante de Deus.

5 – Aquela, porém, que é verdadeiramente viúva e não tem amparo espera em Deus e persevera em súplicas e orações, noite e dia;

6 – entretanto, a que se entrega aos prazeres, mesmo viva, está morta.

7 – Prescreve, pois, estas coisas, para que sejam irrepreensíveis.

8 – Ora, se alguém não tem cuidado dos seus e especialmente dos da própria casa, tem negado a fé e é pior do que o descrente.

9 – Não seja inscrita senão viúva que conte ao menos sessenta anos de idade, tenha sido esposa de um só marido,

10 – seja recomendada pelo testemunho de boas obras, tenha criado filhos, exercitado hospitalidade, lavado os pés aos santos, socorrido a atribulados, se viveu na prática zelosa de toda boa obra.

11 – Mas rejeita viúvas mais novas, porque, quando se tornam levianas contra Cristo, querem casar-se,

12 – tornando-se condenáveis por anularem o seu primeiro compromisso.

13 – Além do mais, aprendem também a viver ociosas, andando de casa em casa; e não somente ociosas, mas ainda tagarelas e intrigantes, falando o que não devem.

14 – Quero, portanto, que as viúvas mais novas se casem, criem filhos, sejam boas donas de casa e não dêem ao adversário ocasião favorável de maledicência.

15 – Pois, com efeito, já algumas se desviaram, seguindo a Satanás.

16 – Se alguma crente tem viúvas em sua família, socorra-as, e não fique sobrecarregada a igreja, para que esta possa socorrer as que são verdadeiramente viúvas.

Alguns exegetas vêem nesses versículos uma “regra para viúvas” ou a elaboração de um verdadeiro “ministério de viúvas”. Outros perguntam se sob o impacto do desenvolvimento pós-paulino o presente texto, como também 1Tm 2.9s, deve ser entendido no sentido de uma restrição do sacerdócio geral da mulher e do fortalecimento de formas jurídicas cristãs. A limitação da colaboração feminina à oração e às obras de amor teria se tornado premente na luta da igreja contra profetizas gnósticas e montanistas, bem como de outras sacerdotisas cultuais.

Um estudo não-preconceituoso dos detalhes desse trecho não permite concluir que se trate de uma regra consolidada para viúvas. O todo, embora mais detalhado do que as instruções anteriores e subsequentes, está nitidamente sob um enfoque de cuidado pastoral. As viúvas (v. 3), assim como os presbíteros (v. 17) e os dirigentes (1Tm 6.1), devem ser respeitadas, e todos devem ser exortados sob as respectivas circunstâncias.

Em Éfeso havia naquele tempo uma das maiores igrejas, na qual também vivia um número correspondente de viúvas. No séc. III a igreja em Roma auxiliava 1.500 viúvas carentes. Na época de Crisóstomo 3.000 viúvas cristãs teriam atuado no serviço eclesiástico. Assim como aconteceu muito cedo em Jerusalém, assim também em Roma e Éfeso se tornou inevitável certa regulamentação. Quando se considera que mesmo Hipólito de Roma († 235), rigoroso combatente dos hereges e severo asceta, se volta contra a ordenação das viúvas, é difícil depreender como o presente texto já apresentaria uma regulamentação eclesiástica do diaconato das viúvas.

No AT viúvas, órfãos e estrangeiros gozam de proteção jurídica especial. Não devem ser desprezados nem explorados, mas honrados e alimentados.

A verdadeira viúva não tem recursos próprios ou parentes. Abandonada, ela confia no Deus das viúvas e dos órfãos.

- 3 Honrar:** A expressão refere-se intencionalmente ao mandamento “Honra teu pai e tua mãe”. O judaísmo na época de Jesus interpretava esse mandamento no sentido do dever do filho adulto de acolher pais idosos e assumir o sustento deles. “Honra as viúvas”, portanto, insere-se inteiramente no contexto dos v. 1s, que têm as relações familiares como matriz básica para toda exortação pastoral.

A palavra “honrar” também pode ter o sentido de soldo de honra (ainda hoje em uso no termo latino “honorários”). É questão de honra encarregar-se da remuneração e do alimento. A demonstração prática da honra por amor sustentará de tal modo as verdadeiras viúvas como membros da família que elas possam se sentir não meramente alimentadas, mas honradas. Toda a beneficência corre o permanente perigo de humilhar e ferir quem a recebe, quando não parte do amor e quando não se alicerça sobre a valorização da pessoa.

- 4 Mas, se alguma viúva tem filhos ou netos, que estes aprendam primeiro a viver a beatitude para com a própria casa e a recompensar a seus antepassados os benefícios recebidos; pois isso é agradável perante Deus.**

A própria casa = a própria família. Viver a beatitude, aqui como verbo (*eusebein*): ocorre dessa forma apenas ainda em At 17.23. Relacionado com a devoção dos atenienses para com seus deuses (QI 15d).

Antepassados: pais e avós, cf. 2Tm 1.5.

Recompensar benefícios recebidos: cumprir aquilo que é nosso dever; usado nesse exato sentido em Rm 13.7; 1Co 7.3.

Agradável perante Deus: cf. 1Tm 2.3: quando a comunhão familiar está alerta para seus deveres recíprocos de honrar, amar e ser grato, é possível viver uma vida tranqüila e pacata. Será que são as viúvas (transição do singular para o plural) ou os filhos que devem **aprender primeiro**? Em termos gramaticais ambas as interpretações são possíveis. À semelhança do presidente, a viúva precisa ser primeiro aprovada na casa da família, antes que possa servir na igreja. No entanto o contexto sugere pensar nos filhos, que não devem menosprezar a ajuda prática e a honra, mas evidenciar nisso sua devoção e gratidão. A morte do cônjuge acarreta para a mulher uma situação de vida completamente nova, da qual os filhos se conscientizam muito pouco ou muito tardiamente. Agora precisam aprender primeiro a atender às novas necessidades dela. Aqui a exortação pastoral se dirige a filhos e netos adultos.

- 5 A verdadeira viúva, porém, que é sozinha, depositou sua esperança em Deus e persevera em oração e intercessão dia e noite.**

A verdadeira viúva não tem ninguém que cuide dela, não tem laços familiares, vive sozinha. Não espera por um novo marido nem pela ajuda de filhos, nem pela igreja. Sua esperança está depositada

de uma vez por todas, por firme resolução do coração, em Deus. Essa sua mais íntima perspectiva não permite que sua solidão se transforme em isolamento, porque ao ter esperança em Deus ela não está abandonada, mas **persevera em suas súplicas e orações dia e noite**. Surge diante dos olhos o exemplo da profetiza Ana, mas igualmente o das mulheres não-casadas e enviuvadas, “que se preocupam com as coisas do Senhor, a fim de serem santas de corpo e espírito [TEB]”. Não por último, surge a experiência do próprio Paulo, que “ora noite e dia, com máximo empenho”. Por isso ele também preconizava para a viúva “um diálogo ininterrupto do coração com Deus, seja em prece, seja em adoração, que não degenera em palavreado vazio, mas possui a seriedade plena da oração e apesar disso não se restringe a suspiros isolados e alguns impulsos da alma, mas pode vir a ser sua ocupação permanente” (Schlatter; QI 25e).

Uma viúva que ora assim *de fato vive*, ainda que possa parecer inativa e até inútil aos olhos de pessoas ativas no mundo e na religião. É preciso ter em mente essa imagem da verdadeira viúva e sua ancoragem no verdadeiro convívio e diálogo com Deus, para não sucumbir à tentação de muitos intérpretes, que fixaram as instruções de apego ao lar, boa conduta e devoção precipitada e unilateralmente em um cristianismo burguês. Ademais: quanta reverência diante da vocação espiritual humana das mulheres é expressa com essas palavras!

- 6 Entretanto, a que se leva uma vida de prazeres é viva morta.** Repercute aqui a atmosfera da metrópole de Éfeso, cheia de dissolução e busca de diversão. Na aldeia uma viúva teria mais dificuldades para esquecer sua tristeza por meio de uma busca ávida por prazer. A pessoa viciada cria a aparência, para si e para outros, de ser particularmente viva, ativa, espontânea e “com plena vitalidade”. Na verdade, porém, está morta. Quanto maior parece ser sua atividade voltada para fora, tanto mais paralisada é sua condição interior.

Viva morta: A forma verbal assinala um fato consumado.

A verdadeira viúva está viva porque está acordada em Deus; a que vive levemente já morreu. Também esse contraste radical não permite cogitar uma adaptação aos costumes do entorno. Como em 1Tm 2.9-15, também as presentes palavras falam para dentro de um contexto eclesial bem concreto.

- 7 Ordena-lhes que permaneçam irrepreensíveis.**

- 8 Mas, se alguém não tem cuidado dos familiares e especialmente dos que convivem com ele na casa, tem negado a fé e é pior do que um descrente.**

O presidente, as viúvas e, enfim, todos os membros da igreja devem ser irrepreensíveis aos olhos do crítico mundo gentílico em redor (1Tm 3.2).

Os **familiares** não precisam necessariamente viver na mesma casa, ao contrário *dos da própria casa*, com os quais se convive na mais estreita comunhão do lar.

Ter cuidado: levar em consideração, prover. Quando filhos adultos negligenciam o cuidado com os necessitados em sua própria casa, quando viúvas não visam uma conduta irrepreensível, isso dá motivo aos incrédulos para blasfemar o nome de Deus. Aqueles que se dizem crentes negam a fé com seu procedimento. Nisso produzem mais escândalo que os incrédulos. Esse veredicto severo já foi pronunciado por Paulo em relação aos cristãos em Corinto, onde se praticava uma espécie de obscenidade que “nem mesmo acontece entre gentios”. É melhor considerar os v. 7s como uma unidade, que sintetiza as afirmações dos v. 4 e 6. O v. 9 retoma os v. 3 e 5. Provavelmente a palavra da viúva que vive de forma dissoluta causou a exortação, a sentença e o comentário dos v. 7s.

- 9 Uma viúva deve ser listada quando não tiver pelo menos sessenta anos, foi esposa de um só marido, possui um testemunho de boas obras, quando educou filhos, acolheu estranhos, lavou os pés aos santos, socorreu aflitos, quando viveu na prática de toda boa obra.**

Listar ocorre somente aqui no NT: “catalogar”, arrolar em listas. Nos homens idosos são destacados aqueles que realizam um serviço especial para com a igreja. Por que não se fala ali de uma lista? Talvez o grande número e as desconcertantes diferenças das mulheres enviuvadas requeressem uma regulamentação mais precisa. Desde cedo deparamo-nos com as viúvas como um grupo particularmente característico na igreja. Significativo é que as mulheres idosas (assim como os homens idosos) possuem uma posição de honra na igreja. Ensinam, lideram, dirigem a casa. As viúvas aqui destacadas e listadas “provavelmente presidiam a parte feminina da igreja de forma análoga como os anciãos presidiam os homens”.

Em geral, na Antigüidade considerava-se **sessenta anos** como limite de idade. Paulo se denomina um homem velho. Essa referência etária permite perceber que aqui não se pode ter em mente apenas o sustento de viúvas, porque quais seriam os motivos para que as viúvas só recebessem auxílio a partir de determinada idade, e não a partir do momento em que de fato carecessem da ajuda? É evidente que do grande grupo das verdadeiras viúvas devem ser destacadas especialmente aquelas que exerciam uma incumbência específica e responsável no seio da igreja. A igreja posterior conhecia expressamente o serviço das presbíteras na igreja.

Esposa de um só marido: a mesma condição que vale para presidente e diáconos: 1Tm 3.2,12. Aqui como em outras passagens a expressão se dirige em primeira linha contra o recasamento de pessoas divorciadas, porque o sentido não pode ser o de uma proibição geral de um segundo casamento para as viúvas, visto que o v. 14 sugere que viúvas mais novas se casem de novo. Obviamente Paulo também declara às viúvas em Corinto, tendo ali provavelmente já em vista as mais idosas, que seria melhor que não voltassem a se casar, mas permanecessem na condição, em que estão agora.

- 10 Um testemunho de boas obras:** 1Tm 3.1; 5.25; 6.18; 2Co 9.8. Boas obras não são obras meritórias por desempenho moral próprio, são obras de amor realizadas por gratidão e para testemunhar o amor de Deus. Os anciãos não devem assumir a dianteira em boas obras como realização especial ou até mesmo de forma substitutiva, mas de modo exemplar para estimular a igreja, demonstrando sua fé pelo amor. O mesmo vale para os membros abastados: 1Tm 6.18, as mulheres: 1Tm 2.10, e as viúvas: 1Tm 5.10. No testemunho de boas obras a viúva não se apresenta como singularmente virtuosa, mas simplesmente como exemplo da igreja (cf. 1Tm 2.9s! A 3).

Educar filhos: aqui se pode ter em mente tanto filhos próprios como também órfãos adotados.

Acolher estranhos: Não deixa de ser relevante a ordem em que as obras de amor são listadas: primeiro o amor deve ser demonstrado no grupo mais próximo, na educação dos filhos próprios ou a ela confiados, e somente então faz sentido acolher também estranhos como hóspedes.

Lavar os pés dos santos: como nas demais passagens de Paulo, santos significa aqui os redimidos. “Lavar os pés” talvez possa ser entendido, em decorrência de João 13.5, tanto no sentido literal quando no agir simbólico. Seja como for, a idéia aqui é de um serviço muito prático e humilde de refrigério.

Socorrer aflitos: a viúva deve prestar auxílio (o que ocorre apenas ainda em 1Tm 5.16) a pessoas que estejam oprimidas e vitimadas por aflições, exteriormente perseguidas e expulsas, interiormente aterrorizadas; Ajuda aos que são oprimidos por doença grave, falecimentos, perdas ou ameaças.

Viver na prática de toda boa obra: Talvez se tenha em mente que, ultrapassando o serviço na casa, a viúva pode assumir, com amor zeloso, outras obras fora do próprio lar, ao contrário das viúvas mais jovens, que passam por cima da ordem do serviço de amor “de dentro para fora” e, sem considerar a própria casa, percorrem casas alheias a esmo (v. 13).

As boas obras aqui arroladas têm por base uma nítida imagem da atividade de amor na igreja primitiva: cuidar de famintos e sedentos, praticar a hospitalidade, doar roupas, serviço de visitas, educar órfãos.

- 11 Porém rejeita viúvas mais jovens:** como em 1Tm 4.7, “não a incluí na lista”. Era possível que viúvas fossem bastante jovens, visto que na Palestina as moças geralmente eram prometidas em casamento aos 12 e casadas aos 13 anos de idade. Ao contrário do serviço de presidente, que era pouco disputado, havia em Éfeso um afluxo de viúvas para atuar na igreja.

Porque quando sua paixão as leva a cair em contradição contra Cristo, desejam se casar. Sob o impacto da dor da separação e da perda do marido elas se devotaram a Cristo, para lhe servir integralmente, contudo não conseguiram resistir à sensualidade que torna a aflorar e agora é incontrolável, rebelando-se assim contra Cristo.

Contradição: Refere-se não à apostasia da fé, mas à infidelidade contra Cristo, como em 2Co 11.2. Tornar-se dispersivo, como bois novos que tentam se soltar do jugo.

- 12 E caem no juízo de que quebraram a primeira fidelidade.**

Juízo: Pode-se pensar aqui na sentença do adversário (v. 14), ou do juízo divino (v. 24; cf. 1Co 11.29), ou nas acusações da própria consciência. Consideraram boa a condição estável de viúva e a aliança de fidelidade com Cristo, mas agora se condenam, porque estão divididas no coração, desejando se casar.

A primeira fidelidade: Aqui “fé” (*pistis*) ainda não tem o sentido de “voto”. Somente muito mais tarde derivou-se dessa passagem a justificativa ou necessidade para um voto das freiras. A situação ainda é que a igreja toda, e cada indivíduo como membro dentro dela, está devotada ao Senhor Jesus como noiva. No Ocidente o voto de virgindade para uma freira foi documentado pela primeira vez em Cipriano († 304).

Quebrar: jogar fora, considerar inválido, anular, como em Gl 3.15. Evidentemente transparece aqui a fidelidade da viúva que como viúva verdadeira serve a Deus noite e dia, tendo desistido voluntária, mas fundamentalmente, de um novo casamento (v. 5). Certas viúvas jovens não conseguiam sustentar essa resolução de fidelidade tomada. Quebraram “a fidelidade”.

13 Além disso acostumam-se com a ociosidade, correm de casa em casa, não são apenas preguiçosas, mas também tagarelas e metidas, falando o que não devem. São ativas em visitas a lares e enfermos como a verdadeira viúva, mas por trás da máscara da beneficência cristã elas são ociosas, perderam o sentido do servir, porque se desvencilharam do jugo de Cristo. Essas mulheres trocaram de vocação: em vez de servir com obras de amor, aprendem a ociosidade, em vez de edificar com palavras de amor e fé, são tagarelas.

Metidas: literalmente, promover obras fora da obra, ou seja, fazer coisas desnecessárias, promover coisas inúteis. Contudo também é expressão usual para as artes da magia, “metido” no sentido do conhecimento que normal-mente não pode ser conhecido. As artes “metidas”, magia e feitiçaria, ainda se encontravam em pleno auge em Éfeso. Eram muito comuns as curas de enfermos acompanhadas de cânticos de magia. O prazer reprimido impele a um grande ativismo, a uma curiosidade indiscreta, a práticas supersticiosas e mágicas sob a capa da solidariedade cristã. Sob essas circunstâncias é compreensível que o apóstolo convoque categoricamente ao novo casamento, porque para alguém que não consegue se abster é melhor se casar do que se derreter em desejos e confundir a igreja. Quando não se perde de vista a realidade de Corinto e Éfeso, a instrução do apóstolo, de cunho tão direto, não parece escandalosa nem voltada somente agora nas past para a boa conduta burguesa. A ênfase maior na boa conduta não precisa estar relacionada com uma adaptação da igreja à condição vigente do mundo nem com a perda da proximidade da eternidade e do direcionamento para ela. Afinal, o apóstolo havia ordenado, mediante referência expressa ao tempo abreviado e à transitoriedade da presente configuração do mundo, o novo casamento daqueles que não conseguem se abster (1Co 7.9). A ênfase maior na verdadeira beatitude pode estar claramente ligada à crescente deterioração dos costumes no entorno gentílico e à correspondente influência aflitiva e sedutora sobre a igreja.

14 Quero, pois, que viúvas mais novas se casem, tenham filhos, administrem a casa e não dêem motivo ao adversário para a maledicência.

Quero, pois: como em 1Tm 2.4,8, através da intenção de cuidado pastoral fala claramente a autoridade apostólica. A instrução não contradiz 1Co 7.32,40, porque no primeiro plano do texto está a exaltação da verdadeira viúva, que vive voltada integralmente para Deus e não torna a se casar (1Tm 5.3,16 b).

Ter filhos: aqui aparece no plural o mesmo radical de 1Tm 2.15. Em ambas as passagens não se tem em mente simplesmente as mulheres ou viúvas como tais: lá se tratava de mulheres que por causa de uma espiritualidade superior queriam se separar de marido e filhos, aqui são jovens viúvas que preferem a vida desregrada, visando atuar no escuro (oculto). A instrução apostólico-pastoral aponta para circunstâncias bem concretas em Corinto, assim como em Éfeso.

Administrar a casa: literalmente ser senhor sobre a casa, governar um lar. Essa expressão aparece doze vezes em Mt; Mt 13.27; 20.1,11: dono da casa (na parábola Deus aparece como dono da casa), de forma análoga aqui a *mulher como dona da casa*. A administração da casa pressupunha o dom da liderança e supervisão, a capacidade de ordenar e providenciar o necessário. Por isso era preciso que marido e mulher estivessem unidos, sua unanimidade precisava ser protegida, para que a casa não entrasse em conflito consigo mesma e se desfizesse. Visto nesse contexto, 1Tm 2.10-15 obtém uma explicação adicional. Como dona da casa a mulher não deve visar ser ao mesmo tempo senhora sobre o marido e dominá-lo. Contudo tampouco deve separar-se dele, mas presidir o lar junto dele, com toda a subordinação.

O **adversário** deve ser, no presente contexto, Satanás. Dar **motivo:** oportunidade, pretexto, uma expressão militar: representar uma cabeça-de-ponte; metáfora predileta de Paulo.

A situação da igreja não é nada tranqüila ou tranqüilizadora, mas grave-mente tensa e está à mercê da perspicácia do adversário, que busca todas as oportunidades para blasfemar o nome de Deus e levar à queda os cristãos, sobretudo os expoentes. Assim como os novatos na fé, assim também as viúvas jovens não devem ser admitidas em serviços por meio dos quais seriam confrontadas prematuramente com os ardis do diabo.

15 Porque já algumas se desviaram, atrás de Satanás: seguindo a Satanás, ao contrário do seguir atrás de Jesus e em contraposição à verdadeira viúva que, voltada para Deus, persegue as boas obras (v. 10). Algumas – e aqui não se deve pensar apenas nas jovens viúvas ociosas – já caíram no seguimento satânico, transformando-se em precursoras da contra-igreja satânica, a “sina-goga de Satanás”. Quando não se leva a sério o viés demoníaco que se contrapõe a esse texto, o detalhamento das instruções só pode ser interpretado como conselhos burgueses para a pacata vida familiar, ignorando o sinal de alarme aqui emitido para a vigilância total e ousadia extrema.

16 Se uma mulher crente tiver viúvas, auxilie-as, e não fique sobrecarregada a igreja, para que esta possa socorrer as verdadeiras viúvas.

A instrução de que familiares devem tomar conta de suas viúvas vale também quando há diversas viúvas em uma família (irmãs ou noras enviuvadas). O final do trecho repete e enfatiza assim a incumbência da igreja: ela deve ajudar aquelas “verdadeiras” viúvas as quais ninguém mais pode sustentar. Dessa forma ela honra as viúvas, conservando-as abertas para as incumbências dadas por Deus na igreja.

3. A atitude perante os anciãos – 1Tm 5.17-25

17 – Devem ser considerados merecedores de dobrados honorários os presbíteros que presidem bem, com especialidade os que se afadigam na palavra e no ensino.

18 – Pois a Escritura declara: não amordaces o boi, quando pisa o trigo. E ainda: o trabalhador é digno do seu salário.

19 – Não aceites denúncia contra presbítero, senão exclusivamente sob o depoimento de duas ou três testemunhas.

20 – Quanto aos que vivem no pecado, repreende-os na presença de todos, para que também os demais temam.

21 – Conjuro-te, perante Deus, e Cristo Jesus, e os anjos eleitos, que guardes estes conselhos, sem prevenção, nada fazendo com parcialidade.

22 – A ninguém imponhas precipitadamente as mãos. Não te tornes cúmplice de pecados de outrem. Conserva-te a ti mesmo puro.

23 – Não continues a beber somente água; usa um pouco de vinho, por causa do teu estômago e das tuas freqüentes enfermidades.

24 – Os pecados de alguns homens são notórios e levam a juízo, ao passo que os de outros só mais tarde se manifestam.

25 – Da mesma sorte também as boas obras, antecipadamente, se evidenciam e, quando assim não seja, não podem ocultar-se.

17 Assim como o v. 3 destaca dentre o grupo de mulheres idosas (v. 2) as viúvas que servem na igreja, salientando a reverência que lhes é devida, assim são analisados agora (v. 17) os homens dirigentes dentre os idosos e o comportamento devido diante deles.

Presidir bem: algo esperado primeiramente para a administração da própria família e em seguida tanto dos presidentes como dos diáconos; aqui espera-se esta atitude de todos os anciãos que exercem qualquer função de responsabilidade na igreja, seja a administração econômica, seja, o que é particularmente evidenciado, o serviço missionário e doutrinário. Deles a igreja espera que **presidam bem**, ou seja: importa não já o serviço (o cargo!) como tal, mas o modo como é exercido (QI 12).

Dobrada honra: o termo honra retoma nitidamente o tema do v. 3, onde já se evidenciou que ele não podia se referir apenas ao sustento ou ao salário. Honrar uma pessoa significa reconhecê-la, atribuir-lhe o valor que lhe cabe. O próprio Timóteo não havia recebido a honra e o reconhecimento que merecia. Em vez de exigi-los para si, deve responder a essa deficiência com vida exemplar. Conceder “dobrada honra” pode significar ou honrar uma pessoa idosa por ser anciã e por trabalhar na igreja como anciã ou, além do sustento material recebido por todos os idosos carentes, manter

(intelectualmente) honrados os idosos que presidem a igreja, por causa de seu ministério. A igreja deve ser generosa e pródiga no sustento de homens e mulheres idosos e de forma alguma ser reticente quando desempenham um bom ministério em prol da igreja.

Sobretudo os que trabalham na palavra e no ensino: que realizam algo, que se esforçam, termo freqüente em Paulo.

Palavra: como em 1Tm 4.12; 1Co 1.5; de modo geral a proclamação da mensagem de Cristo.

Ensino: instrução para viver a partir da fé. De acordo com 1Tm 3.2 e Tt 1.9, ensinar faz parte das atribuições do presidente. Conseqüentemente se fala aqui de vários presidentes em Éfeso, assim como acontecia na igreja em Filipos. Os dirigentes das famílias em cujos lares surgiram as primeiras igrejas caseiras também eram os presidentes naturais para as igrejas, caso fossem aprovados.

Contrariando a declaração, muitas vezes reiterada, de que as past preferem títulos para cargos sem descrever a função deles, ao passo que o próprio Paulo raramente empregaria títulos para cargos, mas em troca assinala o conteúdo dos diversos serviços, aparece o presente versículo: “Sobretudo aqueles que trabalham na palavra e no ensino.” Nem aqui nem em 1Tm 3.1s se fala de uma ordem hierárquica dos ministérios. Por isso o jovem Timóteo pode ser convocado para ser “presbítero”, porque em última análise a chave não é a idade, nem o cargo em si, mas o serviço ao evangelho, o empenho e o labor dentro dele (1Tm 4.14).

- 18 Porque a Escritura diz** é uma fórmula muito utilizada por Paulo, visando introduzir uma citação. A citação do AT consta em Dt 25.4: “**Não atarás a boca do boi quando debulha.**” Paulo já a inseriu em 1Co 9.9a, onde fez um comentário exaustivo: 1Co 9.9b-13. O mandamento vale originalmente para o comportamento perante um animal que trabalha, ao qual o israelita não deve amordaçar. O cuidado com o animal distinguia o judeu dos outros povos. Essa proibição material se transformou, pela interpretação simbólica, em preceito moral para o ser humano que trabalha. Isso se justificava porque na coletânea original de leis também o diarista era considerado digno de um salário pago rápida e integralmente e estava protegido da exploração pelo empregador (Lv 19.13). Também 1Co 9 associa a citação do AT com uma *palavra do Senhor* (v. 14), que no entanto não é referida literalmente, mas apenas em sua aplicação prática. Em Lc 10.7 encontramos a palavra: “O trabalhador é digno de seu salário.” Paulo, portanto, designa de “Escritura” essa palavra do evangelho de Lucas, colocando-a naturalmente ao lado da “Escritura” do AT. Diversos intérpretes opinam que essa citação deve ser considerada uma glosa posterior, por designar uma palavra de Jesus como palavra da Escritura. Com razão outros contrapõem que: a) Paulo cita diversas vezes palavras do Senhor. b) A citação não precisa necessariamente ser retirada do evangelho de Lucas, pode ser oriundo de uma coletânea de ditos de Jesus. c) Pode muito bem ser retirada do evangelho Lucas. Um indício nada irrelevante disso é a diferença da citação no evangelho de Mateus. Lá consta: “O trabalhador é digno de sua comida (!).” É plausível que Paulo adote a versão de seu colaborador Lucas. d) A identificação de palavras do Senhor com a autoridade da Escritura do AT não precisa pressupor uma data tardia para a redação da carta. Já em suas primeiras cartas Paulo reclama a autoridade do Senhor para aquilo que ele escreve.

- 19 Contra presbítero não aceites denúncia, exceto sob o depoimento de duas ou três testemunhas.** Timóteo não deve tratar os idosos com rudeza, mas exortá-los com a valorização que compete a um pai (1Tm 5.1). Pelas mesmas razões não deve aceitar com rapidez e sem exame, queixas sobre a falha de homens idosos e particularmente de presbíteros que presidem a igreja e que trabalham nela, mas fazer com que primeiro sejam confirmadas por duas ou três testemunhas.

Queixas injustificadas contra idosos, sejam elas por inveja, fofoca ou suspeita, podem ser impedidas ou desmascaradas e refutadas de forma melhor pelo fato de que um conselheiro sempre ouve em conjunto um grupo de apenas dois ou três. Essa proteção para um acusado, expressamente confirmada por Jesus, faz parte, como a proteção aos animais, das peculiaridades da tradição judaica. Também Paulo recorre expressamente a ela diante dos coríntios, contudo aqui no sentido de que o acusador, o próprio Paulo, vai três vezes até os coríntios, apresentando-lhes sua queixa.

- 20 Mas se de fato pecaram, argúi-os perante todos, para que também os demais comecem a temer.** Será que os v. 20-25 devem ser vistos como peça originalmente independente de uma disciplina penitencial? É mais plausível a referência aos homens idosos e especialmente aos dirigentes entre eles. Do mesmo modo como com as viúvas, também entre esses podem ocorrer descaminhos. Os idosos sem dúvida devem ser honrados, mas não ser erroneamente poupados por

serem idosos, quando caem no pecado, vivendo nele e tornando-se, pelo comportamento, escândalo para os outros.

Argüir perante todos. 1Co 14.24: a pessoa que entra no recinto é argüida *por todos*, investigada por todos. Será que essa instrução contraria Mt 18.15-17, onde “trazer à luz” perante a igreja representa somente o terceiro passo, depois do diálogo a sós e da tentativa de falar com a respectiva pessoa na presença de dois ou três irmãos? Contudo 1Tm 5.1 pressupõe a exortação pessoal através do conselheiro pastoral. Deve-se imaginar aqui uma pessoa que, após vários conselhos, não larga o pecado.

Para que também os demais comecem a temer: é plausível imaginar os demais idosos, de que se falou anteriormente. Devem ficar com medo quando reconhecem que também um cristão idoso e experiente pode cair. “Na queda do outro cada um percebe contra o que ele mesmo precisa lutar” (Schlatter, p. 106).

21 Testemunho seriamente perante Deus e Cristo Jesus e os anjos eleitos: cumpre isso tudo sem preconceito, e não faça nada por partidarismo. A gravidade da situação na luta contra descaminhos na doutrina e na conduta da vida e a resistência cada vez mais empedernida das pessoas hereges po-dem ter levado o apóstolo a assumir esse tom conjurante tão escatológico, ou seja, voltado para o fim de todas as coisas. Para Paulo o anjo representa a presença de Deus tanto no culto eclesial como no martírio, além também do dia do juízo escatológico (2Ts 1.7). Nessa acepção, o apóstolo não pretende deixar seu colaborador cumprir seu ministério apenas perante e com testemunhas humanas (v. 19), mas o coloca diante da face do próprio Deus presente e vivo. Talvez Timóteo tenha receio diante dessa incumbência mais pesada do conselheiro espiritual: argüir um pecador e particularmente um que tem reconhecimento e cargo de responsabilidade. Independentemente de qual for o sentido dessas palavras, uma coisa está clara: também a igreja das past não está com seu olhar voltado unilateralmente para o mundo visível, para nele se instalar. Ela sabe – e quando se esquecer, precisa ser lembrada disso – que está poderosa, santa e misericordiosamente rodeada pelo mundo invisível de Deus e seus anjos, em nada diferente da igreja das cartas aos Coríntios. Sem acepção da pessoa, sem se desviar dos fortes e sem demonstrar favor aos fracos quando pecam, é assim que Timóteo deve cumprir sua incumbência de cuidado pastoral.

22 A ninguém imponhas precipitadamente as mãos. Não participes de pecados alheios.

Conserva-te pessoalmente casto. A palavra insistente de corrigir os faltosos parece estar dirigida a um Timóteo hesitante e inseguro, ao passo que agora repentinamente é preciso ser cauteloso. Será que aqui se visa advertir contra uma admissão precipitada de pecadores arrependidos? Por um lado o NT menciona esse tipo de atitude, mas por outro lado não há registro de que ocorra com imposição de mãos. Nas past está em primeiro plano a introdução e instrução de homens aprovados para o serviço na igreja. O que poderia fazer com que Timóteo, predominantemente hesitante e temeroso, aqui agisse rapidamente demais? Talvez seja a carência de colaboradores capazes, que levou não somente ele, mas muitas igrejas e muitas obras cristãs a convocações precipitadas.

Por isso novos diáconos e presidentes somente devem ser convocados, confirmados e abençoados após exaustivo exame. Portanto Timóteo pode impor as mãos a outros, algo que não está reservado apenas aos apóstolos ou a pessoas especialmente chamadas. O discípulo Ananias em Damasco, ilustre desconhecido, impôs as mãos ao posterior apóstolo, assegurando-lhe assim o perdão dos pecados e a vocação de pregador em nome de Jesus, de modo que Paulo tornou a ver e ficou cheio do Espírito Santo.

Não participes de pecados alheios: Timóteo e as igrejas a ele confiadas devem certamente participar das necessidades dos idosos, mas não de seus pecados. Quando acolhe uma pessoa indigna no ministério, participa das más obras dela.

Conserva-te pessoalmente puro. Os coríntios demonstraram por meio do arrependimento que “estão puros na questão”, i. é, (já) não tomam parte de pecados alheios. A exortação à pureza pessoal, agora com vistas a candidatos ao serviço na igreja, retoma o início do presente trecho, onde estava em jogo uma orientação transparente e reta do coração no trato com todos os membros da igreja, e particularmente a castidade perante as jovens mulheres. Se homens experientes na vida são capazes de falhar, também o próprio Timóteo deve se precaver e vigiar sobre si mesmo. Não é uma repetição cansativa, mas a mudança de foco do olhar é que leva o apóstolo a dizer mais uma vez a mesma coisa, porque dessa maneira Timóteo se firmará em sua vocação: Sê puro e vigilante em tua vida

pessoal, em todas as questões doutrinárias (1Tm 4.16), no convívio com jovens e idosos (1Tm 5.1s), ao lidar com atuais e futuros homens responsáveis na igreja (1Tm 5.22).

23 Não continues a beber somente água; usa um pouco de vinho, por causa do teu estômago e de teus freqüentes adoecimentos.

Em Paulo é conhecido esse tom cordial direto no meio da correspondência. Talvez Timóteo tenha se excedido na ascese pessoal. Entre judeus e gregos o consumo de água em lugar de vinho era tido como ascese. O “voto anterior” das viúvas ainda jovens (1Tm 5.12) pode apresentar resoluções correspondentes em homens jovens como Timóteo: talvez tenha decidido nunca mais beber vinho. Na antiga aliança os “devotados a Deus” não bebiam vinho nem qualquer bebida inebriante.

Mas o vinho é considerado remédio na medicina clássica da Antigüidade. Plutarco prescreve vinho para o estômago. Hipócrates fala de um enfermo que bebe somente água, causando assim graves transtornos para si. Por isso o aconselha a beber um pouco de vinho.

Por causa de teus freqüentes adoecimentos: *astheneia* pode significar moléstia, ou também fraqueza física em geral. O próprio Paulo anunciou o evangelho aos gálatas “na fraqueza da carne”, fisicamente debilitado. Talvez o v. 23b deva ser traduzido por “freqüentes ataques de fraqueza”. Muitas vezes não há como determinar onde a fraqueza física transita para a fraqueza de ânimo. *Astheneia* (o astênico é uma pessoa de estrutura delicada) também pode adquirir o sentido de fraqueza e debilidade humanas. Contudo nenhuma dessas fraquezas na constituição psicossomática (física-psicológica) do ser humano constitui empecilho para o agir de Deus. O próprio Cristo era marcado pela debilidade. Porque o Espírito Santo socorre o ser humano na fraqueza, porque Cristo aperfeiçoa seu poder justamente nos fracos, por isso é possível assumir a fraqueza, não se envergonhar dela, mas até mesmo gloriar-se dela. Paulo não dissimulou sua fraqueza, as igrejas sabiam acerca dela, sim, até mesmo se escandalizaram com ela. Não se contrapunha como pessoa grande, forte e invulnerável ao fraco e tímido Timóteo.

Quem sofre pessoalmente a tentação da fraqueza e nisso experimenta a misericórdia e ajuda de Deus, é capaz de ter afetuosos sentimentos de simpatia para com as debilidades dos outros. Assim como Paulo ao redigir sua carta se recorda novamente da incumbência, cheia de responsabilidade, de Timóteo, ele também se lembra das fraquezas dele, e conseqüentemente o anima a cuidar mais do corpo.

Poderia surgir o questionamento: afinal, a possibilidade da cura dos enfermos pela oração da fé foi omitida, esquecida ou perdida aqui? Quando ponderamos o que foi dito acerca de Paulo, é possível reconhecer duas coisas: durante sua vida inteira Paulo parece ter conhecido fraquezas físicas e psíquicas que, no entanto, não conseguiram impedi-lo em seu ministério. Em vista de uma doença ou moléstia que o tolhia e torturava de maneira singular, rogou por libertação, mas obteve a orientação divina de que ela não lhe seria tirada, para que ele não se exaltasse e para que assim irrompesse o poder de Deus justamente pela fraqueza dele.

Ainda que um ser humano possa ser curado de moléstias pela oração da fé, ainda que Deus conceda o dom da graça de curar, a pessoa curada não deixa de continuar exposta a debilidades humanas; uma pequena fraqueza pode imobilizá-la ou seduzi-la ao pecado. No entanto, Jesus pode fazer uso de graves enfermidades de seus discípulos para se glorificar.

24 Os pecados de certas pessoas são notórios e as antecedem rumo ao juízo, ao passo que os de outros apenas lhes seguem. O parêntesis do v. 23, provavelmente desencadeado pela exortação à pureza pessoal, chegou ao fim. O v. 24 dá continuidade à abordagem sobre *pecados* (v. 20 e 22), ampliando-a de modo a que as declarações passem a valer para todos e não apenas para os idosos.

Os pecados tornados flagrantes para as pessoas seguem na frente rumo ao juízo de Deus. Como diz o ditado acerca das mentiras, elas têm pernas curtas. Em todo lugar onde chega o pecador já se conhece o que fez, ele já está condenado por todos que têm conhecimento do fato. Por isso é evidente que uma viúva ou homem idoso, cujos pecados são conhecidos, não devem ser admitidos e confirmados em um serviço na igreja. Difícil, porém, é quando pecados e erros estão ocultos, quando alguém, p. ex., é ganancioso e se enriquece secretamente com dinheiro da igreja, como foi relatado acerca de Judas e como sugere o contexto das past. Mas também se deve pensar em pecados secretos de feitiçaria. Orgulho, ganância e devassidão são pecados que podem permanecer por longo tempo ocultos sob uma capa devota, mesmo em um servidor na igreja de Deus, pois justamente eles estão sujeitos àquelas transgressões que os farão cair ainda mais, quanto mais puderem se desenvolver de maneira oculta e imperceptivelmente lenta, porém segura.

25 Da mesma sorte também as boas obras são conhecidas antecipada-mente e, quando a situação for outra, não podem continuar ocultas. Timóteo deve se entregar e dedicar tanto à graça que seu avanço se torne manifesto para todos. As boas obras devem exaltar, e exaltarão quando de fato forem feitas bem, i. é, em Deus e sua graça, não o ser humano, mas o Pai no céu. Quais são, pois, as obras, em que a situação é outra? A maioria dos comentaristas supõe que também aqui se tem em vista boas obras, que ao contrário daquelas que se manifestam pouco, ou apenas gradativamente ou nunca, se tornam conhecidas durante a vida de quem as praticou. Nesse caso o perigo para Timóteo seria que ele deixe de notar uma pessoa apta para o serviço na igreja porque suas qualidades e atos estão encobertos e não podem ser facilmente reconhecidos. A dificuldade de julgar pessoas não exime o servidor da igreja de sua responsabilidade, mas a aumenta. Por decorrência Timóteo poderia ter uma recaída em sua debilidade e desânimo ao se ver confrontado com esses desafios. Por essa razão ele terá necessidade da exortação solenemente atestada perante o semblante de Deus: faz tudo de que foste incumbido, sem preconceito e parcialidade (v. 21)!

4. Exortação aos escravos – 1Tm 6.1s

1 – Todos os servos que estão debaixo de jugo considerem dignos de toda honra o próprio senhor, para que o nome de Deus e a doutrina não sejam blasfemados.

2 – Também os que têm senhor fiel não o tratem com desrespeito, porque é irmão; pelo contrário, trabalhem ainda mais, pois ele, que partilha do seu bom serviço, é crente e amado. Ensina e recomenda estas coisas.

No âmago dessas instruções persistem questões de cuidado pastoral que se tornaram prementes. Uma vez que o escravo fazia parte da família extensa da casa, sua condição social, a vida “sob o jugo”, era sentida por vários deles como incompatível com a nova fé. De qualquer modo, a fé mobilizou o questionamento quanto à posição das mulheres e dos escravos, pois no aspecto religioso o escravo se tornara um irmão em posição igual, e a mulher, co-herdeira da graça. Afinal, o escravo grego não tinha direitos civis nem religiosos. Não tinha acesso às reuniões culturais dos grupos religiosos. Nesse ponto o evangelho trouxe uma mudança decisiva, que decididamente tinha potencial para revolucionar a questão do escravismo de dentro para fora. A nova fé alterava e melhorava radicalmente as relações humanas e religiosas entre senhor e escravo; mas ela não transformava a *estrutura social*. Por isso não causa surpresa que os primeiros séculos depois de Cristo mantiveram inalterado o arcabouço social básico e que as conseqüências sociais da libertação e igualdade religiosas demorassem mais de um milênio e meio. Provavelmente teve influência nessa questão a aliança entre cristianismo e poder estatal. Cristo havia se transformado pessoalmente em escravo de todos, explicitando o servir como contraste diante da dominação dos reis e imperadores de seu tempo. Paulo se tornara espontaneamente escravo de todos e, como livre cidadão romano, chamou a si mesmo escravo de Jesus Cristo.

1 Todos que, como escravos, se encontram sob o jugo designa em Gl 5.1 a dependência da lei do AT. Um jugo estranho, a sujeição a um “poder de ocupação” era sentida de forma particularmente dura. Jesus convoca para uma comunhão de jugo espontânea com ele. Esse jugo não é duro, porque a pessoa que se confia a ele experimenta amor e consideração e aprende a ser humana.

Considerem dignos de toda honra seus senhores: Aqui se torna muito claro que conceder honra não pode ser entendido como pagamento ou segurança financeira do senhor, mas como comportamento geral de valorização. Deve-se supor que em grupos gnósticos, à semelhança das questões da emancipação feminina, também se propagava para os escravos uma “libertação” total. Naquele tempo e hoje se ignora que a libertação formal de situações injustas e indignas sem dúvida deve ser buscada com todos os recursos do direito e do amor, mas que ela sozinha não traz consigo nenhuma libertação do ser humano como um todo, porque também na situação de liberdade a pessoa dominada pelo egoísmo envolverá seus concidadãos em novos cativos e, além disso, se tornará pessoalmente escrava de pessoas.

Os escravos que se tornaram cristãos sob um senhor gentio passam a ter uma dificuldade especial, porque experimentam na igreja a equiparação na fé, mas no relacionamento social experimentam o domínio do senhor de forma agora muito mais opressora. No entanto, devem considerar-se seres humanos através dos quais Deus também poderá alcançar o coração e a casa dos senhores com o

evangelho. A vida dos escravos crentes é uma pregação, razão pela qual devem comportar-se de tal modo que **não seja blasfemado** o nome de Deus e a doutrina, ou seja, o evangelho.

- 2 Por intermédio de Cristo a realidade social na verdade tornou-se relativa, mas não anulada. Se tanto senhor como servo encontraram o acesso a Jesus, eles poderão sentar-se lado a lado na igreja, orando em conjunto ao mesmo Senhor. São irmãos, que não precisam temer mais um ao outro. Como, porém, se defrontam no mundo do trabalho? Será que agora negam sua fé? Não, o escravo demonstra sua liberdade em *servir ainda mais* seu irmão superior, por ver nele o irmão **crente e amado**, que se empenha em fazer o bem. Essa declaração pode ter dois sentidos: quando os escravos não negligenciam seu serviço, mas o melhoram, essa boa ação beneficia o patrão crente; quando os senhores reconhecem seus escravos como irmãos, buscarão o melhor para os subordinados. Talvez o duplo sentido seja intencional e a exortação para o benefício mútuo se dirija a ambos. Não obstante, persiste o aguilhão da pergunta: por que a experiência dos senhores, que vêem os escravos crentes como “irmãos amados”, não levou bem antes à mudança da realidade social? Ainda que a libertação dos escravos tenha sido gerada por inequívocos impulsos cristãos e pessoas cristãs, por que isso teve de demorar tanto tempo?

Ensina e exorta isso remete de volta para 1Tm 5.1, encerrando um trecho maior e ao mesmo tempo servindo de transição para o seguinte. *Ensinar* dirige o olhar e a atenção para o contexto e a fundamentação da fé; *exortar* vale para o indivíduo em sua condição atual como cristão. A relação equilibrada entre doutrina e exortação é característica para as cartas paulinas. Quando a igreja enfatiza exageradamente a doutrina, isso leva à ortodoxia morta, porque falta a ligação com a vida cotidiana pessoal e social. Quando o primeiro plano é ocupado somente pela exortação, isso leva facilmente a um moralismo rígido, porque o grande contexto da vida é perdido e a misericórdia afetuosa de Deus em Cristo é obscurecida. A fundamentação para a conduta prática sempre deve estar ancorada no agir de Deus, para que a instrução e o encorajamento de fato possam ajudar e libertar: os escravos não devem menosprezar os senhores crentes, pois são irmãos, mas servir-lhes com mais dedicação ainda, por serem crentes e amados de Deus. As past geralmente pressupõem a doutrina, razão pela qual a conexão teológica com as exortações é feita apenas em resumos sintéticos (“fórmulas breves”) e fragmentos de hinos ou credos, ou seja, na correlação de sentido do evangelho.

C. Verdadeira e falsa devoção – 1Tm 6.3-19

1. Contra brigas e ganância – 1Tm 6.3-5

- 3 – **Se alguém ensina outra doutrina e não concorda com as sãs palavras de nosso Senhor Jesus Cristo e com o ensino segundo a piedade,**
4 – **é enfatuado, nada entende, mas tem mania por questões e contendas de palavras, de que nascem inveja, provocação, difamações, suspeitas malignas,**
5 – **altercações sem fim, por homens cuja mente é pervertida e privados da verdade, supondo que a piedade é fonte de lucro.**

Pela terceira vez destaca-se a controvérsia com os ativos hereges, que determina a carta. A insistente exortação à devoção, saúde e honradez não nasce do anseio de uma pacata vida burguesa, mas é determinada pela luta contra a infecção das heresias, que já contaminaram amplas áreas da novel igreja.

- 3 **Se alguém ensina algo diferente:** como em 1Tm 1.3. Estranho é aquilo que não faz parte da sã doutrina e apesar disso lhe é adicionado (QI 15b,c).

Sãs palavras de nosso Senhor Jesus Cristo: diferente da fórmula sucinta “a palavra do Senhor” ocorre aqui o plural com um solene genitivo atributivo, de sorte que, à semelhança de At 20.35, deve-se supor aqui um significado literal. Já se supõe a existência de uma coletânea de ditos de Jesus para a época em torno do ano 40. O surgimento das heresias demandou que se enfatizassem e proferissem em público as palavras colecionadas de Jesus (1Tm 4.13; QI 25e).

Ater-se à doutrina: o conhecido termo prosélito é derivado do verbo aqui utilizado (*proserchomai*). O verbo significa aproximar-se de Deus e de sua presença. O apego à palavra de Jesus e o aprofundamento na doutrina devem fazer com que o coração se aproxime de Deus.

Isso é conforme com a beatitude: a doutrina, i, é, o desdobramento e a aplicação do evangelho em novas questões e circunstâncias da vida (p. ex., como se devem portar a viúva, o idoso, o

escravo? Como as igrejas se conduzirão perante eles?). Para tais perguntas não existiam palavras específicas de Jesus. Nesse ponto havia necessidade da doutrina. O que é, pois, “conforme com a devoção”? (QI 15). Ela não tem a si própria como centro, mas o louvor e a honra de Deus (1Tm 3.16). Não visa a vantagem pessoal, mas a dos outros. Nesse campo de tensão entre a honra de Deus e a promoção do ser humano também hoje é preciso desenvolver a doutrina diante das interrogações da nossa época.

- 4 **Esse é enfatuado:** Em 1Tm 1.9s o catálogo de vícios se referia ao Decálogo e à doutrina da lei pelos hereges; agora são repudiados as doutrinas e os mestres *sedutores*, no fundo de forma não diferente de Fp 3.2ss: os inimigos da cruz de Cristo... cujo deus é o ventre, e cuja glória está na sua in-fâmia... Tanto aqui como lá está em jogo o implacável “desmascaramento do pseudo-evangelho como fruto de falsa doutrina”.

Sem entendimento. Compare-se com 1Tm 1.7: os hereges não entendem o que dizem e afirmam com persuasão. Já em 1Co 8.1 Paulo estigmatizou o orgulho daqueles que se apresentam como sabedores e na realidade não compreendem nada.

Adoecido por controvérsias: quem não se apega às sãs palavras e não se nutre delas torna-se doente de palavras. Torna-se viciado em discussões, “doente em sua queda por investigações sofisticadas e disputas verbais” (Jeremias). A heresia se alastra como uma enfermidade, uma infecção cancerosa.

Controvérsias: pontos de disputa entre os judeus, referentes à sua própria religião e “certo finado Jesus, do qual Paulo disse que vive” (At 23.29; 25.19).

Contendas de palavras: Na era dos meios de comunicação de massa, por meio dos quais a propaganda, as manchetes e os reclames não atuam somente sobre o consciente, mas também sobre as camadas profundas do ser humano, podemos entender novamente com clareza quanto a saúde ou doença intelectual do ser humano depende das palavras e imagens que investem contra ele ou às quais ele se rende. O efeito devastador das sutilezas verbais religiosas foi evidenciado com suficiente clareza pelos séculos passados, para vergonha do cristianismo e para desonra de Deus.

“Amor vindo de um coração puro, boa consciência e fé não-fingida” (1Tm 1.5), é esse o fruto de palavras sãs. Controvérsia e disputas por palavras somente geram inveja.

Briga (querela), citada freqüentemente junto com a inveja. Das disputas verbais surgem inimizades entre as pessoas. **Difamações** (*blasphemiai*): difamar é julgar outros e a Deus com menosprezo.

Suspeitas maldosas: imaginação, desconfiança. Quem está doentio por palavras e contendas vê inimigos em toda parte.

Atritos constantes: “Incitamentos à perseguição, conforme são promovidas por pessoas deturpadas no entendimento e destituídas da verdade” (Schlatter).

- 5 **Por pessoas cuja mente é pervertida e privadas da verdade:** Ter perdido a verdade, ter-se desviado da fé.

Pensam que a beatitude é fonte de lucro: parece que a busca de ganhos materiais representou desde o começo uma tentação para a igreja. Pelo fato de que a nova liberdade, o direito do trabalhador ao pagamento (1Tm 5.18!) se tornou para muitos uma tentação para o abuso, Paulo abriu mão desse direito e trabalhava para seu próprio sustento.

O próspero comércio que os representantes da igreja católica romana promoviam com as indulgências do pecado tornou-se um dos impulsos decisivos que desencadearam a Reforma. Na época as contribuições milionárias de verbas dos impostos que o Estado recolhia para a igreja, até mesmo de pessoas incrédulas e totalmente alienadas dela, tornou-se um motivo semelhante de escândalo.

2. Em prol da beatitude na parcimônia – 1Tm 6.6-8

6 – De fato, grande fonte de lucro é a piedade com o contentamento.

7 – Porque nada temos trazido para o mundo, nem coisa alguma podemos levar dele.

8 – Tendo sustento e com que nos vestir, estejamos contentes.

- 6 A forma irônica é típica para Paulo: os hereges têm toda a razão. A devoção realmente constitui um grande lucro, ela é útil para muitas coisas, mas evidentemente não da forma como eles imaginam (QI

15d). Nesse trecho a fundamentação não tem cunho pedagógico-moral, mas é marcada pelo pensamento bíblico. Paulo conhece o conceito do contentamento como clara decorrência da abundância da graça divina, que se constitui através da generosidade material dos cristãos em favor de outros. *Autarquia* não significa o autoprovedor independente, assim definido na filosofia clássica, mas aquela autosuficiência que torna rico (extremamente rico) para doar, que capacita para cuidar das pessoas carentes. Em contexto idêntico Paulo emprega a mesma palavra como adjetivo. Sabe contentar-se, não porque tenha se tornado rico em bens e conseqüentemente independente de pessoas, mas porque pelo poder de Cristo é capaz de *ambas* as coisas: ser pobre e dependente, assim como ser rico e generoso para outros (não independente!). O contentamento não é resultado de sabedoria e autoprovimento humanos, mas inteiramente fruto da graça: “*Contenta-te com a minha graça.*” A mesma questão é formulada assim nas past: contentamento é fruto da beatitude. A devoção de fato constitui um grande lucro, porque vive a partir do grande mistério do Deus que se doa. O lucro é grande pelo fato de que traz consigo a promessa da vida atual e futura (1Tm 4.8).

7 Nada temos trazido ao mundo, nem coisa alguma podemos levar dele: “Nu saí do ventre de minha mãe e nu voltarei.” Também esse versículo mostra que a “auto-suficiência” é fortemente marcada pelo pensamento bíblico: a pobreza e a falta de recursos do Senhor, conhecidas nos evangelhos, o nas-cimento do Rei na estrebaria e sua morte na cruz, onde é privado de todas as roupas, – isso mostra o ser humano que não vive da afluência de bens, mas da graça.

O ser humano burguês não se sujeita a esse despojamento na vida e no agir. Tem aspiração de se vestir e proteger contra a morte com bens e honras. Nada trouxemos para o mundo, nada podemos levar dele; isso não constitui apenas sabedoria filosófica, mas sobriedade máxima do ser humano que se encontra perante Deus (v. 11).

8 Tendo sustento e com que nos vestir, estaremos contentes.

Vestimenta: literalmente tudo para cobrir; também pode ter o sentido de teto; “um teto sobre a cabeça”. Alimento e vestimenta em conjunto significam “o indispensável”.

Estar contente: pode ser traduzido por: fiquemos satisfeitos, ou: estaremos satisfeitos. O raciocínio desses versículos somente terá aspecto trivial e banal quando não for visto na tensão com a prática dos hereges nem na perspectiva da vida a partir de Deus. A igreja teria agido bem se levasse a sério justamente essa exortação.

A redenção em Cristo traz para o indivíduo e a igreja uma libertação do desperdício de forças e recursos físicos, intelectuais e materiais. Ao ser chamado pelo nome ele se torna pessoa, dotado de amor e dignidade. Sua vida adquire um alvo. Liberto de vícios e falsos alvos, ele é capaz de viver “sensatamente”. Na área sócio-econômica isso significa: a pessoa sem recursos passa a trabalhar bem, a ganhar e a economizar. Ascende para a classe média, o mais tardar na segunda geração. Dispõe agora de meios, e pelo menos nesse ponto também se decide o destino de sua devoção: sua fé se torna meio para enriquecer, torna-se abastado, rico. Será que conserva como propriedade sua aquilo que ganhou, ou será que aplica seus recursos em favor dos outros?

“O ser humano *não* vive da abundância de bens.” A frase aparentemente inofensiva atinge o nervo vital da igreja. O protesto contra o desperdício dos ricos países industrializados às custas dos famintos países em desenvolvimento por um lado pode sofrer um abuso ideológico, mas por outro se justifica na essência. A verdade, porém, é que nessa questão nem protestos nem violência conseguem qualquer avanço, que só vem com a verdadeira mudança da mente e as ações correspondentes.

Quando a igreja reconhece isso e age de acordo, ela também precisa dizer uma palavra profética crítica ao mundo. Porque uma humanidade que não busca sua bem-aventurança em Deus não consegue nem tenta sentir o gosto do contentamento. Cumulará de bens sua vida vazia, explorando o mundo e destruindo literalmente seu próprio espaço vital. Contentamento não é satisfação tacanha, uma saciedade pequeno-burguesa, mas o mais maduro fruto da humanidade que busca e encontra em Deus sua verdadeira e real suficiência.

3. Contra a avareza destruidora da fé – 1Tm 6.9s

9 – Ora, os que querem ficar ricos caem em tentação, e cilada, e em muitas concupiscências insensatas e perniciosas, as quais afogam os homens na ruína e perdição.

10 – Porque o amor do dinheiro é raiz de todos os males; e alguns, nessa cobiça, se desviaram da fé e a si mesmos se atormentaram com muitas dores.

9 Porém os que querem ficar ricos:

Os hereges não estão sozinhos, todas as pessoas correm perigo. A ambição da riqueza (e do poder) vem da direção pervertida do empenho humano. O medo de sofrer desvantagem, de usufruir muito pouco da vida, não permite que brote a confiança na vida. A influência perniciososa da riqueza não começa apenas quando se possui riqueza. O constante esforço em busca da “ilusão da riqueza” produz uma inquietação que impede o desabrochar da verdadeira vida. Não é apenas a partir de certo montante de bens ou de determinado tamanho de propriedade que o desejo por “mais” perverte a mentalidade do ser humano. Já se pode observar essa distorção na criança: após uma ajuda espontânea ela é surpreendida por um presente. Em pouco tempo começará a ajudar somente na intenção de receber novos presentes. Portanto, o impulso de orientar a vida de forma equivocada já atua desde cedo nos pequenos e nos adultos, poderosa e tiranicamente, possuídos por pouca ou muita riqueza ou pelo afã de possuí-la, “que por causa das preocupações, das riquezas e dos prazeres da vida são asfixiados durante o caminho e não chegam à (verdadeira) maturidade” (Lc 8.14 – TEB).

Caem em tentação e no laço e em muitos desejos insensatos e perniciosos. Não é possível soltar-se da falsa avidez por meio de ascese falsa; pelo contrário, o que o possibilita é a verdadeira gratidão pelas dádivas de Deus, que liberta para o serviço genuíno ao próximo.

Que precipitam o ser humano na ruína e perdição. Quem cede à tentação torna-se refém das paixões, e quando elas se cumprem, o ser humano é lançado no abismo. A caneta do autor da carta não é conduzida por um eudemonismo (busca da felicidade) ingênuo, não por regras úteis para a vida, mas pela noção clara das ameaças extremas para a igreja, uma vez que esteja contaminada pela quimera do enriquecimento.

10 Porque o amor ao dinheiro é a raiz de todo o mal: será que temos aqui um provérbio da Antigüidade e (ou) do judaísmo, que está sendo contraposto aos hereges? Nesse caso ele seria significativo na aplicação para a igreja: quem se rende ao amor ao dinheiro, desvia-se da fé.

E alguns que se entregaram a ele: cobiçar algo, como em 1Tm 3.1 e Hb 11.16. Seu Deus é Mâmon, o dinheiro. É o dinheiro e sua injustiça que buscam. Por crerem no poder do dinheiro, precisam abandonar a fé em Deus: **desencaminharam-se da fé.**

E flagelaram, literalmente perfuraram-se, **a si mesmos com numerosos tormentos:** pode-se imaginar a tortura penetrante da consciência (1Tm 1.19), que acusa aquele que está possuído pelas paixões, porque fechou o coração diante dos pobres e ficou devendo a todos a atenção do amor vigilante. Paulo conhece as acusações resultantes da sofreguidão, bem como a autodefesa da consciência humana. A palavra profética do efeito destrutivo do amor ao dinheiro atinge em cheio todo tipo de aburguesamento. Mais uma vez cabe dizer com clareza que aqui não se fala do tamanho da riqueza ou das posses, mas do afã por algo que se tenta acumular e resguardar. Essa é a perversão, e é isso que torna o ser humano pervertido. Ninguém está livre de uma vez por todas dessa pulsão autodestrutiva, razão pela qual precisamos ser exortados a fugir da voragem dessa perversão.

4. Em prol da boa luta de Timóteo – 1Tm 6.11-16

11 – Tu, porém, ó homem de Deus, foge destas coisas; antes, segue a justiça, a piedade, a fé, o amor, a constância, a mansidão.

12 – Combate o bom combate da fé. Toma posse da vida eterna, para a qual também foste chamado e de que fizeste a boa confissão perante muitas testemunhas.

13 – Exorto-te, perante Deus, que preserva a vida de todas as coisas, e perante Cristo Jesus, que, diante de Pôncio Pilatos, fez a boa confissão,

14 – que guardes o mandato imaculado, irrepreensível, até à manifestação de nosso Senhor Jesus Cristo;

15 – a qual, em suas épocas determinadas, há de ser revelada pelo bendito e único Soberano, o Rei dos reis e Senhor dos senhores;

16 – o único que possui imortalidade, que habita em luz inacessível, a quem homem algum jamais viu, nem é capaz de ver. A ele honra e poder eterno. Amém!

Como esse trecho se insere no contexto da carta? A caracterização profética (1Tm 4.1a) dos hereges alcançou agudeza e concretização máximas. Contudo o autor continua consciente de que a mais severa condenação da cobiça por dinheiro ainda não consegue produzir uma mudança na pessoa possuída pela cobiça. Sem a imagem concreta oposta, ou seja, sem o exemplo do contentamento

transbordante, e sem a entrega prática de Timóteo no incansável serviço da exortação, nem mesmo as “cartas pastorais” de alguém como Paulo terão qualquer sucesso. Da mesma forma Paulo sabia em sua intensa correspondência com os coríntios que somente sua visita pessoal ou a de outros colaboradores era capaz de efetuar, no vivo “encontro pessoal”, aquilo que as cartas assinalam e para o que lançam o fundamento.

Por isso, defrontando-se com gravíssimas incursões da heresia na igreja, o foco se volta para aquele que precisa ser aprovado em sua pessoa justamente como “homem de Deus” – em contraposição aos “homens do dinheiro” – apesar dos que estão deturpados em sua mentalidade. Deve ser aprovado agora na luta da fé como servidor íntegro de Cristo na igreja. Paulo está pessoalmente abalado. É tocado pela sorte daqueles que, traspassados de tormentos, arrastam a si mesmos e outras pessoas para a perdição. Timóteo não deve nem pode chegar a esse ponto. Por isso a inflamada convocação: **Tu, porém!** Foge dessas tentações, porque também tu és passível de tentação (QI 31s). Pelo contrário, persegue o prêmio incorruptível. Todas as chamadas e interpelações enfáticas e diretas a Timóteo se situam no contexto imediato da apresentação dos hereges, ao mesmo tempo em que impelem o apóstolo a dirigir o louvor a Deus de forma igualmente direta, ou então recordar enfaticamente a sua presença imediata. Porque os colaboradores fiéis e infiéis a Deus são vistos em plena consciência como simultaneamente presentes, na percepção profética e com um coração pessoalmente abalado. Na dor pelos sedutores seduzidos e na preocupação por Timóteo exposto à tentação Paulo o arrasta consigo para a exaltação do Deus bendito.

- 11 Ó homem de Deus:** antes de recorrer a paralelos helenistas é preciso considerar que a locução é conhecida na tradução grega do AT: para Moisés, para um profeta desconhecido, para Davi, o rei ungido. O homem de Deus é o *pneumatikós*, que está pleno do Espírito de Deus. Uma comparação com 2Tm 3.17 sugere ver no “homem de Deus” o exemplo de todos que, dotados do Espírito, igualmente são “pessoas de Deus”. Pessoa de Deus (QI 31a) contrasta com pessoas do “deus Mâmon”, com pessoas do deus estômago. Compare-se também “homem da iniquidade”, “filho da perdição”.

Foge dessas coisas: talvez se tenha em vista todos os vícios listados em 1Tm 6.4s ou em especial o amor ao dinheiro. Fugir, escapar, buscar a salvação na fuga parece ser covarde e não-heróico. Foi assim que agiram os discípulos, quando abandonaram a Jesus: fugiram. O mau pastor foge diante dos lobos vorazes. Entretanto, diferente é a questão na esfera moral. Aqui a fuga pressupõe uma determinação máxima. Jesus escapa daqueles que queriam transformá-lo em rei. Fugir contém o sentido: tomar distância, evitar, abster-se, retirar-se, recuar. Idolatria, avarícia, dissolução, são poderes a cuja atração demoníaca somente se pode resistir através da decidida fuga sem olhar para trás. Somente fugindo para Deus e submetendo a impotência pessoal e todos os poderes à potente mão de Deus é possível *resistir* ao diabo pela fé. Fugir de uma casa em chamas não é covardia, mas ação imediata e corajosa. Foge – corre atrás! Não é assim que escreve alguém que pensa em acomodar-se. A sagrada premência impele para a decisão.

Corre atrás!

Parágrafo após parágrafo da carta refuta a insustentável alegação de que nas past é possível notar uma “conotação de acomodação”, um “afrouxamento da energia da fé”. Muito pelo contrário: a carta nos diz que é necessária a fuga decidida da voragem destruidora e do fascínio de poderes demoniacamente intensificados, bem como a corrida igualmente decidida atrás do bem. Ficam excluídas a vida e a acomodação neutras entre as duas alternativas. O discipulado não se transformou em um aprazível passeio, mas em uma corrida que requer empenho máximo (QI 15d).

Atrás da justiça: na acepção mais ampla, o que é reto perante Deus e os humanos, porém não a virtude produzida pelo próprio ser humano, mas o fruto educativo da graça naqueles que foram redimidos para formar o povo da propriedade dele. Posicionada no começo, a palavra justiça com certeza possui o sentido absoluto, usual em Paulo, da justiça concedida e efetuada por Deus mediante a fé.

Atrás de beatitude: A devoção não representa uma posse sólida, adquirida de uma vez por todas. Somente quem se exercita constantemente nela (1Tm 4.7), que corre atrás dela, é inserido por meio dela no mistério de Deus que abarca o tempo e a eternidade (1Tm 3.16), na verdadeira autarquia (1Tm 6.6), ou seja, na transbordante vida do amor (QI 15).

Fé, amor, paciência: uma comparação com 1Ts 1.3 mostra que a “paciência”, mencionada junto com fé e amor, traz dentro de si a perspectiva e expectativa da esperança (QI 14).

Mansidão: Jesus declara bem-aventurados os mansos e designa a si mesmo de manso. Aquele que escapa de todas as escravizações consegue perseguir, com autêntica liberdade, alvos humanamente dignos. O manso é ca-paz de lutar corretamente. A “lista de virtudes” não foi acolhida ou compilada aleatoriamente, pois justiça e beatitude, fé, amor, esperança (paciência) e a mansidão que vive da esperança no poder e na intervenção de Deus visa integralmente a Timóteo. Quando correr atrás dessa realidade de vida determinada por Deus, ele poderá enfrentar os vícios dos hereges e atuar em sentido construtivo para a igreja. Ao invés de especulações inúteis, de uma devoção extravagante e mentirosa, devem concretizar-se em Timóteo as palavras elementares do Senhor, que levam à convalescença, e por intermédio dele, na igreja que lhe foi confiada.

- 12 Combate a boa luta da fé:** somente com base na profecia oriunda do Espírito e mediante uma transmissão de poder constantemente ativada a luta pode ser uma luta boa, porque não se trata de uma luta absurda, que leva à derrota temporal ou eterna. O lutador luta a partir da fé e não em busca da fé. Seja na disputa esportiva, seja na guerra: só o lutador que vive na disciplina participa da vitória.

Toma posse da vida eterna: agarrar como troféu da vocação, tomar nas mãos para apropriar-se. Deve agarrá-lo lutando na fé como alguém dotado do Espírito e chamado para a vida eterna. Agarra a vida eterna! Um imperativo de intensidade máxima, uma convocação para a ação varonil. Agarra agora a vida verdadeira e plena, para a qual Deus te chamou! Quando, se não hoje? Não corras atrás de uma vida de ilusão. Sê sóbrio: agarra a vida verdadeira; Deus ta doou; está aí. Torna-te o que és – um homem de Deus!

Para a qual foste chamado: forma passiva, um linguajar semita, para evitar o nome de Deus, ou seja, para não escrevê-lo: para a qual *Deus* te chamou. Nem lutar nem correr atrás torna uma pessoa digna da vida eterna.

Quando fizeste a boa confissão perante muitas testemunhas: a confissão não é um ato do passado, mas deve ser proferida de novo agora e até a última hora. A luta da fé é boa, porque a confissão é boa, inclusive quando o mundo a considera com desprezo. Os cristãos tinham de prestar contas de sua fé diante dos juízes seculares. Nessa situação não cabiam especulações nem sutilezas teóricas, estavam em jogo vida e morte. Quem confessava Jesus como seu Senhor colocava em cheque os senhores deste mundo, que demandavam autoridade divina. Por isso não se fala aqui de uma confissão tradicional e corriqueira sem maiores conseqüências. O olhar para Jesus, que se deparava com Pilatos, proíbe qualquer leviandade.

- 13 Ordeno-te perante Deus que chama tudo à existência:** ênfase solene na presença de Deus. Com essa palavra “não somente se invoca o ato criador dos primórdios, mas também se proclama a ressurreição” (Schlatter, p. 168). A testemunha da verdade, que se depara com a morte, deve ter Deus diante dos olhos, aquele que gera e preserva a vida de tudo, para que não tema aqueles que somente podem matar o corpo e não têm poder sobre o ser humano como um todo e seu destino eterno.

Cristo Jesus, que proferiu a boa confissão perante Pôncio Pilatos: significativo é que aqui se faz referência à vida terrena de Jesus: ao homem Jesus (1Tm 2.5), que dá testemunho perante o tribunal humano. Tudo o que é dito nas past sobre doutrina, fé, confissão, precisa ser relacionado com essa “cena originária”. A segunda carta a Timóteo torna cabalmente explícita a circunstância extrema do testemunho e o ressalta: o martírio.

- 14 Guarda o mandato imaculado e irrepreensível até a manifestação de nosso Senhor Jesus Cristo:** o mandato deve ser entendido como vontade manifesta de Deus, ou aqui concretamente como a instrução apostólica da carta, a incumbência sintetizada nos v. 11s, que tem uma característica suficientemente solene para poder vigorar como “mandamento”.

Imaculado: sem manchas, “um serviço puro e imaculado perante Deus”.

Irrepreensível: inquestionável, íntegro; não apenas os homens e mulheres que presidem na igreja, mas o próprio Timóteo deve ser íntegro na concretização daquilo de que foi incumbido diante da face de Deus.

Guardar: aparece no começo da frase, ou seja, recebe ênfase. Ainda que não seja literalmente mencionado, está claro nas past que esse guardar somente é possível no poder do Espírito Santo que habita em Timóteo.

Até a manifestação (epiphaneia) de nosso Senhor Jesus Cristo: a saber, sua manifestação para o juízo e a consumação. Em Paulo o “dia do Messias” constitui o evento que resplandece sobre todas as coisas e para o qual o crente deve ser preservado irrepreensível.

As past situam-se no mesmo campo de tensão que os demais escritos do NT (QI 8). Têm consciência da aparição de Jesus como Servo sofredor de Deus, como testemunha de sangue perante Pilatos (v. 13), como Crucificado, que entregou sua vida em resgate por todos (1Tm 2.6), e como *Senhor (kyrios)*, que agora está exaltado em glória (1Tm 3.16) e ao qual os mártires contemplam nas alturas. Ao mesmo tempo as testemunhas do NT estão cientes da iminente manifestação do Senhor que retorna, a quem aguardam com amor e saudade.

- 15 A qual o bendito e único Soberano fará aparecer em seus próprios prazos:** os prazos foram estabelecidos exclusivamente por Deus e não por um destino geral (grego). O tempo de salvação já irrompeu por meio da morte reconciliadora do Mediador (1Tm 2.5) e virá na consumação derradeira. Deus o há de **fazer aparecer**, a rigor mostrar, deixar contemplar. O termo pertence ao linguajar apocalíptico. A afirmação de que Deus determina os tempos não é paráfrase nem desculpa devota para o fato de o autor e a igreja destinatária já terem desistido da chamada expectativa iminente. Toda revelação profética tem consciência da proximidade iminente de Deus e por isso vive daquilo que sempre há de acontecer “em breve”.

O Deus invisível dar-se-á a conhecer na manifestação do Senhor Jesus Cristo, porque quem viu a Jesus, viu ao Pai. Deus é o **Bendito**. Ele e a igreja que vive no fim dos tempos formam uma unidade. A glória do Pai final-mente levará à glorificação de seus filhos no Filho.

Ao contrário dos muitos pequenos e grandes poderosos terrenos, Deus é o único Soberano (*dynastes*). Deus, o único poderoso, derruba autoridades dos tronos. O título também é conhecido no contexto judaico.

O Rei dos governantes e Senhor dos senhores: na verdade o Rei daqueles que reinam; o Senhor dos que exercem domínio (gerúndio).

- 16 O único que possui imortalidade:** a imortalidade do ser humano não é um potencial inerente a ele. Ele é tão mortal como seus deuses. Somente o Deus vivo possui imortalidade singular. A vida que ele concede às pessoas é empréstimo, não direito ou poder. A mesma coisa ocorre com a imortalidade da alma humana ou do ser humano em si. Ela é somente uma participação presenteada na imortalidade de Deus, em sua glória e sua maravilhosa luz. Início e final da carta estão sob a perspectiva do louvor de Deus, da doxologia, sendo que o final retoma as palavras básicas do começo, embora na dimensão celestial já as transcenda em muito.

Que habita em luz inacessível: Deus se cobre de luz como com uma veste. A luz que o revela ao mesmo tempo o encobre. Paulo atesta que essa luz inacessível se revelou a ele, ofuscando-o. Deus como fonte de toda a luz e vida permanece pessoalmente invisível, assim como a luz terrena criada como tal é invisível e somente pode ser vista em suas refrações.

Inacessível: impossível de ser aproximado; usual para vulcões impossíveis de escalar (Sinai, Etna). Aqui se refere em sentido figurado à transcendência de Deus, i. é, a sua glória que excede todo pensamento e toda compreensão humanos. Deus, que habita na luz inacessível como sua verdadeira morada, também pode habitar entre humanos. O corpo humano criado por Deus e redimido em Cristo é uma morada melhor para Deus que todos os templos do mundo feitos por mãos.

A quem ser humano algum jamais viu nem é capaz de ver: essa afirmação é determinada pela consciência, existente no AT, da glória de Deus, que permanece impenetrável até mesmo e justamente quando Deus se manifesta nela. A tensão entre estado manifesto e oculto de Deus é atestada por todos os escritos do AT e do NT. Deus na verdade *fala* com Moisés “face-a-face, como um homem fala com o amigo”, contudo esse falar não é o mesmo que *ver*. Um ser humano não é capaz de ver a Deus; nem mesmo Moisés. Pode ser tomado da santa misericórdia de Deus, de sua glória, porém não consegue ver aquele que é essa misericórdia. Também Paulo confessa que apesar das mais sublimes revelações e de visões especiais, ele ainda não conhece a Deus face-a-face, com toda a imediatidade. Mas ele espera poder conhecer tão plenamente como ele próprio já foi *integralmente* conhecido por Deus. No entanto, será que esse “conhecer integralmente a Deus” significa conhecê-lo cabalmente? Nem mesmo o ser humano glorificado poderá esgotar eternamente o conhecimento de Deus. O Deus inesgotável jamais será conhecido, amado e glorificado até o fim por suas criaturas. Quem não leva em conta essa dinâmica eterna de Deus, sua imortalidade como inesgotabilidade, facilmente chega ao ponto de conceber o céu, i. é, o modo de ser da perfeição divina, onde Deus é tudo em tudo, como monótono, sem acontecimentos e concluído. Contudo a **honra** cabe ao Deus que por um lado nos concede participação em sua luz e sua glória, mas ao qual por outro lado não sondaremos de modo cabal nem em toda a eternidade. Não é sem significado que

aqui conste a mesma palavra da exortação a Timóteo. Timóteo deve demonstrar honra aos membros da igreja, porque todos eles vivem da honra de Deus, à imagem de quem foram criados.

Poder eterno: seu poder não é limitado no tempo como o dos senhores deste mundo nem é convertido em impotência pela morte. O apóstolo, que foi arrebatado para alturas de experiência sobrenatural, escreve um hino desses não para ornamentar devotamente as suas cartas; pelo contrário, o Espírito o impele à oração ao considerar a aflição da igreja e a magnitude de Deus, impele-o à “eucaristia”, ou seja, às ações de graças e à adoração daquele a quem compete todo o poder e toda a honra. Entre os quatro trechos de hinos na primeira carta a Timóteo existe uma estreita correlação interior. O primeiro e último louvor são prestados ao único Rei da eternidade (1Tm 1.17; 6.15s). Os trechos de hinos intermediários exaltam o único Mediador e Redentor Jesus Cristo (1Tm 2.5s; 3.16). O evangelho não é uma forma enrijecida em mero conhecimento, mas é a alegre notícia “da glória do Deus bendito” (1Tm 1.11; QI 25e).

5. Contra o abuso e em favor do uso correto dos bens terrenos – 1Tm 6.17-19

17 – Exorta aos ricos do presente século que não sejam orgulhosos, nem depositem a sua esperança na instabilidade da riqueza, mas em Deus, que tudo nos proporciona ricamente para nosso aprazimento;

18 – que pratiquem o bem, sejam ricos de boas obras, generosos em dar e prontos a repartir;

19 – que acumulem para si mesmos tesouros, sólido fundamento para o futuro, a fim de se apoderarem da verdadeira vida.

17 É típico para Paulo interromper o raciocínio com uma doxologia, o que se torna particularmente explícito na carta aos Romanos. A lembrança dos gananciosos, que se debatiam com muitos tormentos (v. 10), introduziu a exortação desafiadora a Timóteo, e essa desembocou no louvor diante da face de Deus, a quem cabe honra e poder eterno. Aos que ambicionam tornar-se ricos (v. 9) foi exposta a grande aquisição da verdadeira beatitude com contentamento (v. 6), uma riqueza que abarca a vida atual e a futura (1Tm 6.7; 4.8). Depois de se alçar em louvor ao mundo eterno, ao único Deus imortal e sua honra não-transitória, o autor volta sua atenção àqueles que adquiriram riqueza material no mundo atual. Não é dito se essas pessoas abastadas na igreja se tornaram ricas antes de sua conversão e purificação na fé ou apenas depois, como cristãos. **Não devem ser orgulhosos.** Aos ricos não se deve apenas sugerir, mas ordenar com determinação que precisam administrar bem os bens materiais. Por que a riqueza seduz para a soberba? Pode-se creditar a aquisição dos bens à competência pessoal ou a um favor especial de Deus. O rico pode se sentir tentado a gabar-se das possibilidades que a “fortuna” lhe propicia (como também fazem as mulheres ricas: 1Tm 2.9). O apóstolo e seus colaboradores aprenderam a depositar sua *esperança* unicamente no Deus vivo; também as viúvas em seu abandono e sua dependência vivem na esperança, e não são envergonhadas; quem, no entanto, confia em bens terrenos, é enganado. Construiu a casa sobre areia, porque a riqueza é **incerta**. Ninguém pode servir a dois senhores: ninguém pode lançar a esperança em Deus e ao mesmo tempo na riqueza. Quem confia na riqueza, torna-se refém de insegurança demoníaca e preocupação.

Que tudo oferece fartamente para a fruição. Muitos cristãos conhecem a fruição apenas como pecado, como fruto proibido da árvore da vida. Contudo Deus não somente permite o usufruto, mas ele o oferece com fartura (!), na expectativa de que o presente seja uma verdadeira satisfação para quem o recebe. Essa afirmação do Deus que presenteia fartamente para a fruição se contrapõe à fruição falsa, ou melhor, egoísta, dos ricos. Novamente uma exortação concreta não é apresentada em tom moralizante, mas ligada à exaltação daquele que criou e oferece todas as coisas para a fruição.

18 Devem praticar o bem: como destinatários dos benefícios de Deus os ricos devem ser verdadeiros benfeitores, tornando-se **ricos em boas obras**. Não devem desperdiçar o bem consigo mesmos, nem dar dinheiro a outros soberbamente, mas devem primeiro entregar a si mesmos e atuar de modo prático em obras de amor. Somente assim é possível ser **generoso e partilhar com predileção**. Devem partilhar propriedade, alegria e fruição com outros. Os ricos precisam ser exemplos para toda a igreja no modo como evidenciam e praticam uma mentalidade social. Onde essa clara exigência do evangelho já foi levada inteiramente a sério? (Apêndice 3).

19 Desse modo coletam para si mesmos uma boa base para o futuro: o olhar para o futuro aponta em direção daquele que está em vias de julgar (2Tm 4.1). Não são tesouros materiais que os ricos devem acumular, mas celestiais, utilizando as coisas terrenas para atos de misericórdia e amor.

Para que agarrem a vida verdadeira: tesouros não propiciam vida verdadeira. Quem estende a mão para agarrá-los, agarra em falso e perde o equilíbrio. O paralelo com o v. 12, onde Timóteo é exortado a *agarrar a vida eterna*, mostra que a admoestação aos ricos não acontece de modo arbitrário ou descabido.

Será que uma pessoa rica pode merecer o céu se entregar o dinheiro para boas obras? Nem 1Tm 6.19 nem 6.11; 2.15 falam de justiça meritória. O jovem rico vem a Jesus perguntando pela vida eterna. No passado, a instrução de vender tudo e dá-lo aos pobres. Contudo isso não propicia a vida eterna! “E (então) vem, segue-me.” É somente isto que significa agarrar a vida eterna: seguir a Jesus. Mas quem tem as mãos crispadas em torno da carteira não pode agarrar a vida verdadeira, que somente pode ser tomada e segurada de mãos vazias. Paulo emprega nada menos que dois capítulos na carta aos Coríntios para estimular a igreja à generosidade. Para ele “graça” e “obras de amor” não são duas grandezas distintas ou separáveis. Aquilo que ele escreve acerca de semear e colher em Gl 6.6-10 possui um sentido absolutamente concreto com vistas a dar e receber bens materiais. “Deus, porém, é capaz de conceder a vós copiosamente toda graça (!), para que tenhais *em tudo a toda hora todo o suficiente*, estando super-ricos para toda a boa obra.” As boas obras são “frutos da justiça”, e não meios para alcançar a justiça.

A crítica do NT à riqueza e aos ricos provém da mesma fonte que também inspirou os profetas do AT em suas ardentes acusações: Deus é o único rico, que de sua riqueza concede *a todos*, para que possa dar *a todos*. O pobre não é um ser humano melhor por ter pouco ou nada, nem o rico é um ser humano mau por ter muito. Cada um será chamado a prestar contas daquilo que fez com seus dons e talentos, i. é, seus bens materiais e intelectuais. Se tirássemos os bens dos ricos e os déssemos aos pobres, nada de fundamental teria sido mudado ou melhorado nos corações e nas condições sociais. Desejar tornar-se rico é coisa do maligno, que não penetra na pessoa a partir da realidade humana, mas que brota de seu mais íntimo coração. O cristianismo não alterou a estrutura social do escravismo nem a de pobres e ricos de fora para dentro, mas criou a ruptura decisiva que possibilita uma transformação humana das condições e dos relacionamentos “a partir do coração”. Persiste, porém, a grande e vexatória pergunta do por que essa ruptura não foi seguida de uma expansão mais rápida e universal, como se fosse uma massa em levedação. Poder e riqueza devem ser submetidos ao verdadeiro bem-estar de todos. Quem, no entanto, poderá fazê-lo, que indivíduo, que comunidade, a menos que ela mesma esteja liberta da escravização a desejos de poder e à avidez por riqueza?

O ENCERRAMENTO DA CARTA – 1Tm 6.20S

1. Última advertência contra hereges – 1Tm 6.20s

20 – E tu, ó Timóteo, guarda o que te foi confiado, evitando os falatórios inúteis e profanos e as contradições do saber, como falsamente lhe chamam,

21 – pois alguns, professando-o, se desviaram da fé. A graça seja convosco.

20 Ó Timóteo, preserva o bem a ti confiado! Ele somente é capaz de preservar o que lhe foi confiado por meio do Espírito Santo, ou seja, no poder dele. Deus precisa e deseja preservar pessoalmente aquilo que o apóstolo confia a Timóteo.

Da mesma forma pessoal e humana com que Paulo confia a Timóteo a preciosa dádiva do evangelho, Timóteo deve transmitir pessoalmente o que recebeu. Nada é dito a respeito de uma instituição jurídica que garante ou protege a tradição na tradição, pelo contrário, o referencial é a parábola do administrador fiel, ao qual muito foi confiado. O presidente irrepreensível que se atém à doutrina é um fiel administrador de Deus. A idéia da tradição confiável daquilo que foi recebido pode ser constatada desde o começo e em todos os escritos do NT. É plausível relacionar isso com a exortação aos ricos: o bom tesouro – o bem que foi confiado.

Afasta-te: desvia-te; esquiva-te. Faz conexão com 1Tm 1.6; o mesmo verbo: os hereges se afastam da verdade, o administrador fiel deve se afastar da heresia (1Tm 5.15; QI 25d).

Do falatório insano e vazio e das polêmicas de um pseudoconhecimento: vazio também pode ter o sentido de profano, contrastando com a sagrada vocação de Timóteo. Polêmicas são sentenças contrapostas = antíteses (*antithesis*). *Gnosis* = conhecimento. O verdadeiro conhecimento é presenteado pelo Deus verdadeiro. A “*gnosis*” falsa alega administrar o conhecimento de Deus pelas próprias mãos e com poder arbitrário. Os escribas reivindicam ter “a chave do conhecimento”. Já em Corinto havia os “gnósticos”. Nas past nos deparamos com gnósticos judaizantes. Toda a literatura grega evidencia uma predileção pela controvérsia. Já na época dos pré-socráticos era comum a *antithesis* no sentido de objeção, contradição, contraste.

21 Desviar-se da fé: exatamente como no começo: 1Tm 1.6; cf. 2Tm 2.18. Fé é a penúltima palavra da carta, sublinhando o significado central e não-abrandado que ela tem para todas as afirmações: não obras, não saber, mas fé é a decisiva dádiva e incumbência que o evangelho traz consigo.

A graça seja convosco! (1Tm 6.21)

O voto de oração no final também inclui a igreja.

É unicamente no poder dessa graça que Timóteo e a igreja são capazes de resistir aos hereges, afastar-se da influência deles e viver na verdadeira beatitude. Em última análise, porém, nem Paulo nem Timóteo conseguem proteger a si ou a igreja de descaminhos. Unicamente a graça de Deus é capaz disso. Mas ela basta. Justamente por isso Timóteo deve, no poder dessa graça, lutar, ensinar, exortar e perseguir o mistério da beatitude.

APÊNDICES

1. As fórmulas de saudação nas cartas paulinas

As fórmulas de saudação nas past situam-se em uma correlação orgânica com as demais epístolas de Paulo. O. Roller (*Das Formular der paulinischen Briefe*) analisou cerca de 15.000 cartas do mundo antigo. Destas, 4.500 apresentam uma estrutura que foi transmitida de forma inalterada durante mil anos, como ainda pode ser constatada de forma clássica no decreto do concílio de Jerusalém (At 15.23-29; cf. também 23.26). *Remetente:* (vossos) irmãos (a saber, os apóstolos e presbíteros). *Destinatários:* aos irmãos em Antioquia, Síria e Cilícia, que vêm dentre os gentios. *Saudação:* salve. Segue então o conteúdo da carta. O voto final é: Saúde! (v. 29). Assim escrevem Cícero, Sêneca, Plínio, os pais da igreja, etc. até o séc. V. Já no primeiro século era freqüente a inversão da seqüência, mas a forma continuou sendo a mesma. Já Paulo acolhe com exatidão a seqüência (remetente, destinatário, saudação, conteúdo, voto final), mas modifica a forma de maneira peculiar e inconfundível:

1) Em 98% das cartas particulares analisadas por Roller o remetente é citado unicamente pelo nome. Nas duas primeiras cartas (1Ts e 2Ts) Paulo ainda segue completamente a tradição, citando apenas os três nomes (Paulo, Silas e Timóteo). Na carta aos Gálatas, porém, ele rompe com a tradição e utiliza 26 palavras para o remetente; nelas constam, entre outras: Paulo, apóstolo do Messias Jesus de acordo com a vontade de Deus. Essa designação permanece, com poucas, alterações, até o final de sua atividade epistolar. A ampliação da fórmula para incluir a designação pessoal do remetente contraria toda a prática do mundo contemporâneo. Na primeira carta aos Coríntios são oito palavras, em 1Tm quinze, em 2Tm catorze, em Tt quarenta e sete, na carta aos Romanos setenta e duas. Nas cartas usuais da Antigüidade menciona-se o nome, pelo que se visa lançar o foco sobre a modéstia do remetente. Paulo, porém, escreve como alguém que possui autoridade. Somente a Filemom e à igreja dos filipenses, à qual foi especialmente ligado, ele escreve sem referir sua autoridade. Paulo também deixa de lado o uso da terceira pessoa para o remetente, uma regra geral nas demais cartas. Em Gl 1.2 ele escreve, p. ex.: os irmãos que estão *comigo*. Logo ele entende “Paulo” no v. 1 como “eu”, pois do contrário deveria constar: os irmãos que estão com *ele* (o mesmo ocorre em Rm, Fm, Tt 1.3). Por essa razão o pronome pessoal elidido em 1Tm e 2Tm 1.2 e Tt 1.4 deve ser traduzido por “*meu* filho” e não, como se faz em geral, em obediência ao uso clássico, *seu* filho. Além disso, é completamente novo que na parte do remetente Paulo cite seus colaboradores em diversas ocasiões. Talvez isso até mesmo seja uma referência a uma possível forma de co-autoria. Nas past ele combina a solene declaração de autoridade com uma cordial dedicatória pessoal.

2) Nas cartas pessoais 89% dos *endereços* trazem tão-somente o nome do *destinatário*. Mas as cartas oficiais apresentam um número maior de palavras. Por isso 1Tm 1.2 (cinco palavras) e Tt 1.4 (seis palavras) são destacadas como formas de comunicação que transcendem a esfera pessoal. 2Tm é a última carta, de cunho bem pessoal, e seu endereço apresenta só três palavras. Somente as past não trazem vários nomes, mas um só destinatário. Já no endereço, usando as respectivas palavras especiais, Paulo sabe como direcionar para Deus os destinatários de suas cartas, que em sua maioria são formados por igrejas ou agrupamentos de igrejas. A igreja dos tessalonicenses está em Deus, o Pai, e no Senhor Jesus Cristo; Timóteo é filho na fé. Também isso é completamente inédito na literatura epistolar antiga.

3) *A saudação*. Desde o séc. IV a. C. era costume expressar a saudação com uma única palavra breve: *chaire*, *chairete*, que significa: alegre-te, alegrai-vos. Mas o significado dessa fórmula de saudação se esvaziou, passando no final a ter apenas o sentido de: Salve! Bom dia! Saúde! (Mt 26.49; 27.29; 28.9). Paulo substituiu o “alegra-te” dos gregos pela palavra “graça” (*charis*), apontando assim para a origem de toda a verdadeira alegria, a graça divina. Também em *charis* está contido o elemento da alegria e do aprazimento. Ele combina graça com a saudação original judaica: paz para ti. Também isso acontece pela primeira vez na história (seguido por 1 e 2Pe; Ap e posteriormente por Clemente). Antes de Paulo ninguém atribuiu à saudação um sentido sagrado dessa espécie e com essa consciência da presença divina. Enquanto os gregos desejavam alegria uns aos outros e Platão atribuía a seu destinatário agir moral, sucesso na virtuosidade, Paulo intercede pelo favor divino. E mais uma vez de maneira inédita, porém inserido bem na linha da prática anterior, o apóstolo insere em 1Tm e 2Tm (mas não em Tt, deixando novamente de lado o dogmatismo) pela primeira vez a saudação de três elementos: graça, misericórdia, paz; que posteriormente é adotada em 2Jo 3; Jd 2 e mais tarde por Policarpo.

4) *Introdução*. As introduções subseqüentes à saudação trazem um detalhamento diferente, dependendo da extensão e do desdobramento das idéias. Os maiores detalhamentos aparecem nas epístolas aos Romanos e Gálatas. As past revelam o estilo pessoal de uma carta mais particular. Não há longos excursos dogmáticos na introdução. Não há lugar para um estilo retórico, que já aparece em 2Ts e 1Co. Mas as past também possuem caráter oficial. Ainda assim, considerando que essas cartas não instruem na doutrina, mas visam orientar e estimular a ação, as elaborações e citações dogmáticas se limitam a fórmulas sucintas ou a breves referências.

5) *Final*. Paulo também adotou o final da carta da Antigüidade, dando-lhe, porém, uma nova configuração de conteúdo. Em 1Ts 5.23; 2Ts 3.16; Rm 16.20 ele invoca o “Deus da paz” para os destinatários de suas cartas. Em Gl 6.16; 1Co 15.58; 2Co 13.11 e Ef 6.20 ele os encoraja, apontando para o alvo da consumação (em Fp 4.19 há semelhança com as primeiras epístolas). O final em 2Tm está completamente ausente, assim como em Cl, mas em 1Tm 6.20 ele pode ser facilmente reconhecido, da mesma forma como em Tt 3.9-11 (similar a Ef). Ou seja, também aqui há as irregularidades típicas para Paulo.

6) Já a *saudação final* se distingue de modo inconfundível da forma tradicional. “A graça de nosso Senhor Jesus Cristo esteja convosco... contigo.” Uma forma que não ocorre em lugar algum na Antigüidade e tampouco em nenhum outro autor do NT.

O caráter extraordinário do envio apostólico de Paulo expressa-se até mesmo no formulário de suas epístolas, um exemplo de como costumes lingüísticos por um lado podem ser adotados do contexto, mas são reformulados a partir do encontro com Cristo e recebem um novo conteúdo. As past inserem-se inequivocamente nessa linha da novidade que brota do antigo. Justamente nas mais sutis distinções o formulário dessas cartas também se insere inteiramente no estilo literário singular do apóstolo.

2. Lei e evangelho

1) Por “evangelho” as past, como também os demais escritos de Paulo, entendem a totalidade da “sã doutrina” de Jesus Cristo: Gl 2.7; 1Co 9.16; Ef 3.6s; Cl 1.23,25; Tt 1.3. Como expressão abreviada pode constar para evangelho: Cristo, graça, a palavra da cruz.

2) A lei manifesta a vontade de Deus para os humanos, mas não fornece a força para cumprir essa vontade. O pecado é desmascarado pela lei não apenas como “não poder”, mas como “não querer” (Rm 7.9; 4.15). Conseqüentemente a lei, que é boa e santa, produz ira, i. é, a sentença justa sobre o transgressor. Mostra flagrantemente a humanidade refém da morte, sujeita ao juízo de Deus. Em 1Tm 1.8-10 Paulo cita as transgressões mais extremas e graves que a lei conhece; assim como em Rm 3.10s, onde a exacerbação polêmica é obtida por intermédio de citações apropriadas do AT; mas cf. também Rm 2.22, onde o próprio Paulo menciona uma blasfêmia provavelmente pouco freqüente, a fim de instar à consciência daquele para o qual os ídolos constituem um horror: saqueias seus templos! As palavras em 1Tm 1.8-10 podem ter sido emprestadas do contexto; em seu significado, porém, elas se inserem integralmente no ensinamento de Paulo sobre a lei.

3) Em contraposição à lei está o Redentor que agracia (Rm 10.4; Gl 3.12s). O Messias vai ao encontro do pecador condenado pela lei com a imerecida misericórdia de Deus. O próprio Paulo foi uma pessoa violenta (cf. 1Tm 1.13 com v. 9; 1Ts 2.2; 2Tm 3.2; Rm 1.30), ou seja, um transgressor da lei no mais grave sentido. Porém Deus o transformou em mensageiro do amor. Estava perdido na incredulidade e ignorância, Cristo, porém, lhe confiou que tinha capacidade para crer e o presenteou com a fé (1Tm 1.13c, 14b, 16c). Típica é a contraposição de outrora e agora; outrora um violento, agora um servo; outrora um pecador, agora um pecador agraciado (cf. Gl 1.13s; 1Co 15.9s). Não foi esforço humano que gerou essa guinada, mas a intervenção misericordiosa de Deus.

4) Lei e evangelho na verdade são duas “ordens de salvação” mutuamente excludentes, mas no conteúdo ambos se baseiam na mesma vontade de Deus. Jesus não traz consigo uma lei de conteúdo novo ou diferente, nem Paulo o faz. A lei de Deus tem de ser cumprida. “O amor é o cumprimento da lei” (Rm 13.8-10; cf. 1Tm 1.5 no contexto dos v. 6-11). Mas esse amor não é uma conquista do ser humano, ele é o amor do próprio Deus, derramado no coração da pessoa através do Espírito Santo (Rm 5.5). A diferença, portanto, não consiste no conteúdo da vontade revelada de

Deus, mas no relacionamento do ser humano com Deus. Em Cristo o ímpio, o pecador, o inimigo, o fraco, é aceito como filho de Deus (Rm 5.6,8,10).

5) Quando a diferenciação entre a lei que continua a mesma e o relacionamento alterado com Deus é apagada, intromete-se a justiça por obras. Ainda que com ajuda do Redentor, o ser humano mesmo assim tenta cumprir os mandamentos exclusivamente por “boa vontade” própria. Isso, porém, leva tanto mais profundamente à contradição do ser humano consigo mesmo e com Deus (Rm 7). Há dois descaminhos que são constantemente possíveis no caminho da graça: a) deixar de lado as determinações de conteúdo da lei, pensando que elas não têm importância para o crente; isso acaba levando a uma vida devassa acobertada pela devoção (2Tm 3.5,1-4); b) tentar cumprir as exigências da lei com entendimento e força próprios, pela oração, por boas obras e ascese (1Tm 4.3; 2Tm 1.9; Tt 3.5). As past se dirigem inequivocamente contra ambos os descaminhos.

6) No decorrer da história da igreja constantemente se lutou pela correlação correta entre lei e evangelho. Depois da época das past passam a predominar a devoção baseada nas obras e a ascese, contra as quais Paulo investe decididamente e em parte com aspereza (1Tm 1.10b,11,19s; etc.). Não por último é também em vista disso que a mulher passa a ser cada vez mais marginalizada na vida ativa da igreja (o ideal da virgindade!, cf. Apêndice 4). Agostinho recorre novamente a Paulo, mas há deslocamentos: o Messias já não como contraposição da lei, mas da graça como uma espécie de grandeza autônoma (a discussão em torno de natureza e graça), que o ser humano “tem” e com a qual ele (mesmo) pode trabalhar. Conseqüentemente, a vida sob a graça volta a ser iluminada de uma forma estranhamente legalista e finalmente torna a ser deslocada por uma espiritualidade intensamente legalista. A Reforma traz consigo uma nova irrupção da graça em Jesus Cristo. Para Lutero a lei possui um uso político (autoridades) e um uso espiritual (Deus convence o ser humano de seu pecado). Em decorrência, a lei é acusadora e juíza. Calvino menciona um terceiro uso, que vale somente para renascidos: a lei é orientação para o caminho do crente, esse seria seu verdadeiro sentido. Lutero também conhece essa aplicação, mas não a chama de lei. Talvez se possa dizer que sob a graça os mandamentos imediatos e totais se tornam mandamentos-alvo, rumo aos quais o ser humano caminha. Não em constantes esforços de aproximação, mas no estado da proximidade total daquele que é filho de Deus. Porque justificação não é uma teoria mental, e sim “declaração de ligação” com o Cristo vivo. Para Lutero a fé é ligação com Cristo. Onde, porém, existe fé, há também santificação, nova vida. Na ortodoxia volta a predominar uma devoção de aparências, porque a “justificação por fé” se enrijece em doutrina vazia, dissociada da ligação viva com o Senhor vivo.

7) Cristo rompeu definitivamente o poder do pecado e da lei e estabeleceu o domínio da graça. Assim a pessoa que pertence a Cristo já não está sob a lei, mas sob a graça (Rm 6.14). Acontece que a lei é tão revelação de Deus quanto o evangelho. Jesus é o único ser humano que cumpriu a lei de Deus. Ele é o parâmetro de Deus. Tanto a lei como o evangelho chamam ao arrependimento. Conversão, porém, não é obra da pessoa, e sim dádiva de Deus (2Co 7.9-11; At 5.31; 11.18; 2Tm 2.25!). Quando o crente peca ele transgrede os mandamentos, como qualquer pessoa, mas ele não sai do alcance da graça por isso. A lei visa acusar e condená-lo, mas Deus o declara justo, e Cristo intervém em favor dele (Rm 8.33s). Assim a lei desmascara o pecador e o separa de Deus, mas Jesus desmascara o pecador e o une novamente com Deus. Assim como através de sua oração e seu olhar amoroso de perdão o Senhor levou Pedro, que o negava, a cair em si e a arrepender-se, assim hoje o Espírito do Senhor conduz seus discípulos a que reconheçam, confessem e deixem o pecado, confirmando-lhes que são filhos de Deus e estão abrigados na graça dele.

3. Boas obras

1) A pessoa religiosa que tenta merecer e confirmar sua salvação com boas obras não pode persistir perante Deus. Isso é unanimemente atestado não apenas pelos evangelhos e pelas primeiras cartas de Paulo, mas também pelas past. Deus nos redime... não segundo nossas obras, mas conforme seu propósito com base em sua graça, por causa de sua misericórdia (1Tm 1.12-17; 2Tm 1.9; Tt 3.5; cf. Ef 2.9). Tt 3.5 é um texto tão paulino que se supõe (dependendo da atitude básica em relação à autoria) ou uma inclusão posterior de terceiro ou uma correção de próprio punho por Paulo, que teria revisado o trabalho de seu secretário. Mas se comparássemos 2Tm 1.9 com Tt 3.5 (“não com base em nossas obras”), teríamos de supor também ali uma correção. Logo, um secretário de Paulo, ao redigir a carta a Tito, não teria aprendido a lição para a segunda carta a Timóteo. Porém tais conjeturas são totalmente desnecessárias porque todas as demais passagens acerca das boas obras mostram claramente que no conteúdo elas são bem paulinas (ainda que em parte formuladas com outras palavras).

2) Em todas as cartas de Paulo as obras ocupam um espaço importante. Boas obras não podem redimir o ser humano, mas a pessoa redimida foi redimida para boas obras. Foi salva “não por obras, para que ninguém se glorie; porque somos feita dele, criados em Cristo Jesus para boas obras, as quais Deus preparou de antemão para que andássemos nelas” (Ef 2.9s; 1Ts 1.3; 5.13; 2Ts 1.11; 2.17; Gl 6.4,10; Rm 15.18; 1Co 3.13; 9.1; Ef 4.12,28; Fp 1.22; Cl 1.10).

3) A ligação óbvia entre fé e obras é parte essencial da mensagem de salvação do NT. Dependendo das circunstâncias, para as quais as diversas cartas e evangelhos foram escritos (p. ex., a carta de Tiago!), a relação básica fé/obras recebe uma ênfase diferenciada, porém jamais uma seqüência inversa: obras/fé (salvação). Portanto é evidente para todo leitor que as past dão grande importância às obras, como, aliás, também as epístolas de João. Contudo em lugar algum foi abandonado o embasamento claro na fé.

4) M. Dibelius (p. 38), porém, escreve: “É notório que elas (i. é, as boas obras; nota do autor) são repetidamente mencionadas nas past como sinal de cristianismo autêntico, enquanto as cartas genuínas de Paulo conhecem unicamente o singular e, conseqüentemente, outro significado da expressão (veja, porém, Ef 2.10; Hb 10.24; observação de Dibelius). Influências de exortações judaicas também podem atuar nesse particular, mas não seriam acolhidas se a concepção racional do cristianismo, visando uma vida cristianizada, não as favorecesse.” Contra essa afirmação cabe dizer: o singular também ocorre nas past (1Tm 3.1; cf. 1Ts 5.13; 2Tm 4.5; cf. para tal 1Co 9.1; 3.10,13-15; Ef 4.12; Fp 2.30). Além disso, há no mesmo versículo a ocorrência conjunta de singular e plural: 1Tm 5.10; Tt 1.16. Tito deve ser um exemplo de boas obras, assim como Paulo (cf. Tt 2.7 com 2Ts 3.7-13). A locução “toda boa obra” (singular como plural) aparece nas past: 1Tm 5.10; 2Tm 2.21; 3.17; Tt 1.16; 3.1, assim como nas demais cartas: 2Co 9.8; 2Ts 2.17; Cl 1.10. Portanto é impossível derivar do uso diverso de singular e plural uma diferença consistente de significado. As obras não são fundamentadas racional nem moralmente, e sim na fé e no amor, “que há em Cristo Jesus”. “Vida cristianizada” não é adaptação ao mundo, mas concretização do Cristo no indivíduo e na igreja, o que acontece através do Espírito Santo (2Tm 1.7; Tt 2.14; cf. Gl 4.19). “‘Obras’ não significam apenas feitos isolados, nem tampouco a atuação em geral, mas o fruto vital das comunidades propriamente dito. ‘Obras’ inclui, p. ex., também a fé (Ap 2.19), a perseverança e o suportar (Ap 2.2), a sonolência (Ap 3.2), bem como diversas disposições espirituais” (A. Pohl, Apocalipse, vol. I, Série Esperança, p. 101). A ênfase nas boas obras se destaca mais nas past porque as más obras (2Tm 4.18; Tt 1.16) se alastram com maior intensidade. Em todas as épocas a igreja teria agido bem em dar mais ouvidos a essa “concepção do cristianismo”. As boas obras são os frutos nos quais se pode notar a fé (Mt 7.17-20). A fé se evidencia como real e eficaz através das obras do amor (1Ts 1.3; Gl 5.6,13).

4. A posição da mulher em 1Tm 2.9-15

1) Os escritos da Bíblia surgiram em um contexto que se caracteriza pelo domínio do homem e por uma estrutura social paternalista. Os relatos da criação e muitas declarações proféticas, no entanto, explicitam que a dominação do homem sobre a mulher – tanto nos aspectos pequenos quanto nos grandes – não corresponde à vontade de Deus, mas é decorrência do pecado.

A *declaração profética de juízo* constitui o pano de fundo e a motivação das afirmações do AT e do NT acerca da conduta dos homens e – como são igualmente responsáveis – das mulheres. As mãos dos homens estão manchadas, tornaram-se incapazes de agir com justiça (cf. Is 3.11-15 com 1Tm 1.6-10,13,19s; 2.8; 4.1-3; 6.4s,9s; 2Tm 1.15-18; 3.1-9,13; 4.3s). As mulheres desencaminharam-se segundo sua natureza, mostrando-se assim iguais aos homens em culpa. Sua soberba não é simplesmente uma tolice ridícula da moda, mas expressão feminina da maturidade para o juízo (cf. Is 3.16-4.1 com 1Tm 2.9-15; 5.11-15; Tt 2.5).

2) Jesus não apenas protegeu as mulheres diante das opiniões e ações injustas e degradantes dos homens, mas as libertou para sua vocação original: ser, junto com o marido, imagem de Deus e dominar em conjunto sobre a terra (Mt 19.4,8). Desmascarou a aplicação injusta do mandamento que proíbe o adultério e o divórcio, que afetava somente a mulher (Jo 8.1-11; Mt 19.3-10). Jesus via a mulher que entrou no recinto com olhos diferentes do que o fariseu que o convidara (Lc 7.36-50). Mulheres eram para ele parceiras de diálogo tão naturais como homens, para grande espanto dos discípulos (Jo 4.27). Não apenas homens, mas também muitas mulheres seguiam a Jesus (Lc 8.1-3; Mt 27.55; Mc 15.41). Podiam aprender com ele, o Mestre, como autênticas discípulas; isso era contra toda a tradição, que somente praticava a instrução dos homens (Lc 10.39,42; At 22.3). E foram as mulheres que primeiro anunciaram a ressurreição do Senhor (Mc 16.10-13).

3) O preconceito dos homens contra as mulheres foi abolido pelo evangelho (Gl 3.28). Contudo a nova visão e a prática correspondente conseguiram se impor apenas de forma lenta e não sem resistências e graves recaídas. Os discípulos esperavam junto das mulheres pelo Pentecostes (At 1.14). Para os apóstolos ficou claro que podiam realizar excursões missionárias em conjunto com as esposas (1Co 9.5). Mulheres estavam ativamente engajadas na expansão do evangelho. Febe é diaconisa (Rm 16.1) e protetora (apoio, patrona) também para Paulo (v. 2). Leva a carta do apóstolo até Roma. Júnia (alguns manuscritos trazem Júnio) foi provavelmente uma mulher apóstola (Rm 16.7; cf. Ql 12). Ainda Crisóstomo († 407) não vê nenhuma dificuldade em supor uma mulher como apóstola. Ele escreve no comentário a esse versículo: “Em verdade, é grande coisa de fato ser apóstolo. Ter uma posição destacada até mesmo entre eles, que honra isso representa! Mas eles eram eminentes por causa de seu trabalho e do fruto daí resultante. Como é grande a dedicação dessa mulher, a ponto de ser considerada digna de ser chamada apóstola!” Profetizas são amplamente conhecidas nas igrejas (At 21.9; 1Co 11.5). Evódia e Síntique são eminentes colaboradoras de Paulo no evangelho, elas são evangelistas (Fp 4.2-4). Não só Áquila, mas também sua esposa Priscila era exemplar no ensino (Rm 16.3-5a; 1Co 16.19; At 18.26). Todas as exortações direcionadas às mulheres precisam ser interpretadas à luz: a) do anúncio profético de juízo, b) da nova atitude de Jesus que rompe com a dominação dos homens, e c) da prática missionária e eclesial do apóstolo Paulo e das primeiras igrejas, o que será feito a seguir de modo um pouco mais detalhado.

4) *Uma mulher aprenda com calma e submissão* (1Tm 2.11). O contexto de aprender, estar calmo e submisso será explicitado como base em At 11. Cristãos judeus ouvem que Pedro tinha comunhão de mesa com gentios. “Os da

circuncisão” o contestam (v. 2). Em vista disso Pedro relata em seqüência ordenada como tudo aconteceu (v. 4). Quando os cristãos judeus ouvem isso, cedem e ficam persuadidos, *tranqüilizam-se* e louvam a Deus. Dessa maneira se submetem à notícia inicialmente incompreensível para eles e contra a qual haviam protestado em voz alta. Agora aprenderam que Deus concedeu também aos gentios o arrependimento para a vida (v. 18). Outro exemplo: Paulo se despede dos irmãos em Cesaréia para seguir até Jerusalém, onde, conforme anúncio profético, será preso. Os discípulos tentam detê-lo de seu intuito. Mas Paulo não cede a eles. “Como não se deixou persuadir, *calaram-se*, dizendo: Faça-se a vontade do Senhor” (At 21.14). Desistem dos desejos próprios bem-intencionados, silenciam e se submetem à vontade do Senhor. Nas epístolas aos Tessalonicenses, Paulo exorta os que vivem uma vida desordeira, que não querem trabalhar e se imiscuem em negócios alheios, *a viver tranqüilamente*, trabalhar com calma e comer do pão produzido pelas próprias mãos (1Ts 4.11; 5.14; 2Ts 3.6s, 11s). Algo análogo vale para as jovens viúvas que correm ociosamente pelas casas, tagarelas e metidas, falando o que não convém (1Tm 5.13). Portanto, “com calma” age aquele que está aberto para o novo e aprende dele, ou aquele que exerce um trabalho ordeiro. Em todos os casos *viver tranqüila e sossegadamente* (aprender com calma e vida tranqüila: em ambas as vezes, a mesma palavra, 1Tm 2.2,11) é um fruto da paz divina (1Co 14.33,40). 1Tm 2.11 refere-se à maneira como uma mulher participa do diálogo doutrinário na igreja. A disposição da mulher para aprender é levada tão a sério como sua vontade de se enfeitar (v. 11), e ambas são protegidas contra desvios e encaminhadas à direção certa. Em Corinto o diálogo doutrinário estava tão deturpado que as mulheres por certo tempo não podiam mais participar dele. Tinham de continuar a conversa *em casa* com o marido. Mas em Éfeso (conforme 1Tm 2.11) nada é dito sobre limitar o aprendizado à própria casa, porque a situação é outra. Os discursos de exortação não são leis, mas instruções práticas sob perspectiva profética. Com excessiva freqüência o debate sobre a posição da mulher segundo a Bíblia tem ranço de um novo legalismo que escraviza o ser humano, ao invés de libertá-lo para sua verdadeira vocação, como faz o evangelho.

Tudo deve acontecer com decência e ordem (1Co 14.40). Sem subordinação nenhuma ordem poderá perdurar. Por isso o que fala em línguas deve *silenciar* na igreja quando ninguém souber interpretá-lo (1Co 14.28); também um profeta deve se calar (i. é, não prosseguir sua fala) quando outro se apresenta (v. 30). Uma vez que os espíritos dos profetas são *submissos* aos profetas (também aos demais profetas!), não precisam continuar falando, mas podem esperar pelos outros e falar um após o outro, em plena ordem. Os que falam em línguas e os profetas, homens ou mulheres, devem se subordinar e silenciar quando há o perigo da desordem. Mas Paulo não tem em mente uma ordem meramente formal, legalmente imposta. A verdadeira ordem vem do coração e combina muito bem com multiformidade espontânea, porque Deus não é um Deus de desordem, mas de *paz!* (1Co 14.33).

5) *Subordinação*: quem se submete, cede. Cf. Gl 2.5: não ceder por submissão. 1Tm 3.4: um presidente deve manter seus próprios filhos “em subordinação”. É importante notar que ali não consta que ele deve manter em subordinação a mulher e os filhos. Evidentemente não é incumbência do marido ensinar subordinação à esposa, mas tratá-la com verdadeiro amor. O amor é aquela realidade que, sem provocar cismas na igreja ou no matrimônio, reconhece os diversos dons e os faz desabrochar mediante a subordinação. Porque a subordinação liberta para a edificação, que é a igreja bíblica vista na metáfora do corpo (1Co 12.14-31; 14.1). Em Ef 5.21 todos os membros da igreja são exortados a *se subordinar mutuamente no temor de Cristo*. Sua presença é a realidade decisiva que possibilita e cria essa subordinação. Na seqüência os v. 22ss trazem instruções a mulheres, homens, filhos, etc. No original grego o verbo “subordinar” não é repetido no v. 22; assim fica claro que o v. 21, i. é, a subordinação mútua de todos, constitui tanto o auge como o alvo da igreja repleta do Espírito Santo, como também título e fundamento para o subsequente catálogo de normas para a vida doméstica (cap. 6). Perde-se imediatamente a compreensão bíblica de subordinação quando ela é dissociada, ainda que da maneira mais sutil, da referência a Cristo, o Salvador e Juiz. Cada um se submeta a outros de acordo com seu dom e sua incumbência: a mulher através do respeito que valoriza (v. 33), os homens através do amor que serve (v. 25). No entanto, a medida para a subordinação não é o marido (nem a esposa), mas o próprio Cristo, que ama a igreja e que como igual a Deus (Fp 2.6) se submete ao Pai no amor do Espírito (Fp 3.21; 1Co 15.25-28; 1Pe 3.22; Hb 2.8). 1Co 16.15s mostra outro exemplo de subordinação recíproca: os crentes da casa de Estéfanos *se colocaram à disposição* do serviço em prol dos coríntios (*tasso* = colocar-se à disposição). É, portanto, isso que os coríntios devem acolher, reconhecendo o serviço deles e submetendo-se na prática por meio de sua própria colaboração (*hypotasso* = subordinar-se). Portanto 1Tm 2.11 pode e precisa ser compreendido sem qualquer diminuição ou desvantagem da mulher, ou seja, não como se somente ela, especialmente ela, sempre ela, e sem qualquer restrição, tivesse de se subordinar. Independentemente de que tipo seja a subordinação, o ceder, a adaptação dela, isso só terá sentido a partir do evangelho se partir da conformação mútua no amor. O que dizer, porém, dos versículos seguintes?

6) *Não permito a uma mulher* (1Tm 2.12). Em 1Co 14.34 se usa a mesma expressão de autoridade, que ali soa ainda mais dura por ser formulada de maneira impessoal. Mas aqui as declarações do apóstolo não se caracterizam como opinião pessoal, mas como instrução do Senhor. Quem discerne espiritualmente é capaz de reconhecê-las como tais. No entanto, a palavra acerca da virgem não é instrução do Senhor, enquanto silenciar e subordinar-se é instrução do Senhor (1Co 7.25; 14.37). Evidentemente essa instrução não deve ser interpretada de tal forma que ela favoreça o preconceito da dominação masculina. Porque, sendo realmente instrução do Senhor, ela rompe com a primazia do homem, não podendo, pois, colocar a mulher em segundo plano nem prejudicá-la ou até mesmo humilhá-la, porque o Senhor restaurou à mulher sua incumbência original por parte Deus.

7) *Não ensinar*. De acordo com o testemunho do NT cumpre diferenciar entre duas espécies de ensino: a) ensinar no sentido da instrução, do diálogo doutrinário e da proclamação, como pode acontecer livremente nas igrejas, de casa em casa e em qualquer oportunidade; b) ensinar em sentido de autoridade (1Tm 4.11), como ordem compromissiva contra a heresia e a conduta dissoluta, bem como exercício da disciplina eclesial com competência. É compreensível que ambas as espécies com frequência fiquem entrelaçadas: da instrução com autoridade passa-se para a instrução no diálogo, e vice-versa; muitas vezes surge do compartilhar mútuo, uma exortação claramente expressa. Se for possível demonstrar que ambas as espécies ocorrem tanto nas past como nas primeiras cartas de Paulo, poderá ser refutada a asserção insustentável de que a igreja das past já se tornou uma igreja institucionalizada, na qual os cargos estão fixados em alguns poucos homens, de modo que nesse tipo de hierarquia ministerial “o ministério do ensino” esteja vedado à mulher. Em contraposição, fornecemos a seguinte visão panorâmica: 1) ensinar – aprender livremente: a) nas primeiras cartas: Rm 14.14; 1Co 14.26; Gl 6.1; 1Ts 4.9; 5.9; Fp 4.8s; Ef 5.19-21; Cl 3.16. b) nas past: 1Tm 6.3; 2Tm 1.5; 2.2,14,22s; 3.16; Tt 2.3-5,7) Ensinar no sentido de presidir e ordenar: a) nos escritos anteriores: 1Co 6.5 (Não há ninguém que tenha a autoridade para decidir?); 1Ts 5.12-14 (!), cf. 1Tm 5.17; 2Ts 3.14; Gl 6.6. b) nas past: 1Tm 4.13 (prelecionar, exortar, ensinar); 5.17; 2Tm 4.2(!),3; Tt 2.15.

O fato de que mais tarde a igreja tentou derivar da presente fonte a justificativa para privar a mulher “do ministério do ensino”, entendido em sentido muito abrangente, tem a ver com o desenvolvimento de correntes ascético-legalistas e que depreciavam a sexualidade. Por mais que se fale então da igualdade espiritual da mulher, no fundo ela não deixa de ser inferior ao homem. No evangelho copto de Tomé, Pedro pede: “Maria se afaste de nós! Porque as mulheres não são dignas da vida.” A isso Jesus responde: “Vê que eu a educarei para torná-la como homem, para que também ela seja um espírito vivo que se iguala a vós homens.” Tomás de Aquino justifica as resoluções conciliares que proíbem o magistério da mulher. Pressupõe como razão disso uma inferioridade intelectual da mulher, mas ressalta a igualdade espiritual que Paulo teria proclamado. Tais exemplos evidenciam como o evangelho foi traído.

8) Não exercer autoridade (*authenthein*): agir por si mesmo, agir *com arbítrio*. – A ligação entre ensinar e exercer autoridade deixa explícito que espécie de ensino se tem em vista: a mulher não deve usar sua reivindicação de autoridade para tentar romper ou superar a falsa vontade de dominação do homem (que pode se manifestar em seu ensino). Não se trata aqui de uma proibição geral de silêncio da mulher (não emitir nenhuma opinião) nem de uma proibição geral de que a mulher ensine (não ensinar de forma alguma), mas da exortação de não se colocar, com a reivindicação de autoridade própria como mulher, contra a as decisões doutrinárias na igreja. Porque a mulher não deve dominar sobre o homem, nem consta em lugar algum da Bíblia que o homem seja incumbido ou autorizado a dominar sobre a mulher. Gn 3.16 não é um mandamento (ele *deve* te dominar), mas simplesmente descreve o que acontecerá em decorrência do pecado (ele *há de* dominar sobre ti). Cristo, porém, acaba com as conseqüências da dominação pecaminosa dos homens: a mulher tem livre acesso ao ensino-aprendizado. Em 2Tm 4.19 Paulo saúda primeiro Priscila, e somente então o marido Áquila. Isso pressupõe que também Priscila, talvez de forma muito especial, era instruída na doutrina do evangelho e capaz de ensinar outros (At 18.26). Em 2Jo 5 uma mulher é interpelada como “senhora eleita” (*kyria*). O termo se refere a uma mulher experiente, sob cujo patrocínio e em cuja casa a igreja se reúne. Contudo essa “senhora” não domina a igreja, mas a ama, razão pela qual é reconhecida e amada pelo presbítero, bem como por todos que entenderam a verdade.

9) *Primeiro Adão, depois Eva*. Tanto aqui (v. 13) como em 1Co 11.8-10 e Ef 5.22 Paulo estabelece um nexos com o relato da criação (Gn 2.22-24). A mulher foi colocada ao lado do homem, como parceira dele. Gn 2.18: Eu lhe farei uma ajudadora que combine com ele. Cf. 2.20: Para si mesmo o homem não encontrou a ajuda que lhe fosse adequada [TEB]. A mulher vem do homem, motivo pelo qual é igual a ele. A ênfase cai claramente sobre essa igualdade e identidade (Gn 2.18,20,23s). A mulher vem do homem, motivo pelo qual está colocada ao lado dele, porque somente onde há igualdade de nível é possível falar de subordinação. Um autêntico posicionamento antes e depois, acima e abaixo, depende da reciprocidade e aponta para além de si, para a ordem estabelecida por Deus (cf. 1Co 15.23: cada um em sua própria ordem – estabelecida para ele). 1Co 11.11-13 veda qualquer conclusão errônea que tenta transformar a posposição em uma ordem hierárquica; porque como a mulher vem do homem, assim também o homem existe através da mulher, tudo, porém, procede de Deus. Não há razão para depreender algo diferente de 1Tm 2.13. É provável que falsas profetizas tenham reivindicado estar acima do homem, porque a mulher, criada por último, seria o auge da criação. Como na missiva aos coríntios, assim também aqui aos efésios Paulo emprega motivos bem diversos para sua exortação: ordem da criação e da redenção, lei, natureza, costume e circunstâncias concretas, asserções, heresias. Como faz costumeiramente, no presente caso Paulo também combina diversos modos de pensar que se interpretam mutuamente e protegem contra leituras equivocadas (cf. QI 21, nota 24).

10) *Adão não foi seduzido, Eva foi seduzida e caiu* (v. 14). 1Tm 2.11 e 13 (o comportamento correspondente à ordem) formam uma unidade com 1Tm 2.12 e 14 (a não-observância da ordem e suas conseqüências). Em vista disso não incide no v. 13 (primeiro Adão, depois Eva) um “entendimento” já onerado por um preconceito a partir do v. 14. O v. 14 não começa com um “porque” justificativo, mas faz um recomeço (retoma o v. 12 com “e”). Não foi por ter sido criada depois que Eva era (inferior) a primeira (mais facilmente) seduzível. Que significa seduzir (*exapatao*)? Conforme 2Co 11.1-15 a igreja está em perigo de ceder a uma sedução satânica, no que ela é comparável a Eva, de ser seduzida pelo ardil da serpente. Falsos mestres trazem discórdia e tropeço às igrejas, *seduzem* os incautos (Rm 16.17-20, como em 2Co 11.3; como em 1Tm 2.14b). Deparamo-nos em 1Tm 2 com a mesma correlação de 2Co 11: perigosa

ingenuidade da igreja, sedução por falsos mestres, chamado à obediência, promessa de libertação de Satanás. O engodo satânico faz parte dos acontecimentos escatológicos (1Tm 4.1; 6.14; 2Tm 3.1; 4.1; Tt 2.13). Os hereges são comparáveis à serpente que se dirige a Eva quando ela está sozinha, prometendo-lhe uma vida superior. Eva se envolve em um “diálogo doutrinário”, é seduzida e cai. Esse exemplo de sedução e queda é aplicado por Paulo em 2Co 11 à igreja toda (a homens e mulheres!), aos homens especialmente em 2Tm 3.13; 2.26 (sedutores seduzidos por Satanás) e às mulheres especialmente em 1Tm 2.14. Somente se as past apresentassem *exclusivamente* as mulheres como seduzidas, o v. 14 poderia ser interpretado de forma negativa para as mulheres e sua (exclusiva!) seduzibilidade. Mas tanto a responsabilidade como a culpa são idênticas para homem e mulher, havendo apenas diferença no modo da sedução e da queda. Homem e mulher correm perigos e tribulações distintas, contudo podem ser salvos sem distinção pelo evangelho.

“Não Adão foi seduzido” pode ser considerado a refutação de uma afirmação ou doutrina bem específica dos grupos hereges de Éfeso. Profetizas ou mulheres que de modo geral seguiam uma devoção errada podiam ter-se separado dos vínculos matrimoniais com a justificativa de que a libertação do homem desejoso de sensualidade e seduzível as tornaria capazes para a vida santa com Deus e as afastaria da tentação de pecado. Uma situação eclesial análoga é descrita (também como exortação profética) em Ap 2.20-23: “Tenho contra ti (o presidente da igreja) o tolerares essa mulher Jezabel, que a si mesma declara profetiza, não somente *ensine*, mas ainda *seduza* os meus servos (!) a praticarem a prostituição e comerem cousas sacrificadas aos ídolos...” Aqui se apresenta uma mulher no seio da igreja com uma reivindicação profética de ensinar. Ela não é acusada de se apresentar publicamente, mas de sua heresia sedutora. Essa profetiza não precisa do matrimônio (afinal, Adão foi enganado e teve de assumir o casamento e constituir família), e em troca pratica a devassidão, naturalmente com fundamentação e dissimulação religiosas. Não causa surpresa que entre os montanistas (movimento iniciado por Montanus por volta do ano 172) uma profetiza frígia um belo dia verá Cristo em figura feminina. A seguir ensaiamos a reconstrução de uma doutrina que poderia ter sido apresentada por uma falsa profetiza e contra a qual poderia ter sido dirigida uma passagem como 1Tm 2.9-15: “O Espírito diz que eu (e vós mulheres todas, desde que queirais ouvir) já ressuscitei e faço parte do novo mundo, razão pela qual, em estado angelical, já não estou sujeita à lei da sexualidade e da parição de filhos. Como o Espírito me governa, não preciso mais acatar nenhuma palavra de meu marido nem dos mestres na igreja, pelo contrário, demonstro-lhes no poder do Espírito onde eles ainda estão obcecados e presos à carnalidade. Recebi a instrução de abandonar meu marido incorrigível e de orientação mundana, que me tenta seduzir, assim como meus filhos, a fim de anunciar a nova liberdade. Uma vez que tenho o Espírito, não estou mais exposta à tentação, como outrora Eva e todas as mulheres que ainda vivem no velho mundo. Eva é o auge de toda a criação. Ela está acima de Adão, quando obedece ao Espírito.”

Só se as past apresentassem *somente* as mulheres como seduzidas, o v. 14 poderia ter uma conotação negativa para a mulher. Sim, Paulo adverte até mesmo Timóteo a que não se deixe seduzir (1Tm 1.19; 6.10s,20s). Particularmente importante para o contexto é 2Tm 3.13s: enganadores prosseguem seduzindo e sendo seduzidos, porém Timóteo deve permanecer naquilo que aprendeu. É evidente o paralelo com 1Tm 2.14s: as mulheres não devem se deixar seduzir nem seduzir a outros, mas permanecer na fé, no amor, na santificação com sensatez.

11) *Dar à luz, redenção e santificação* (v. 15). Dar à luz não capacita nem dignifica para a redenção, assim como os sofrimentos do cristão não o levam a merecer a glória (Rm 8.17: *se*, porém, com ele sofreremos...).

Quem é convocado a permanecer na santificação já se encontra dentro dela pela realidade estabelecida através da redenção, não tem necessidade de entrar nela nem mesmo de primeiro merecer o acesso a ela através de sofrimentos ou dando à luz filhos. A verdadeira viúva *permanece* (persevera) na vida perante Deus. É assim que devem permanecer as mulheres que têm filhos, portanto não têm de conquistar um caminho especial de salvação. Cf. 1Tm 5.5 com Cl 1.22s: Cristo apresentará diante de si a igreja santa e imaculada se ela *permanecer* fundamentada e firme na fé e não se deixar desviar (por sedução) da esperança do evangelho. Em todas as vezes o contexto é o mesmo. Perseverar na fé não fundamenta a salvação, e tampouco constitui uma condição para a redenção; sem dúvida, porém, é algo necessário para que a redenção presenteada e recebida possa continuar se alastrando. Enquanto as mulheres gentílicas em Éfeso aguardam sua salvação da deusa Ártemis, que é a deusa protetora de todas as parturientes, Paulo remete as mulheres crentes a Jesus, o único pelo qual obtêm a salvação. Chama atenção a troca entre singular e plural no v. 15. A palavra “mulher” pode ser entendida como coletivo e, então, trazer sem problemas o verbo no plural. Mas a repetição da palavra “bom senso” (outros traduzem por decência, vida disciplinada, sensatez) do v. 9 (casta e sensata) sugere uma interpretação diferente. O plural remete aos v. 9s: as mulheres. Logo os v. 9s e 15b são dirigidos a todas as mulheres, casadas ou não. Assim fica bem nítido o paralelo com os homens: não devem brigar (sobre quem é o mais forte), mas erguer mãos santas para a oração; não devem defender seu valor com roupas (quem é a mais bela), mas viver uma vida santa com boas obras. Nesse caso os v. 11-15a representam uma palavra especial de exortação a falsas profetizas ou a mulheres seduzidas por hereges que fazem postulações bem específicas.

5. A casa de Deus (1Tm 3.15)

Muitas referências do AT permitem notar que a luta pela compreensão da casa de Deus, a relação com o templo, tinha grande relevância. Conhecido é o discurso do profeta Jeremias sobre o templo (Jr 7). A questão é se as past ainda

trazem a visão crítica libertadora da habitação de Deus no templo do corpo ou se representam uma recaída na mentalidade superada em termos de templo ou igreja.

1) A crítica do AT à “mentalidade de templo” parte da *santidade* de Deus (Lv 11.44s; 19.2; 20.7,26; 21.6; Os 11.9; cf. 1Pe 1.16). O Santo habita em uma casa santa (Êx 25.8; Sl 5.7), no meio de uma assembléia santa (Êx 12.16) e entre um povo santo (Dt 7.6; 26.19), em um país santo (Zc 2.12; cf. 2Cr 34.8). A santa presença de Deus não se restringe a um prédio, ela perpassa povo e país. Nada e ninguém estão ocultos diante dele ou separados de seu poder santo e santificador. No juízo santo o Deus santo rejeita o povo e o templo. A destruição do templo é juízo de Deus (2Rs 23.27). Por ser Deus santo e santificador, a casa de Jacó, liberta da dominação do Egito, pode passar para o domínio de Deus e tornar-se um templo para a presença dele: “Então Judá se tornou santuário dele” (Sl 114.2). Os profetas vêem Deus como Pai sobre a casa de Israel, e os membros do povo serão chamados “filhos do Deus vivo”. Na casa do Pai habitam seus filhos e filhas (Jr 31.9; Os 1.10). Amós proclama que no fim dos tempos Deus há de “erigir novamente a cabana caída de Davi” (Am 9.11; cf. Is 7.13; 22.22). Isso expressa mais que mero templo feito por mãos: a restauração do povo de Israel como tal.

2) O testemunho do AT acerca da casa de Deus faz diferença entre a casa terrena e a casa celestial. É verdade que o ser humano deve construir uma casa para Deus (Êx 25.8), mas em última análise é o próprio Deus quem constrói, que funda para si um santuário e transplanta para ele seu povo (Êx 15.17). A intenção de Davi, de construir uma casa para o Senhor, é invertida por Deus: é Deus quem deseja construir uma casa para Davi (2Sm 7.1-29). Por ocasião da inauguração do templo Salomão ora: “Mas de fato Deus habitará na terra? Eis que os céus, e até o céu dos céus, não te podem conter, quanto menos essa casa que eu edifiquei.” Como um refrão retorna constantemente nessa oração de consagração a invocação de Deus, que está no céu, “lugar da tua habitação” (1Rs 8.27,39,43,45,49; cf. Is 66.1). Quando isso é esquecido começa a crítica profética. Quando os frequentadores do templo se identificam com o templo e quando pensam possuir a Deus junto com o templo, precisam suportar um severo questionamento (Jr 7.1-11). Uma conduta ímpia não se coaduna com falsa segurança, com a qual o povo se gloria de pertencer ao templo do Senhor. Quando a confissão em prol do templo serve de pretexto para atividades sem Deus, resta somente o juízo na casa de Deus, que deseja tornar seu templo glorioso (Ml 3.1-5). A rejeição da falsa consciência do templo permite reconhecer que Deus pretende viver de maneira bem diferente, a saber, de forma muito mais real e próxima, entre e em seu povo. O Sublime e Exaltado deseja morar com o pequeno e humilde (Is 57.15).

3) Todas as referências do AT sobre o modo da habitação de Deus entre os humanos cumprem-se no NT na pessoa do próprio Messias. No tribunal ele é acusado de ter dito que poderia destruir o templo de Deus e reconstruí-lo após três dias (Mt 26.61). Faz parte do envio de Jesus não somente a purificação do templo (a casa de Deus deve ser casa de oração e não covil de ladrões, Mc 11.15-19; Mt 21.12-17; Lc 19.45-48; Jo 2.12-17), mas a própria anulação do templo como tal. Seus discípulos, ainda visivelmente impressionados com o templo e dependentes dele, conseguiram entender somente após a ressurreição de seu Senhor que ele falara “do templo de seu corpo” (Jo 2.18-22). Nesse templo Deus se tornou carne e havia armado sua tenda entre os seres humanos (Jo 1.14; 14.23). Desde agora os verdadeiros adoradores adorarão a Deus não mais no monte dos samaritanos nem no templo dos judeus, mas “em Espírito e verdade” (Jo 4.23s). Por confessar no poder do Espírito que Deus habita no Messias Jesus e não em construções feitas por mãos humanas, Estêvão foi apedrejado pelos judeus (At 7.47-60). Por confessar a mesma coisa, Paulo foi rejeitado pelos gregos em Atenas, a cidade dos muitos templos (At 17.24s). Porém, apesar disso, com o poder penetrante de uma nova realidade de vida, o testemunho do primeiro cristianismo abriu seu caminho: “Somos santuário do Deus vivente, como ele próprio disse: Habitarei e andarei entre eles, serei o seu Deus e eles serão o meu povo... serei vosso Pai, e vós sereis para mim filhos e filhas” (2Co 6.16-18; Ap 21.3; 15.5; 1Co 3.16s; 6.19s).

4) Será que as past divergem dessa visão do cristianismo primitivo, será que denotam uma recaída em um pensamento eclesial superado? Certos comentaristas alegam constatar até mesmo na carta aos Efésios “traços hierárquicos”. O que em Paulo ainda constituía assunto da igreja, agora teria se tornado atribuição de cargos consolidados, a própria congregação como casa de Deus teria recebido um valor específico maior (BLNT, p. 790, 792). A isso cabe contrapor: a) A igreja e sua ordem não têm peso maior na carta aos Efésios do que na carta aos Coríntios (1Co 12.12-30; 10.32; 11.18,22; 14.4s,12,19; 7.17; 16.1). b) Em relação a “cargos consolidados” não há diferença entre Ef e 1Co. 1Co 12.28s traz duas vezes a mesma seqüência de Ef 4.11; apóstolos, profetas, mestres. Em 1Co 12 faltam “evangelistas”; em Ef pastores e mestres não são dois serviços distintos. Caso se queira supor uma ordem hierárquica, é preciso depreendê-la de 1Co 12.28: primeiro (!) apóstolos... em segundo lugar (!) profetas ... em terceiro lugar (!) mestres. c) Em 1Co 12.29 Paulo diz claramente: *Não todos* são apóstolos, profetas, mestres, mas todos receberam dons; é isso que constata também Ef 4.7: “A graça foi concedida a cada um (!) de nós segundo a proporção do dom do Messias.” Ef 4.12 evidencia claramente que os servos não servem *em lugar da* igreja, mas justamente com a finalidade de que cada um dos membros dela se torne preparado e capaz de executar com sabedoria e poder o serviço que lhe cabe, porque *a cada um* (repetido em Ef 4.16, ou seja, enfatizado!) foi atribuída uma eficácia para o todo. As past salientam da mesma maneira quanto depende de cada homem, de cada mulher, de cada família. A falsa imputação de que traços hierárquicos e cargos definidos aumentam “evolutivamente” nas cartas do NT, ao passo que a mobilidade carismática diminui, baseia-se sobre um equívoco quanto à relação entre carisma e ministério ou entre liberdade e ordem no Espírito Santo. Afinal, o Espírito Santo é simultaneamente um Espírito de liberdade (ousadia, 2Co 3.17) e também um Espírito de disciplina (2Tm 1.7). As past de forma alguma abandonaram essas

tensões. 1Tm 3.16 o demonstra nitidamente: a “ordem” dos membros da igreja (cap. 2) precede as “instruções de serviço” (aos servidores da igreja), que possuem como fundamento último e autoridade (QI 25e) não os regulamentos formais, mas o mistério da beatitude, o próprio Jesus (cf. QI 12.13).

5) *Igreja como casa de Deus* é “bem comum do primeiro cristianismo e matéria consolidada da tradição da proclamação”, não somente nas past, mas consistentemente em Paulo (Michel, ThWB vol. IV, p. 124). Os textos de Cunrã designam a igreja como casa santa edificada sobre o fundamento da verdade (1 QH 7,8s). A congregação dos essênios se entendia como templo, como casa, como santuário (1 Qs 5,6; 8,5.9; 9,6; CD 3,19). A luta do AT pelo entendimento correto do “povo de Deus”, pelo habitar de Deus entre seu povo, também pode ser constatada no NT, mas não da forma como um historicismo evolutivo parece descrevê-la: no começo das testemunhas do NT havia mobilidade carismática, no final fixação legalista, ou uma evolução da livre assembléia para a igreja constituída e a forma eclesiástica rígida. Todos os escritos do NT, e com eles as past, lutam contra dois mal-entendidos básicos: por um lado há um falso mover do Espírito (entusiasmo e vida não-consagrada sem disciplina), por outro lado um falso legalismo (rigidez e disciplina ascética, consideradas como obras meritórias). Ser convocado, reunir-se e uma convivência ordenada – isso não representa necessariamente opostos que se excluem, mas faz parte conjuntamente da realidade plena da igreja, em cujo meio Deus deseja fazer morada a cada dia.

6. Sugestões de temas para o estudo bíblico em grupos

Muitas células caseiras e grupos de jovens descobriram que o estudo conjunto da Bíblia de fato é contemporâneo, porque nele não apenas são verbalizadas as questões fundamentais do ser humano a partir de Deus, mas porque nele se explicita um caminho para a concretização. Debruçar-se atentamente em conjunto sobre um texto da Bíblia desencadeia um processo sob a ação do Espírito Santo que favorece o encontro na verdade e no amor com Deus, de uns com os outros e consigo mesmo. Contudo, freqüentemente carecemos de perguntas quando um texto bíblico parece estar fechado. Por isso estão sendo apresentados aqui, como estímulo, dez blocos temáticos para cada capítulo e dois a três questionamentos para cada tema, totalizando, portanto, cerca de 180 tópicos sucintos. Esse tipo de formulação sintética pode servir: a) como questão introdutória, b) como resumo de um estudo em conjunto, c) como transição para a parte prática: a aplicação na vida pessoal, no grupo, no mundo atual que nos cerca. Na realidade a melhor possibilidade de verificar se a aplicação do que o texto afirma corresponde à intenção básica do texto, se ela é suficientemente concreta para o dia-a-dia, será por meio de uma tradução completa (na verdade paráfrase) do texto bíblico: não apenas cada palavra, mas também o sentido das frases é reproduzido com palavras e frases completamente novas (diferentes), a saber, em uma linguagem que qualquer pessoa consegue compreender. Com freqüência essa tentativa é mais frutífera do que o empenho pela definição de palavras específicas, o que rapidamente poderá levar a controvérsias verbais ou à mera reprodução do teor das palavras. Contudo não é esse o sentido do estudo da Bíblia. O presente Comentário tem por fundamento a concepção de que a verdadeira aplicação não pode ser dada no Comentário. Ele constitui somente trabalho preparatório, ferramenta auxiliar, para compreender a situação e afirmação do texto. O comentário poderá no máximo apontar para a direção em que a palavra da Bíblia deseja conduzir na prática. A aplicação prática, porém, será diferente, dependendo de pessoas e grupos, bem como do lugar e da época (os números no final de cada um dos 10 temas referem-se aos versículos nos respectivos capítulos).

Capítulo 1

- 1) Como crianças na fé se transformam em colaboradores responsáveis. O caminho para chegar a colaborador emancipado. V. 2,5,18s.
- 2) O que favorece e o que prejudica o amor. O alvo é o amor. O sentido da vida é o amor. V. 5,4,11s,17.
- 3) Lei e evangelho. Como se pode e como não se pode persistir perante Deus. V. 8-11,12-17.
- 4) Outrora e agora de acordo com o evangelho e na vida pessoal. De perseguidor a servo. V. 12-17.
- 5) O evangelho em uma frase. O principal no cristianismo. O centro da fé. V. 15.
- 6) A salvação em um mundo sem salvação. Pecador agraciado. Santificação também é graça. V. 15-17.
- 7) Blasfemar contra Deus ou adorá-lo. O sentido da adoração. Adoração e responsabilidade pelo mundo. V. 11,17,12.
- 8) Lutar é bom. Lutar bem ou mal. Sem luta não é possível. V. 18s.
- 9) Fontes ocultas de poder. Saudar e abençoar. O sentido das profecias. V. 2,12,14,18.
- 10) Fracassar ou atingir o alvo. A vida como risco. A vida como ousadia. V. 20.

Capítulo 2

- 1) Como a oração, assim a vida; como a vida, assim a oração. Orar significa atuar com Deus. Agradecer por tudo e todos. V. 1-5.
- 2) Por que um Mediador entre Deus e humanos? A salvação exclusiva para o mundo. Efeitos da mediação de Jesus para a igreja. V. 1-7.

- 3) Oração na prática. Atitude interior e exterior dos que oram. Preparar-se para a oração. V. 8-15.
- 4) Paz para o mundo. Paz na igreja. Paz entre as gerações. V. 1s,8,11s.
- 5) Preconceitos entre homem e mulher e sua superação. V. 13s.
- 6) Do poder da sedução na igreja. Sedutores seduzidos. V. 14.
- 7) Fé, amor, santificação na vida disciplinada. V. 15.
- 8) Dominar ou servir. Reivindicações ocultas de dominação são reveladas quando se ora em conjunto. V. 11s.
- 9) Ensinar e servir ou ensinar e dominar. V. 11s.
- 10) O poder da tranqüilidade. Será o repouso uma obrigação do cidadão? Repouso e sossego como poder de transformação do mundo. V. 2.

Capítulo 3

- 1) Desejar o que é bom. O anseio por concretização. O dom da liderança. V. 1s.
- 2) Presidir e ceder. Presidir e fazer a frente. Presidir e conduzir consigo. V. 1-4,12,14s.
- 3) A novidade é fácil. Incitação e tentação da novidade. O dom da novidade. V. 6s.
- 4) Mistério e ação da fé. Dádiva e aprovação. Consciência e ação. V. 9s.
- 5) A mulher como colaboradora. A diaconia da mulher. A dignidade da mulher. V. 11.
- 6) A igreja como família, como casa, lugar de Deus no mundo. V. 4,5,15b.
- 7) A igreja em repouso e movimento. Louvor de Deus e serviço ao mundo pela igreja. O centro da igreja. V. 9s,15s.
- 8) Onde começa e termina a devoção. Ser devoto e agir a partir de Deus. Aprovação perante pessoas, ousadia perante Deus. V. 7,13,15a.
- 9) Verdadeira teologia surge de e desemboca em adoração. Missão de fé em fé. Meditação e adoração. V. 16.
- 10) Redenção como reconciliação. O mistério de Deus na criação, redenção, consumação. Deus e ser humano em Cristo. V. 16.

Capítulo 4

- 1) Demonismo: entre credulidade e dúvida. Demonismo: aparência inócua, fundo perigoso. Demonismo: superstição ou realidade? V. 1s.
- 2) Sedução ao ascetismo? Agradecer liberta do vício. Agradecer a Deus santifica o mundo. V. 3-5.
- 3) Exercitar-se na fé. O cristão em treinamento. O cristão como seguidor. V. 6-8.
- 4) Labutar e lutar. Esperança faz lutar. Esperança para todos. V. 10.
- 5) O poder dos exemplos. Por que o exemplo age com mais força que palavras. Como a gente se torna exemplo? V. 12.
- 6) Incumbências claras. Também um pentatlo. Exemplo em quê? V. 12.
- 7) O que fazer? De que precisa a igreja, de que o indivíduo? Por quê? V. 13.
- 8) Carisma e responsabilidade. Sobre o uso dos dons. Vocação e confirmação. V. 14.
- 9) Avanços são visíveis. Aprender a meditar. Ater-se à causa. V. 15.
- 10) Controlado e não obstante livre. Primeiro tomar cuidado de si mesmo, depois daquilo que nos foi confiado. Salvar a si próprio e a outros. V. 16.

Capítulo 5

- 1) Liberdade na família. A exortação recíproca na família. O relacionamento básico entre membros da família. V. 1s.
- 2) Dar honra e conservar a pureza formam uma unidade. A castidade é a verdadeira liberdade entre gêneros. Honrar e admoestar. V. 1s.
- 3) A responsabilidade social começa no círculo mais restrito. A proteção dos desprivilegiados. A força do fraco. V. 3-16,5
- 4) Quem visa somente a si mesmo, é vivo-morto. V. 6,8,11.
- 5) O serviço da palavra é trabalho árduo. Honra e proteção para ser humano e animal. V. 17-19.
- 6) Agir sem partidarismo. Cada pessoa será julgada. A exortação na perspectiva do juízo divino. V. 20s,24s.
- 7) Discernimento dos espíritos. Primeiro examinar, depois agir. Co-responsabilidade no bem e no mal. V. 22.
- 8) Debilidade e enfermidade não impedem os planos de Deus. Fraqueza não precisa permanecer oculta. A pessoa como corpo e alma. V. 23,4,7s.
- 9) Tanto sucessos como insucessos podem ser enganosos. Viver em público e viver em segredo. Tornar-se transparente. V. 24s.

10) Justiça significa: a cada um o que lhe é devido. O sentido do cuidado pastoral. Exortar o indivíduo com vistas ao todo. V. 1-25.

Capítulo 6

1) Onde começa a transformação da realidade social. A libertação de senhores e escravos na época antiga e atual. A sociedade fraterna. V. 1s.

2) Viver saudavelmente em um mundo enfermo? A doença de palavras, a sociedade dos invejosos. V. 3s.

3) Tudo por causa de dinheiro? Pobreza e fé em uma sociedade de desperdício. Parcimônia: meio-ambiente, economia e fé. V. 5s.

4) Realismo da fé. Sem posses entramos no mundo, sem posses saímos dele – e nesse meio tempo? Basta ter comida e roupa. Será que todos têm o suficiente? V. 7s.

5) A incredibilidade da riqueza. Todos visam enriquecer, por quê? Fé é incompatível com avareza. V. 9s.

6) Alvos humanamente dignos. Para o quê vale a pena viver. Aquilo que exige e favorece o ser humano todo. V. 11.

7) Lutar e testemunhar. Será a fé uma luta? Como se agarra a vida verdadeira. V. 11s.

BIBLIOGRAFIA SOBRE AS CARTAS A TIMÓTEO, TITO E FILEMOM

BENGEL, Johann A. Gnomon, Auslegung des Neuen Testaments in fortlaufenden Anmerkungen, vol. II, Stuttgart 7ª ed. 1960

BRANDT, Wilhelm. Das anvertraute Gut, Eine Einführung in die Briefe an Timoteus und Titus. Hamburgo 2ª ed. 1959

DIBELIUS, Martin. Die Pastoralbriefe, 3ª ed. revista por Hans Conzelmann, Tübingen 1955

FRIEDRICH, Gerhard. Der Brief an Filemon, in: Das Neue Testament Deutsch vol. 8, 13ª ed. Göttingen 1972

GUTHRIE, Donald. The Pastoral Epistles, An Introduction and Commentary, Londres 1957

HOLTZ, Gottfried. Die Pastoralbriefe, in: Theologischer Handkommentar zum Neuen Testament, vol. XIII, Berlin.

JEREMIAS, Joachim. Die Briefe an Timoteus und Titus, NTD 4, Göttingen 4ª ed. 1947

LOHSE, Eduard. Die Briefe an die Kolosser und an Filemon, Meyers Kritisch-Exegetischer Kommentar IX/2, 14ª ed. Göttingen 1968

MICHEL, Otto. Grundfragen der Pastoralbriefe, in: Auf dem Grunde der Apostel und Propheten, FS T. Wurm, ed. Loser, Stuttgart 1948

SCHLATTER, Adolf. Die Kirche der Griechen im Urteil des Paulus. Eine Auslegung seiner Briefe an Timoteus und Titus, Stuttgart 2ª ed. 1958

SIMPSON, E. K. The Pastoral Epistles, The Greek Text with Introduction and Commentary, Londres 1954

SPICQ, P. C. Les Epîtres Pastorales, Librairie Lecoffre, Paris 3ª ed. 1947

WOHLENBERG, D. G. Die Pastoralbriefe, in: Kommentar zum Neuen Testament, ed. Theodor Zahn, Leipzig.

¹Bürki, H. (2007; 2008). *Comentário Esperança, Primeira Carta a Timóteo; Comentário Esperança, I Timóteo* (4). Editora Evangélica Esperança; Curitiba.